

O FORRÓ PÉ-DE-SERRA EM SÃO PAULO

HISTÓRIAS
DE VIDA

Diego Corrêa de Araújo



Este projeto foi realizado com apoio da 4ª EDIÇÃO DO FOMENTO AO FORRÓ — Secretaria Municipal de Cultura

Produção



Realização



DIEGO CORRÊA DE ARAÚJO

O FORRÓ PÉ-DE-SERRA
EM SÃO PAULO

HISTÓRIAS DE VIDA

Prefácio de José Carlos Sebe Bom Meihy

Copyright © 2025 Diego Corrêa Araújo
Direitos adquiridos para esta edição
pela Editora Pontocom

Preparação: Sérgio Holanda
Revisão e diagramação: André Gattaz
Projeto gráfico e capa: Helena Phillip
Ilustração da capa: Murilo Silva
Coordenação editorial: André Gattaz

Editora Pontocom
Conselho Editorial
José Carlos Sebe Bom Meihy
Muniz Ferreira
Pablo Iglesias Magalhães
Zeila de Brito Fabri Demartini
Zilda Márcia Grícoli Iokoi

www.editorapontocom.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Araújo, Diego Corrêa

O forró pé-de-serra em São Paulo : histórias de vida / Diego Corrêa Araújo. -- São Paulo : Editora Pontocom, 2025.

ISBN 978-65-89496-16-8

1. São Paulo (Cidade) - História 2. Cultura - São Paulo (SP) 3. Entrevistas 4. Forró (Música) 5. Histórias de vida 6. Músicos - Brasil I. Título.

24-239732

CDD-784.50981

Índices para catálogo sistemático:

1. Forró : Música popular brasileira : História
784.50981

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Sumário

<i>Confidência forrozeira: um caso cheio de casos</i> (Prefácio por José Carlos Sebe Bom Meihy)	7
<i>Apresentação</i>	11
<i>Preparando o baile: algumas definições</i>	15
HISTÓRIAS DE VIDA	23
1. <i>Anastácia</i>	25
2. <i>Hermelinda</i>	85
3. <i>Bernadete França</i>	103
4. <i>Diana do Sertão</i>	127
5. <i>Enok Virgulino</i>	163
6. <i>Dió de Araújo</i>	203
7. <i>Tio Joca</i>	241
8. <i>Tiziu do Araripe</i>	265
9. <i>Zé Lagoa</i>	295

Confidência forrozeira: um caso cheio de casos

*José Carlos Sebe Bom Meihy**

Confesso, foi difícil escrever o texto de abertura deste livro. Muito difícil. E tenho explicações. Tudo começou com um projeto acadêmico, como proposta para uma dissertação de mestrado na USP. O enquadramento formal era regra com seus mandos acadêmicos rigorosos em termos metodológicos. Acostumado a tais práticas, a proposta de Diego Corrêa de Araújo poderia ser mais uma demanda entre tantas outras. E tudo aconteceu segundo o figurino acadêmico. Anos de cursos e pesquisas depois resultaram em um texto primoroso, combinando pesquisa de campo e filigranas teóricas específicas. Os louvores cabíveis logo se fizeram após a defesa do trabalho e os resultados se apresentaram como resposta lógica a uma aventura ousada. Parabéns, elogios, notas, tudo no superlativo.

Faz parte das recomendações de quem pratica história oral “devolver” a pesquisa ao grupo que o justifica, no caso, aos forrozeiros em geral e aos devotos do gênero musical. A conversão de um texto universitário para o consumo amplo, contudo, é exercício sutil pelo dever de traduzir estruturas técnicas para linguagem popular. A intrincada fundamentação teórica e os volteios

* José Carlos Sebe Bom Meihy é Professor Titular aposentado do Departamento de História da Universidade de São Paulo e coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP). É um dos mais importantes historiadores brasileiros, tendo publicado mais de duas dezenas de livros e centenas de artigos, e contribuído para a aceitação e disseminação da História Oral no Brasil.

metodológicos deveriam aparecer, mas como convidados, não como protagonistas do trabalho. A contrapelo, o que deveria aparecer era o forró, mas o forró dos forrozeiros e não da legião de explicadores de plantão. Tratava-se de uma história íntima, de bastidores emocionais dos personagens. E não seria um inventário sobre eles. Na conversão de uma dissertação para livro, portanto, seria necessário manter o frescor das narrativas dadas não pelos intérpretes acadêmicos, e sim pelos artífices da moda do forró. Araújo queria a alma, não apenas o corpo dos músicos e musicistas.

Foi, contudo, difícil chegar a bom termo, posto que por trás da aventura pessoal de cada participante havia uma história que se emendava em outra, construindo-se em uma pequena epopeia, uma ode espetaculosa e lírica que, além da imposição de um ritmo antes visto como subalterno, implicava tantas outras aventuras que, em termos finais, eram trajetos pavimentados pelas pedras constituídas de enredos pessoais, mas que em conjunto trouxeram um ritmo nordestino e o impuseram no sudeste brasileiro. Onde? Exatamente na São Paulo evidenciada como ponto síntese e centrífugo de uma experiência a ser convertida em brasileira. O cenário, portanto, era muito amplo, e esses trabalhadores da música tiveram que contornar os dilemas pessoais expostos, ainda que os colocando em uma direção incerta, mas que acabou certa. E este livro é prova disso.

E não seria uma boa história se não contivesse dramas, rupturas, sofrimentos, tudo conjugado com alegrias, sucesso e redefinição do papel pessoal, de protagonistas pontes entre o individual e o coletivo integrado ao panorama musical brasileiro. Fala-se de uma negociação complexa, de um bordado feito com linhas coloridas por nuances pessoais. E assim fazia sentido explicar a participação de cada personagem contando – como se fosse uma sinfonia forrozeira – a legenda que, afinal, é de todos.

Não se trata, pois, de mais uma história da música popular, ou mesmo de uma fração a mais do exótico cancionário nacional. Nem é tampouco uma faceta da história da migração com sombreados musicais. É muito mais: uma narrativa que envolve pessoas afins de participar da requalificação da identidade nacional

expondo musicalmente seus itinerários pessoais. E assim, emprestando dores e alegrias, esses personagens emblemam a nova face do nosso país, reatando o norte/nordeste e o sudeste/sul. É o tradicional que não se opõe ao moderno, o rústico imiscuído ao complexo urbano industrial que soube se complementar aprendendo a lidar com o mercado consumidor se impondo. Tudo sobre o forte influxo do capitalismo, que se atualizou incorporando o que não poderia ficar fora do mercado integrado. E magicamente se deu a combinação do negócio consumidor com tradições essenciais brasileiras, de um Brasil que aprendia a deixar de ser arcaico sem perder seu ethos.

E o enredo foi se construindo no compasso dos vieses históricos. Não se trata, contudo, de um percurso espontâneo, como se não ocorresse continuidade. A proposta subterrânea vinha de pretéritos. Houve precursores – ah, que saudade de Camélia Alves e de Gonzagão – e aconteceram tramas que alinhavaram relações familiares. Não dá, por exemplo, para deixar de lado Luiz Gonzaga promovendo Dominginhos, que se ligou a Anastácia e que protegeu Diana. E a trama, por ser intrincada, entrecruzava afinidades eletivas e algumas disputas, mas sobretudo, o triunfo de um gênero que passou por etapas, indo da modesta reunião de sanfona, triângulo e zabumba aos recursos orquestrais. Tudo de acordo com o mercado fonográfico e demais demandas do mundo moderno que, inclusive, projeta o forró para o estrangeiro.

Não dá, porém, para deixar de lado alguns elementos que fundamentam a epopeia melodiosa dos forrozeiros. Cada um com sua história particular verte passagens sobre preconceitos, superação da pobreza original, reclamações de carências não atendidas, tudo, porém, virando música de fundo de certo heroísmo. E como trilha sonora continuada, a narrativa conjunta resultante não deixava escapar as marcas permanentes do gênero: malícia, bom humor, tiradas picantes em canções que marcam a atividade de corpos dançantes. Sim, o forró se impôs pelos requebros e movimentos rápidos de pessoas que aos poucos iam se identificando como forrozeiros. E a geografia da cidade ditava locais onde os pontos cintilantes constelavam uma tradição reinventada.

Se houvesse que destacar alguns aspectos no aprendizado deste livro, diria que além da leveza da leitura – em particular de cada caso – há pontos a serem destacados como, por exemplo, a aproximação interclasse. Dos públicos iniciais em localizações pontuais no nordeste ao abraço dos jovens estudantes universitários das metrópoles sulinas, o que se vê é uma estratégia de diálogos retraçados no subterrâneo da cultura que, pela música, integram a requalificação da identidade nacional.

E mais: as pautas atuais se deixam transparecer, permitindo a discussão sobre a atualização do conceito de brasilidade. Integram a agenda analítica deste livro questões candentes como as relações de gênero. Nesse sentido, aliás, o autor cuida de dar lugar privilegiado ao feminino, mostrando como, por meio do forró, temas como machismo foram mostrados ressaltando mais o empreendedorismo das mulheres do que a perda de protagonismo masculino. E como são finos os pactos feitos na alegria das festas.

Há algo mais a ser dito na recomendação deste trabalho: a movimentação familiar. Todas as histórias abordam suas origens. Isso que seria normal em qualquer roteiro biográfico, contudo, ganha destaque pois mostra a dinâmica de outra composição familiar, agora com o forró como elo de união. A família forrozeira é ampla e tão mais larga que permite supor a inclusão de novos segmentos, os brasileiros em geral – no caso, os identificados como “paulistas” – num circuito que convida a definir o forró como metáfora de um novo pacto social nosso.

Leiam o livro e digam se não tenho razão. É impossível não reconhecer a maestria com que Diego Corrêa de Araújo nos conduz nesta dança literária. Mais que um livro sobre forró, trata-se de um convite ao reencontro com as raízes profundas e os ritmos pulsantes que definem o espírito brasileiro. A leitura deste livro, além de elucidativa, é quase uma celebração: uma chamada para que todos os leitores se juntem a essa “família forrozeira” e ajudem a contar – e a dançar – essa história que é de todos nós. Diego nos convida a descobrir uma nova forma de brasilidade, e quem lê suas páginas se torna cúmplice desse pacto.

Apresentação

Este livro mergulha no universo de músicos, musicistas* e produtores oriundos do Nordeste que, ao migrarem para o Sudeste, especialmente para São Paulo, desempenharam um papel fundamental na difusão do forró em diferentes contextos. Suas histórias de vida, confiadas a mim, foram cuidadosamente documentadas neste livro. O objetivo desse trabalho vai além de simplesmente registrar essas narrativas, uma vez que essas experiências transcendem os bailes de forró e se entrelaçam na vida cultural da metrópole, alcançando assim uma audiência mais ampla.

A pesquisa que fundamenta este livro foi realizada entre os anos de 2019 e 2022, durante o meu Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. É importante ressaltar que a minha jornada acadêmica, desde o Ensino Médio, quando descobri o forró, até a Pós-Graduação, aliada ao meu envolvimento com a música, enriqueceram as questões abordadas no desenvolvimento da pesquisa. Como admirador fervoroso do forró e músico

* É importante salientar que, segundo o dicionário Houaiss, “musicista” não é o feminino de músico, mas um termo que se refere a quem tem apreço ou se dedica ao estudo da música, sem distinção de gênero. No entanto, para fins deste estudo e com o objetivo de estabelecer uma distinção, o termo “musicista” será utilizado especificamente para designar as mulheres que são cantoras e compositoras, diferenciando-as assim dos homens que exercem as mesmas funções.

entusiasta, percorri diversos locais, nos quais pude imergir na cultura desse *supergênero musical*.*

Como forrozeiro, indagava-me se a cidade de São Paulo e o Sudeste não estariam homogeneizando ou invisibilizando as práticas culturais associadas ao forró. Considerei esta questão como a minha primeira hipótese de trabalho. Busquei compreender como os músicos e musicistas nordestinos inseriam-se na dinâmica do forró na capital paulistana. Para aprofundar minhas reflexões, adotei o que nomeei de “pares de oposição” como guia para o estudo: *Nordeste x Sudeste; bandas x trios de forró; forró universitário x forró pé-de-serra*. Meu objetivo era entender esse processo sob o ponto de vista dos músicos e musicistas migrantes, analisando suas histórias de vida para compreender os conflitos, negociações, (des)continuidades e rupturas que surgiam nessa dinâmica.

A oportunidade de adaptar minha dissertação de mestrado ao formato de livro, com o apoio da 4ª edição do Fomento ao Forró, revelou-se bastante propícia. Por ser um edital com um tema específico – o forró – espera-se que a publicação deste trabalho tenha um impacto mais direto na comunidade forrozeira. Além disso, como pesquisador, pautado pelo rigor científico, considero de extrema importância a disseminação dos resultados obtidos na pesquisa para além da universidade, pois muitas vezes os trabalhos de caráter científico ficam restritos aos círculos acadêmicos.

O estudo foi desenvolvido tendo como base os procedimentos de história oral compartilhados pelo Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO-USP). As entrevistas de histórias de vida conduzidas com músicos, musicistas e produtores, migrantes nordestinos, compuseram, respectivamente, as três redes de colaboração.

* “a pesquisa entende como objeto do Registro o forró como um “supergênero” musical, integrado por gêneros, ou seja, ritmos musicais e danças tradicionais do Nordeste – como o baião, o xote, o xaxado, o rojão, o chamego, o balanceio, o miudinho, o forró-samba, a quadrilha ou arrasta-pé, – e também os instrumentos utilizados, como, entre outros, sanfona, zabumba, pandeiro e triângulo” (Parecer da relatora do IPHAN, 2021).

No item a seguir, “Preparando o baile: algumas definições”, apresento o processo de elaboração do projeto, estrutura fundamental sem a qual a pesquisa não teria sido possível. Nesta parte destacam-se os procedimentos adotados na investigação e os alicerces teóricos que sustentaram a análise. Em seguida estão presentes as histórias de vida, depois de passarem pelo processo de transcrição e conferência pelos colaboradores. As narrativas revelaram os diferentes momentos de suas vidas, desde a infância até a fase adulta. Nessa parte serão apresentadas as três redes de colaboradores: as musicistas, representadas por Anastácia, Hermelinda Lopes, Bernadete França e Diana do Sertão; os músicos, representados por Enok Virgulino, Dió de Araújo, Tio Joca e Tiziu do Araripe; e os produtores, representados por Zé Lagoa.

Em decorrência da pandemia de Covid-19, a maioria das entrevistas foi realizada de forma virtual. O uso de aplicativos de videoconferência tornou-se essencial para este trabalho, permitindo-nos adaptar a pesquisa sem comprometer a interação com os colaboradores, o que também assegurou a qualidade no tratamento das entrevistas.

Em 2021, o forró foi oficialmente declarado como Patrimônio Cultural Imaterial pelo IPHAN. Esse marco não apenas iluminou esta manifestação cultural com novos olhares, mas também nos convocou para uma jornada de apreciação das raízes que compõem a nossa identidade. Esse reconhecimento presta homenagem ao legado de figuras emblemáticas do forró, como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Marinês e outros artistas cujas obras, repletas de significado, cruzaram gerações e inspiram milhares de pessoas através da alegria e esperança. Além disso, destaca a contribuição de músicos, musicistas e produtores, cujos talentos e dedicação seguem enriquecendo e ampliando o legado cultural do forró.

Convido você a mergulhar na experiência nordestina em São Paulo por meio do forró pé-de-serra: uma manifestação vibrante da cultura nordestina na capital dos paulistas. Que esta leitura sirva como uma “ponte” entre o passado e o presente do nosso



Patrimônio Cultural, construindo um caminho para um futuro de reconhecimento e respeito pelos saberes e tradições transmitidas por nossos queridos mestres e mestras do forró. Vamos celebrar juntos essa valiosa herança cultural... Viva!

Preparando o baile: algumas definições

De acordo com Câmara Cascudo (2001), a palavra *forró*, que em sua origem se referia a um baile popular, com o tempo adquiriu a conotação de uma dança específica e, tal como se usa atualmente, um *supergênero musical*. Na cidade de São Paulo, é convencionado como um termo genérico que engloba o xote, o baião, o xaxado e o arrasta-pé. Diante de sua pluralidade semântica, o termo também pode se referir aos diferentes tipos de forró: o pé-de-serra, o eletrônico e o universitário. Além disso, o termo pode designar o evento (o baile de forró) ou o local onde este ocorre.

O sociólogo Expedito Leandro Silva (2003) definiu três categorias e temporalidades que compõem o universo musical do forró: 1) o forró tradicional, que se consolidou na década de 1940, atualmente sem destaque na mídia; 2) o forró universitário, composto por duas fases, a primeira iniciada em 1975 e a segunda em 1990 – esta última seria a junção do forró tradicional à música pop e ao rock; 3) o forró eletrônico, também evidenciado a partir da década de 1990.

O período analisado nesta pesquisa reflete a continuidade do que Silva (2003) chamou de “forró tradicional”. No entanto, optei por utilizar o termo “pé-de-serra” pois se apresenta como sinônimo do forró tradicional, sendo caracterizado “pela execução da música a partir de três instrumentos considerados essenciais no forró: a sanfona, a zabumba e o triângulo” (SILVA, 2003 p. 13).

Os principais artistas representados do forró tradicional são Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Carmélia Alves, Marinês, Abdias, Anastácia, Dominginhos, Oswaldinho do Acordeon, Pedro Sertanejo, Clemilda, César do Acordeon, Trio Nordeste, Trio Juazeiro, Os Três do Nordeste, Zé Calixto, Sivuca, Sebastião do Rojão, entre outros. (SILVA, 2003, p. 90)

O *corpus documental* dessa pesquisa foi composto pelas próprias narrativas das entrevistas realizadas, as quais compõem um registro em história oral de vida (plena).^{*} Esta modalidade foi escolhida devido às poucas investidas acadêmicas no âmbito dos bailes e do circuito de forró pé-de-serra na cidade de São Paulo. Além disso, as pesquisas existentes no contexto paulistano (ANFONSI, 2007; SILVA, 2003) têm privilegiado o ponto de vista da produção de bailes, concentrando-se, assim, em poucos músicos.

Não se trata simplesmente de preencher uma lacuna documental, mas de contribuir com novos dados para as pesquisas posteriores, incluindo uma perspectiva sob o ponto de vista da história oral. Esta opção também incluiu pensar uma relação mais humanizada na dinâmica de pesquisa, em que o *colaborador* se situa ao lado do pesquisador, em contraposição à relação sujeito-objeto.

A pesquisa, portanto, utilizou-se da metodologia da *história oral*, sendo o gênero operacional escolhido para este estudo a *história oral de vida*, um tipo de narração com começo, meio e fim. Buscou-se, por meio de *estímulos*,^{**} conhecer a experiência de vida dos músicos e das musicistas migrantes que tocam forró na cidade de São Paulo em diferentes contextos.

* Modalidade da história oral em que a análise das entrevistas é realizada a partir das próprias narrativas.

** “[...] frases reticentes, curtas e inconclusas ou lembranças e ideias pontuais, inter-subjetivas, que aguçam o entrevistado ao preenchimento do espaço de escuta pela fala. (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 122).

O sujeito primordial dessa espécie de história oral é o colaborador, que tem maior liberdade para dissertar, o mais livremente possível, sobre sua experiência pessoal. Nesse caso, deve ser dado ao depoente espaço para que a sua história seja encandeada segundo sua vontade e suas condições. A experiência deve, desde cedo, ser o alvo principal das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade e, sim, a versão sobre a moral existencial. (MEIHY, 2002, p. 131)

Os critérios para selecionar os entrevistados estabeleceram-se a partir da reflexão sobre os conceitos de *comunidade de destino*, *colônia* e *rede*.

A especificação de comunidade de destino é, conceitualmente, ponto de partida fundamental para quaisquer projetos que busquem entender a memória individual ou coletiva. A comunidade de destino é caracterizada pela força do vínculo subjetivo existente entre pessoas afinadas em torno de motivações comuns, dramas e sofrimentos. (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 95)

A comunidade de destino é onde se encontra o conjunto de experiências – nesse caso, partilhado pelos músicos e pelas musicistas, forrozeiros e forrozeiras. São pessoas que de alguma forma dão significado às práticas culturais relacionadas ao forró na cidade de São Paulo.

Já a *colônia* é um segmento da comunidade de destino que favorece a compreensão do coletivo, onde estão os possíveis entrevistados. “Em história oral, importa escapar dos essencialismos e das homogeneizações que se apresentam como empecilhos para a compreensão das experiências que acentuam a memória coletiva” (Idem, p. 100). A *rede*, por sua vez, é uma parcela da colônia. Ela traz a especificidade dos músicos, musicistas e produtores – migrantes nordestinos que atuam nos bailes de forró

– e foi formada a partir da entrevista denominada *ponto zero*, realizada com um colaborador que conheça a história do grupo, um depositário da história grupal ou a referência para histórias de outros colaboradores, além de ser um guia capaz de orientar o andamento das entrevistas, conforme explicam Meihy e Seawright (2020, p. 178).

A origem da rede é sempre a entrevista *ponto zero*, que deve orientar a formação das demais redes e dos próximos entrevistados de uma mesma rede. Explica-se que os entrevistados da fase conhecida como *ponto zero* falam ora espontaneamente sobre quem entrevistar na sequência, ora em função de estímulos proferidos pelo oralista. (Idem, p. 102)

A experiência de ser um forrozeiro frequentador de bailes de forró conduziu-me para alguns lugares onde essas práticas culturais já aconteciam. Isso me fez refletir com mais cautela sobre quem poderia conceder a entrevista *ponto zero*. Como já havia feito a leitura do estudo de Alfonsi (2007), no qual a autora descreve o *circuito* de forró pé-de-serra na Zona Oeste de São Paulo no início da década de 1990, estava ciente de que alguns dos produtores que organizavam os eventos situados naquele estudo continuavam promovendo bailes e festas com a temática do forró. Um deles é Paulinho Rosa, diretor da casa de forró Canto da Ema e apresentador do programa de forró *Vira e Mexe*, na rádio USP-FM.

No ano de 2013, Paulinho concedeu uma entrevista contribuindo para a minha pesquisa de Iniciação Científica.* Na ocasião, ele partilhou o seu conhecimento empírico sobre o movimento de forró na cidade, e também demonstrou a sua relação afetiva com o circuito, sendo uma referência para outros produtores, músicos, musicistas e para o público frequentador dos bailes. Cheguei

* “Produção de bailes: uma etnografia do forró na Zona Oeste de São Paulo”. Uma pesquisa concentrada na área de Antropologia Urbana, sob orientação do professor José Guilherme Cantor Magnani, com apoio da Reitoria da Universidade de São Paulo (RUSP).

à conclusão de que ele seria a pessoa certa para a entrevista *ponto zero*. Os fatores acima evidenciaram o seu potencial de “reserva de memória”.

O trabalho em história oral é guiado pelas entrevistas que emergem da colaboração entre o pesquisador e o entrevistado:

Decompondo o termo colaboração, temos três de seus elementos constitutivos e por eles chega-se à sua qualificação ética, transformadora dos atos de trocas humanas. Mais do que mera palavra, na entrevista se processa o intercâmbio de percepções sobre acontecimentos explicáveis nos quadros da vida coletiva. O entrevistado “doa” livremente sua experiência em troca de registros de cunho próprio. Assim, nos trabalhos em história oral, temos: co-labor-ação, como junção de fatores que comun-gam. Trata-se, pois, de pensar processos de trabalho que nascem compartilhados, comprometendo os velhos princípios de alteridade em processos de entrevistas”. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 23)

Foram elaboradas as três redes a seguir: músicos, musicistas e compositores. Para as redes de músicos e musicistas foram realizadas quatro entrevistas, e uma para a rede de produtores, fruto do diálogo entre as duas redes anteriores. Suas sequências foram dadas pelos próprios entrevistados, que indicavam o próximo a ser entrevistado e assim sucessivamente. Além das entrevistas que organizadas dentro das redes específicas, há também aquelas que não compuseram redes, e por esse motivo não passaram pelo processo de *transcrição* que as demais passaram. Tais entrevistas, no entanto, contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento da pesquisa.

Como se trata de uma pesquisa de *história oral de vida*, atenta à atividade da memória, foram feitas entrevistas *abertas* (ou livres), cuja maior virtude “é possibilitar escolhas na

constituição do perfil desejado pelo colaborador” (Idem, p. 102). O trabalho textual com as entrevistas foi dividido em três etapas: transcrição, textualização e *transcrição*. Este último procedimento, adotado pelo Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO/USP), “é o momento em que os elementos extratexto são incorporados. A intenção é recriar a atmosfera, o contexto em que foi feita cada entrevista. As anotações de meu caderno de campo e aspectos da vivência junto à comunidade” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 110). O processo de transcrição significa “[...] mais do que ajustar: é reimaginar, recriar, refazer. [...] Em história oral, a sofisticação apresentada no ato transcriativo não remete o leitor a um texto descaracterizado, tampouco desfigura feições narrativas do colaborador. Ao contrário, procura-se por aprimoramento na recriação para tornar o produto competente no que tange a comunicação de ideias, de pensamento, de sentimentos” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 139). Por opção editorial, não se adotou o uso de itálicos para contrações, reduções ou incorreções da linguagem oral.

Antes de cada entrevista há um breve texto detalhando o desenvolvimento do processo colaborativo, descrevendo como se deu o contato e a entrevista, e acrescentando alguma informação ou análise que possa ser importante.

A leitura das histórias de vida a seguir oferece uma descrição densa do movimento de forró na cidade de São Paulo. Por se tratar de artistas migrantes nordestinos, é possível vislumbrar a diversidade sociocultural que se compôs no deslocamento Nordeste-Sudeste. A pesquisa apresenta aproximações e distanciamentos entre as redes formadas para o estudo, proporcionando ao leitor uma visão multifacetada do forró na cidade, mas que ao mesmo tempo mantém um elo comum: o pé-de-serra.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.
- ALFONSI, D. A. *Para todos os gostos: um estudo sobre classificações, bailes e circuitos de produção do forró*. 2007. Dissertação (Antropologia Social) - Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letra e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.
- FERREIRA, Lucinete; DIAS, Lêda. *Eu sou Anastácia! Histórias de uma rainha*. Recife: FacForm, 2011.
- MEIHY, J.C.S.B. *Manual de história oral*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____; RIBEIRO, Suzana L. S. *Guia prático de história oral: para empresas, universidade, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____; SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e Narrativas: História Oral Aplicada*. São Paulo: Editora Contexto, 2020.
- SILVA, E. L. *Forró no asfalto: mercado e identidade sociocultural*. São Paulo: Anablume; FAPESP, 2003.

O forró pé-de-serra em São Paulo

HISTÓRIAS DE VIDA



O forró pé-de-serra em São Paulo

ANASTÁCIA



O produtor Paulinho Rosa, meu *ponto zero*,* foi quem indicou a cantora e compositora Anastácia para iniciar as entrevistas da rede de musicistas migrantes.** Quando mencionei que Paulinho a havia indicado para esta pesquisa, ela ficou muito contente e aceitou na mesma hora participar do projeto. Preparei-me e fui até a casa de Anastácia, pois esta entrevista foi realizada de forma presencial. Ao tocar a campainha, fui recebido pela própria cantora. Notei que outros familiares também residiam ali, mas em casas separadas, o que já indicava a importância que Anastácia dava à família – tema central em sua história de vida e recorrente em seu livro, *Eu sou Anastácia****. A entrevista durou aproximadamente quatro horas e meia – eu imaginei que seria longa, pois Paulinho Rosa o havia indicado ao me dizer: “Anastácia é uma ótima contadora de histórias”.

O triunfo de Anastácia sempre esteve presente em Lucinete, seu nome de batismo. Isso significa dizer que o seu sucesso não se resumiu a um “feito” do mercado fonográfico; sua infância e juventude estiveram profundamente conectadas à sua nova fase, representada pelo lançamento do seu primeiro disco, *Anastácia no torrado*, em que se cunhou o nome Anastácia. A narrativa densa e fluida revelou que Anastácia estava ciente da potência e do significado de sua história para o público, seja leitor ou ouvinte.

O tema que mais se destacou em sua história de vida foi a questão de gênero, a divisão entre o que era adequado para os meninos e para as meninas, que a sua mãe colocava como um fator importante a ser seguido. Esta situação revela não só uma ação individual de sua mãe, mas também um pensamento enraizado em uma estrutura social formada por relações patriarcais. Essa distinção, contudo, não foi um impedimento para que Anastácia se inserisse nos espaços formados pelo gênero oposto. A sua afronta diante da pressão que a mãe exercia para “enquadrá-la”

* Ver definição à página 18.

** Ver nota à página 11.

*** FERREIRA, Lucinete; DIAS, Lêda, 2011.

num conjunto de valores fez com que Anastácia construísse um novo lugar, que muitas vezes precisou ser negociado com o outro.

O seu deslocamento para São Paulo deu-se no período da inauguração da TV no Brasil, no início da década de 1950, quando o rádio começou a perder força devido ao surgimento dos programas de auditório. Neste novo contexto, a função que Anastácia exercia na rádio tornou-se obsoleta, por isso ela decidiu tentar construir uma nova vida em São Paulo. Batalhou muito para conseguir um trabalho e melhorar as suas condições, enfrentando os preconceitos que os paulistanos expressavam em relação aos migrantes nordestinos, denominados “flagelados” no discurso midiático da época,* vistos de forma homogênea como incivilizados e selvagens. Sua condição de migrante nordestina em São Paulo frequentemente a colocava na posição de “estrangeira” em seu próprio país, experiência que a permitiu desenvolver estratégias de sobrevivência para se manter na cidade. Ela aproveitava os estereótipos que lhe eram atribuídos, como o de “baianinha engraçada”, para, em suas palavras, formar seu “eleitorado” e conquistar o público.

Foi no meio artístico que surgiu o seu grande amor e parceiro de tantas músicas, Dominginhos. Entre encontros e despedidas, o seu relacionamento com Dominginhos intensificou a sua inspiração para compor canções. Por Dominginhos ela lutou tanto pelo amor quanto pela música. A parceria entre os dois resultou em uma fusão artística que contribuiu significativamente para o desenvolvimento da música popular brasileira (MPB). Anastácia é autora de mais de 800 canções, entre boleros, bregas, forró e tantos outros ritmos e gêneros musicais. Na maioria das vezes, porém, não há o devido reconhecimento às mulheres compositoras, e frequentemente esse reconhecimento recai sobre o intérprete. Quando nos referimos a homens compositores a situação é diferente, o reconhecimento é mais nítido para eles. Dominginhos, por exemplo, logrou

* Para mais detalhes, ver Albuquerque (2007).

sucesso com a maioria das canções que fez em parceria com Anastácia, tanto que ao relembrar do encontro que teve com Nana Caymmi no “26º Prêmio da Música Brasileira” no Rio de Janeiro, Anastácia se surpreendeu quando a cantora a cumprimentou dizendo que a conhecia como uma grande compositora.*

As músicas de Anastácia atravessaram fronteiras e gerações. *Eu só quero um xodó* é um caso exemplar desses deslocamentos: em parceria com Dominginhos, a música já conta com mais de 250 regravações, inclusive em diferentes idiomas, como inglês e italiano. Anastácia é uma artista plural no cenário da MPB, o seu modo de compor é híbrido e vai desde forrós (xote, baião, xaxado e arrasta-pés) a boleros.

* Anastácia e Dominginhos compuseram a música *Contrato de separação*, que foi gravada por Nana Caymmi com o acompanhamento de Dominginhos na sanfona.

*Meu envolvimento é com a família
e com meu trabalho, que gosto muito.*
Anastácia

Eu nasci Lucinete Ferreira, mas este é um nome muito comum lá no Nordeste. Essas terminações “ete”: Lucinete, Marinete, Judete, Francinete, Edinete, fulanete... Tudo tem “ete”. A minha irmã era a Arlete. Fui batizada como Lucinete. Eu me sinto totalmente à vontade como Anastácia, porque Lucinete é só para assinar os “papagaios” da vida, pois quem paga a conta é a Anastácia.

Minha mãe era de Igarassu, cidade Pernambucana, e o meu pai de Paulista, cidadezinha vizinha a Olinda. Eles viveram juntos por muito tempo, até o meu pai morrer. No ano em que ele morreu eu já estava com uns 5 anos de idade, não me lembro muito bem. Depois disso, em 1960, vim para cá para São Paulo, trouxe a minha mãe e ela faleceu aqui.

Não conheço a descendência da minha mãe. Já a família do meu pai conheço muito bem, por isso que fiz questão de contar a história da minha mãe no meu livro.

A minha infância foi em Recife e foi maravilhosa! Desculpe a modéstia, mas eu já nasci *cabeça feita* porque me divertia com tudo. Acho essa fase de criança tão boa! Lembro bem do meu pai, ele era um homem maravilhoso, sabido e trabalhador. De repente ele se assustou quando viu minha irmã e eu num barranco próximo de uma estrada onde passava muito carro. Na época falaram que ele teve uma congestão, que na verdade é chamado de derrame hoje em dia. Quer dizer, ele teve primeiro um AVC.

Só uma ameaça. Na segunda vez ficou totalmente louco, virou uma criança e terminou morrendo afogado. Então, convivi com tudo isso, mas minha mãe ficava fazendo a cabeça da gente:

– Olha, vocês têm que cuidar do seu pai porque agora ele tá doentinho...

E a gente cuidava como se ele fosse um bebê, sabe? Em vez dele cuidar da gente, a gente passou a cuidar dele. Ele se tornou realmente um bebezão. E aquilo era tão normal, a gente cuidava direitinho. Minha mãe tinha que trabalhar, e a gente ficava: dava banho, café da manhã, comida... A minha irmã mais velha dizia:

– Pai, entra no banheiro de calção que a gente vai jogar água pra dar banho no senhor.

Na época não tinha água encanada, a água era do poço, a gente que buscava. Lavava o cabelo... Não tinha xampu naquela época, era com sabonete. Naquele tempo ninguém corria atrás de xampu, mas ele estava sempre limpinho. Depois a gente saía do banheiro:

– Pai, agora tira esse calção e se enxugue.

Aí, ele se enxugava... Vestia a roupa... A gente começou a cuidar dele até o seu falecimento. Aí, ficou eu, minha mãe e minha irmã. Minha mãe continuou trabalhando para nos sustentar. Eu tinha o quê? – uns 6 anos de idade.

Fui uma criança super feliz! Não tinha brinquedos caros porque minha mãe não podia dar, mas me divertia muito. Fazia bonecas com caroço de manga e as vezes com sabugo de milho. Me divertia como podia, nunca tive esse problema de ser infeliz por não ter algo. Eu vivia a realidade normal, e tinha que ser assim. Não tenho nenhum trauma de nada, foi tudo muito perfeito!

Naquela época havia na cabeça da minha mãe uma divisão enorme entre meninos e meninas, e era uma coisa muito forte nela: menina é menina, e menino é menino. Não podiam brincar juntos, ela sempre achava que menino era danadinho. Mas eu gostava de bola de gude, entendeu? E era negócio de menino. Quando ela saía para trabalhar eu jogava uma “pelada” com os meninos, como eles chamavam no Norte... “Pelada”. Era uma

bola feita com meia que os moleques faziam. Uma meia cheia de panos, e eu entrava no jogo... Empurrava de cá, saía de lá, queria era me divertir. E quando ela ficava sabendo evidentemente que o pau “cantava”, né?... Mas eu dizia que não ia mais fazer, até a próxima... Aí, pronto!

Eu era muito hiperativa, muito danada, sou geminiana, então já nasci muito doida. Depois que passei a me interessar por esse negócio de astrologia, não que eu quisesse estudar para viver disso, mas queria saber a diferença de uma pessoa para outra de acordo com os astros. E realmente descobri que sou totalmente geminiana. Tudo que a condição mental propicia ao geminiano tem em mim: sou elétrica, sou meio doida, sou tudo... E tenho uma facilidade enorme de adaptação.

A minha irmã Arlete foi a primeira filha do casamento da minha mãe com o meu pai, e depois que eu nasci minha mãe ficou viúva. Primeiro ela ficou três anos e nove meses lutando com o meu pai doente. Ela era mais nova do que ele, acho que uns 15 ou 20 anos.

Depois de cinco anos e nove meses, apareceu uma pessoa cortejando-a, e ela se engraçou com o negão. Ele tinha um metro e oitenta de altura, era motorista de uma fábrica de tecidos, firma em que ela também trabalhava. Ela conversou com a gente, pois deve ter ficado muito encantada com ele. Também aquele negão bonitão, todo cheiroso, com dente de ouro. Aí, ela falou:

– O pai de vocês morreu há muito tempo e agora tem um senhor querendo namorar com a mamãe. Vocês consentem que ele venha aqui na calçada?

Tinha uma calçada em frente de casa.

– Ele não vai entrar, ele só vai ficar na calçada e conversar comigo.

Ia dizer o quê?... Ela começou a namorar esse meu padraсто. Da calçada já passou pra dentro de casa e quando vi, ela já estava grávida da minha irmã Luci. Acho que ele foi o grande amor da vida dela porque veja bem: uma moça sertaneja, uma mulher nordestina, jovem, que ficou muitos anos sem ter nenhuma ligação com nenhum homem, carente... Carente sexualmente e

emotivamente, né?... Porque não tinha um carinho, era só luta, trabalho, aquela loucura toda. Chegou o momento que ela achou que daria certo.

Quando fiz 7 anos, era ainda menina, morava na volta do açude, um lugar bem interessante onde tinha uma represa e do outro lado tinha um baile de gafieira que tocava nos sete dias da semana, das dez horas até as quatro da manhã. Tudo que era música lançada no Rio de Janeiro e em São Paulo tocava lá, e aquilo me encantava. Eu queria muito estar ali dentro, sabe? Só que nunca fui porque lá não era lugar para criança. Eu vivia cambaleando de sono, dizendo pra minha mãe:

– Tá muito calor aqui... Deixa-me dormir na rede da sala, mãe?

Porque na rede da sala eu podia ouvir a gafieira a noite toda sem a minha mãe fazer eu dormir, entendeu? Eu ficava a noite toda cantando as músicas junto com os cantores que ouvia, e quando era de manhã acordava baqueada para ir para escola. Quando tocava Gonzaga eu ficava enlouquecida: “que coisa bonita esse homem cantando, um dia ainda vou conhecê-lo”.

Mais pra frente ganhei todos os concursos e entrei para a orquestra, onde tinha um sanfoneiro chamado José Afonso, e ele tocava junto com um zabumbeiro e triangulista. Ele me perguntou:

– Tu não quer aprender umas músicas pra cantar comigo nos shows que faço de forró?

Eu disse:

– Topo!

Fiz o repertório com músicas de Gonzaga... Marinês ainda não tinha explodido nessa época, ela já cantava em Campina Grande, mas eu não a conhecia. Fiz um repertório de uns cantores que tinham no Rio. E um dia cantando no SESI Vasco da Gama à tarde, era umas cinco horas, um cara se aproximou da beira do palco e me chamou... Eu já toda mocinha produzida, arrumadinha, maquiada... Aí, ele disse:

– Você canta muito bem! Você quer cantar na rádio Jornal do Comércio?

Eu toda empolgada e cheio de onda, falei:

– Aí, obrigada! Quero sim!

– Tá aqui meu cartão. Procura essa pessoa que está aqui.

Botou o nome do diretor, que era o Amarílio Nicéas.

– Quarta-feira você vai lá, porque na segunda-feira vou conversar com ele pra ele te aguardar.

– Ah, muito obrigada!

E como eu não andava sozinha, tinha uma prima que era maior de idade que cuidava de mim, ela já encostou em mim pensando que o cara estava de “nhec nhec” no meu ouvido:

– Tu tá acreditando nessa história?

Eu falei:

– Tô!

– Não pode ser verdade...

– Ah, de repente é verdade.

– Mas tu não vai sozinha, não, porque vou contar pra sua mãe e vou dizer essa história todinha.

Ela já estava pensando de outra forma, né? Eu cheguei em casa, antes dela falar pra minha mãe eu já tinha contado tudinho o que aconteceu. Mas moça que trabalhava em rádio naquele tempo tinha uma fama desgraçada... Minha mãe achava que toda moça que ia cantar no rádio iria virar garota de programa.

– Mas negócio de rádio?

– Mãe, mas eu não vou só, e é no horário comercial, tá todo mundo trabalhando. Como é que vai ter coisa esquisita assim?

– Tá bom, você vai.

Aí, me deu o dinheiro da passagem e eu fui com uma amiga porque a minha prima não pôde ir. Quando cheguei na porta da rádio, tínhamos marcado às 11 horas, falei assim:

– Eu queria falar com seu Amarílio Nicéas...

Aí, o porteiro disse:

– Qual é o seu nome?

– Lucinete Ferreira.

– Dá um minutinho...

Ele foi lá, subiu... Era no primeiro andar, desceu e autorizou a minha entrada.

Cheguei lá já estavam os cinco músicos e ele me esperando no estúdio:

– Ah, muito prazer! O Clênio Vanderlei falou muito bem de você.

Esse Clênio Vanderlei era um dos maiores atores de Pernambuco, ele interpretava Jesus Cristo na Paixão de Cristo, atuou até em Nova Jerusalém. Foi o meu descobridor para ir para rádio. Fiz o teste, cantei um monte de músicas, menos forró: chá-chá-chá, bolero, samba, samba-canção... E ele ouvindo do outro lado.

– Senhorita, você é muito afinada, canta bonito, muito afinadinha. Agora eu quero ver você no palco com auditório. Porque aqui é uma coisa, no auditório eu quero ver. Ou você se desenvolve ou não, né? Você pode vir amanhã? Tem um programa das 15h até às 17h.

Chamava-se “Atração Paulo Duarte”. Eu falei:

– Posso sim!

Cheguei em casa e contei pra minha mãe explicando que era um programa de rádio, que tinha um auditório... Enfim, ela deixou eu ir. Fui com essa minha amiga e quando chegamos lá eu ensaiei com o maestro Zezinho, era o sanfoneiro naquele tempo. Ele que trabalhou para o Silvio Santos por muitos anos, morreu há três anos. Sivuca tinha sido sanfoneiro de lá também, mas havia saído há uns seis meses. Mais adiante entraria o Hermeto Pascoal como sanfoneiro do regional. Mas eu ensaiei com Zezinho e fiquei numa expectativa danada, né?... Porque vai... não vai... “E AGORA COM VOCÊS A GAROTA DO BAIRRO DA MACAXEIRA: LUCINETE FERREIRA!”

Eu entrei, parecia que estava anestesiada no ar, sabe? “BOA TARDE, GENTE!!! BEIJOS...”

Aquele negócio doido... E cantei... Olha, arrasei! Cantei duas vezes e fui muito aplaudida. Quando desci o diretor que estava me assistindo falou:

– Ah, você é danada hein, menina!

Eu o agradei:

– Ah, muito obrigada.

– Olha, vamos fazer um contrato com você de 6 meses, mas só com a presença de sua mãe, uma pessoa maior de idade...

– Tá bom.

Marquei o dia e levei a minha mãe para fecharmos o contrato. Isso era começo de 1954, foi quando comecei a cantar na rádio. Com menos de um ano estourei! Não dava mais para cantar na orquestra porque eu tinha muitos compromissos, começou a aparecer empresários para me levar para cantar em outros lugares. Aí, pensei: “é melhor fazer os negócios pela rádio porque pelo menos eu vou ficar famosa”. Então, saí da fábrica e comecei a viajar pelo Estado de Pernambuco inteiro. Todo mundo me levava para cantar. Virei uma das grandes atrações do Estado.

Eu estudava desde criança. Naquela época a gente tinha o *prezinho*, era uma bagunça. Lá no Nordeste começava com a carta do ABC e a tabuada. Tinha que saber a tabuada 10 x 10 até 100, e a carta do ABC. Todo abecedário. Por isso que não fiz faculdade, não consegui estudar muito, mas tenho escolaridade equilibrada pelo princípio que tive. Porém, não era uma boa aluna. Quando comecei, não queria saber de estudar, meu negócio era alegria, sabe? Onde tinha três meninas: “uoooooooo!” Chegava já fazia a farrá. Eu era a garota simpática quando chegava e nisso esquecia de estudar.

Na escola tinha o uniforme que eles davam para os alunos que era para o desfile de Sete de Setembro, os professores que distribuía. Só ganhava uniforme quem soubesse ler a cartilha. Isso era uma indireta para o pessoalzinho da bagunça, né?...

– Quem não passar da cartilha não vai ganhar uniforme!

Fiquei doida para ganhar, mas não saía da carta do ABC. Era um caso raro eu ficar quinze dias com uma carta de ABC, porque eu levava na mão, largava em algum lugar, quando via, cadê a carta? Perdia... Aí, enlouquecia!

O professor mandou um recado para a minha mãe, um bilhete pela minha irmã: “A Lucinete é uma menina muito simpática e educada, mas não gosta de estudar, e ela só vai ganhar o uniforme se ela passar para a cartilha. Converse com ela”. Minha mãe endoidou:

– Cachorra da moléstia!!! Eu compro uma carta do ABC toda a semana pra tu rasgar. Se tu não passar pra essa cartilha pra ganhar uniforme, vou prender você no banheiro...

Fez um monte de ameaças e eu acreditava, porque ela fazia mesmo:

– Não, eu vou, eu vou, eu vou...

Minha mãe comprou uma cartilha que se chamava “ensino rápido”, e eu pedia para minha irmã me ensinar. Ficava o tempo todo estudando com a minha irmã. Enlouqueci tanto ela, que consegui soletrar e falar o que era solicitado na época. Aí, pedi ao professor:

– O professor, eu já sei ler a cartilha...

– Sabe?

– Sei.

Ele abriu a cartilha...

– Bê a bá... bê é bê... bê i bi...

Falei tudo certinho. Ele abriu lá no fim... Decorei a cartilha toda, até o final. Aí, ele me deu o uniforme. De repente tomei interesse pela cartilha e fiquei encantada, porque quando a gente descobre a leitura, a gente fica encantada. E depois me apaixonei por gibi. Os meninos da minha rua perguntavam:

– Que livro você tá lendo?

– A história do *cowboy*.

Comecei a trocar gibis com os meninos e todo dinheirinho que eu pegava comprava um gibi e trocava: “Tu lê o meu, eu leio o teu...” E foi nessa que a minha mãe enlouqueceu porque a minha transação dos gibis era com os MENINOS!... E eu dizia para eles:

– Olha, vê se vocês não apareçam na minha casa para ver esse negócio de gibi quando a minha mãe estiver por lá.

Mas é claro que eles não entendiam...

– A Lucinete tá aí, Dona Marina?

Minha mãe...

– Não, o que vocês querem com ela?

– É porque ela pegou uns gibis emprestados...

Virge Maria!!! Isso dava um *trelêlê* da porra!

– Não quero ver você com esse negócio de menino!!!

Eu sei que comecei comprando o meu gibi e foi aí que aprendi a ler muito bem. Lia tudo, não só gibi, lia livros, queria ler qualquer coisa, eram aquelas histórias de *cowboys* americanos, lembro de uma que se chamava *Hopalong Cassidy*.

Quando eu ia cantar nas rádios, pegava ônibus, morava na periferia, toda arrumadinha com um livro debaixo do braço, porque eu pensava assim: “os rapazes vão ver que eu moro na periferia, mas que sou uma moça organizadinha e que gosta de leitura”. Eu me sentava no ônibus e ficava uma hora lendo, parecia o Seu Obturado da Escolinha do Professor Raimundo. E com isso aprendi e descobri muitas coisas, me inteirei com um monte de coisas. Quando parei de estudar, estava na primeira série do ginásial. No Nordeste nós fazíamos a quarta série e a admissão que era equivalente a uma quinta série para uma revisão total do que nós aprendíamos. Em seguida, partíamos para o ginásial que era o primeiro, segundo, terceiro e quarto ano.

Antes da admissão no primeiro ano, já comecei a cantar, fiz dois anos de pastoril juvenil, estava com 11... 12, anos de idade. Quando fiz 13 anos, tinha uma colega que disse que estava havendo um concurso de música no meu bairro, num lugar chamado Recreio. Tinha uma cantora que já estava ganhando há duas semanas, se ela ganhasse mais cinco semanas, ela seria contratada pela orquestra. Eu falei:

– É ruim, hein. Vou lá!

E fui... Cheguei lá na hora que o cara falou:

– Tem alguém pra competir com cantora Izabel?

Eu disse:

– EUUUU!!!!

Eu e mais algumas pessoas se manifestaram. Mas subi e já comecei a cantar, aí não teve mais pra ninguém. Isso foi em Recife, no bairro da Macaxeira, onde nasci. Aí, comecei! Todas as semanas eu estava lá, cada semana que eu ia ganhava um monte de prêmios, já não tinha onde botar tantos prêmios, estava cheio em casa. Era como se fosse hoje esses shows de calouros do Programa do Raul Gil. Eu só ganhava, ninguém conseguia me tirar.

Fui contratada da orquestra para ganhar quarenta cruzeiros, que era equivalente a cem reais por semana, cantando ou não, tivesse baile ou não, ganharia aquilo. Foi ótimo porque ali já comecei a ajudar a minha mãe. Os donos da fábrica ficaram encantados comigo porque eu era a menina prodígio do bairro, todo mundo me paparicava, conseguia tudo o que queria. “Porque a menina é cantora e tal...”

Nunca estudei música, toda a minha experiência com música foi de forma intuitiva. Nunca tive ninguém me acompanhando antes de cantar. Acho que demorei um pouco para iniciar a prática em conjunto por causa dos cuidados que minha mãe tinha comigo, que eram um tanto exagerados, visto que para ela música era coisa de homem.

Quando fui participar do concurso de calouro, o maestro com o saxofone na mão me perguntou:

– E o tom?

Eu disse:

– Que tom? Eu não conheço ninguém com esse nome.

Ele viu que eu estava abestalhada:

– Tá, então, eu vou tocar e tu entra...

Pois eu cantei no ouvido dele e ele tocou o que tinha escutado. Entrei no tom certo, na hora certa, e eu não tinha experiência nenhuma de cantar com instrumento. Cantei um bolero que se chama “Pedaço de mau caminho”, de Fernando Barreto.

Se eu não tivesse alguma coisa com a música eu não ia acertar a entrada, o tempo da música, né?... Entrei no momento certo! Cantei e ganhei o concurso! Com o passar do tempo fui percebendo que realmente eu já estava nesse alinhamento musical sem entender o motivo. Estava na linha do meu destino que eu ia me enrolar com esse negócio de música.

Mas me lembro que desde criança tentava me envolver onde tinha música. Eu tinha uma amiga chamada Ivonete, ela era uma menininha e eu era mais nova do que ela, acho que uns dois anos. Ela era de uma família negra, essa menina era um doce. Mas ela era muito judiada porque o pai dela era meio mangua-ceiro e a mãe dela tinha ido embora de casa. O pai botava todo

mês uma mulher diferente em casa que se tornava a madrasta de Ivonete, e as madrastas maltratavam a coitada da menina. Eu era o anjo bom porque quando percebia que ela estava em apuros, ia lá e conversava com a madrasta, arrumava alguma coisa para ela fazer...

O pai dela fazia uma roda de coco todo sábado, uma semana sim, outra não. Ele chamava um cantador que vinha com o seu pandeiro e as mulheres para fazer o coro de vozes. Era um divertimento legal na casa. O cantador de coco ficava no meio da roda e as demais pessoas com um ganzá na mão tocando, e o pessoal em volta dançando. Tinham as cantigas de coco que ele cantava, o nome dele era Jorge. Ele batia o pandeiro e cantava: “Eu ando atrás é de um poeta da lagoa”. Aí o coro respondia: “Jorge onde canta é uma palestra boa”... A resposta era sempre com o batuque de coco acompanhando: “Eu ando atrás de poeta da lagoa”... Era gostosíssimo isso, uma coisa muito boa que mexia muito comigo. Mas na roda de coco tinham mais homens do que mulheres e na cabeça da minha mãe só tinham homens, era difícil eu ir participar:

Tinha dia que ela não deixava porque os caras bebiam, eram cachaceiros. Eu sei que minha mãe, tadinha, ela ficava preocupada comigo porque achava que eu era muito elétrica, aí o cuidado tinha que ser maior. Mas às vezes eu ficava choramingando e ela dizia:

– Vááá! Vou ficar de olho em você. Vou marcar hora pra você voltar...

E outras vezes ela não deixava mesmo.

– Vai dormir!

E eu ia dormir. Só que eu fingia que ia dormir, quando via que ela já estava roncando, eu acordava de fininho, abria a porta e entrava na porta da casa da Ivonete, que era ao lado da minha casa. Muitas vezes eu estava lá no meio toda danada dançando o coco, de repente olhava na porta e lá estava minha mãe me olhando com aquela cara de brava...

Uma outra vivência que tive com música na minha infância foi na represa que ficava próximo de casa, onde as mulheres iam

lavar as roupas. De tanto elas irem lavar as roupas, o local virou uma prainha. Elas chegavam de lugares diferentes, e minha irmã ia lavar a roupa de casa e eu ia junto, mas eu não ia para lavar roupa, ficava brincando na areia e cantando... Eu abria a boca e cantava um monte de músicas e as mulheres adoravam.

Cantava muito Luiz Gonzaga: "Asa Branca", "Quem nem jiló": "lá lá lá lá laiá laiá..." Eu era louca, queria cantar, mostrar que eu sabia cantar, eu era tão maluca... Maluca no bom sentido.

Quando andava de bonde para ir ao médico, minha prima que levava, porque minha mãe trabalhava, levava os quatro meninos para ir no hospital infantil para se tratar, e eu junto... Era só subir no bonde eu já começava a cantar, dava um show no bonde. O pessoal me aplaudia... "Mas que menina danada!". Até agora eu não entendo como eu não tinha vergonha, sabe?...

Nunca fui envergonhada, sempre alegrava o ambiente cantando. Tudo que aprendi fazia parte do meu cotidiano também. Sabia muitas músicas, cantava todos os artistas da época, e ao cantar as músicas deles, achava que eles estavam distantes de mim. Mas depois tive a oportunidade de conhecer quase todos quando comecei a cantar, inclusive o Luiz Gonzaga.

Uma vez fui cantar em Paranavaí, no Paraná, e faltou força elétrica. Em Londrina ainda tinha, mas em Paranavaí não. Ficou aquela agonia danada com as velas, todo mundo com as velas em cima das mesas e o povo querendo se divertir sem música. Foi quando tive a ideia de cantar repentes, porque nessa época eu já acompanhava Venâncio e Corumbá e eles cantavam muitos repentes. De certa forma, tinha uma influência dessas minhas vivências de infância nas rodas de coco da minha vizinha Ivonete.

Eu cantava e batia na palma da mão fazendo o improviso e encenava com uma pessoa que estava próxima de mim, inventado a rima na hora. E dava certo! Quando fui embora o pessoal ficou com muita saudade daquilo. Tinha umas pessoas nordestinas nessa festa, naquele tempo o povo migrava muito do Nordeste para o Paraná. Então, eles achavam que eu era repentista. Mas eu não sabia é nada, fiz só de "onda". E deu certo!

Não toco nenhum instrumento e olha que venho de uma trajetória onde convivi com muitos músicos. Quando eu era adolescente tinha uma amiga chamada Auja, a família dela era toda gaga e todos tocavam muito bem violão, cavaquinho, entre outros instrumentos. Um dia fui na casa dela e vi aquele monte de gente tocando e cantando... Ela falou:

– Ve-ve vem cá que eu te-te en-si-no... Não te-tem mi-mi-mis-tério.

Peguei o violão e ela começou a me ensinar, mas não aprendi porra nenhuma. Quando comecei a cantar na rádio, conheci a família Miranda, do Lupércio Miranda, um grande músico. Um dia conversando com o seu Romualdo Miranda, ele disse:

– Eu ensino você a tocar violão, Lucinete.

Eu era adolescente, tinha uns 15 anos de idade. Marquei com ele um dia da semana e ia lá na rádio. Mas não levei a sério. Passou... Tive mais uma oportunidade quando cheguei aqui em São Paulo. Estava gravando numa gravadora onde o Paulinho Nogueira também era contratado. Ele era um amor de pessoa. Eu falei para ele:

– Paulinho, eu tenho tanta vontade de tocar violão...

– É mesmo!? Eu tenho um método ótimo e você vai aprender rapidinho. Venha aqui uma vez por semana, a gente se encontra e eu te ensino.

Cheguei a ir umas três vezes, mas depois, para variar, deixei de ir. Enfim, nunca levei a sério, agora não dá mais porque não aguento mais. O Oswaldinho me disse uma vez:

– Pra que tocar um instrumento, mulher? Você tem o instrumento na garganta!

No Nordeste a minha carreira de musicista estava indo bem. Eu não pensava em vir para São Paulo. Lembro que a minha irmã mais velha veio antes, em 1959.

Um ano depois fui fazer um show com o Gordurinha na rádio Tabajara da Paraíba. O show era eu e Gordurinha encerrava. Conversando com ele, falei:

– Gordurinha, como é São Paulo?

Ele disse:

– São Paulo parece Londres, tem ônibus de dois andares, no inverno a gente anda de luvas, tem que botar o sobretudo...

Falou tanta coisa de São Paulo que eu fiquei sonhando realmente com Londres, sabe?

Tudo que tinha em Londres ele falou que tinha em São Paulo. Ele perguntou:

– Por quê?

– Porque eu tenho uma irmã lá e eu tenho vontade de conhecer São Paulo.

– Por que você não vai?

– Agora não, agora não dá porque eu tô trabalhando.

Quando fiquei desempregada porque inaugurou a TV e a função do rádio no qual eu era contratada deixou de existir, comecei a repensar sobre ir para São Paulo. O rádio começou a perder força, a programação de auditório passou para o jornal porque geralmente o jornal e o rádio eram do mesmo dono. E quem trabalhava na rádio não ia direto pra televisão, era outro pessoal, entendeu?

No meu caso, como também era atriz, poderia ter feito humorismo, tinha uns programas de interação, mas não eram constantes. Ganhava cachê, mas não era contratada. Aí, ficou ruim, né? Porque eu tinha um ordenado certo todo mês e ainda tinha a maneira de divulgar as minhas apresentações. Eu pensei bem e fui conversar com a minha mãe:

– Sabe de uma coisa, mãe, vou ver como que são as coisas em São Paulo.

Aí, minha mãe disse:

– Tu tem coragem?

– Claro, Arlete que é mais besta do que eu tá lá! Por que eu não posso ir?

Aí, ela falou:

– Tá bom.

Me preparei para ir. Eu morava numa casa boa lá no bairro de Casa Amarela. Meu padrasto não era de chegar junto na hora de pagar o aluguel, eu que bancava. Chamei ele, que morava numa outra casa, e falei:

– Olha, eu já cuidei dos seus filhos e da sua mulher o tempo todo. Agora vou para São Paulo. O senhor leva a minha mãe para a sua casa porque eu não vou poder mais garantir o aluguel. Não sei o que que eu vou encontrar lá em São Paulo, de repente não é como aqui.

Minha mãe mudou para a casa do meu padrasto e ficou lá. E eu fiquei na casa de uma amiga. Vendi umas coisas, outras ela levou, fiquei somente com as roupas. A partir desse momento, toda vez que encontrava a minha mãe, ela contava uma história triste: que meu padrasto não comprava comida, gastava muito dinheiro e não contribuía para as coisas de casa... E ela já estava perdendo a paciência. Minha mãe era capricorniana, era miolo mole.

Chegou um dia ela me perguntou:

– Tu vai mesmo pra São Paulo?

– Vou!

– Pois eu vou com tu e os meninos todinhos...

– Pra onde?... Mãe, não dá não. O negócio lá é complicado, como é que eu vou chegar com oito pessoas na casa da Arlete se ela mora num lugar pequeno?

Ela respondeu:

– Se eu ficar vou acabar matando aquele nego!

Os filhos dele me falaram que na hora da raiva ele tentou bater nela.

– Se ele me bater eu mato ele!

Eu pensei: “Misericórdia, aí já é uma loucura!”

Ela não matava ninguém, mas só de escutar aquilo já me preocupou, né?

– Vamos simbora então!

Fui para a rádio. Tinha umas três colegas de serviço, conversei com elas sobre isso, aí uma delas falou:

– Mulher, então leve sua mãe! Mas você vai de ônibus com seis crianças? Não dá certo, né? Por que você não compra passagens de avião?

Eu falei:

– Com qual dinheiro?

Aí, ela disse:

– Vou fazer um abaixo assinado e todo mundo da rádio vai colaborar com você.

Ela fez... Juntou dois mil cruzeiros naquela época. Quando voltei no trabalho ela falou:

– Tó, mulher... dois mil cruzeiros! Você vai comprar as passagens de avião porque se você embarcar aqui de manhã, pela noite você já está em São Paulo. É um dia inteiro, mas já é mais prático.

Fiquei muito contente e agradeci. Eu era muito querida no trabalho. Então, organizei a viagem e fui falar com a minha mãe, que me falou:

– A gente vai ter que fugir porque eu falei que ia pra São Paulo e ele falou que eu poderia ir, mas os meninos não. E eu não vou deixar os meus filhos com ninguém, imagine com ele. Deus me livre!

– Vamos botar tudo numa mala, “amarrar a boca” e vamos embora!

Aí, organizei a viagem. Isso foi em junho de 1960.

Quando comprei as passagens era mês de maio, e só tinha para o dia 23, porque era um aviãozinho de uma companhia pequena chamada NAB – Navegação Área Brasileira, e só tinha sessenta passageiros. Até formar a lotação, né?... Tinha que esperar sessenta dias. Então, conversei com a minha mãe:

– No dia 22 a senhora vai no bairro onde a gente morava e vai pra casa da sua comadre. Às quatro horas da manhã eu tô lá pra lhe pegar.

Ela disse que deu um “B.O” no véio...

– Eu vou pra casa dos meus cunhados em Paulista...

Minha mãe tinha ido só com a roupa do corpo porque durante o dia ela tinha mandado os meninos levar todas as roupas para irem na outra casa, a da comadre. As malas já estavam lá, estava tudo certo. Quando cheguei lá às quatro horas da manhã, peguei as malas, só que eles ficaram a noite todinha dançando forró e comendo canjica e milho cozido. A mulher fez um monte de comida... Nessa época tinha muita festa de São João.

Pegamos o avião às sete horas da manhã com destino ao Rio de Janeiro. Foi uma viagem muito louca porque estavam as cinco crianças todas com desinteria de tanto comer milho. Até hoje dou risadas quando me lembro disso. Brinco falando que foi uma viagem literalmente de merda. Não sei se juntou o emocional na cabeça das crianças, aquela expectativa de estar largando o pai, a viagem... Só sei que foi uma coisa doida. Esses meninos danaram a cagar... Nas duas horas de voo, tinha dois banheiros: um era da família Ferreira e outro era dos demais passageiros. E eu com 20 anos achava aquilo hilário, ria tanto, morria de rir, e minha mãe sofrendo. Sofrendo por dois motivos: porque ela estava deixando o marido e por causa da loucura. Ela não gostaria que tivesse sido assim.

Nós chegamos no Rio de Janeiro dia 24 junho de 1960, às sete horas da noite. O avião aterrissou e demorou um pouco para abrir a porta da frente, o comandante disse:

– Senhoras e senhores aqui é o comandante. Quero lhes informar que hoje nós não vamos para São Paulo porque não tem “teto”.

Naquele tempo eu não sabia que diabos era esse tal de “teto”. Que peste de “teto” é esse... Chamei a comissária e perguntei:

– O que é isso? Por que que não tem “teto”?

Ela falou:

– Está muito nublado e desse jeito não dá pro avião pousar em Congonhas. Nós vamos dormir num hotel, vocês não vão gastar nada, é a companhia que paga, e quando for amanhã às sete horas a gente retorna para o avião e seguiremos a São Paulo.

Eu falei:

– Ah, não... Eu quero ir hoje! Eu quero... Eu quero... “Não pode...” Mas eu quero... Eu quero... Eu quero!

Infernizei tanto que liberaram as nossas malas:

– Eu marquei pra chegar hoje em São Paulo porque morreu uma pessoa e nós temos que chegar hoje para participar do velório.

Inventei uma longa história. Duas horas depois estavam nos liberando... E às nove horas da noite estavam liberando as

nossas malas. Aí, fomos, pegamos um táxi com destino à rodoviária Grande Rio. Chegamos lá, pegamos um ônibus para São Paulo. Quando foi duas horas da manhã já estava chegando ali na Avenida Ipiranga com a Rio Branco, era ali que as pessoas desembarcavam.

Aí, pronto!!! Começou a história de São Paulo. Eu me lembro de quando botei o pé no chão fora do ônibus. Foi uma coisa maravilhosa... Sempre fui ousada, mas ao mesmo tempo, sabia que poderia não dar certo a nossa ida a São Paulo. A minha irmã me contava a situação dela e eu percebia que era verdade, que realmente a pessoa quando chega sem muito dinheiro é difícil. E depender de moradia de parentes não é fácil, né?...

Quando nós chegamos, eram duas horas da manhã e fui no endereço que minha irmã me deu, era uma fábrica, o seu local de trabalho. Ela morava bem próximo, na rua Manoel da Nóbrega, numa casa de um cômodo. Era pequenininho. Morava ela, uma amiga dela e o filho da amiga. Não tinha banheiro dentro, ficava no fundo do quintal, aquele negócio: só para “encostar a cabeça” e dormir mesmo. Quando cheguei lá, o porteiro falou:

– Ó, só de dia... De dia você vem no escritório aí eles lhe dão o endereço.

Voltamos e fomos para o hotel. Agasalhei todo mundo... No outro dia me levantei cedinho para ir sozinha ver onde a minha irmã morava. Quando cheguei no escritório tinha uma moça que era vizinha dela que trabalhava lá também. Aí ela me viu falando...

– Sou a irmã de Arlete...

– Eu sou vizinha dela... Menina, mas ela vai ficar muito feliz em te ver!

Eu nem precisei procurar a fábrica para me passarem o endereço porque eu já fui com a moça. Era um quarteirão à frente da casa dela. Arlete ainda estava dormindo, e quando eu gritei: “ARLETE!” ela me viu e já começou a chorar. Eu também me emocionei, dei um abraço nela e falei:

– Tá todo mundo no hotel, mulher! Porque eu vim com a minha mãe...

– Mulher... Sem avisar!

– Sem avisar, foi uma coisa muito doida que vou te contar depois.

Fomos buscar a família. Voltamos em dois táxis, porque tinham muitas malas e gente. Foi aquela festa quando todo mundo se juntou. Já tinha três, com mais oito ficou onze pessoas naquele cubículo. Um amontoado no outro. Teve que comprar uma cama daquelas que dorme um monte de gente, acho que se chama cama turca para dormir como uma panqueca, todos amontoados com um cobertor por cima.

Começou a aventura do sofrimento. Mas nunca esmoreci, nunca pensei: “Ah, não tá bom, vamos voltar...” Não! Eu vim para ficar! Quando botei o pé em São Paulo, pensei: “nunca mais vou sair dessa cidade até concluir o que vim para fazer”. Até hoje não sei por que pensei nisso, nem sabia se ia dar certo. Mas vim com tanta vontade de vencer, de ficar, que falei isso: “Nunca mais vou sair dessa cidade”. E nunca mais mesmo, nem vou sair!

Um dia eu estava para atravessar uma rua e de repente gritaram meu nome de dentro de um bonde:

– Lucinete!

Eu pensei: “Meu Deus, será que é alguém que me conhece do Nordeste...”. Mas nunca imaginei que seria o Nelson Roberto. Não sabia que ele tinha vindo pra cá. Ele já estava aqui há dois anos. Conversamos um pouco:

– Nossa... quanto tempo...

Eu contei a história da nossa viagem rapidamente pra ele:

– Rapaz, tô chegando. Minha mãe tá com meus irmãos.

Ele falou:

– Mas para onde você vai?

– Nem sei ainda, vou atrás da minha irmã.

– Olha, eu não posso te dar muita atenção porque trabalho numa firma e tenho uma reunião às 11 horas.

Eram umas 9h45...

– Mas eu vou te deixar esse cartão com um endereço, que é do Venâncio e Corumbá, fica rua General Osório.

Eu estava hospedada num hotel justamente próximo a esta rua, veja só... Aí ele continuou...

– Quando você organizar a sua vida, vai lá e procura ele. Vou falar pra ele arrumar um show pra você e dizer que você é uma boa cantora, pois conheço o seu trabalho. Pode deixar que darei informações suas.

Quando me organizei, eu e minha irmã pegamos o bonde e fomos lá na rua General Osório. Fui umas duas vezes, encontrei com Venâncio, conversamos um pouco, mas continuei a saga em busca de emprego.

Começou aquela “novela” das perguntas de entrevistas de emprego: “o que eu sabia fazer?” Nada! Eu só sei cantar! Mas ia: “Precisa-se de uma moça para escritório”... Eu ia com a maior cara de pau, preenchia os formulários... Teve um dia que no formulário estava a seguinte pergunta: “Quanto você quer ganhar?”, eu botei 1.200 cruzeiros, naquele tempo o salário-mínimo era uns 30 contos, mas eu não sabia fazer nada. Até hoje não me chamaram.

Uma vez uma amiga me indicou para uma vaga de emprego:

– Eu tenho uma conhecida que mora na cidade... Vou pedir pra ela ver um trabalho pra você por lá...

Aí, a moça me mandou um recado que um português estava precisando de uma secretária para o escritório. Pronto! É comigo mesmo! Lá vou eu... Era ali no edifício Aliança, no centro da cidade, que fica atrás da Biblioteca Mário de Andrade. Cheguei lá no segundo andar, o português de cara fechada olhou pra mim e eu falei para ele:

– Bom dia, senhor!

Ele com aquele sotaque português e com aquele olhar mar-rudo, me disse:

– Bom dia. O que a senhorita quer?

– Eu sou a pessoa que trouxe esse cartão, o senhor está precisando de alguém para o escritório, não é?

– Ah, pois não... A senhorita entra naquela sala e faz uma carta oferecendo o seu trabalho.

Eu tinha uma prática de datilografia porque naquele tempo eu lia um livro sobre datilografia. Comecei a datilografar o texto: “Ilustríssimo Antônio de Souza... Venho através desta...” Não

completava duas palavras. Errava e jogava o papel no lixo... Tinha que botar outro papel... “Ilustríssimo Antônio de Souza, eu...” Sei que fiquei das oito até às onze horas tentando datilografar a tal da carta. De repente, quando fui pegar outro papel, me dei conta que tinha acabado com todo o papel do cara. Pelo tempo que fiquei na sala, o português deve ter pensado que eu tinha morrido. Ele botou a cabeça entre a porta e falou:

– A senhorita já fez a carta?

Eu falei...

– O papel acabou, o senhor poderia me arranjar mais um pouco?

Pense no esculacho que levei...

Em São Paulo passamos por muitos “perrengues”. Eu tinha o sotaque bem mais carregado do que agora, mas nunca tinha percebido que isso “pesava” aqui em São Paulo. Pra mim era tudo igual, porque todos nós falamos o português. Mas depois me dei conta que o sotaque era um motivo de estranhamento em alguns ambientes. Como trabalhei cinco anos em uma rádio de São Paulo, acabei perdendo um pouco do sotaque. Eu era apresentadora de um programa, procurava não caprichar tanto no sotaque porque não era um programa para nordestino, era para o público em geral. Então, eu procurava não puxar tanto os meus “erres”, mas o pessoal percebia e, muitas vezes, me perguntava:

– Você é de onde?

– Sou do Recife.

– Hum... Cidadezinha pequena, né?

– Mas decente.

Gozação besta. Mas agora diminuiu bastante esse tipo de preconceito porque naquela época, em 1960, o Nordeste não era conhecido. Ele só era reconhecido pelas suas desgraças: pelas chuvas intensas, pela forte seca, a prostituição, os “flagelados”, a fome, tudo que não prestava acabava sendo “as coisas do Nordeste”.

Lembro-me de um dia que fui na casa de uma conhecida que ficou de arrumar um emprego para mim, ela morava num pensionato, uma casa de aluguel, ali no Ibirapuera. E ela marcou

comigo às 10 horas da manhã. Nesse dia estava um puta de um frio. Tomei um banho bem cedo, tomei meu cafezinho com o dinheiro “regado” que tinha... Cheguei na casa da mulher, toquei a campainha aí ela veio:

– Oi, eu estava dormindo porque sai ontem à noite, mas senta aí na área que eu vou tomar um banho pra te levar para conhecer a minha amiga que vai arrumar um emprego pra você.

Eu pedia emprego pra todo mundo.

Quando foi umas 11 horas, ela ainda não tinha chegado. Inesperadamente chegou uma senhora que era a dona do pensonato e falou:

– Quem é você?

Aí eu disse:

– Eu vim aqui atrás da Hernestina. Sou amiga dela.

– Mas eu não quero amiga de Hernestina nenhuma aqui! Não quero puta aqui!!!

Assim que fui recebida... Eu fiquei olhando pra cara dela e nem falei nada. Logo Hernestina veio e disse:

– Não senhora, essa menina é irmã de uma amiga minha e eu estou me arrumando para apresentar ela para uma pessoa que possivelmente lhe dará uma oportunidade de emprego.

– Mas você sabe que aqui eu não quero ninguém de fora... Mulher de fora!!! AINDA MAIS NORDESTINO!

Eu não falei nada, fiquei quieta, né?... Pensei: “nossa, que mulher estúpida!”. Hernestina, que também era nordestina, falou pra mim:

– Não liga não, que essa daí é uma véia babaca!

Mas era uma coisa horrorosa. Graças a Deus as coisas melhoraram um pouco. Outro tipo de preconceito que ouvia muito era aquele estigma que os nordestinos carregavam ao chegar em São Paulo sendo chamados de baianos, na maioria das vezes não sendo natural da Bahia. A situação se repetia no Rio de Janeiro, mas lá os nordestinos eram chamados de paraíba. Mas isso também mudou bastante.

Olha! Quer saber de uma coisa... O Brasil está com mais de 510 anos e ainda está se autodescobrindo. Antigamente as pessoas

tinham uma noção totalmente desfocada sobre o Nordeste. Temos uma política vagabunda onde muitos não valem o que comem, né? Mas o Nordeste é um lugar que todo mundo que conhece se encanta.

Cheguei aqui puxando a “cachorra com linguíça”, foi com a minha perseverança e meu trabalho que consegui morar em São Paulo. Consegui conceito com o meu trabalho que aparentemente não era nada e de repente virou um fenômeno. Hoje sou uma cidadã paulistana porque me deram o título na Câmara dos Vereadores. Consegui mostrar que o nordestino não é só aquela frivolidade que eles acreditavam. Sou respeitada no meu trabalho.

Adoro de paixão São Paulo e não sairia daqui de jeito nenhum. Às vezes fico pensando que, depois que eu morrer, meu espírito vai vir aqui só para passear nessa praça que tem aqui do lado, no meu bairro. E eu vou ficar lá de cima: “olha minha casinha linda.” Porque eu gosto demais desse bairro, praticamente vi esse bairro nascer. Andei muito a pé por aqui, foi uma peregrinação, mas sou muito orgulhosa da minha vida.

Como pobre, costumo dizer que nunca fui estrela, sou um cometa, um rabo de estrela. E o que pude conseguir foi isso, me apeguei a tudo isso. Falo para a minha filha: mesmo se eu tivesse muito dinheiro não sairia daqui porque não vejo outro lugar mais interessante do que esse.

Também me lembro de uma outra ocasião em que fomos almoçar na casa de uma amiga do serviço da minha irmã. Nessa época ela namorava um cara que era potiguar. No final do almoço, fomos até o portão e eu vi do outro lado da rua uma placa escrita assim: “aluga-se 3 cômodos”. Na mesma hora falei:

– Pô, bem que a gente podia alugar isso aí, né?

Fui lá e falei com a mulher, ela era mineira:

– Tá pra alugar sim... De onde vocês são?

– Nós somos do Nordeste.

– DEUS ME LIVRE!

A mulher já falou na minha cara. Perguntei por qual motivo e ela respondeu:

– Porque moraram uns nordestinos aqui e eles esculhambaram com a minha casa. Não quero ver nordestino nem pintando de ouro aqui.

Eu falei:

– Tá bom! Mas as pessoas são diferentes, as pessoas não têm o mesmo hábito. Mas se a senhora não quer, tudo bem. Tchau!

Mas depois o marido da amiga da minha irmã foi conversar com a senhora da casa:

– Vem aqui dona... Você é minha vizinha, sabe que eu moro ali... Essa menina é minha prima. Ela chegou do Nordeste com a família e ela falou que veio aqui e a senhora disse que não queria nordestino. O que a senhora tem contra a gente?

A proprietária da casa contou a mesma história...

– Quer fazer um negócio comigo? A senhora sabe que moro aqui do lado, tenho contrato pra mais de dois anos, e não vou sair desse lugar tão cedo, mas preciso dar uma força pra ela. A senhora deixa elas morarem aí, e o que elas fizerem de errado eu me responsabilizo. Resolvo o problema com elas.

No final deu certo. A senhora alugou pra gente. Nós ficamos morando ali, e eu continuei atrás de emprego, não achava nada... Só minha irmã com o dinheirinho do trabalho dela. Já a minha mãe também não estava numa situação boa.

E eu ainda na saga da procura de emprego. Fazia os testes, mas não tinha nenhum retorno. Trouxe uma carta de referência de lá do Nordeste escrita pelo diretor do Jornal do Comércio – Amarílio Nicéas. Apresentei essa carta para o diretor da rádio Record que falou que iria me colocar no programa “Astros dos Discos”.

Era um programa que só se apresentava quem estava “estourado”. Ou seja, com a música tocando em todos os lugares. Ângela Maria, por exemplo... Tinha um monte de cantores famosos. Ele me mandou para a produção:

– Você precisa encaixar essa menina aqui. Um amigo de Recife diretor da rádio mandou ela vir me procurar e eu quero ver se dou alguma coisa pra ela fazer.

Eram 200 contos o cachê. Aí, o maestro disse:

– A Ângela Maria está com a música estourada, mas ela não veio porque está viajando. Você quer cantar uma música dela?

Na mesma hora respondi:

– Quero!

Ele passou a música pra mim, fizeram um arranjo lindíssimo com cordas, sopro, com tudo... Eu pensei: “nem que eu desmaie lá em cima eu vou ganhar esse dinheiro”. Fui cantar... Me arrumei toda bonitinha, vestido longo e vermelho... Chegou na hora que me anunciaram, menino... Fiquei tremendo, tremia tanto que parecia que eu estava levitando. Mas fui lá e arrasei!

Depois disso, comecei a dar uma passadinha lá pra ver se tinha mais alguma apresentação. Mas não era assim que as coisas funcionavam. Então, continuei procurando emprego...

Quando foi um dia, subi no ônibus para procurar emprego e dentro do ônibus tinham duas mulheres conversando... Aquele sotaque forte nordestino:

– Oi Muiééé...

– Oieee...

Pensei: “eu conheço essa mulher... Essa mulher não me é estranha”. Ela desceu na Rua Carneiro da Cunha e eu descí atrás dela. De forma sutil, cheguei bem perto dela e perguntei:

– Como é seu nome?

– Júlia.

E era justamente a mulher que eu achava que era.

– Meu Deus, como o mundo é pequeno! Pois olha, eu sou filha da Marina, lembra? A senhora trabalhava com ela.

Eu era pequenininha quando a minha mãe trabalhava com ela, eu ia levar comida pra minha mãe. Elas eram amigas.

– Ah, Marina! Lembro sim! E onde é que ela tá?

– Tá em casa. Eu vou descer aqui...

– Eu também...

Não ia nem descer, mas estava indo atrás da mulher, encarnei com ela...

– Eu tô procurando emprego, por acaso a senhora sabe onde teria alguma vaga de emprego?

Ela falou:

– Passa na minha casa amanhã que o meu marido trabalha na VASP e eu vou falar com ele pra ver se ele arruma alguma coisa pra você.

Me deu o endereço...

Moral da história: a mulher morava em frente à minha casa, você acredita?... Nós fomos num domingo à tarde na casa dela, conversei com o marido dela e ele conseguiu me arrumar um emprego na VASP.

Ele conseguiu arrumar uma vaga na contabilidade da cooperativa dos empregados da VASP, que ficava do outro lado do aeroporto.

Havia uma moça que trabalhava no departamento de contabilidade que em breve iria se casar:

– Quando a moça se casar, aí eu ponho você no lugar dela, você entra aprendendo, mas já vi que você é inteligente.

Pois bem, fiquei trabalhando lá. Foi ótimo porque lá eu falava com o público, atendia todo mundo. Com dois meses de empresa só dava eu. Todo mundo que vinha: “Ah, eu quero ser atendida pela baianinha porque ela muito engraçada”. E eu vendia horrores, sabe?... Não ganhava comissão, mas aí eu fiz um eleitorado danado. Antes de arrumar esse empego eu também fui no escritório do Venâncio deixar o meu endereço:

– Venâncio, estou trabalhando na VASP, na contabilidade, em frente ao hangar da VASP. Se você quiser me colocar em algum show, estou aí... Só não posso viajar, mas de segunda até domingo à noite posso trabalhar aqui em São Paulo.

Ele foi uma vez atrás de mim e arrumou um negócio para eu me apresentar lá no Paraná. Foi aí que conheci Londrina e Paranavaí, isso em 1961, que foi exatamente a apresentação que falei que toquei embolada e lembrei das rodas de coco da minha amiga Ivonete.

Na verdade, eu não ia porque estava com pouco tempo de firma, era impossível eles me liberarem para ficar doze dias fora. Mas como cheguei e já havia conquistado todo “clã” da empresa, principalmente os diretores da cooperativa que se apaixonaram por mim, o casal Seu Peixoto e sua esposa Edite...

Contei toda minha história para o diretor. Falei que era cantora, mostrei umas fotos das minhas apresentações. Ele falou:

– E por que que você não vai cantar?

– Porque é difícil...

Mas quando apareceu essa oportunidade de show eu falei pra ele:

– Eu não vou porque eu estou trabalhando, mas se eu fosse ia ser legal porque cada show é 500 cruzeiros por dia. Seriam dez shows daria pra eu comprar umas camas, lençóis, cobertores, lá em casa não tá fácil, a gente tá dormindo feito panqueca.

Ele ficou quieto... No outro dia ele veio...

– Eu tenho uma notícia pra te dar, Lucinete... Você vai fazer o show lá no Paraná.

Na hora eu falei:

– Mas o senhor não pode me mandar embora!

Ele disse:

– Não, eu vou arrumar uma doença braba pra você, e contar pro médico da VASP pra ele te dar um atestado, mas fica entre você e eu, nenhuma pessoa daqui pode saber.

Ele arrumou o atestado e eu fui cantar. Fiz onze shows, no décimo segundo dia eu já estava de volta ao trabalho na VASP. No meu retorno disse para todo mundo que tinha tido aquela doença que a gente fica amarela... Icterícia, e que não podia trabalhar, mas que já estava tudo bem. E foi aí que Venâncio foi me procurar, foi quando conversamos:

– Eu vou levar tu pra fazer um teste na Chantecler e na Continental.

Eu fiquei pensando: “será que vai dar certo, meu Deus?... Mas eu vou, né?... Cheguei lá fiz o teste e passei. No outro dia fui contratada. Assinei o contrato aí começou a “onda” de ir atrás de músicas para gravar. Quem vai produzir?... O Venâncio vai produzir. E eu naquela expectativa, feliz da vida: “Mas, meu Deus, em menos de seis meses que estou aqui já fui contratada por uma gravadora”.

As pessoas que tinham que me ajudar estavam todas me esperando sem ninguém saber de nada. Elas foram aparecendo.

Gravei o meu primeiro disco chamado “Anastácia no Torrado”, que foi um estouro enorme no Nordeste. Dessa gravação que surgiu a história do meu nome. Gravamos um compacto duplo para mostrar para os vendedores a Lucinete. O LP é o que estou com uns lacinhos de fitas no cabelo, bem nordestina com roupas típicas de São João.

Certo dia apareceu um abestado que era do meio musical e me disse:

– Teu disco saiu!

– Aí, jura?

– Mas colocaram tua voz, tua foto e o nome de outra pessoa.

“Que conversa de doido, viu... Então, me enrolaram, puseram a minha voz no nome de outra pessoa...”

– Eu vou lá verificar na hora do almoço.

Dei um jeito de sair. Peguei um táxi ali na Avenida do Estado. Quando saí do elevador, já naquela expectativa e ansiosa, doida pra saber o que tinha acontecido, o diretor me viu, saudoso Palmeira, que Deus o tenha, era uma graça de pessoa, abriu a porta e falou:

– ANASTÁÁÁCIA, querida! Olha seu disco.

Eu olhei bem séria e com a cara fechada pra ele:

– Você não gostou?

Eu falei:

– Mas quem é Anastácia?

– É você, mulher! Seu produtor não lhe avisou?

– Não...

– Pois ele esqueceu, talvez ele quisesse fazer uma surpresa.

Eu te conto, senta aí... Toma um copo d’água ou um cafezinho... Nós estudamos como o público receberia o seu nome. “LucinETE” tem uma terminação que é muito comum em: “Luzinete, Marinete, Ivonete... Por isso, é um nome que não fixa na cabeça da pessoa, ela vai esquecer e vai acabar dizendo: “é aquela fulana...”, não chegando a uma conclusão sobre o nome. Achamos Anastácia mais interessante! E na época este nome estava em alta porque estava passando aquele filme com Ingrid Bergman: *Anastásia, a Princesa Esquecida*. Inclusive a Ingrid Bergman ganhou um Oscar

com esse filme, só dava isso na época. No filme não tinha música cantada, era orquestrada, só melodia, não tinha letra, nada.

– Achamos por bem botar esse nome, por isso combinei com o seu produtor, porque é um nome que fixa e, dessa forma, só vai ter você, a princesa russa, e a do Monteiro Lobato que é Tia Nastácia.

Naquela época não tinha aparecido na mídia a Anastácia que foi escravizada – a escrava Anastácia. Como já estava na capa do disco, né?... Deixei. Acho que foi a salvação da lavoura, sabia? Porque deu tão certo, e eu já sai de lá me achando mais Anastácia do que Lucinete! Assumi!

Aí ninguém me segurou mais! Até então, só tinha a Marinês de voz feminina cantando músicas nordestinas. Eu cheguei depois dela, e ela estranhou um pouco a minha chegada porque não queria concorrente. Eu ficava sabendo que ela dizia que eu era “fogo de palha”, como se a minha carreira fosse algo passageiro. A Marinês era maravilhosa, mas era uma escorpiana com um temperamento muito forte.

Depois de cinco anos sem ir para o Nordeste, quando retornei frequentei algumas rádios e percebi que os divulgadores da gravadora dela riscavam o meu nome do disco. Dessa forma o meu disco não podia tocar. Só que as vezes o divulgador tinha outro disco, e na maioria das vezes eu também levava o meu.

Mesmo assim eles tocavam os discos que ficavam na rádio para não tocar o meu e só tocar o dela. Com o tempo conheci melhor a Marinês. Até mandei uma música para ela gravar... Através de outra amiga, combinamos pra ela falar que a música era de minha amiga, acabei registrando a parceria com ela porque ela sempre foi uma grande companheira. Aí, a menina conseguiu convencer a Marinês a gravar, que ouviu a música, adorou e gravou. Foi a partir desse episódio que Marinês foi se “amaciando” comigo.

Mais pra frente encontrei a Marinês e já éramos grandes amigas. Por fim, ela morreu minha amicíssima, ela tinha um carinho muito grande por mim e eu por ela, porque pra mim ela foi a ídola da minha geração de cantoras. Foi a primeira que vestiu a

carapuça do forró quando era um negócio que só homem cantava. Ela vestiu de cabra da peste e disse:

– Eu dou conta!
E dava mesmo!

O meu sucesso no quesito artístico eu devo muito a Venâncio, com quem fui casada, o pai das minhas filhas, ele que me levou pra gravar. Mas só que quando estourei ele ficou muito enciumado, aí começou a me segurar... Me segurar... Não deixava cantar em lugar nenhum. Quando surgia um programa de televisão pra fazer, ele pedia, de propósito, um cachê de 5 mil, pois sabia que o programa não iria pagar... Chegou um momento que comecei a estranhar: “Tá errado esse negócio...”. E eu doida para cantar.

Acabamos nos separando. Me lembro que fiz um samba e mostrei para Venâncio... Considerava ele um excelente compositor. Era o meu primeiro samba. Ele me disse:

– Canta aí!
Eu cantei, ele falou:
– Não presta não, minha filha.

Tirou o papel da minha mão em que escrevi a música e jogou no lixo.

– Presta não...
– Tá bom...

Fiquei quieta, né? Mas escrevi novamente a mesma letra, e quando o Noite Ilustrada que era contratado do escritório dele foi lá um dia, na hora do almoço em que meu marido não estava, eu disse a ele:

– Noite, fiz uma música, um samba... Tu quer ouvir?
Ele disse:
– Claro, me mostre...

Ele tocava muito bem violão. Eu cantei pra ele...

– Menina, essa música é tua? Eu vou gravar essa música!

Naquele mesmo momento ele já aprendeu a música e depois gravou. E foi muito engraçado porque editei a música, e o disco dele vendeu muito, sabe?... Ganhei uma graninha legal. Quando o meu marido ouviu o disco, ele disse:

– Ué, o Noite gravou uma música sua?

Eu falei:

– Gravou, rapaz...

Aí, ele disse:

– Ah, que bom, né?

Não falei pra ele: “essa foi a que você jogou fora”, fiquei quieta... Mas foi aí que começou nossos atritos. Acho que ele pensava assim: “arrumei uma concorrente pra mim, eu não quero, não vai dar certo...”

Depois disso não parei mais. Fiz outra música que o Waldick Soriano gravou, ele também ia muito lá no escritório:

– Bom dia, Waldick, fiz um bolero...

– Canta aí pra mim...

Cantei, e Waldick adorou e gravou. Ele gravou umas dezesseis músicas minhas, ganhei tanto dinheiro na época, ele vendia muito, sabe? Não tocava por aqui, mas vendia muito. Cláudia Barroso, que Deus a tenha, também gravou umas quinze músicas minhas. Ambos cantavam muito bolero. No tempo em que fui *crooner* rolava muito esse tipo de música e eu fiquei com aquilo na cabeça. Lá no Nordeste ainda tem os breguinhas que o povo gosta muito.

O meu término com Venâncio também resultou em uma música, fiz um bolero que também foi para Waldick Soriano gravar e ganhei um dinheiro legal em cima. Porque paixão e separação servem para isso – para o autor se inspirar e ganhar dinheiro. Ela dizia assim: *Terminou, como termina todo amor, o amor em seu final e a saudade em seu lugar... Terminou, estava lindo demais para durar, qual é a flor que morre sem murchar, qual é a paz que há sem se amar... O amor é lindo eu sei, quando existe de verdade, se fenece um grande amor, não tem felicidade... Foi assim que aconteceu e depois tudo mudou, cada qual em seu lugar, onde tudo começou... terminou.... terminou...*

Mostrei essa música para o Waldick, lembro que ele estava com a boca roxa porque ele tomava muito vinho.

– Agora que eu vou beber mesmo! Vou gravar essa música!

E tomou uma jarra de vinho por causa dessa música. Gravou e foi muito bom! O nome dela é *Terminou*. Fiz para essa minha separação de Venâncio.

Era eu que abria o escritório do Venâncio às 10 horas da manhã. Um dia desses, abrindo o escritório que era no prédio Martinelli, que ainda não era estatal, de repente vejo um homem de chapéu de couro, olhando para o alto... Eu pensei: "meu Deus, esse homem parece com Luiz Gonzaga". Quando ele me viu deu aquele "oi" dele tradicional, com aquele vozeirão: "ÔIEEE...!". Pensei: "É ele!". Ele se achegou e disse:

– Aqui é Venâncio e Corumbá?

– É sim!

Sentou-se. Ofereci um cafezinho, ele ficou conversando comigo por uma hora, mais ou menos, sem perguntar meu nome, quando disse que eu era a Anastácia:

– Pera aí, conheço esse nome... Você é cantora?

– Sou.

– Você gravou a música "Uai uai"?

– Gravei!

– Menina, o que que você tá fazendo aqui? Porque você é um sucesso lá no Nordeste!

Foi ele que me deu a primeira notícia verdadeira que as pessoas falavam, mas eu não acreditava...

– Você é sucesso no Nordeste! Tanto que me pedem muito pra cantar essa música, por isso que descobri que era sua.

E a partir desse momento ficamos amigos. Toda vez que ele vinha pra São Paulo passava no escritório, tomava um café e a gente papeava.

Passaram-se uns três, quatro anos, e meu marido sem deixar eu ir viajar... Queria tanto ir ao São João do Nordeste cantar, um monte de gente ia. Genival Lacerda ia no escritório falar pra mim:

– Querida, tu é sucesso no Nordeste, seu disco tá estourando lá!

E nada de eu ir... Até Gordurinha, que Deus o tenha, um dia foi lá e falou:

– Pô, Lucinete, todo mundo te chama no Nordeste e você tá aqui... Mulher, você é um grande sucesso no Nordeste!

Meu marido não acreditava, dizia que se eu fosse realmente sucesso os produtores de lá ligariam antes para me contratar.

Só que ninguém sabia onde eu estava. Eu não dava *site* pra ninguém. Aliás, não tinha nem *site* nessa época, não tinha nada. Um dia peguei e me arretei: “sabe de uma coisa, eu vou a Recife saber se é verdade o que esse povo fala!” Foi quando fui e fiquei na casa de uma prima.

Tinham vários programas que tocavam forró naquele tempo. Fui lá na rádio Clube com o meu disco debaixo do braço, pois era uma rádio muito famosa na época, quando falei na portaria:

– Eu queria falar com o pessoal da discoteca.

O cara ligou para o pessoal lá de dentro...

– É uma cantora chamada, Anastácia.

– Manda ela entrar, pelo amor de Deus!

Quando subi já estava aquele monte de gente pra falar comigo. Foi uma loucura! Toquei o disco todo. Conteí a minha história, conteí que eu era a Lucinete, que até então, ninguém sabia, né?

O pessoal foi tomando conhecimento do meu trabalho.

Depois que tudo isso passou aconteceram coisas boas aqui em São Paulo. Por exemplo, após o meu primeiro contato com Luiz Gonzaga no escritório de Venâncio, eu cheguei a ir à casa dele, isso em 1966. Eu fazia um programa na televisão, pois também fui atriz cômica, fazia um tipo de casal nordestino muito louco que a mulher batia no marido que, por sua vez, era besta e apanhava muito. Eu mesma datilografava a cena, criava os esquetes e ensaiava com o meu parceirinho que nem era ator, mas ele tinha belos dotes: era muito feio e meio desengonçado. Aí o ensinava e ele encenava, e a gente arrasava!

Apresentávamos em casas de shows e em circos. Muita gente comparecia para ver o Seu Cazuza e Dona Severina, que eram os nossos personagens. Era um sucesso! Quando Gonzaga vinha pra São Paulo se hospedava num hotel no Brás, e quando era possível ele assistia as nossas apresentações no sábado à tarde. Ele ria muito com a gente. Nos anos 60 ele teve um programa de televisão e nessa ocasião ele me procurou:

– Anastácia, você não quer fazer esse programa comigo?

Eu fui. Só que lá fiz com o Genival Lacerda que morava no Rio, em Tribobó, Niterói. Ele ainda não era famoso. Eu ficava

hospedada na casa de Luiz Gonzaga. Quando cheguei lá, conheci a Dona Helena, Luizinho, que era o Gonzaguinha, na época ele tinha 17 anos, ainda nem era profissional, e a Rosinha, que tinha 14 anos. Na casa dele tinha uma sala grande com ar-condicionado, as janelas e portas viviam sempre fechadas. Tinha uma foto dele bem grande na parede. Fiquei olhando aquela foto por alguns minutos, aí veio um filme na minha cabeça... “Meu Deus, tantos sonhos que eu tinha e cá estou vendo-os se realizando...”

Meu sonho era conhecer Luiz Gonzaga pessoalmente. O vi umas duas, três vezes lá na rádio, mas eu nem chegava perto porque achava que ele era tão famoso que não iria me tratar bem, sabe? Mas eu estava errada porque ele sempre foi um doce de pessoa. Aí, quando me vi na casa dele: “Olha, eu sonhei tanto em ir na casa de um artista, e eu estou na casa de Luiz Gonzaga que é meu ídolo.” Comecei a chorar e ele entrou de repente e falou:

– O que que tá acontecendo aqui? Tá faltando alguma coisa? Tá com saudade de casa?

Fez um monte de pergunta, eu falei:

– Não, Gonzaga.

Antes de eu contar ele falou:

– Helena, vem aqui que a Anastácia está com um problema. Deve ser negócio de mulher, então, vocês duas que se entendam.

E saiu da sala. Dona Helena tinha uma fala bem mansa...

– O que você tem minha filha?

Comecei a contar pra ela:

– Não, Dona Helena, é que eu era fã do Gonzaga... E de repente tô aqui na casa de vocês.

Então, ela o chamou...

– Venha cá, Seu Lula.

– O que que foi? Quer ir ao médico?

Eu disse:

– Não.

Ela contou pra ele o que estava acontecendo. E ele respondeu com aquele tom forte dele...

– Oxente, que menina besta!

Mas era um grande sonho que eu vi de repente se realizando.

Fui conhecendo muitos artistas: Waldick Soriano, a própria Ângela Maria... Um dia a gravadora Copacabana me ligou:

– Anastácia, tu tem uma música para Ângela, que ela vai fazer um CD e eu estou precisando de uma música.

– Tenho!

Passaram-me o endereço dela e eu fui até a sua casa mostrar a música. Cheguei na casa dela por volta das 11 horas da manhã. Ela estava fazendo comida, com bobes nos cabelos, uma pessoa muito simples. Ela pediu para eu entrar. Sentamos num tapete que tinha na sala, e lá mostrei a música. Ela adorou e acabou gravando.

Todas essas histórias vinham na minha cabeça, quando eu pensava: “nunca que eu ia chegar perto de uma Ângela Maria”. Porque quando você não está no meio, você acha que a pessoa está distante de você, né? E de repente eu estou na casa da mulher... Essas coisas sempre me emocionaram muito. Eu agradecia a Deus pela oportunidade. A maioria dos artistas que eu conhecia naquela época só via de longe, admirava e pensava: “quem sabe um dia vou ser igual a essas pessoas famosas”.

Cheguei a conhecer a maioria dos artistas que fizeram parte da minha geração, vi outros também... Tem artistas que nunca tive contato, mas eles sabem que eu existo, entendeu? Foi o que aconteceu com maravilhosa Nana Caymmi. Há quatro anos fui participar do 26º Prêmio da Música Brasileira lá no Rio de Janeiro. Concorri, mas não ganhei, quem ganhou foi uma cantora que fazia músicas indígenas, a Marlui Miranda que foi até minha colega de gravadora.

Quando terminou a premiação fui até ao camarim procurar a Alcione para dar um abraço nela e conversar um pouco. Ela me viu de longe:

– Oh, Anastácia...

E a Nana Caymmi estava sentada em uma cadeira ao lado no mesmo camarim de Alcione. Quando abracei a Alcione e as irmãs delas, a Nana falou:

– Anastácia, grande Anastácia!

Aí, eu falei:

– Você me conhece?

Mas falei de coração porque achava que por mais que ela tenha gravado uma música lindíssima minha, não acreditava que ela me reconheceria um dia, até porque quem levou a música a ela foi Dominginhos. Mas ela me respondeu:

– Porra! Como é que não vou conhecer uma compositora do seu tamanho, maravilhosa, que fez uma música linda que me emociona até hoje!

Me fez tantos elogios, e eu fiquei um tempo olhando para a cara dela porque na minha cabeça eu estou sempre “aqui” e as pessoas tão “lá”... Distantes, entendeu? Mas aos pouquinhos vou me entendendo e, da mesma forma, as pessoas também vão me conhecendo de perto, porque tomam conhecimento do meu trabalho. Atualmente as pessoas já reconhecem o meu trabalho.

E nesse meio artístico também me apareceu Dominginhos, que aí, rapaz... Foi uma grande história de amor. Quando tinha 15 anos, cantava na Rádio Jornal do Comércio, numa tarde de sábado. Quando ia me apresentar no programa, antes se apresentou um trio, que era Dominginhos e seus irmãos. Minha colega falou:

– Olha esses meninos...

Os Pinguins. Era ele e mais os dois irmãos: ele com um pandeiro, um irmão dele com um tamborzinho e o mais velho com a sanfona. Eu os achei tão bonitinhos porque eles pareciam uns indiozinhos, sabe? E eu gosto muito da cor morena. Aí, falei:

– Nossa, parece três indiozinhos, né?

– É... Que bonitinhos...

Passaram-se 10, 11 anos e eu estava conhecendo Dominginhos aqui em São Paulo. Quando o conheci, eu estava fazendo um programa de televisão e ele estava esperando para se apresentar. Pois eu fazia toda semana esse programa na TV Bandeirantes. Olhei meio de lado para atrás das cortinas, vi aquele moreno com o cabelinho curtinho, com uma camisa branca de lã, porque estava frio, e uma calça, acho que era azul clara, não me lembro direito. Bati o olho e achei ele lindo demais! Senti aquele fogo... Nossa, pensei comigo: “que moreno bonito da porra é esse”. Mas fiquei quieta, não sabia quem era.

Depois, o Ary Lobo, que também cantava forró, já tinha viajado comigo e era meu amigo, foi conversar com ele, quando ele voltou eu falei:

– Ary, vem aqui... Quem era aquele moreno que tu estava conversando?

– Aquele é Neném do Acordeom!

Ary era de Belém do Pará. Aí, eu falei:

– E toca?

– Toca pra caralho!

– Nossa! Gostei do moreno!

Não estava nem interessada se ele tocava bem ou não, eu gostei do macho mesmo!

Passou um tempo fiquei com aquele cara na minha cabeça. Fiquei pensando: “já que ele é sanfoneiro, tenho que arrumar um jeito de chamar ele para tocar comigo”. Perguntei a Ary:

– Por que eu nunca o vi nas turmas de forró que conheço?

– Porque ele mora no Rio, ele vem uma vez ou outra pra São Paulo, e toca no forró do Pedro Sertanejo.

Toda semana eu ligava para o Pedro:

– Pedro, o Dominginhos vai vir? Eu quero que ele faça um show comigo...

– Vem não, minha filha. Vem não...

Fiquei uns quatro meses nessa busca. Quando foi um dia, tinha um forró ali na avenida Celso Garcia que o dono era um cearense, esse cara me ligou:

– Anastácia, hoje é meu aniversário, vem comer um bolinho comigo.

Eu fui. Levei um presentinho pra ele, pensando que seria um bolinho e nada mais. Quando fui chegando o baile estava pronto, o pessoal dançando, alguns músicos tocando, aquela festa com muito forró. Logo me convidaram para cantar:

– Menino, pensei que fosse só um bolinho... No fim, não trouxe nenhum sanfoneiro pra me acompanhar, por isso prefiro ficar quietinha.

De repente pulou um cara do nada e falou:

– Eu acompanho você.

Quem era? Dominginhos! Pensei baixinho: “achei!”

Aí, pá de lá e pá de cá... Acabei indo cantar e ele me acompanhou. Fiquei tão feliz. Foi muito bom, tocamos várias músicas. Fiquei mais encantada por ele. Sei que depois desse dia fiquei com Dominginhos na cabeça. No fim, não pedi telefone, não pedi nada... Pensei: “mas que merda”. Fui atrás dele de novo, e nada... E nada... Nada... Uns meses depois, Gonzaga me chamou para fazer uma apresentação com ele no Rio de Janeiro parecida com uma que ele fazia aqui em São Paulo.

Quando cheguei no encontro com Gonzaga quem estava lá para tocar com a gente? Dominginhos! Ele tocava acompanhando vários artistas. Nesse dia conversei com a Dona Helena e ela me deu a triste notícia de que ele era casado:

– Puxa vida... um cara novo desse. 25 anos. Meu Deus... Ele é casado...

– É... Ele se casou.

Ela contando a história toda dele, e minha cabeça remoendo por dentro: “pronto, estragou porque o homem é casado, eu vou fazer o quê? Mas mesmo assim vou insistir”. Nesse período, durante quatro meses, fiz alguns shows com Gonzaga em programas de televisão. E certo dia ele me ligou:

– Anastácia, não precisa vir porque eu parei com o programa, quero aproveitar e viajar pra o Nordeste. Tu não quer ir comigo pra abrir meus shows?

Claro que eu topei!

Combinamos tudo certinho e eu fui para o Rio de Janeiro no dia em que agendamos:

– Eu vou levar um sanfoneiro que é pra lhe acompanhar.

No primeiro momento o sanfoneiro era um capixaba que se chamava Ari Coutinho. Já tinha feito uma turnê com ele e com o Ary Lobo. Ele era muito bonzinho e tocava muito bem. Aí, pronto! Uma semana depois Gonzaga me ligou e disse:

– Tá tudo certo, vamos viajar na quarta-feira da semana que vem. Você pode vir no sábado pra cá, a gente fica conversando com Helena... Outra coisa, troquei o sanfoneiro, vou levar o Dominginhos, que tá precisando de uma força.

Eu pensei comigo mesma: “Pô, e eu também!”.

Já na casa de Gonzaga, acordei no outro dia toda assanhada. Eram 3h30 da madrugada... Quase quatro horas da manhã. Escutei a voz de Dominginhos conversando na cozinha com a Dona Helena... Aí despertei! Já tomei banho, vesti uma roupa, peguei minha mala e caímos na estrada: Dominginhos dirigindo, Gonzaga do lado e eu atrás com o zabumbeiro Toinho. Eu acho que ali já havia começado um sentimento bom com algumas trocas de olhares. Depois ele me contou que Ary Lobo tinha comentado com ele que eu estava interessada nele e tinha dito que: “gostei do moreno!”

Eu respondi:

– Pois é, demorou hein?

Aí, começou... Mais troca olhares, e pode cá... E pode lá... E rolou! Depois de uma longa pesquisa...

Nessa viagem com Gonzaga compusemos as nossas primeiras músicas juntos no hotel onde estávamos hospedados. Ele tocando no quarto dele e eu escutando aquelas melodias e criando as letras no meu quarto. Nessa brincadeira saiu “De amor eu morrerei” e “Um mundo de amor”.

Quando a gente terminou a turnê com Gonzaga eu fui pra São Paulo e ele foi para o Rio, pois ele morava lá. Depois de um tempo, ele me ligou:

– Anastácia, eu tô com vontade de voltar pro Nordeste. Vamos voltar de novo nós dois?

É claro que voltamos!

Fomos para Aracaju. Como eu tinha feito várias amizades boas com umas pessoas que conheciam Gonzaga, tinha um cara que era dono de uma rádio e nós fomos procurá-lo. Ele me deu um horário na rádio Liberdade, sintonizada na AM. Era um programa que falava sobre Nelson Gonçalves, chamava-se: “Audições Nelson Gonçalves”. Nessa época Dominginhos ainda não cantava, só tocava, e me acompanhava tocando nas apresentações. Uma vez ou outra ele cantava, mas não gostava muito. Ele dizia que a boca dele era muito grande e a voz era muito grossa. Eu sempre falava pra ele:

– Pô, você vai querer ter voz fina? Não pode, né? E a sua boca é um bocãoooooo que as meninas adoram!

Eu sempre fui muito gozadora e ele super calado. Ele ficava sem graça quando eu brincava com ele. Ficamos um ano morando em Aracaju, e cantávamos em vários Estados do Nordeste como Alagoas, Bahia, Pernambuco e muitos outros. Fazíamos o programa todo dia pela manhã, das 7h às 8h. E aos finais de semana, que eram os dias para fazer shows em qualquer lugar que pintasse, a gente viajava. Foi um ano muito bom porque eu ganhei um dinheirinho legal. Mas quando completou um ano a gente achou que deveria voltar:

– Vamos voltar porque eu tô um ano fora de casa, sem ver minha filha só tendo notícias por telefone...

E ele também tinha dois filhos do casamento. Ele era casado no papel, mas dizia que não tinha a intenção de continuar casado. De qualquer forma corria o vínculo, né? Mas também foi um chamamento de Deus porque quando a gente chegou aqui em São Paulo, não deu duas semanas o marido da Marinês, Abdias, que era produtor da CBS, que produzia a própria Marinês e o Trio Nordestino, ligou pra mim:

– Anastácia, eu tô preparando o pessoal para gravar um disco, eu queria que tu fizesse uma música pra Marinês e pra Lindú.

Encomendou um monte de música. Fui direto conversar com Dominginhos:

– Vamos fazer músicas, Dominginhos? Vamos arregaçar as mangas e focar pra gente ganhar dinheiro.

Mais adiante, houve um festival de música no qual me inscrevi, mas falei para Dominginhos que gostaria que Marinês defendesse as minhas músicas.

E ela foi lá e defendeu. Venceu o festival com as duas músicas.

Marinês também gravou “Eu só quero um xodó”. Mas essa música só se tornou sucesso depois que Gilberto Gil gravou. Ela é o meu amuleto de sorte. São mais de 450 regravações, até hoje é um *hit* que toca em qualquer lugar. Todo baile tem que ter *Eu só*

quero um xodó. Ela que me dá uns bons troquinhos pra eu pagar as minhas contas de luz e água. Foi uma música nordestina, feita por dois nordestinos para uma nordestina cantar. Ela foi gravada em vários ritmos e por vários artistas, não se limitou apenas no universo do forró. Circulou em outros países: Ornella Vanoni fez uma gravação dela na Itália; Paul Mauriat na França; até uma turma no Japão tem gravação dela. É uma música universal. Fico muito lisonjeada por proporcionar um sentimento bom através da música. Essa composição valeu muito a pena!

Meu relacionamento com Dominginhos acabou chegando ao fim. Eu não estava preparada para a separação até porque ele não deu indícios nenhum. Ele morou onze anos aqui comigo. Mas antes, quando eu morava com a minha família, a gente se encontrava nos finais de semana para fazer shows e se enfiava num hotel...

Trabalhei muito para ter o meu cantinho. O povo estava brigando no AI5 e eu com a minha família carregando tijolo na cabeça pra construir a nossa casinha. Em 1976 após o falecimento da minha mãe, que me ajudava muito com os cuidados com a minha filha Márcia, decidi construir a parte de cima da minha casa. Aqui em cima era um telhado, que transformei em mais uma casa e fiz esse quintalzinho.

Quando fiz a casa de baixo falei para Dominginhos que iria morar com a minha família, pois precisava cuidar das minhas filhas. A minha primeira filha é uma moça especial, evidentemente que me preocupo com ela. Márcia precisava dos cuidados da família.

Mudamos pra cá. Mandei fazer a casa toda. Dominginhos não era muito de mexer com isso, mas eu fiz tudinho e, então, mudamos! A gente tinha uma viagem para fazer com dez shows em Fortaleza. Era um show novo chamado: *São João com Anastácia e Dominginhos*. Inseri o nome dele porque ele era o meu sanfoneiro. Ele já estava ficando conhecido tocando comigo, o pessoal gostava muito de sanfoneiro.

Ele ficou muito conhecido tocando, cantando ainda não. Foi mais ou menos em abril de 1978 que pegamos a estrada para

fazer esses shows de São João. A gente adorava “cair na estrada”... Antes de irmos, ele tinha ido fazer o Projeto Pixinguinha com a Nara Leão. O combinado foi que quando ele chegasse, já íamos direto. Ele chegou no dia 9 ou 8 de maio. Fui ao centro da cidade e me deparei com o carro dele em um lugar onde ele sempre colocava o meu carro, que era pertinho de onde a gente havia morado. Perguntei para um conterrâneo:

- Ué, o carro de Dominginhos tá aqui?
- Sim, ele chegou bem cedinho.

Como ele adorava comprar fitas cassete, ele chegava na cidade e já ia pra Santa Efigênia, onde vendia essas coisas ligadas à música, e comprava uma caixa de fitas cassete para poder gravar. Inclusive foram essas fitas que queimei no final do nosso relacionamento.

Pensei comigo mesma: “vou pra casa fazer comida que ele deve chegar pra almoçar”. Fiz o almoço e nada de Dominginhos... Já era noite, e nada... Eram umas oito horas da noite, eu estava assistindo novela, lembro até que era com a Glória Menezes e o Tarcísio Meira, mas o nome da novela eu não me recordo... Aí ele chegou:

– Preta?... Ô Preta, eu demorei pra chegar porque tinha um desastre na Dutra. Não sei o que houve... Só sei que não consegui sair. Carro nenhum andava.

Eu falei:

- Jura!? Morreu muita gente?

Ele disse:

- Não sei por que tinha muito carro na minha frente.
- E o seu nariz... Cresceu mais ou menos?
- Mas por quê?
- Porque você é um mentiroso! Pois eu fui na cidade pela manhã e teu carro estava lá! Onde é que você estava!?

Já comecei a ficar puta da vida...

– Quer saber... Depois você me conta essa história. Vamos falar de outras coisas.

Eu sei que nesses três dias que ele ficou em casa e eu questionando a mentira dele, porque o peguei com a “boca na botija”,

ele não falou nada. Não sei se a “outra” já estava em São Paulo, mas acho que ele já estava enrolado com ela. No quarto dia ele me falou que queria viver só, não queria viver com outra pessoa, no caso comigo, né?...

– Eu não quero mais viver com ninguém. Eu não quero que ninguém pegue no meu pé.

Eu disse:

– Eu pego no seu pé? Você pega a sua mala, bota na cabeça e se dana no mundo!

Naquele tempo ele já tinha feito o show *Índia* com a Gal Costa, já tinha viajado pelo Brasil inteiro e já era conhecido. Eu não podia proibi-lo de fazer as coisas, até porque ele era um baita de um músico!

– Olha, Dominginhos, eu me arranjo com outro sanfoneiro, e quando você estiver por aqui, fazemos a apresentação juntos. Vá! Siga o seu caminho. Vai mostrar para o mundo o seu trabalho.

Ele pegou e disse:

– É... Eu que eu quero viver só.

– Tá bom. Pode sair, a porta tá aberta. Vai com Deus.

Eu pensei: “é frescura desse baiano, ele tá querendo é me enrolar...” Mas era verdade. Quando ele chegou no hotel ele ligou pra mim:

– Mas tu não vai só... Tenho certeza que tem um rabo de saia contigo...

– Não... Magina... Tem não...

Pensei naquela cara de lesado que ele tinha... Aí, continuei:

– Você esqueceu o quê?

– Nada.

Foi então que fui olhar as roupas dele e ele já tinha levado um monte de roupas e não tinha mais nenhuma na minha casa. Deduzi que ele já estava levando devagarinho e eu nem percebia. Cada vez que ele saía levava um montinho e não trazia de volta. Perguntei a ele:

– E por qual motivo você me ligou?

– É que você falou que eu não ia sozinho e realmente você tem razão. Eu me apaixonei por uma menina de 20 anos...

Tô muito envolvido com ela e eu vou me juntar com ela. Seja o que Deus quiser.

Eu fiquei um pouco nervosa com ele:

– Vai dar merda, porque Deus não quer isso! Uma menina com 20 anos e você com 36... Ela deve tá encantada pela sua sanfona...

Porque Dominginhos era um cara que não fumava, não bebia, não usava drogas, só comia, dormia, dirigia e tocava. E fazia outras coisas muito bem... E essas meninas novas... Já viu, né? Antigamente elas queriam se aparecer, faziam aquele alvo-roço. Falei pra ele:

– Isso não vai dar certo. Quem é a menina?

– É uma atriz, cantora e compositora.

A mulher só não fazia chover. Eu fiquei até enciumada, pensando: “Pô, então ele arrumou uma baita de uma pessoa legal, né?... Perdi o cara!” Uns cinco minutos depois passou um filme na minha cabeça de tudo o que fiz por ele. Nessa hora eu pensava: “Deus, tomara que ela faça metade das coisas que fiz por ele...” Quando foi pertinho do mês de junho...

– Anastácia! Cadê você?

Era o meu empresário perguntando sobre mim e me avisando sobre os shows que tínhamos – eu e Dominginhos.

– Estou tendo um problema no meu casamento e eu não sei como as coisas vão ficar.

Na hora ele me respondeu:

– Hum... Já sei. Por falar nisso ele está aqui com ela.

– Se ela estiver aí eu não vou! Porque ela vai querer fazer gracinha comigo e vai tomar um puta de um cacete!

Naquele tempo eu era brava, mas agora sou boazinha.

– Ok. Vou conversar com ele e depois te ligo.

Dominginhos apresentou a mocinha como sendo a sua mulher e disse que eu era a colega dele. E mais, falou que se apresentaria comigo. Ele estava aparentemente bem determinado. Não aguentei e falei:

– Eu não vou! Não vou, bicho! Porque vai dar merda! Me conheço, não sou encrenqueira, mas essa menina vai querer fazer firulinha comigo e eu não vou aguentar.

Não fui e ele fez os shows que estavam agendados para fazermos juntos. Inventaram uma história que eu estava doente, ganharam o meu dinheiro e gastaram sozinhos. Não ganhei um real! Fiquei numa merda. Nessa época eu tinha reformado a casa onde eu morava, estava contando com este dinheiro. No fim, não ganhei nada.

Quando conheci Dominginhos, ele era um puta de um músico que não tinha um real pra porra nenhuma. Ninguém o conhecia aqui em São Paulo, só no Pedro Sertanejo. Aquele “clã” que frequentava os bailes de Pedro. Mas eu o levava para televisão, brigava com todo mundo pra botar ele em cena. Nas minhas apresentações, fazia questão de colocá-lo tocando. O povo até me perguntava: “ele que tocou no seu disco?” “Tocou no meu disco, menino... Ele toca comigo”. Fazia isso para o pessoal conhecer o trabalho dele. Só que ninguém acreditava muito no quão talentoso ele era, entendeu? Eu brigava com todo mundo, pois acreditava nele, fazia de tudo para colocá-lo em cena, até dividia o meu cachê com ele. Ele até confirmou isso numa entrevista.

Eu tinha vários interesses sobre Dominginhos: ele era um excelente músico, e eu sabia que estava com um cara virtuosíssimo; era uma pessoa que me dava um suporte porque quando viajava sozinha com outros músicos, sempre chegava aquele momento em que os caras iam namorar e eu ficava sozinha no hotel porque não gostava de sair só... Por fim, ele era o meu *crush*, eu gostava muito dele. Então eu tinha vários motivos para levá-lo comigo.

Dominginhos tinha um grande problema, era um cara fechado. Acredito que seja por uma certa mágoa por não ter o seu trabalho devidamente reconhecido como deveria ser. Pois o cara era um mostro tocando. Mas ninguém dava muito valor à sanfona, e ele sofria com isso. Tanto que tem várias músicas que falo sobre isso porque ele pedia os temas que bagunçavam a sua cabeça, e eu fazia a letra.

Depois de um tempo a “ficha caiu” pra ele. Dominginhos percebeu que fui um suporte para a sua ascensão. Como um alicerce. Mesmo porque quando ele foi trabalhar com a Gal ele já

tinha viajado o Nordeste todo comigo, que foi o momento em que ele ficou conhecido no sertão. Não foi com Gonzaga, porque Gonzaga o levou poucas vezes. Mesmo tendo um coração enorme e sendo uma baita de uma pessoa bacana, um ser humano incrível, Gonzaga era O GONZAGA! Era ele que era o cara no palco. E isso ele fazia muito bem!

E comigo foi diferente. Chegou uma hora que eu disse:

– Vamos dividir o show porque eu estou cantando muito e você poderia cantar algumas músicas também...

Ele não gostava de cantar, dizia que a boca dele era grande e que a voz era grossa demais.

Antigamente pegavam-me para cantar duas horas. Nossa! Eu sofria. Acabava o show com a língua dormente de tanto cantar naquele sol do Nordeste. Depois Dominginhos passou a cantar também, fazia 45... 50 minutos. Eu entrava e cantava, e no finalzinho nós encerrávamos cantando uma música juntos. Fiz todo o trabalho confiando que ele um dia iria fazer sucesso, com a certeza de que um dia o povo iria conhecer o valor de Dominginhos.

Dominginhos foi um dos maiores músicos que o Brasil já pode conhecer. Como ele veio de uma origem muito humilde, passou por muitas dificuldades ao planejar uma carreira quando jovem, não estourou. Mas ele é grande demais. Tem gente que ainda está o descobrindo. Por tocar sanfona, ele serve de inspiração para vários sanfoneiros do Brasil e do mundo todo. Ele deu uma nova vida a sanfona, porque antigamente a sanfona no Brasil era vista como coisa de “caipira”. E não é. É um instrumento riquíssimo, quando bem tocado é como um piano, tem várias possibilidades. E ele fazia isso com uma maestria incrível!

Foi uma coisa maravilhosa juntar dois nordestinos: eu, cantora e compositora e Dominginhos sanfoneiro. Fizemos diversas músicas que as pessoas até hoje curtem, cantam e dançam. Acho que fui um achado pra ele e ele para mim. Um acontecimento muito importante para música em si.

Valeu muito a pena nossos encontros. Acho que “tudo vale a pena se a alma não é pequena”, como disse Fernando Pessoa. Dominginhos foi a melhor coisa da minha vida, foi o homem que

amei! Vejo mais pela ótica espiritual, acho que estava escrito nas estrelas que nós íamos nos encontrar e ter esse relacionamento. Serviu de inspiração para diversas canções que escrevi.

Tenho mais de 800 músicas, mas sou compositora de apenas um sucesso, que é *Eu só quero um xodó*, que está no mundo há quase 50 anos. Tem gente que tem um monte de sucesso, mas passa dez anos e ninguém se lembra. E essa minha tá aí... Danadinha! Está em duas novelas da Globo e da TVS, uma benção, né? E até hoje penso que preciso fazer um outro sucesso para mostrar que não sou uma compositora de uma música só.

Dominguinhos não tinha habilidade para escrever letras de músicas. Quando ele pensava sobre algo que gostaria que virasse música, ele dizia pra mim o tema e quem desenvolvia era eu. A música *Preconceito* foi assim. Ele me deu o tema e eu compus. Não perguntei que tipo de preconceito ele estava se referindo, falei da pele que é sempre uma questão discutida na sociedade.

Há um tempo estava vendo uma entrevista no Youtube em que Dominguinhos disse que foi ele que fez o começo da música *Contrato de separação* e levou para eu ver. Mas ele deve ter se confundido, eu que escrevi essa letra, assim como "Eu só quero um xodó".

Fiz a música *Contrato de separação* quando morava na Marquês de Itu. Nessa época Dominguinhos começou a viajar com a Gal para o Nordeste fazendo o show *Índia*. Como naquele tempo não tinha celular, somente telefone fixo, ele se hospedava num hotel, e sempre após aos shows ele me ligava pra falar como foi a apresentação, perguntar o que estava acontecendo e tudo mais. A gente namorava pelo telefone, aquela besteira toda.

Depois de um show, não sei em qual lugar, ele ficou dois dias sem me ligar. Eu não ligava para o escritório da produção para não dar o que falar, né?... No terceiro dia ele me ligou. Mas nos dois dias anteriores, não conseguia dormir, deitava na expectativa que ele fosse ligar, e nada. Peguei uma caixinha cheia de fitas que ele tinha, e de forma aleatória puxei uma, botei no gravador e dei um *play* para ouvir... Tocou aquela melodia linda como um concerto musical. Pensei: "Meu Deus, que música linda!"

Mas na hora me achei incapaz de colocar uma letra em cima porque ela tinha muitas firulazinhas. Passei pra adiante, para as mais fáceis, né? Ouvi uma, duas, três... Mas aquela primeira melodia tinha ficado na minha cabeça. Voltei pra ela... Não sei como, de repente estava com a letra pronta. Costumo dizer que não componho sozinha, tenho uma entidade que me dá intuição de fazer. Babaquice! Mas prefiro acredito nisso. De repente cantei ouvindo a melodia dele e deu certinho. Consegui! Fiquei muito feliz!

Uma semana depois Dominginhos me ligou e eu falei um monte de coisas pra ele, e ele explicou o motivo pelo qual ele não havia me ligado naquela noite. Onde ele estava hospedado não tinha telefone, e disse também que na semana seguinte já voltaria a São Paulo. Quando ele chegou em São Paulo fui correndo falar com ele:

– Dominginhos! Eu fiz uma letra e gostaria que você escutasse.

Ele nem imaginava que era com uma de suas melodias, porque ele começava a gravar as tocadinhas dele, e botava as fitas todas juntas, sem nenhuma organização. Muitas vezes deixava até de lado a fita.

– Escute:

Contrato de Separação
(Anastácia e Dominginhos)
Olha, essa saudade
Que maltrata o meu peito
É ilusão
E por ser ilusão é mais difícil de
apagar
Ela vai me consumindo lentamente
Ela brinca com meu peito
E leva sempre a melhor
Eu quis fazer com ela um contrato
de separação
Negou-se, então, a aceitar
Sorrindo da minha ilusão

*Só tem um jeito agora
É tentar de vez me libertar
Brigar com a lembrança
Pra não mais lembrar
Eu quis fazer com ela um contrato
de separação
Negou-se, então, a aceitar
Sorrindo da minha ilusão
Só tem um jeito agora
É tentar de vez me libertar
Brigar com a lembrança
Pra não mais lembrar*

Depois de escutar ele tocou na sanfona e viu que a letra estava casando com a melodia.

– Nossa, Anastácia! Mas essa letra tá muito boa!

Eu falei:

– Pra quem a gente vai dar essa letra?

– Não sei, mas algum cantor romântico cantaria isso muito bem, né?

Não sabíamos para quem dar a letra.

Outra música que também compus numa situação parecida com essa foi *Tenho sede*. Essa vibrei, porque a letra era mais a minha praia, né? Que é o forró, o baião. Ele também estava viajando quando fiz a letra. Quando ele chegou em casa mostrei pra ele e ele foi tentar tocar... Tocando, começou a mexer a cabeça de forma negativa, como quem diz: “Pô, não gostei muito não...” Eu logo perguntei:

– Por que tu não gostou?

– Isso tá parecendo música de maracatu, Anastácia.

– Que diabos de maracatu... Onde tu foste buscar maracatu nessa música? Maracatu tem um toque diferente... tum, tum... tum, tum... tum...

– Não sei...

Aí, falei:

– Tá bom...

Joguei numa caixinha a letra. Fui fazer outras coisas. Passou um tempinho, vi que ele se levantou, largou a sanfona, foi lá na caixinha e ficou espichado no sofá lendo a letra e matutando...

De repente ele começou a tocar fazendo a harmonia com aquele sorriso aberto, achando graça, como quem diz: "Pô, me enganei!"

– Oh, minha preta, venha cá... Eu me enganei, essa letra é muito boa mesmo!

– Aleluia, Dominginhos!

Nessa letra falei de umas coisas tão fundamentais na vida do ser humano.

Muitas vezes ele não parava para raciocinar sobre conteúdo da coisa e logo já dava a opinião. Quando ele vinha com uma ideia mais elaborada é porque tinha alguma coisa por trás.

Fiz muitas músicas para o Dominginhos. A gente começou o relacionamento e ele continuava casado, inclusive, morreu casado, porque na cabeça dele como também na de Gonzaga, casamento deveria ser algo eterno. Se casou e não está num relacionamento harmonioso, para eles, você deveria continuar até o fim da vida. Acho que cada um tem uma maneira de pensar, né?... Mas acho que muitas vezes o casamento começa no encantamento e termina no desencantamento. Não quero generalizar porque existem casais incríveis. Hoje já entendo, é difícil você ver um casal como Glória Menezes e Tarcísio Meira que estão casados há 54 anos, e juntos! Acho isso lindo, mas não depende da gente.

Dominginhos ficava o tempo todo com essa questão do casamento e eu dizia o seguinte:

– Menino, um dia isso tem que terminar porque você tá fazendo a pessoa de besta e eu de babaca, né? Eu não tenho nada contra ela. Por que você não resolve logo isso? Agora, cuida dos seus filhos porque não existe ex-filhos, mas ex-mulher e ex-marido existem. Você pode separar, mas você tem obrigação de cuidar dos seus filhos porque eles dependem do pai e da mãe. E isso é uma relação que deve ser mantida e respeitada. Um dia, não sei se dei uma entrevista e falei sobre essa relação de casamento, não

me recordo o que aconteceu, só lembro que contei uma história que acabou virando uma música:

*Amor Proibido
(Anastácia)
Seu nome não digo só guardo pra
mim
Agindo assim faço muito bem
Quem ama em segredo sofre muito
mais
Amando em silêncio perdendo a
paz
Seu nome não digo amor proibido
Que não tem sentido, mas veio e
ficou
Amor dividido pra lá e pra cá
E nesse tormento eu morro de amar.*

Dei essa música para a Cláudia Barroso. Ela gravou e eu ganhei um bom dinheiro. Resumindo mais uma vez: as minhas desditas me trazendo dinheiro. Mas foi ótimo, não estou nem aí.

Um dia fui fazer um show em Santos e quando cheguei lá, soube que Gonzaga também ia fazer esse show. Era um camarim dividido com lonas. Aí, Gonzaga gritou com aquele vozerão dele:

– ANASTÁCIA!!!

Eu falei:

– Ué, Gonzaga tá aí...

Ele estava no canto da parede, me deu um forte abraço e falou:

– Anastácia, vou lhe apresentar o amor da minha vida
– Edelzuíta.

– Muito prazer, Edelzuíta.

Aí, ele disse:

– Anastácia, eu nunca fui tão feliz como tô sendo agora. Essa mulher é a Anastácia! É uma amiga muito querida. É uma irmã que eu tenho. Uma pessoa muito legal!

Falou um monte de coisa de mim. Fiquei sabendo do caso dele, mas fiquei na minha, porque antes me hospedei na casa dele um tempão e via a Dona Helena... Ela era um amor de pessoa, era uma típica canceriana, muito ciumenta. Ela ficava no pé de Gonzaga. Era uma pessoa maravilhosa, mas muito ciumenta.

Ela sabia todo o roteiro das mulheres que ele tinha, porque o povo mandava as descrições pra ela...

– Em Juazeiro do Norte tem uma pessoa com nome de Maria. Se ela procurar ele, você me liga no telefone a cobrar e me conta tudo.

Pô... Eu não ia ser a dedo duro. E outra, em cada lugar que passávamos Gonzaga tinha uma namorada, ia gastar muito interurbano, jamais falaria essas coisas. Mas respondia:

– Pode deixar, Dona Helena, pode deixar...

Viajamos. Quando chegamos na primeira cidade, Gonzaga me chamou no quarto dele e falou:

– Anastácia... Olha, você é uma irmã muito querida! Você sabe que eu gosto muito de você, Helena é muito ciumenta e você sabe disso. Homem é bicho danado, mulher não. Homem sai e aí aparece uma menina bonitinha e a gente não se controla. E quando a gente vê já tá enrolado, mas Helena não deve e não pode saber disso.

Eu respondia curta e seca:

– Eu sou cega, surda e muda, Gonzaga. Eu não tenho nada com isso, pode ficar tranquilo.

Ele disse:

– Você é minha irmã! Venha cá...

Me deu um abraço. Mal sabia que Helena já tinha me dito para contar tudo que soubesse. Imagina se eu conto... Eu nunca falei nada, ficava na minha, né?... Eu era cúmplice porque ele mandava eu dar dinheiro para as namoradas dele e eu dava. O véio Gonzaga era muito namorador, mas eu jamais ia falar essas coisas pra ele tampouco para ela. Ela era muito ciumenta.

O meio artístico naquela época sempre foi majoritariamente masculino e machista. Tinham pouquíssimas mulheres cantoras no forró. A verdade é que criaram o forró para homem

cantar, porque esse tipo de música requer muito fôlego, como por exemplo, os forrós do Jackson do Pandeiro. Quem não tinha esse fôlego, essa divisão, não aguentava. Tanto que tem menos mulheres do que homens cantando. Continua sendo, mas hoje em dia já tem muitas mulheres que pegaram o suingue da coisa e estão se inserindo no meio. Umhas muito boas e outras que estão aprendendo. Elas se interessam e vão à luta, né?... Mas das antigas que se destacaram foram a Marinês, Clemilda e a Hermelinda, que ainda está viva. Um poderoso trio de forrozeiras. Tem umas que são menos conhecidas, por exemplo, a ex-mulher de Genaro, que também é muito boa, canta música na igreja... Walkyria Mendes.

Mas tem esse pessoal mais novo que está chegando também. A Janaína do Bicho de Pé, é uma cantora boa... Tem também a Bernadete França, a Neide Garapé, Taís Nogueira que também canta uns forrozinhas bons. Sempre tem poucas mulheres, né? Essas que conheço que andam por aqui. Tem outras que andam pelo Brasil, e sempre a gente se encontra na estrada. No Nordeste, por exemplo, também tem muitas cantoras, elas não vêm para cá, mas cantam muito bem.

Tenho contato com algumas forrozeiras. A Bernadete França, por exemplo, foi minha *backing vocal*. Não tenho restrição contra ninguém. Acho que quanto mais as mulheres se unirem o movimento se fortalece e os espaços vão se abrindo. Para fortalecer a música a gente tem que se juntar, unir as pessoas que estão ávidas a fim de agir. E essas meninas jovens podem não ser grandes forrozeiras, mas só pelo fato delas correrem atrás do forró, vibrarem com o ritmo, já é maravilhoso. Enquanto existir essas pessoas o forró não morre. Eu penso assim, entendeu? Não tenho problema nenhum com elas, o que depender de mim eu colaboro, vou lá e ajudo. O negócio é fazermos juntas.

Na vida é sempre assim, temos ajuda de outras pessoas. Lembro do meu amigo Zé Lagoa que mora aqui em São Paulo, em Santo Amaro, que inclusive esteve no meu aniversário de 79 anos no ano passado. Nos conhecemos em 1970, quando ele montou um baile de forró com um trio tocando, que era: Chiquinho da Zabumba, Birigui e o Zequinha – o Trio Nortista.

Zé Lagoa foi um dos primeiros a montar bailes de forró em São Paulo. Antes de montar seus bailes, ele foi cobrador de ônibus, depois passou para motorista, tudo na região de Santo Amaro. Com o passar do tempo ele abriu uma adegazinha no meio de uma praça em Santo Amaro, onde vendia tira gostos do Nordeste, cachaça e vinho. Ele ganhou muito dinheiro com isso. Aí veio a ideia de montar o primeiro forró, que se chamava Asa Branca, ficava no Largo do Socorro.

Depois ele abriu outro baile, que ficava em Pinheiros, na Rua Paes Leme, atrás da igreja. Cantei muito no forró dele. Ele sempre me deu muito apoio. Meu cachê na época era bom, porventura o melhor cachê para as cantoras da época, porque eu fazia muito sucesso no Nordeste e o povo sabia que eu tinha nome no meio musical, entendeu?

Quando comecei a trabalhar com Dominginhos, fui conversar com Zé Lagoa, pra ele me dar uma força pra pagar Dominginhos, que me acompanhava tocando sanfona. Pedi um aumento.

E prontamente ele me respondeu:

– Tudo bem. Vou aumentar o seu cachê.

Ele sempre me prestigiou muito e foi um dos grandes empresários de forró. Depois que fechou uma de suas casas ele fez o Patativa, onde ele ganhou muito dinheiro. Ele deixou o meio da produção, mas está bem de vida. Está com 86 anos de idade, a idade de Genival Lacerda... Aliás, Genival tem 88 anos.

No ano passado convidei Zé Lagoa para participar do meu aniversário e ele ficou sentadinho aqui a noite todinha tomando vinho comigo. Nunca tive problema com ele. Ele sempre me prestigiou, não só ele, mas todos os donos de forró. Nos anos 70 houve uma média de duzentos e tantos forrós em São Paulo, um verdadeiro *boom* do forró!

Tudo começou com Pedro Sertanejo, que era pai de Oswaldinho. Seu baile ficava ali na Rua Catumbi. Pedro montou o primeiro forró de São Paulo. No forró dele vinha gente de muitos lugares do Brasil, mas principalmente o povo do Nordeste, que estava acostumado com as festas juninas, o forró de latada e tudo

mais. Era um público bem nordestino mesmo. Foi um grande acontecimento. Todo mundo queria montar um salão de forró.

Nos anos 2000, quando surgiu a banda Falamansa, eles tiraram do fundo do poço as músicas e os artistas “reliquias” do forró. O Tato trouxe uma mensagem jovem para o forró. Porém, o pioneiro a fazer as apresentações dentro das universidades foi o Trio Virgulino. Acho que esses jovens viraram a ótica da música nordestina, eles começaram a ter a consciência que o forró era um ritmo bom e interessante. E hoje, graças a Deus o forró está em alta.

Não está só aqui em São Paulo ou no Brasil. Eu tive a oportunidade de ir para Europa, duvidando, quando o meu empresário disse que eu ia para Barcelona. Falei pra ele:

– Vou conhecer a cidade e comer muita *paella*!

Eu não conhecia Barcelona. Nunca tinha saído do Brasil. Fiquei pasma quando fui cantar. Tinha umas 10 mil pessoas cantando *Eu só quero um xodó* e *O sucesso da Zefinha*, que são dois grandes sucessos meus que gravei há tempos. Fiquei muito impressionada e surpresa pelo fato dessa última música tornar-se um *hit* pra eles.

Eu não sei por qual motivo eles gostaram dessa música. Um dia recebi uma graninha legal, aí pensei: “mas de onde veio essa grana?” – da Europa. “Quem é o doido que andou escutando isso?” Era só o começo. Recebi R\$ 1.600,00, isso há 11 anos. Fiquei espantada quando a editora falou que tinha esse dinheiro pra mim. Mas já era parte desse processo do pessoal mais jovem levando as nossas músicas pra lá, e eles recebendo de maneira positiva o nosso trabalho.

Agora no mundo todo tem festival de forró. Uma música oriunda de uma região do Brasil, onde é muito comum ter o samba como destaque, ou a bossa nova, né? Isso do ponto de vista do gringo que conhece o Brasil. Eles sempre exaltam nossa cultura com aquele sotaque estrangeiro “Oh, samba!... Bossa nova...” Quem imaginaria que o forró iria ter uma chance? Pois agora é uma realidade. O forró está em todo lugar. Tem uns 60 festivais de forró no mundo. Até no Japão tem. Fui para Europa, na Suíça, Itália, todo mundo cantando forró!

Em dezembro de 2019 fui homenageada em Lisboa, Portugal e outras cidades do país. Teve um lugar que estavam presentes mil pessoas para me prestar homenagem. Virei até cordel. O pessoal comprando o cordelzinho da minha vida, minha história. Até hoje eu penso: “nossa, mas como pode... As pessoas sabem mais da minha vida do que eu...” Mas são pesquisadores e eles estão aí para isso.

Tudo isso aconteceu por força do forró, da música nordestina que agora não é mais uma música para velho. É uma música que se a pessoa parar para prestar atenção, ela tem uma diversificação incrível. Ela pode ser baião, arrasta-pé, xote ou xaxado. Dependendo da levada ela tem essas possibilidades, porque ela é muito rica, entendeu? O caminho melodioso dela é muito rico.

E cá estou, chegando aos 80 anos. Prazerosamente convivendo com essa evolução toda e agradecendo a Deus por ter contribuído com esse movimento. Quase todos os músicos forrozeiros da minha idade já se foram, só tem eu, Genival Lacerda e Hermelinda, que era do Trio Mossoró. Quem mais? Meu Deus! Tem poucos setentões. Tem pouca gente. E vou ficar mais ainda porque sou dura na queda! Eu digo brincando que é porque todos eles gostam do andar de cima por isso vão para cima. Como tenho medo de altura, eu fico aqui embaixo mesmo.

Quero aproveitar a vida. Agora tenho um *crush*, mas também não dou muita bola pra ele porque não quero mais tanto envolvimento. Meu envolvimento é com a família e com meu trabalho, que gosto muito. Acho que tenho que aproveitar tudo que aparece para fazer enquanto estou com vida. Eu faço por amor, por paixão, por tudo... Mas quando eu era mais nova evidentemente que gostava de uma companhia mais intensa. Afinal, o amor é lindo.

O forró pé-de-serra em São Paulo

HERMELINDA



A entrevista com a cantora e compositora Hermelinda de Almeida Lopes ocorreu durante o período de isolamento social causado pela epidemia de Covid-19. Realizada de forma remota, a entrevista precisou ser repensada algumas vezes. Conversamos durante semanas por meio de áudios do WhatsApp. Além de nos conhecermos melhor, também nos fortalecemos como uma rede de apoio durante a pandemia. Nossas conversas, embora aleatórias, frequentemente tratavam de cuidados com a saúde, um tema inevitável naquele contexto. Aos poucos, a temática do forró foi emergindo em nossos diálogos. Utilizamos o WhatsApp como ferramenta para a entrevista. Antes de começarmos, expliquei sobre o que seriam as questões. Eram perguntas abertas que remetiam à sua história de vida.

A presença dos pais é marcante na história de Hermelinda; eles foram seus maiores incentivadores para seguir na área da música. O apoio afetivo e financeiro, além do orgulho de ver os filhos cantando, foi fundamental nas decisões dos pais sobre Hermelinda e seus irmãos.

Mesmo com condições favoráveis ao deslocamento do Nordeste para o Sudeste, no Rio de Janeiro, Hermelinda enfrentou preconceitos comuns aos nordestinos nas grandes capitais do Sudeste. Por indicação de seus produtores, os irmãos tentaram se distanciar do estereótipo dos músicos nordestinos da época, e tendo começado como Oséas Lopes e Seus Cangaceiros, acabaram por adotar o nome de Trio Mossoró.

Embora o Trio tenha residido no Rio de Janeiro e Hermelinda tenha destacado que era lá onde as coisas aconteciam, eles também passaram por São Paulo. Ela não se lembrava dos detalhes desse período remoto, mas externou lembranças mais recentes sobre a capital, assim como sobre Belo Horizonte, cidades que denomino o *eixo sudeste* do circuito de forró pé-de-serra. Graças às discotecagens de vinil e releituras de músicas do Trio Mossoró por outros trios e bandas, o Trio foi aclamado no circuito, possibilitando que fossem convidados para apresentações em festivais e casas da região. Esse movimento fez com

que Hermelinda retornasse aos palcos de forró no circuito sudeste e no exterior, como em Lisboa, Portugal.

Infelizmente, Hermelinda faleceu antes do lançamento deste livro, mas sua música continua a viver em cada canção que cantou e em cada pessoa que inspirou. Sua narrativa registrada aqui é uma celebração de sua vida e uma homenagem ao seu legado. Que a sua voz continue a ecoar nos corações de todos que tiveram a sorte de conhecê-la e ouvir sua arte.

*Essas são as únicas pessoas a que devo muito:
meu pai e a minha mãe. Tudo começou através
deles. Se não fosse os dois não existiria
Trio Mossoró nem Hermelinda.
Hermelinda*

Vamos lá, meu amigo! Vou começar agora! A gente esquece os sobrenomes dos velhos... Meu pai era Messias Lopes de Macedo, um cearense bom. E a minha mãe paraibana, Joana Almeida Lopes. Os dois se conheceram em Mossoró, quando o meu pai foi trabalhar na cidade, e a minha mãe tinha ido passar as férias dela lá. Depois de seis meses eles se casaram. Minha mãe nasceu na cidade de Bananeiras, que ficava próximo de Cacimba de Dentro, na Paraíba. Era uma cidadezinha muito pequena.

Quando o meu pai chegou em Mossoró ele se apaixonou por minha mãe. Minha mãe era muito bonita. Novinha. Tinha 14 anos de idade. Olha! Cheirando a leite... O velho se empolgou. Velho entre aspás, né?... Na época ele tinha 30... 31 anos, por aí. Fizeram 16 filhos juntos!

Meu pai era um homem muito apaixonado pela minha mãe. Demais! Demais! Era... Até Jesus o levar. Ele faleceu com 102 anos. Totalmente lúcido. Rodava esse Rio de Janeiro todo. A recordação que tenho do meu pai e da minha mãe era o amor que eles tinham muito grande um pelo outro. Embora já velhos, ela com 60 e poucos anos e ele com 70 e não sei quantos... Era uma ciumenta que um tinha do outro... Eu achava aquilo maior barato. Morria de rir.

O meu pai cuidou da parte financeira da família. Ele era comerciante. Foi ele que praticamente bancou o Trio Mossoró. Mas a pessoa que incentivou ele, que ficava em cima dele pra ele fazer as coisas, foi a minha velha. Minha mãe tinha muito orgulho de ver os filhos cantando. Essas são as únicas pessoas a que devo muito: meu pai e a minha mãe. Tudo começou através deles. Se não fosse os dois não existiria Trio Mossoró nem Hermelinda.

Os sobrinhos da minha mãe gostavam muito de música e a minha mãe sempre ficava ali no meio deles cantando. Mas o pai e a mãe dela não deixavam ela cantar. Naquele tempo eles não queriam de jeito nenhum que ela fosse cantora. Tinha esses negócios naquela época... Minha mãe gostava muito de música, por isso que ela me incentivava bastante. E o meu pai carregava aquele humor cearense, típico de um artista.

Conheci a família toda do meu pai, os Crateús. Eles são do Ceará. A família de papai é da família Aragão com Ximenes. Faz parte da família do Renato Aragão, comediante da Globo. Eles são primos. Eram porque meu pai morreu... Minha mãe era sobrinha de Zé Américo de Almeida, que era da família Almeida. Ele era poeta e foi governador da Paraíba. Meus pais se casaram e viveram um bom tempo em Mossoró. Minha mãe tinha 14 anos de idade e o meu pai era 15 anos mais velho que ela.

Quando vim para o Rio com o meu irmão João, pra tocar com meu irmão Oséas, a minha mãe não aguentou a distância e botou na cabeça do meu pai que eles deveriam se mudar para o Rio. Dois anos depois eles estavam morando aqui perto da gente. Viemos para o Rio na companhia de minha irmã Laurinha Lopes, que era a única maior de idade. Era ela que tomava conta da gente.

Esse meu nome veio da minha tia, irmã do meu pai, que também se chamava Hermelinda. Ela tinha falecido quando nasci. Acho que foi uma homenagem que ele fez pra ela. Meu nome é difícil de marcar, né? Me lembro muito de Luiz Vieira, que dizia que o meu nome deveria ter sido Bila, que é meu apelido. Aí, pegava rapidinho! A verdade é que Hermelinda é muito difícil de lembrar.

Graças a Deus a minha infância foi muito boa em Mossoró. Brincava muito no colégio das freiras onde estudei. Lá tinha um mini parquinho com roda gigante, balanço, canoa, que era tipo uma balança também, mas em forma de canoa. Amava pular cordas. Não tenho o que reclamar da minha infância. Brincava de boneca, fazia mesinha, cadeira, tudo com caixinha de fósforo. E a maior parte das bonecas eram de pano. Elas eram lindas! Era muito bom... A gente viveu de verdade a infância.

Quando eu tinha 13 anos, comecei a me envolver mais com a música. Meu irmão Oséas ia fazer aniversário e para a sua festa, a minha mãe chegou e pediu para os filhos:

– Vocês vão ter que fazer uma homenagem pro irmão de vocês. Vamos fazer uma festa de aniversário pra Oséas... Quero que vocês cantem alguma coisa.

Em três dias meu irmão João que era compositor, me ensinou a tocar triângulo. Foi quando aprendi algumas músicas da Marinês. Mas eu não era muito chegada em cantar. Meu negócio mesmo era brincar. Ainda era muito criança. Mas foi dessa apresentação que começamos a tocar juntos. Eu no triângulo e meus irmãos Oséas na sanfona e João na zabumba. Nessa época ainda não era o Trio Mossoró. Se chamava Oseás Lopes e Seus Cangaceiros. Fizemos muitas apresentações na Rádio Tapuyo. Costumo chamar de “auditórios” essas apresentações. Era lotado total! A gente tocava uma vez por semana. O dinheiro era todo nosso. Ficamos nessa programação por mais ou menos um ano.

Mas não era igual ao movimento que a gente via no Rio de Janeiro. Foi por isso que meu irmão Oséas decidiu ir para o Rio tentar fazer sucesso com música. Mossoró era interior, não tinha muito movimento. Era muito fraco.

Chegando no Rio, meu irmão não encontrava músicos para acompanhar ele. Mas ficou por pouco tempo sozinho. Ele ligou para o meu pai pedindo pra ele mandar eu e João para o Rio, pra continuarmos acompanhando ele. João tinha 11 anos e eu 14. E não deu outra. Meu pai alugou um apartamento pra gente na rua Senador Vergueiro, no Flamengo. Ali foi uma maravilha! Se iniciava a minha juventude...

Quando chegamos no Rio, demos continuidade aos estudos na escola. Aí, veio o contrato pra fazer uma campanha política para governador do Estado – Tenório Cavalcante. Ficamos cantando por meses com ele. Dia e noite... Viajando o tempo todo. Era difícil conciliar a música com os estudos. Com essas apresentações a gente fechava a matrícula... Depois voltava... Fazia a matrícula de novo... A gente estudava aos pouquinhos, de “pedaços”. Tanto eu quanto João. O João ainda conseguiu seguir os estudos adiante. Mas eu relaxei. Não quis mais saber. Eu só queira saber de bater papo com as amigas ali na Senador Vergueiro...

Eu era muito fã de Elis Regina. Tinha todos os discos dela. Eu tinha uma vitrolinha que levava na casa da minha amiga Elisabete. A gente ficava escutando os discos da Elis: eu imitando a Elis, e o irmão dela o Jair Rodrigues. Essa época foi muito boa! A gente ia no clube Guanabara brincar no carnaval... Era matinê, às quartas, às oito. Sempre tinha uma pessoa adulta com a gente, a mãe ou a irmã de alguém da nossa turma. Era um grupo de garotos e garotas. Foi uma juventude muito sadia. Muito diferente de hoje onde o pessoal só pensa em beber e usar drogas. Carnaval hoje não existe. Naquele tempo a gente realmente brincava. Eu sambava pra caramba! Gostava demais! Fui levando a minha vida assim.

Com 20 anos fiquei noiva. Me casei. O meu marido morreu de tanto tomar cana. Depois eu me casei novamente. E de uns vinte anos pra cá sou divorciada porque esse último também não deu certo! Ele aprontava muito. Muita coisa chata que não gosto nem de lembrar. Sei que não deu certo e me separei. Antes só do que mal acompanhada. E também não quis saber de absolutamente ninguém na minha vida! Nem pra namorar, nem pra nada. Nada! Nada! Preferi viver sozinha. Até hoje as pessoas falam pra mim: “Você tem que casar... Namorar um pouco.” Aí eu falo: “Pra quê? Pra apanhar desses cabra que tem hoje...”

Hoje os cabra adoram bater na mulher, arrebentar a cara delas. Não dá pra mim não! Porque os cabras que levantarem a mão pra mim terão que fugir, pois se ficar em casa, pode ter certeza que ele amanhecerá morto! Eu não deixo quieto, não! Sou

filha de nordestino! Não levo desaforo pra casa nem a pau! Por isso mesmo que não quis saber de mais ninguém. Me conheço e conheço de longe os conquistadores baratos. E é só isso que tem hoje. Não quero saber de porcaria de macho! E na idade que tenho, piorou. Vivo sozinha mesmo, é muito melhor.

Divorciei do meu último marido. Ele era músico, compositor e cantor. Era uma pessoa muito boa, o mal dele era a bebida. E isso acabou com a minha carreira e com a dele porque na hora que tinha que fazer show, cadê ele? Já estava bêbado. Aí já viu, né?... Eu estava numa fase muito boa de sucesso. Não parava de fazer shows. Mas tinha esses detalhes... Ele tinha que ficar em casa e eu ia fazer os shows porque era contrato e tinha que cumprir.

Se eu pudesse voltar atrás, gostaria muito de ter estudado e me formado em Direito. Quem me dera... Me arrependo demais. Eu era louca pela carreira de Direito. Eu devia ter feito, essa que é a verdade. E olha que o meu pai tinha condições de me proporcionar isso. Eu teria outra vida. Eu acho. Não teria passado por determinadas coisas que passei. Fui uma pessoa criada para casar e viver todas as maravilhas da vida como o meu pai e a minha mãe.

Mas naquela época era difícil estudar, porque a gente fazia muitos shows. Só seria possível há uns 20 anos. Mas enfim... "Águas passadas não movem moinhos". Não adianta. Gostaria de ter a cabeça que tenho hoje naquela época. Mas pensando bem, não tinha como estudar. Chegava tarde das apresentações... Como iria fazer pra acordar cedo e estudar? Meu amigo... Só com muita vontade mesmo. Com isso foi acabando a minha vontade de estudar. Fui deixando pra lá. E depois que casa... Pronto! Aí, fica mais difícil ainda. Infelizmente.

O único casamento que vejo que deu certo foi dos meus pais. Eles formavam um casal lindo de ver. Minha mãe faleceu primeiro e o meu pai continuou vivo. Ele sofria muito porque não se conformava com a morte dela. Os dois eram apaixonados verdadeiramente. A gente não vê mais isso nem a pau. Não vê! Os casamentos de hoje duram uns três, no máximo quatro anos. Logo se separam. E quando se separam, a mulher tem que aguentar o diabo... Então não dá pra mim não!

Os cabra são cabarezêro! Principalmente nesse ambiente de forrozeiro que vivi. Aveeeeeee maria! Deus me livre! E é onde eu vivia... Quando ia fazer shows, né?...

Minha profissão era cantar e voltar pra casa. Mas fiz muitas amizades no Rio de Janeiro. Ia na casa de Jackson do Pandeiro, que era no bairro da Glória. Ia pra fazenda de Luiz Gonzaga... Com 18 anos comecei a namorar Gonzaguinha. Mas isso durou pouco. Acabei porque eu não era namoradeira, e o cabra morava em Miguel Pereira, onde ficava a fazenda de Gonzagão, e eu morando na Praia do Flamengo... Meu amigo, era uma longa caminhada... Percebi que era um relacionamento sem futuro.

No Rio de Janeiro a gente se envolveu muito com o pessoal da MPB: Wanderléia, Erasmo Carlos, Paulo Sérgio, Golden Boys, Renato e Seus Blue Caps, Jerry Adriani, Vanderlei Cardoso... Convivíamos com esse pessoal. Ali ninguém tinha inveja de ninguém. Se pudesse, um ajudava o outro, entendeu? Diferente do forró...

A coisa era mais complicada no forró. Modéstia parte, ninguém tinha condição de “puxar o tapete” do Trio Mossoró. Essa que era a verdade. Graças a Deus! Tentavam puxar, mas não conseguiam porque graças a Deus o trio era muito querido pelo pessoal da Globo, da TV Excelsior, também tinha o grande Luiz Vieira, muito parceiro nosso. A gente era muito querido. Nêgo que chegava pra tentar barrar as coisas não conseguia.

O Trio Mossoró entrava em diferentes ambientes, inclusive nos ambientes de protesto da época. Luiz Vieira convidou a gente pra fazer algumas apresentações em teatros onde aconteciam os protestos.

Costumo dizer que eu não tinha músicos, tinha uma família. Até hoje isso é evidente pra mim. Nós éramos uma família. E era mesmo! Tínhamos 12 músicos e ainda tinha um cantor que fazia *backing vocal* comigo. Eu cantava com metaleira, com banda grande mesmo.

Quando cheguei aqui no Rio eu era chamada de matutinha: “Olha a matuta aí!”, “a pau de arara”. Dessa forma que fui recebida. Eu dizia:

– Eu sou e me orgulho de ser pau de arara e matuta!

Porque ser matuta significava ser uma mulher tímida, mas ao mesmo tempo brava e forte. Eu tirava um proveito disso e não dava confiança para os caras. Naquela época não era brincadeira, eu era garota, comecei com 14 anos. Cheguei aqui no Rio faltando um mês pra fazer 15 anos. Era uma menina bem matuta mesmo... Matuta é modo de dizer, né?... Eu era muito tímida. As meninas do interior geralmente eram assim naquela época. Hoje em dia não. Hoje elas sabem mais que a gente.

No Rio, eu e meus irmãos chegamos com o nome de: Oséas Lopes e Seus Cangaceiros. Quando fomos gravar na Copacabana Chantecler, o Nazareno de Brito, que era o diretor e produtor, falou para o meu irmão que esse nome de “cangaceiro” não estava bom. Aí, meu irmão disse:

– Olha, já deram umas ideias de ser Trio Mossoró...

Aí, Nazareno respondeu:

– Pronto! Esse aí tá bom! Esses “cangaceiros” aí não...

Assim iniciou a nossa jornada no Rio de Janeiro. Acho que fomos os forrozeiros mais abraçados pelo Rio. Naquele tempo já tinha muito forró na cidade, mas como a gente se vestia bem, tínhamos uma boa apresentação, a gente entrava com mais facilidade na mídia. E às vezes eu cantava umas músicas fora do forró, por exemplo “Sá Marina”. No início a gente começou a se apresentar com chapéu de couro... Toda aquela roupa nordestina. Mas depois que começamos a entrar na mídia o nosso figurino mudou.

Tocamos em muitos programas de televisão, fizemos muito com o Chacrinha. Lembro de alguns apresentadores da TV como Paulo Gracindo, Manoel Barcelos, César de Alencar e Jair Taumaturgo. Dessa época eu só lembro da gente cantando “Carcará”. Tempo em que a TV pagava cachê pra gente. Hoje a gente paga pra cantar – o tal do jabá...

Naquele tempo a TV Rio era como se fosse a globo de hoje. Tinha a TV Tupi também. Era programa de segunda a segunda na televisão. Nesse meio da televisão tinha muita gente da MPB. Por isso que tínhamos mais proximidade com essa turma, como falei anteriormente.

Depois que já estávamos aqui no Rio, retornamos uma vez para o Nordeste. Em 1965, quando o trio gravou Carcará, que era eu que cantava. Nós fomos fazer uma excursão pelo Nordeste. Começamos em Recife, depois fomos para Mossoró, Fortaleza... Depois mais três cidades do interior de Fortaleza: Areia Branca, Macau e Caicó. Na sequência fizemos um show em Teresina em São Luís de Maranhão. Foi aí que começamos a ser reconhecidos no Norte e no Nordeste.

Depois dessa excursão voltamos pro Rio. No Rio era onde aconteciam as coisas. Tinha de tudo. Nesse retorno participamos muito de um programa chamado Ciranda nos Bairros. E continuávamos tocando nos programas do Chacrinha, que se destacava com as suas atrações musicais. Participamos muito do programa dele.

Trio Mossoró recebeu um troféu muito importante para época – o Troféu Euterpe. Hoje não existe mais. Era o “Oscar do troféu”. Hoje virou o tal do Antena de Ouro. Mas esse Euterpe era uma premiação muito importante. Quem escolhia os artistas não era a Ordem dos Músicos, mas sim a Academia de Letras. Era muito chique! O dia da entrega dos prêmios foi no Teatro Municipal, uma festa muito bonita! Quem passou o troféu para a minha mão foi o presidente da Academia de Letras, um senhor bem velhinho, acho que ele já deve ter morrido porque na época ele já tinha os cabelinhos todos bem branquinhos. Ele demorou um tempão pra me entregar o troféu. E eu tímida, me tremia que só a peste pra segurar o certificado junto com o troféu. Aquele “bicho” pesava que só um chumbo...

Foi publicado alguns livros sobre a nossa carreira, se eu não me engano, o nome de um era *Sala de Reboco*. Esse livro fala de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Marinês e Trio Mossoró. É de um escritor paraibano. Depois o meu irmão fez um livro contando a história dele. Mas não foi ele. Ele contava para uma jornalista os detalhes da carreira dele no começo no Trio Mossoró e o jornalista que escrevia. Se chamava *Minha História*.

Depois Carlos André, que era o Oséas Lopes, se tornou diretor artístico da Copacabana Chantecler. Em cada área ele assinava com um nome. Acho que era pra separar as coisas, né?...

Ele produziu muita gente... Mais de cem artistas. Ele gravou uma música conhecida como *Quebra a Mesa*. O nome dela era *Se meu amor não chegar*. Era de Lindú. Esse brega estourou no Norte!

Carlos André fazia muitas coisas, era produtor e tinha uma carreira solo também, cantava músicas românticas nas noites no Rio. Ele puxava mais para esse lado. Eu não, fiquei na minha. Depois ele inventou de gravar um disco comigo – esse disco seguia mais ou menos o estilo de Cláudia Barroso, mas essas músicas não eram bem a minha praia, cantava porque meu timbre de voz servia.

Baixinho Calixto já trabalhava com ele, era assistente de Oséas, tocava guitarra pra ele. E depois ele começou a fazer gravação e a produzir meu irmão. Baixinho Calixto é meu ex-marido. Naquela época a gente era muito conhecido. Ele trabalhou como assistente de produção de Oséas, era ele que tomava conta da produção e tudo mais.

Depois meu pai pediu pra Oséas gravar um disco de forró comigo cantando, e gravamos. Gravei esse disco, e a música *Bulir com tu* foi um sucesso muito grande no Norte e Nordeste todo... Depois vieram mais outros sucessos, as coisas pareciam que estavam andando... Graças a Deus! Pouco tempo depois, vim me embora para o Rio, pois me separei do meu ex-marido, que era Baixinho Calixto. Casamos em Fortaleza, fizemos uma festança, mas depois eu vim embora para o Rio.

Mas antes de vir pro Rio, quando me separei de Calixto, fui morar com a minha irmã em Natal. Depois uns amigos me incentivaram a morar em João Pessoa e eu fui. Fiquei quatro anos em João Pessoa. O meu disco era um estouro em João Pessoa. Fiz muito sucesso na Paraíba. Aliás, no Norte Nordeste inteiro! Até hoje eles falam sobre esse disco *Bulir com tu*.

Tenho várias músicas gravadas por músicos intérpretes. Uma delas foi a Elba Ramalho que gravou *Toque de Fole: Dedo no couro é pandeirada, mão na zabumba é zabumbada...*

Quando gravei essa música, eu usava o meu pseudônimo de compositora – Ana Paula. Essa história de pseudônimo foi o meu irmão que inventou, não sei por quê. Talvez pra separar a

Hermelinda cantora da Hermelinda compositora. Compus algumas músicas em parceria com o meu ex-marido Baixinho Calixto, também compunha com outros músicos como Dominginhos. Esse envolvimento com os artistas sempre foi muito produtivo, só tem a somar.

Conheci muita gente na Paraíba. O paraibano é um povo muito acolhedor, ele lembra muito o mineiro, lá era o lugar onde me sentia à vontade pra cantar. Também gosto de Minas Gerais. Foi lá que me deram o nome de rainha, e ficou rainha até a hoje. Quando eu canto eles ficam gritando: “RAINHA! RAINHA! RAINHA!”. Sempre que encontro os meus músicos lá do Nordeste, eles me perguntam:

– Você deixou de ser doutora?

Porque lá o pessoal me chamava de doutora. Inclusive no meu prédio tem um porteiro que é paraibano e ele só me chama de doutora: “Diga aí doutora!”, “deixa aí que eu levo, doutora”... Os meus músicos do Nordeste brincam comigo dizendo: “É... você deixou de ser doutora pra ser rainha”. É o que dá...

Mas quando me separei de Baixinho Calixto pensei comigo mesma: “o que eu vou fazer aqui no Nordeste? – eu vou é me embora!”. E fiz isso! Vim embora para o Rio. Quando cheguei aqui fiquei morando com a minha irmã em Ipanema. Dei um tempo com a música. Não cantei mais. Queria esse tempo. Hoje já tem mais de onze anos que vim para o Rio de Janeiro.

Recentemente aconteceu uma coisa interessante em São Paulo... Os DJs que tocam nas casas de forró atuais, começaram a tocar as músicas do Trio Mossoró nos forrós – as músicas que eu cantava. Não demorou muito o pessoal do Nata Forrozeira entrou em contato comigo para eu cantar no festival deles. Fiz dois anos seguidos.

Os forrozeiros redescobriram o Trio Mossoró. Eu não cantava mais, entendeu?... Aí, nós juntamos o trio e fomos fazer o Nata Forrozeira de 2016, que foi uma verdadeira loucura... Coisa de doido de tão bom que foi! Tanto que hoje eu canto como Hermelinda e também com o Trio Mossoró. O Trio Mossoró é um pouco difícil de fazer apresentações porque fica caro, porque os

meus irmãos moram em outro Estado. Por isso que às vezes faço como Hermelinda.

No ano seguinte fomos novamente convidados para participar do Nata. Após essas apresentações começaram a surgir vários convites. Fizemos um baile próximo da avenida Paulista, o nome do lugar era Meu Forró. Estava lotado! Lembro que tinha um painel imenso com o retrato da gente com chapéu de couro... Impressionante! Até hoje o empresário diz que aquele show foi o show do século, porque realmente foi uma loucura quando o Trio Mossoró entrou no palco.

Antes da pandemia fui convidada pra tocar num lugar em São Paulo... É um menino de uma casa de show que tem aí... Não lembro o nome dele agora. Mas é uma casa de show bem conhecida em São Paulo. Ele queria contratar o Trio Mossoró, mas chegou a pandemia e não deu certo.

As músicas que fizemos há 35, 40 anos começaram a estourar no circuito de forró: Festival de Itaúnas, Aldeia Velha, Nata Forrozeira, Rootstock, nas casas de forró em São Paulo e em outros Estados. Começou a surgir vários shows.

Quando participei do Festival de Itaúnas... Rapaz... Foi uma coisa muito louca! Mas muito louca mesmo! Quando comecei a cantar as músicas, todo mundo cantava junto, entendeu?... Eu fiquei muito emocionada! Cheguei até a chorar no palco!

Também participei de um festival em Lisboa que se chamava *Baião Vai*. Foi lindo também! E assim foram se abrindo as portas. Toquei numa outra casa também em Lisboa... Foi bom demais!

Não sei se você já viu o meu minidocumentário... No meu *instagram* tem, meu sobrinho botou recentemente. Foi gravado em Portugal. Ele repercutiu muito nas redes! Eu sei que o forró com essa turma de hoje está bom demais! É fora de série, né?...

Ó, quando fui para Portugal, a Anastácia também foi. Eu fui na segunda e ela na sexta-feira, e o show, se eu não me engano, foi no sábado. Fizemos juntas. Depois eu fiz um só, com outros artistas que estavam por lá. Foi muito maravilhoso. Vixe! Agora tenho uma porção de amigos no meu Facebook – muita gente de

Portugal me manda mensagem. Acho que já tem uns onze anos que fui pra lá ensinar forró.

Tenho vontade de voltar pra Portugal porque eu amei de paixão aquele país. Gostei demais, demais, demais! Me senti em casa. Só fiquei um pouco incomodada depois porque fiquei uma semana em Portugal e poderia ter aproveitado e conhecido a França. São algumas horas de trem. Quer dizer, de trem bala, né?... É num instante. Ia nem que fosse para passar um dia e no outro vinha embora. Daria para conhecer os pontos turísticos, bater umas fotos, tomar um café...

Mas onde eu tenho vontade de ir mesmo é pra Itália. Demais! Demais! Demais! Sou louca para conhecer a Itália. Quando eu estava em Portugal apareceu uma oportunidade pra eu ir pra Inglaterra, mas na época o cara queria que eu fosse sozinha, eu disse:

– Não! Sozinha, eu não vou, não.

Nem a pau eu iria. Em Portugal eu fui acompanhada. Levei um rapaz que trabalha comigo, que é zabumbeiro, tremendo de um músico! Toca guitarra, toca qualquer instrumento que você der pra ele: teclado, zabumba, violão... Comigo ele tocava zabumba.

Esse pessoal que contratava os músicos brasileiros para outros países, eram os próprios brasileiros. Produtores que trabalhavam aqui e que viram que o forró lá fora também era um caminho a se seguir. Um deles era o Araújo, que produzia o Nata Forrozeira. Ele que fazia esses contatos. Tanto que ele passou a produção do Nata pra outro rapaz. E o de Lisboa é o Henrique Matos, ele é professor de dança de forró, tem uma academia de dança em Lisboa.

Eu imaginei que a viagem a Portugal não seria boa, mas compensou muito conhecer Portugal, é um país maravilhoso e tem um povo muito fora de série! Eles adoram um forró, gostam muito de uma sanfona. Não pode ouvir a zoada de uma sanfona que ficam tudo doido. Foi muito bacana! E eu me senti como se estivesse no Brasil. Fiquei muito contente com o sucesso internacional do Trio Mossoró. E aqui no Brasil também fizemos muito

sucesso no Nordeste e agora com o pessoal mais jovem de São Paulo...

Em 2018, meu irmão Carlos André foi receber o troféu Gonzagão, de 63 anos de existência do Trio Mossoró, lá em Campina Grande. Como Oséas tem mais tempo de carreira artística, em 2019 ele foi homenageado como cantor, produtor, compositor, diretor de gravadora... O bicho fez muita coisa! Ele assobiava e chupava cana ao mesmo tempo!...

Mas essa pandemia está empacando muita coisa, meu amigo. Realmente bagunçou a vida de todo mundo, né?... Eu ia fazer uma temporada em São Paulo, no Estado todinho... Era um projeto da Secretaria de Cultura. Um amigo que estava organizando, mas as apresentações foram canceladas por causa da pandemia.

Essa pandemia está parecendo o fim do mundo. Nos meus 75 anos nunca vi uma coisa dessa. Já passaram vários vírus barra pesada, onde muita gente morreu, mas não foi publicado e nem ficou dessa maneira como esse vírus está. Hoje está perigoso até de você se sentir mal por outra coisa em casa e ir pro hospital, quando chegar lá o médico dizer que vai ter que entubar. Entubar é muito complicado... Fora o pessoal que tá passando fome e sofrendo muito com essa pandemia...

Agora vou pedir uma licença pra você porque eu não deixo de rezar o meu tercinho. Nessa pandemia a gente tem que orar muito, pra gente e pra todo mundo. Pedir a Deus que as pessoas se conscientizem mais, né? Sejam mais amigas uma das outras, ajudem mais uns aos outros. Tenha mais amor à vida. A vida é tão boa, e estar viva pra contar essa experiência é melhor ainda.

O forró pé-de-serra em São Paulo

BERNADETE FRANÇA



Com uma camisa muito elegante e seu belo e característico chapéu de couro, Bernadete França apresentou-se para a entrevista. O formato triangular e as três estrelas frontais do chapéu remetiam à capa do seu álbum, denominado *Empoderadas*.

De família humilde, Bernadete conseguiu trilhar novos caminhos por meio da música, alterando de forma positiva suas condições de vida. Esse trajeto, porém, não foi feito só de maravilhas; a cantora teve que, por vezes, abdicar dos estudos e do lazer. Considerada uma garota prodígio na arte de cantar, foi o programa de calouros chamado *Mundo da Criança* que a projetou em diferentes espaços e lugares.

Os espaços nos quais ela foi inserida a conduziram a um gênero musical mais abrangente, a MPB. Segundo Bernadete, São Paulo apresentava uma certa ausência de lugares para as músicas “culturais”, termo que, de acordo com a cantora, refere-se às suas raízes. Essa dificuldade provavelmente estava associada à sua própria inserção em um segmento específico da música.

O deslocamento de Recife para São Paulo foi permeado de sonhos e desafios. Bernadete veio com a intenção de lutar para conquistar seus sonhos. Ela sabia onde estava pisando. Ao falar sobre a importância de suas experiências, ela deixa evidente que para acessar o forró, teve que trazer à tona não só referências específicas do meio, como o repertório da cantora Marinês, mas também a diversidade que vivenciou como *crooner* – refiro-me aos procedimentos técnicos que ela aprendeu nas bandas orquestradas, que incluem uma preparação que se inicia antes do show e vai até o seu fim.

Um dado comparativo interessante que Bernadete destaca do período em que trabalhava como *crooner* é a relação respeitosa entre homens e mulheres. Nesse contexto, ela comenta que nunca sentiu seu lado feminino abalado – em outras palavras, nunca foi desrespeitada naquela vivência. Diferentemente de quando entrou para tocar nos bailes de forró. Seu conhecimento sobre o circuito do forró

se deu em 2015. Na sua primeira apresentação percebeu uma repulsa do público em relação à presença feminina no palco, e mesmo cantando um repertório já conhecido por eles, ela sentiu como se houvesse uma parede entre o público e ela.

No circuito de São Paulo no qual Bernadete se inseriu, não existia uma programação variada de artistas (bandas, trios ou cantores). A dinâmica das atrações alterava-se pouco. Se adicionarmos o marcador social “mulher” ao de “nordestina”, é possível notar uma presença ínfima no circuito. Nessas apresentações, Bernadete escolheu representar suas raízes, aproximando-se cada vez mais das canções que escutava no passado, sendo Marinês sua referência musical. Além de cantora no forró, Bernadete descobriu-se como compositora. Seu álbum e a canção-título “Empoderadas” fazem alusão à sua trajetória musical.

Bernadete narrou com detalhes o funcionamento do circuito de forró na visão de uma musicista. Existe um movimento extenso de forró que ultrapassa a cidade de São Paulo, podendo ser identificado como o *circuito do eixo sudeste*, constituído por festivais, casas de forró e coletivos, e abrangendo as capitais de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, e o município de Itaúnas, no Espírito Santo (ES).

Para finalizar, ao ler sua história de vida, Bernadete viu-se representada no texto e demonstrou um sentimento de orgulho da sua trajetória.

*Não boto o meu pé sem saber
o que eu vou fazer, não.
Bernardete França*

Eu não tive uma aproximação com o meu pai. Naquela época, ele tinha uma doença que era muito contagiosa. Dos nove filhos da minha mãe eu era a caçula. Eu tinha 4 anos de idade. A tuberculose era uma doença perigosa igual a Covid-19 hoje em dia. A gente não podia ter contato nenhum. Ele nem me carregava no colo... Minha mãe tinha muito medo. Então eu praticamente não o conheci, por isso não lembro dele. Lembro vagamente por fotos. Ele era músico repentista e tocava viola.

Meus pais eram de Guarabira, uma cidade que tem na Paraíba. Eu nasci em Rio Tinto também na Paraíba. Meu nome é Bernadete França de Menezes, o França vem do meu pai, Alfredo França, e o Menezes da minha mãe Luzia Laurentino de Menezes. Bernadete foi uma homenagem à santa Bernadette Soubirous.

Com um ano de idade a minha família migrou para Recife. Como sai pequenininha de lá da Paraíba, não conheci a minha cidade. Conheço João Pessoa. Quando fui vocalista do Toquinho, íamos sempre para João Pessoa fazer shows, mas a minha cidade mesmo eu não conheço. Tenho vontade de conhecer. Qualquer dia apareço lá...

Fiquei até os meus 12 anos em Recife. Comecei a cantar com 6 anos de idade. Eu me lembro cantando *O Cheiro de Carolina*, de Gonzaga:

Hum, hum, hum
Carolina, hum, hum, hum
Carolina, hum, hum, hum
Carolina...

Eu venho de uma família muito humilde. Na minha infância não tive brinquedos. A minha mãe não tinha dinheiro para comprar essas coisas pra mim e minhas irmãs. Dinheiro era pra comer, comprar uma roupinha pra ir para escola, essas coisas...

A gente brincava no quintal de casa mesmo. Sabe aquelas quengas de coco?... Eu colocava uma em cada pé e saía andando... Potoc... potoc... potoc... Lembro também que a minha mãe fazia uma burrica no quintal que é assim: ela colocava um pau – uma estaca, e furava ele no chão. Em cima dessa estaca, ela colocava um outro tronco, que ficava metade para um lado e metade para o outro... A gente ficava rodando e balançando naquilo. Se chamava burrica. Aí uma sentava de cada lado e ficava girando e balançando. A brincadeira era assim...

Desde pequenininha eu tinha uma adoração por artesanato. Lá na minha cidade, no meu bairro, tinha uma barragem e tinha muito barro por perto. Era com aquele barro que eu fazia os meus brinquedos: cadeirinha, fogãozinho, fazia tudo... E os meus bonequinhos eram feitos com cabeça de goiaba... Eu pegava uma goiaba e furava com palito de fósforo. Fazia as perninhas com bananinhas, colocava na cadeirinha...

Quando eu chegava da escola minha mãe dizia assim:

– Hoje tem o Mundo da Criança!

Que era um programa.

– Hoje você vai, filha? Você quer ir no Mundo da Criança?

– Aí eu quero!

Era um programa da TV Jornal do Comércio. Podiam participar crianças que tivessem até 15 anos de idade. E era assim, se alguma criança se destacasse muito, ela iria começar a apresentar um quadro do programa. E eu ganhei esse quadro. Então de cantora eu passei a ser apresentadora. A minha vida foi essa em Recife.

Comecei a fazer esse programa de crianças em Recife. Ganhei um prêmio dos Diários Associados de Pernambuco como Revelação da cidade com 12 anos. Foi esse prêmio que me trouxe até São Paulo. Fui me apresentar num quadro do Silvio Santos. Particpei de Cidade contra Cidade. Ganhei! E aí fiquei aqui em São Paulo e nunca mais voltei para o Nordeste, só a passeio.

No programa do Silvio tinha um jurado chamado José Fernandes, ele era muito rígido. Ele me falou:

– Você não quer fazer um *happy hour* comigo pela tarde?

Aí eu respondi:

– Pode ser. Eu vou junto com a minha mãe.

Porque eu tinha 12 anos. Eu não podia participar sozinha das coisas. Ele falou:

– Fique tranquila é de tarde e a sua mãe pode ir também.

Aí fomos... Comecei a fazer voz e piano com ele. Ele era pianista. Naquela época eu já cantava Elis, Ângela Maria, Caetano... MPB. Eu não cantava as minhas raízes porque naquele período ele não se interessava. Não que ele não gostasse... Ele não se interessava pelo ritmo. Como eu precisava me mostrar, apresentar o meu trabalho... Recém-chegada de Recife e tudo mais... Eu tinha que fazer o MPB, né? Tinha que partir para esse lado.

Mas eu nunca deixei as minhas raízes de lado. Eu sempre ouvia Marinês, todas as músicas da Carmélia Alves... Acompanhava todas essas cantoras. Eu pensava assim: "Um dia eu vou fazer um show só com músicas culturais, porque essas são minhas raízes". Mas demorou um pouco pra eu fazer isso. Para sobreviver aqui em São Paulo não era fácil...

Eu e minha mãe fizemos um pacto quando chegamos aqui em São Paulo. Ela era costureira, então ela fazia os bicozinhos dela na costura e eu fazia os meus na música. Com 17 anos parti para ser *crooner* de baile.

Em São Paulo ficamos na casa de uma prima. Ela trabalhava demais, o marido dela também, e a gente chegava muito tarde em casa. A gente sentia que incomodava um pouco... A situação não estava muito boa. Resolvemos sair. Alugamos um quarto e cozinha na Liberdade e continuamos o nosso pacto...

Eu parei os meus estudos porque eu tinha que sobreviver. Infelizmente não dava para estudar. Então eu me dediquei somente à música mesmo. Depois já grande, maior de idade, que voltei a estudar e me formei. Fiz segundo grau, fiz o vestibular e fui para faculdade de Música.

Em Recife eu nunca deixei de imaginar São Paulo... De sonhar com São Paulo. Sempre, sempre, sempre sonhei! Tinha muita esperança e muitos sonhos. Eu achava que São Paulo era uma cidade que eu poderia fazer de tudo um pouco. Eu já lia muito nessa época. Ficava vendo os noticiários... Lia sobre São Paulo, sobre o Rio de Janeiro... Mas achei que São Paulo seria a cidade que iria me trazer respostas, entendeu? Pensava comigo mesma: "Quando eu for para São Paulo, eu vou cantar, estudar, vou me dedicar à arte em geral..." Sou artista plástica também. Queria desenvolver esse meu lado aqui.

Eu queria comprar uma casa pra mim, então eu ficava vendo aquela revista Casa e Jardim: "Nossa! Olha essa casa!"... Folheando a revista... E eu consegui! Com a minha perseverança! Não foi fácil. E já digo para as cantoras que querem migrar para São Paulo, se elas tiveram condições financeiras e talento, porque essas duas coisas andam juntas... Elas não vão sofrer tanto. Mas se vier na intenção de luta, de garra, de querer vencer, vai sofrer demais. Sofre com tudo... Com o clima, porque você não tem as roupas adequadas para enfrentar o frio, né? Eu nasci numa cidade quentinha que é a Paraíba, depois fui pra Recife, continuei no quentinho. E vim para São Paulo uma cidade fria. Você não tem os agasalhos adequados... Por isso o sofrimento foi grande.

Quando cheguei em São Paulo também sofri preconceito por ser nordestina. Eu cantava à noite e também trabalhava como balconista durante dia. E eu senti o preconceito aí. Conheci a face cruel do ser humano. Eu tinha muitos apelidos: "matuta", "baiana"... "Passou da Estação da Luz não adianta, é baiana..." "É nordestina? Cadê as suas alpargatas?" Então foi muito *bullying*... Muita discriminação... Até que eu não aguentei. E pensei: "Não! Isso não é pra mim, estou no caminho errado".

Em São Paulo, o único trabalho que entrei que não era na área da música foi o de balconista. Acho que fiquei uns três meses nesse emprego. Eu tinha que chegar na loja às 6 horas da manhã, antes de todo mundo chegar para lavar a loja. Tinha muitas balconistas, muitas meninas trabalhando. Eu era a única nordestina. E era eu que tinha que ir cedo para lavar a loja todos os dias. Além dessa discriminação por ser nordestina, o frio também foi me deixando doente, porque jogar água às 6 horas da manhã... Eles não davam nenhum equipamento de proteção... Nada! Eu estava arriscando muito a minha saúde numa situação dessa. Então eu saí.

Quando me tornei *crooner* não senti nenhum tipo de preconceito, porque a música era um lugar que eu me garantia, entendeu?... Me garantia com a minha arte! Então ninguém falava nada. Se quisesse falar alguma coisa era num tom de brincadeira e não aquela coisa discriminatória.

Ainda nessa época conheci um dos empresários do Toquinho. Ele também era empresário de uma banda que se chamava Coisa Nossa. Ele só vendia a banda, né? Depois de muito tempo ele saiu. Ele sempre dizia pra mim:

– Quando eu sair daqui, se eu ficar bem financeiramente, eu venho lhe buscar, viu... Venho! Tiro você daqui...

Eu fiquei dez anos fazendo parte de bandas... Essas experiências foram fundamentais para mim. Olha, todo artista que foi *crooner* tem um diferencial, entendeu? Ele não se abate. Ele sabe como se comportar num palco, como conversar com o público... Ele sabe transmitir com a música o que ele quer dizer. Porque a vida de uma *crooner* é plural, ela canta de tudo... Do internacional ao frevo... Tudo!

Eu fiquei sete anos na banda Coisa Nossa. Tinha quatro cantores. Era uma banda grande. E todos os cantores tinham que dançar e cantar. Ensaiávamos várias coreografias... Cada semana era uma dança diferente. Eu, por exemplo, já tive que dançar frevo com aquela sombrinha e tudo mais... E eu dançava frevo porque saí de Recife dançando, né?... Agora se hoje você pedir pra eu fazer um passo de frevo daqueles que agacha... Eu fico lá agachada, não me levanto mais! Já não tenho pernas pra isso.

Você já viu a dança de frevo? Tem que passar a sombrinha por baixo das pernas, agachar, e passa outra, e levanta, e bota a perna pra lá, pra cá... É muito lindo! É uma dança que exige muita força do corpo. E na banda tinha isso. Eu tinha 17 anos, estava no meu auge, né? Então eu dançava muito frevo, dançava jazz, gafieira... E tinha que dançar e cantar ao mesmo tempo: *Olha, essa mulata quando dança, é luxo só...*

Por isso que digo que quem foi *crooner* é um artista completo. É uma vivência muito intensa. São quatro horas de trabalho em pé no palco. A gente trocava de roupa a noite toda. E tinha que manter o sorriso no rosto... No repertório entravam vários gêneros: *dance*, *iê-iê-iê*, jazz, ritmos variados. Cantoras como Barbra Streisand, Donna Summer... Os sucessos da época. E os músicos tinham que cantar todos os ritmos. Essa experiência te forma um artista completo.

Em 1974 gravei um compacto pela Chantecler com as músicas *Vagalume*, que era um samba, e *Salinas das margaridas*, que era um baião. Então já parti para os discos cantando o que eu queria cantar, que eram as minhas raízes. Eu sempre tentava colocar uma coisinha ou outra para não fugir totalmente das minhas raízes nordestinas.

Mais para frente, em 1982 eu gravei outro compacto. Quase conheci Gonzaga quando gravei esse compacto pela RCA Victor. O disco se chamava *Pirilampo do Uauá*, que era um maxixe do Gereba e Carlos Pitta. Do outro lado tinha a música *Fogaréu*, de Walter Queiroz, um arrasta-pé. Ia conhecer Gonzaga no dia da gravação. Mas houve uma discussão lá... Uma confusão com Gonzaga e o pessoal... Eu nem sabia o que estava acontecendo. Só sei que foi por isso que fui impedida de conhecer ele esse dia.

Mas o meu maior sonho mesmo era ter conhecido Marinês. Eu não tive essa oportunidade. E lá em Recife, quando eu tinha 11 anos, eu não podia ir aos shows dela porque eram à noite e eu ainda era uma criança.

Eu não tive muito lazer, minha vida era só trabalho. Minha mãe era muito rígida, ficava em cima de mim o tempo todo. Eu não saía pra fazer nada, além de trabalhar. Nas viagens a trabalho

a minha mãe ia junto também. Eu era vista como uma garota prodígio que chegou em São Paulo e todo mundo queria contratar para trabalho. Fazia gravações de muitos *jingles*. Gravava para as Pernambucanas, Companhia de Aviação Cruzeiro, essas coisas... Fazia jingles e outras produções que não me lembro agora. Isso também me dava um retorno financeiro muito bom.

Depois que gravei o compacto simples pela RCA, resolvi sair da banda em que eu era *crooner* porque surgiram vários shows, apresentações em televisão e tudo mais... Eu fiz muito Hebe Camargo... Quando eu ia fazer Chacrinha ele faleceu. Se eu continuasse na banda como *crooner* eu não conseguiria assumir esses shows. Porque eram muitas viagens... Belo Horizonte, Brasília, Rio, todos esses lugares. Pra mim não dava mais. Eu não tinha mais tempo. Foi nessa época que o empresário da banda me retornou falando:

– Bernadete, agora eu tô trabalhando com o Toquinho. E ele tá precisando de uma vocalista.

Aí, eu falei:

– Nossa! Maravilha. Que coisa boa.

– Eu pensei em você...

Ele me explicou a quantidade de shows, quanto pagava... E eu não ganhava aquilo o que ele estava propondo. Mesmo fazendo os meus shows que fazia como solista, jamais ganharia aquela grana. Era dólar que eles me ofereceram...

– Olha, você é a décima cantora que ele vai tentar.

– Poxa, mas a décima?... Então eu não vou ficar, né?

– Não sei, mas o que ele tá querendo é o seu perfil. Ele quer uma vocalista solista e ainda não apareceu nenhuma.

Eu falei:

– Então tá bom. Eu não vou dizer que vou aceitar, mas posso fazer o teste.

Fui fazer o teste na casa da Mara Carvalho, que era atriz na época. Ela era namorada de Toquinho. Eu lembro até hoje... Lá em Pinheiros. Fui preparada porque eu sou muito atenta, entendeu? Pra tudo! Não boto o meu pé sem saber o que eu vou fazer, não. Eu fui preparada. Peguei boa parte do repertório dele

e fui... Quando cheguei lá ele me atendeu muito bem... Toquinho é maravilhoso, foi um patrão e tanto. Me deixou muito à vontade. Quando entramos, ele pegou o violão e perguntou:

– Que música minha você canta?

Aí, eu fui falando as músicas que eu cantava...

Ele falou:

– Nossa! Que beleza! Canta quase tudo. Então vamos ver...

Qual é o tom?

Aí eu dei o tom e ele começou no violão... *Tantas você fez que ela cansou, porque você, rapaz...* Era *Regra três*. Depois foi *Tarde de Itapuã*... E eu fui cantando, né?... Aí ele terminou e ele falou assim:

– Você tá contratada! Era isso que eu estava precisando.

– Nossa! Que coisa boa, Toquinho!

Ele me perguntou:

– Você pode viajar?

Eu não era casada, era solteira.

– Posso sim. Mas a gente precisa conversar porque também faço os meus shows como solista...

– Passa no meu escritório pra gente conversar sobre os valores...

– Certo.

Aí eu fui... E realmente não dava para recusar. Foi muito bom. Eu fiquei quase cinco anos cantando com ele. Na mesma hora já resolveram as burocracias do passaporte, já resolveram tudo. Com duas semanas eu já estava indo para Itália. E nessa pisada de Itália, França, Espanha, Japão... Eu ia e voltava... Ficava dois meses pra lá... Depois passava uma semana aqui... Ia e voltava... Junto com ele. A minha vida foi essa, mais na Europa com Toquinho do que no Brasil.

Conheci muita gente na Europa. Fiz tremendas amizades... Tanto que depois fiz uma temporada lá com piano, bateria e voz. Era um trio que estava precisando de uma cantora para cantar MPB. Então nas horas vagas eu fazia com eles também... Além de gravar músicas com Toquinho: um vinil no Japão e um na França. Era muito bom!

Trabalhando com Toquinho, conheci um músico na época das apresentações no Maksoud Plaza. Esse músico é o pai da minha filha, um trompetista. Fiquei 13 anos casada com ele, mas não deu certo.

Na minha vida na música, antes de chegar no forró, nunca senti o lado feminino abalado. Nunca senti... Eu não tinha tempo, entendeu?... As coisas lá na banda eram muito certinhas. Havia muito respeito. Era respeito do público, respeito dos produtores, respeito de toda a equipe que trabalhava com a gente. Desde o carregador de instrumento até o empresário tinha muito respeito. Então eu não sentia essa tensão entre homens e mulheres. Nem nas viagens internacionais não senti. Fui sentir mesmo quando eu voltei para o Brasil.

Eu tenho uma filha que é musicista e mora na Áustria. Hoje ela é professora de uma Universidade. Ela dá aula. Ela tem um quarteto que se chama Quarteto Auner, viaja o mundo todo. Ela é da música clássica, violinista. Eu fiquei um tempo morando com ela fora do Brasil. Quando ela se casou eu falei:

– Pronto, filha. Agora mamãe vai voltar pro Brasil. Não tem mais nada pra eu fazer aqui.

Foi quando voltei. Eu já conhecia o pessoal do forró, que era o Tiziu, Dió de Araújo, o pessoal das antigas mesmo. Amigos massa! Que eu adoro! E aqui estava aquela febre do “circuito do forró”, e eu não sabia o que era o “circuito”... Isso foi em 2015, por aí... Quando eu voltei, procurei o Tiziu e falei:

– Tiziu, tô aqui!!!

E ele...

– Menina! Olha, você tem que ir por forró, pro circuito...

Aí eu perguntei:

– Mas o que é esse circuito?

– É o circuito do forró em todo o Brasil! Sexta-feira eu vou estar no Remelexo. Vai lá. Vai ser lançamento do DVD dos Três do Nordeste e eu vou participar... E aí você pode dar uma canja.

– Que maravilha! Vamos sim!

Fui... Quando cheguei lá, o Tiziu começou a cantar e no meio do show dele ele me chamou. Cantei Marinês... Mas senti que o

público não estava nem aí, sabe?... O público nem se virou para ver quem estava se apresentando. Aí que eu senti o impacto.... Percebi que alguma coisa não estava agradando o público. Senti realmente um peso do público em relação à cantora – em relação a mim – mulher em cima do palco. Mas terminei a apresentação e tudo bem.

Tinha um produtor que viu essa minha palinha no Remelexo e se interessou. Ele se chamava Alex Pacheco. Ele fazia O Meu Forró às sextas-feiras. Aí ele me falou assim:

– Bernadete, eu gostei demais da sua voz. Vamos fazer uma experiência? Vou te enviar um repertório pra você cantar, que é o repertório do circuito, que o povo gosta... E aí você vai adicionando uma música ou outra do seu repertório mais pra frente.

Eu gostava daquele repertório mais tradicional, né? De Gonzaga, Marinês, Jackson... E o repertório do pessoal do circuito era Marinalva, Messias de Holanda, Mestre Zinho... Mas tinha Marinês também. Mas não era aquela Marinês que eu gostava, era uma coisa bem diferente. E aí ele montou esse repertório e falou:

– Quando tiver pronto você me avisa.

Em um mês aprendi cinquenta músicas, decorei todas... Acho que o meu lado de atriz, que eu também fiz teatro, me ajudou muito nessa parte.

Fui fazer os shows... Mas ainda continuou aquela coisa... Eu sentia que tinha uma parede em relação à mulher no palco do forró pé-de-serra. Pensei comigo mesma: “Caramba! Cantei tudo que eles gostam, fiz tudo... Até visual... O que tá faltando?”

Foi quando surgiu o Festival Nacional Forró de Itaúnas. Eu fui participar... O mesmo Alex da produção do Remelexo estava fazendo uma seleção de bandas e me falou:

– Bernadete, participa desse festival. É um festival que tem uma visibilidade grande no cenário nacional e internacional. Ele é muito bem aceito. Vai te abrir portas e você tem condições!

– Ah rapaz! Será? Eu preciso me preparar. Não sei...

– Olha, com esse repertório que você tem eu acho que vai dar certo. Mas você tem que ter uma música inédita.

Na época eu já conhecia Hermelinda. Ela veio para São Paulo e ficou hospedada aqui na minha casa. A gente fez uma amizade bacana. O Reginaldo Régis, que faleceu recentemente de Covid, já era um grande compositor e fazia músicas para ela. E ela falou que iria falar para ele mandar umas músicas pra mim. E ele mandou uma música que se chamava *Saudade*. Eu gostei da música. Conversei com ele...

– Régis, essa música já foi gravada antes? Pra participar do festival precisa ser uma música inédita.

– Nunca foi gravada. Pode fazer ela. Tá tudo certinho.

Preparei um repertório, fui e cantei...

A primeira etapa do festival tinha que ter um repertório mais ou menos. A segunda tinha que ser muito bom pra passar para final. E assim eu fiz. No fim, ganhei o festival! Ganhei! E foi a partir desse festival que eu conquistei o público do forró pé-de-serra, do forró do circuito. Eu acho que se eu não tivesse feito isso não teria conseguido me aproximar do público, seria muito difícil.

Então eu sentia que no circuito havia essa distância, esse distanciamento de mulher no forró. Entendeu? Agora não sinto mais porque já fiz um nome. Quando chego no palco, graças a Deus eu sou bem aceita. Agora é só vida que segue.

Quando resolvi concorrer no festival, pensei: “Eu quero representar uma cantora. Quero fazer algo que vem das minhas raízes. Um repertório que eu gosto e que, ao mesmo tempo, eu posso representar.” E foi assim que me veio a ideia de representar a Marinês. Eu não queria subir no palco sem ter um propósito... Cantar por cantar... Eu falei: “Não, eu quero subir e representar algum cantor”. Então escolhi Marinês. Ela tem tudo a ver com as minhas raízes. Ela faz parte da minha cultura. Desde criança eu gostava dela. Quando fui fazer esse trabalho, fui para cantar e dizer ao público:

– Eu estou aqui para cantar Marinês pra vocês!

Foi o que eu fiz. Me vesti, coloquei este chapéu de couro nordestino com essas lindas estrelas... Não é fácil colocar um chapéu e representar a Marinês, mas dessa vez o público me viu e me olhou diferente...

As músicas de Marinês não são fáceis de cantar, elas têm uma extensão muito grande. Você tem que ter uma extensão de voz; muito ritmo, palavreado, dicção, tudo... Modéstia parte, isso eu domino bem. Fui realmente completa para representar Marinês. O público me olhava e já pensava nela. Inclusive tinha muitas pessoas chorando na plateia... Coisa que eu nunca tinha visto. E até hoje tem um ou outro que chora.

A gente precisa ser verdadeira para cantar porque não adianta: "ah, eu vou cantar essa música porque o povo gosta". Não... Eu vou cantar porque vou transmitir o que quero dizer para o público, né?... Depois, comecei a cantar uma série de cantores que eu não conhecia como a Marinalva, que é a irmã da Marinês. Eu não conhecia o trabalho dela. Passei a conhecer. A própria Hermelinda que também é maravilhosa, canto muito o repertório dela.

Se der tudo certinho, vou fazer uma *live* e nela eu vou dar uma oficina onde pretendo passar um pouco dessa minha experiência de *crooner* para outras vocalistas. Depois que ganhei o festival, percebi que muitas cantoras que estão começando têm medo de cantar: "Eu ainda não estou preparada para cantar..." Entra ano, sai ano, ouvindo isso, que "nunca está preparada". Ser *crooner*, neste sentido, foi um preparo muito bom pra eu enfrentar as dificuldades dos grandes palcos. O FENFIT, por exemplo, é muito sério. É um festival que te projeta... Mas tudo depende do que você vai querer... Do seu foco.

O que realmente você quer? Qual é o seu timbre? Você é soprano, médio-soprano ou contralto? Você tem que saber a tonalidade de cada música, de cada repertório. Qual o cantor que você quer representar? Você gosta de qual artista? Qual é a cantora? Qual é o cantor? Há um preparo muito grande que vem antes de subir nos palcos. E esse lado de ser *crooner* me deu uma experiência boa para encarar essas situações.

Eu trabalhava com um músico que era acordeonista e pianista, o Mario Gennari Filho. Ele já faleceu. Um músico maravilhoso, que também era compositor. Eu era cantora dele. A gente fazia apresentações no SENAC; todo mês eu tinha que cantar uma música que representava um país. Por exemplo, um mês

era de música portuguesa. Aí tinha o cenário e a culinária portuguesa. Era um curso de formação de garçons no SENAC. Nisso eu entrava e cantava uma música portuguesa – cantava Amália Rodrigues. Nessas apresentações no SENAC eu tinha que cantar de tudo, só não cantei em japonês, mas em inglês, francês, tinha comida francesa... Tinha comida espanhola, italiana... Isso é a minha bagagem. Eu carrego essa experiência comigo.

A oficina que quero fazer é para preparar as cantoras que querem subir nos grandes palcos. Exercitar o foco de cada uma delas para que elas saibam realmente o que vão fazer. Não é só cantar não... Tem a parte do visual... Facial... Você tem que transmitir leveza. E quando você vai para um agudo, você não pode fazer “urgh!”, sabe? Fazer caras e bocas. Você tem que dar aquele agudo e sorrir com classe, como se não tivesse acontecido nada... Isso vem da respiração...

Você tem que pensar na música. A música não é linear, ela tem altos e baixos. É do grave ao agudo. E aí quando ela vai para o agudo, a pessoa tem que se preparar mentalmente para o que vai acontecer. Não é ficar cantando “lá... lá... lá... lá...” E se desligar da respiração... Respiração é tudo! Tem que respirar e se preparar para aquele agudo, entendeu?... Para dar o agudo você se prepara totalmente dos pés até o fio do cabelo... Só assim você consegue dar aquele agudo bem bonito, gesticulando suavemente com o corpo também.

Outra coisa, preparar o seu organismo. A pessoa que vai para um festival como o FENFIT, precisa dormir bem. Eu sei que não é fácil... Muita gente da noite, assim como eu, bebe uma cervejinha... Se eu não for cantar, eu bebo os meus drinkezinhos... Mas tudo no limite. Só que quando você vai participar de um festival como o FENFIT você não pode nada disso antes. Você tem que ficar dias antes se preparando... Preparando o seu organismo para não ter acidez. A acidez acaba com as nossas cordas vocais. Você vai ter que saber o que você vai comer, certo? Vai ter que se preparar, descasar, dormir... Porque quando você dorme as suas cordas vocais estão descansando. Isso tudo para pessoa não ficar nervosa antes de cantar.

Esse preparo da pessoa não ingerir bebida alcoólica já te deixa uma pessoa mais consciente, mais forte no que vai fazer. É como um relaxamento mesmo. Um exercício vocal de manhã... Eu sempre faço antes de subir nos palcos umas vocalizações para aquecer a voz: “Dó... ré... mi... fá... sol... Lá... si... dó... si... lá... sol... fá... mi... ré... dó...” Isso é muito bom!

A afinação é muito importante! Ela vem com a respiração. Elas estão juntas. São tantas coisas... Por isso que eu digo que ser *crooner* é tudo. Ali você pega o fio da meada e nunca mais larga, depois é só ir lapidando...

Gosto muito de passar a experiência que aprendi para outras pessoas. Eu queria ser professora de música, sonhava em trabalhar na prefeitura. Para isso eu tinha que fazer licenciatura em música. Eu pensava assim: “Se não der certo na música, eu vou ser professora.” Mas a minha vida como cantora foi tomando outra direção. Aí coloquei no papel: “eu ganho x viajando como cantora... Quero também gravar CD...” Quando vi a realidade de um ordenado de uma professora de música da prefeitura, pensei: “Não tem condições!” Foquei em ser cantora.

Mas eu sempre quis ser cantora. Eu me realizo assim! Eu pensava que a escola era uma coisa diferente, mas não. Percebi que não era pra mim. A carga horária era muito pesada... Eu não ia ter tempo pra nada. Então eu preferi ser cantora.

Antes de entrar no circuito do forró eu fazia shows pelas prefeituras e no SESC. Aí já era um trabalho mais focado. Um trabalho na certeza porque vai ter o público para aquilo, você sabe o que vai acontecer com você. Já no circuito de forró a gente não sabe. Eu senti muita dificuldade com isso...

Um dia eu perguntei para um produtor:

– Por que eu não canto no seu trabalho? Você não gostaria que eu fizesse um dia no seu baile?

Era um produtor de muito sucesso. E aí ele falou assim:

– Não, porque cantora não agrada.

No começo eu fiquei chocada com essa resposta, mas depois entendi. É porque ele precisa ter o retorno financeiro dele. Se ele colocar uma cantora que pode não atrair o público, ele vai ter

prejuízo, né?... E na noite ele tem que pagar os garçons, os seguranças, o caixa... Uma série gente... E não só o cachê dos artistas. Hoje entendo perfeitamente esse lado do produtor.

O forró é um mundo muito pequeno. Teve uma época, antes do Oswaldinho se tornar famoso, a gente tinha um grupinho que se encontrava para beber cerveja e conversar... Era eu, Paulinho Pedra Azul, uma pessoa maravilhosa... Compositor maravilhoso, um artista fortíssimo, Oswaldinho e a Tetê Espíndola. Era todo mundo junto, um grupinho. A gente saía, conversávamos muito... Depois foi cada um para um lado, e Oswaldinho virou o grande Oswaldinho que é hoje. Gravei algumas coisas com ele também.

Não conheci Pedro Sertanejo, só conheci o Oswaldinho. Nessa mesma época conheci Tiziu, que é uma pessoa fundamental na minha vida. Foi ele que me levou para o circuito. Dió Araújo também... Gravávamos algumas coisas juntos na época de Dominginhos...

Eu também fui compositora. Aliás, sempre fui compositora, mas eu não tinha coragem de mostrar as minhas músicas para as pessoas. Tinha medo. Quando eu ouvia as músicas de Anastácia e Dominginhos... Eu pensava: “Deus me livre, eu não vou mostrar minhas músicas pra ninguém...”. Porque esse povo era tão perfeito na música, e eu achava que eu não era capaz. Fazia as letras, os versos e ia guardando. Nunca fiz melodia, só letras, e ia guardando na gaveta. Quando gravei o meu CD *Empoderadas*, o Andam Oliveira me encontrou e me fez uma pergunta:

– Bernadete, você não tem nenhuma música sua?

– Rapaz, eu tenho. Mas será? Eu acho que eu não estou à altura...

Aí eu mostrei uma música que gosto muito que se chama *Criando asas*, que está no meu CD *Empoderadas*. Mostrei pra ele. Ele falou:

– Que coisa linda essa letra!

– Mas não tem melodia. Posso colocar...

Ficou assim...

Eu fui procurar o Marcio Dedéu, que é um sanfoneiro. Apesar do meu marido ser sanfoneiro, a gente teve dificuldade de

criar melodias para uma letra que já estava pronta. Por isso procurei o Dedéu. E ele criou a melodia. Só que quando essa melodia chegou aqui ela veio meio bruta, o Walldo que deu aquela lapidada nela, e a música ficou belíssima.

Walldo Lima é meu marido e meu sanfoneiro. Ele me ajuda muito, tanto na minha vida como no meu trabalho. É muito escasso sanfoneiro para acompanhar cantoras. Sanfoneiro sempre faz trabalho autoral, né? Cantando e tocando. Para acompanhar é difícil viu... É muito difícil.

Tem sanfoneiro que é virtuoso, que é aquele sanfoneiro solista que quer mostrar as suas habilidades. Esse sanfoneiro faz um outro tipo de trabalho, não dá para ele acompanhar as cantoras. E tem o sanfoneiro que acompanha, que é o caso do meu marido. Ele sabe acompanhar cantoras. Já estamos juntos há 13 anos, viajando, fazendo composições, ensaiando...

Eu já gravei uma música minha também que se chama *Sonho de menina*, mas ainda não lancei. Tá prontinha! Na verdade, ela era para um festival, mas por causa da pandemia esse festival não se realizou. E não sei se vai se realizar. Mas a música já está pronta! Belíssima! É minha e do Nerilson Buscapé, um compositor de Recife. E tem outras, outras e outras... Graças a Deus me lancei como compositora.

E esse circuito do forró me acolheu. Sou muito grata a ele. Tem muitas mulheres poderosas no forró pé-de-serra. Tem Janaína Pereira, Thaís Nogueira, Cilmara, uma sanfoneira que tem um trabalho maravilhoso. Tem Nanda Guedes. Tem muitas cantoras... Estou falando do pessoal mais jovem, né?... Porque também tem a Anastácia e Hermelinda, cantoras de muito peso no forró! Gosto demais do trabalho delas.

Por falar em Anastácia, temos uma história em comum que viemos descobrir em São Paulo. Em Recife eu morava na rua Ana, que ficava no mesmo bairro que Anastácia morava. Ela morava na rua Padre Lemos. Eram ruas paralelas. A gente nunca se encontrou por lá. Não nos conhecíamos. Como eu me interessava mais pela Marinês, não ouvia Anastácia, não sabia nada dela. Anastácia já era mais adolescente e eu era uma criança. Talvez

seja por isso que não sabia nada dela. Anastácia já tinha uns 14 anos, e eu era muito criança. Hoje nós somos amigas.

Conversando descobrimos que conhecemos algo em comum:

– Tu se lembra daquele coco que tinha no outro lado da rua?

– Eu me lembro.

Eu atravessava a avenida para escutar esse coco. E eu saía escondida da minha mãe... Tinha um rapaz moreno e alto que cantava. Anastácia falou pra mim:

– Se lembra aquele rapaz alto e moreno...?

– Me lembro!

Que coisa, né? Praticamente nos encontrávamos, mas a gente não se conhecia. E isso tudo foi lembrado quando nós chegamos aqui. Mundo pequeno, né? Hoje ela é minha amiga, participou do lançamento do meu CD *Empoderadas*. É uma pessoa muito importante para mim.

Outra cantora muito próxima a mim é Diana do Sertão. Ela foi minha vocalista – *backing vocal*. Diana tem um trabalho belíssimo. Ela sempre foi cantora, sempre foi solista. Diana também não conhecia esse circuito do forró pé-de-serra. Eu fui a primeira pessoa a resgatar ela para trabalhar comigo, mas ela não ficou muito tempo não. Porque o trabalho dela é realmente como solista, e eu achei muito bom que ela deixasse esse lado de *backing* para fazer o trabalho dela. É uma grande voz! Seria um desperdício, digamos assim, de ficar fazendo somente *backing* e não usar todo o potencial que ela tem.

Acho que o movimento do forró hoje está muito bom em relação às cantoras. Mas eu ainda digo: aquelas que querem subir nos grandes palcos, que não têm ainda uma estrutura, têm que parar e realmente procurar um foco para descobrir o que quer fazer. Eu acho que é por aí... A pessoa não pode fazer trabalhos sem projeto. Você tem que ter um projeto em cada trabalho, em cada coisa que você for fazer... Nesse projeto tem que ter a marca da sua história. Senão, fazer por fazer... Pra mim não é interessante. Tem que ter um preparo.

Mas há lugar para todos. Por isso que eu sempre me pergunto no trabalho: “O que você quer para você?” Você quer partir

para o universitário mesmo?... Quer ir para o forró do Safadão? Ou quer mostrar a sua cultura? A minha, onde me criei, é Humberto Teixeira, Luiz Gonzaga, Marinês, é esse povo... Essa é a cultura que conheci... Conheci o baião, o xaxado, o xote... Essa é minha cultura!

Na minha opinião, eu jamais faria um show com teclado, de jeito nenhum, Entendeu?... O teclado pra mim está fora do meu esquema. Podem entrar todos os instrumentos nos meus shows, até bombardino, tuba... A Marinês naquela época já gravava com tuba. É a coisa mais linda! É bonito demais, rapaz! A presença daquela pessoa com a tuba... Além de ser grandioso, é diferente.

Tem essas divisões pra mim, entre o pé-de-serra e outros tipos de forró, mas eu não sou aquela pessoa que discrimina, não. Cada um faz o que quer. Eu mesma quero a minha cultura e jamais vou me separar da sanfona, do zabumba e do triângulo. Os demais instrumentos que entrar é complemento. A zabumba, a sanfona e o triângulo vão estar sempre presentes! Não podem faltar.

Essa divisão não existe só no meio do forró, mas também na música como um todo. Nós, do forró pé-de-serra, não temos mídia. Nós não temos o que o sertanejo tem... Esse peso... Que a MPB também tem. Nós não temos a mídia! A gente vai com a cara e coragem! É cada um com o seu espaço, fazendo o melhor possível pra gente poder se garantir no pé-de-serra.

No nosso país a cultura não é valorizada e o forró pé-de-serra é uma cultura... Já começa por aí... Para você conseguir alguma coisa com a nossa cultura tem que se dedicar muito. Não é só subir no palco e fazer uma dancinha não... Você tem que mostrar a sua cultura. Então é restrito. E como é restrito, você não tem a mídia para dar uma levantada nela. É muito pouco. Eu vejo assim, entendeu?

A começar pelas rádios... Você liga, passa de rádio em rádio e não escuta nada de forró... Agora essas rádios comunitárias tocam forró. Para eles é importante você dar uma entrevista, por exemplo. Eu sou muito procurada para fazer esse tipo de coisa. Mas essas rádios comunitárias são minorias também.

As emissoras de TV poderiam pesquisar e colocar diferentes artistas na sua programação: “Nossa, esse artista ganhou esse prêmio... Olha esse cantor aqui que legal! Olha esse sanfoneiro!” Acho que teria que ser assim. Já que a mídia não é tão esclarecida para o nosso lado, poderia ao menos dar uma oportunidade de cada programa ter um músico da nossa cultura. Não todas as vezes, mas uma vez na vida colocar uma Anastácia, colocar um Mestrinho fazendo o trabalho dele... Uma Bernadete França, por que não?

Um lugar que valoriza o forró em São Paulo é o Canto da Ema. É uma casa de show saudável. É uma casa que te projeta... Todo o show é gravado e é transmitido nas redes sociais... Gente do mundo todo fica te conhecendo através do Canto da Ema. Então é uma casa que te dá muito retorno. Ela é muito importante na vida dos forrozeiros.

O Paulinho Rosa, produtor do Canto da Ema, é uma pessoa maravilhosa. Conhecedor da nossa cultura, ele ajuda muitas pessoas, assim como me ajudou. É uma pessoa que eu não posso deixar de agradecer. Gratidão mesmo! Uma pessoa que assinou embaixo o meu CD *Empoderadas*. Se não fosse ele que abraçasse esse trabalho, não teria saído o álbum. É o trabalho mais importante que eu fiz. *Empoderadas* é o nome do álbum e também de uma música do álbum. A música é do Adam Oliveira. Ela fala do poder das mulheres em todos os setores, não só no forró pé-de-serra. Para a minha surpresa, ele também me colocou nessa letra. Ele achou que eu era também uma empoderada. Então tem: *Eu sou Dandara, Maria Bonita, sou a Frida sou a Revolução. Sou Bernadete não sou Joana D’Arc, mas sou de França e nasci no sertão*. Ele fez um trocadilho com o meu sobrenome e o sertão, de eu ser nordestina e forrozeira...

Empoderadas

(Adam Oliveira)

Eu sou Dandara, Maria Bonita

Eu sou a Frida sou Revolução

Sou Bernadete não sou Joana D’Arc

Mas sou de França e nasci no Sertão

*Eu sou um vulcão
Por muito tempo eu fugi de mim
Acreditei que não era capaz
Foi tantos sonhos tantos desencontros
Entreguei a minha vida eu perdi a paz
Eu sou sensível faz parte de mim
Isso eu assumo tenha muita calma
Mas meu poder a minha fortaleza
Não tá no meu corpo
Tá na minha alma.
Mas hoje eu sou o que eu sempre quis ser
Não é você que via me definir
Sei que amar é um ato de coragem
Mas não é amor, se eu não amar a mim.*

Esse título do CD *Empoderadas* foi uma homenagem a todas as mulheres de todos os setores, entendeu? Esse CD então tem uma grande história. Quando eu estava montando o repertório, escolhi as músicas dos compositores a dedo. Não foi um repertório sem sentido. Tem um sentido nas escolhas. Todos os compositores me ouviram, conheceram o meu trabalho e compartilharam as suas músicas comigo.

Para finalizar, eu gostaria de falar de um assunto que não podemos fugir: a pandemia. A pandemia se fechou pra gente. Ela deixou um vazio muito profundo, uma tristeza muito grande. Mesmo ficando em casa eu tive Covid, o Walldo também teve. O dele foi mais leve, o meu foi mais violento. Mas graças a Deus eu não me internei. Me curei aqui mesmo dentro de casa, mas não foi fácil. Foram dias tenebrosos... Muita febre... Graças a Deus estou aqui.

Já tomei a primeira dose da vacina e vou tomar a segunda. A vacina é o que há de mais importante e mais sagrado no momento – é a saúde, gente! Porque sem saúde ninguém faz mais nada da vida. Os nossos dirigentes precisam olhar para esse Brasil que é tão lindo, mas que está muito bagunçado. Nós somos brasileiros, nós somos pessoas, não podemos ficar desse jeito largado. Deve haver consideração entre as pessoas.

O forró pé-de-serra em São Paulo

DIANA DO SERTÃO



Nossa primeira conversa foi por telefone; Diana ficou profundamente emocionada ao receber o convite para a entrevista e não hesitou, aceitando na mesma hora. A entrevista ficou agendada para o dia 8 de maio de 2021. Ela solicitou que eu enviasse um pequeno texto explicativo pelo WhatsApp para compartilhar com o seu produtor, descrevendo o convite e os procedimentos da pesquisa para ele ter ciência de sua participação. A entrevista foi realizada de forma remota por causa da pandemia de Covid-19. A cantora lamentou o formato: “se não fosse a pandemia faríamos uma prosa regada a café e cuscuz”.

Embora reconheça seu talento e a trajetória na música, sentiu-se humilde em relação à oportunidade, acreditando não estar à altura: “É muita areia para o meu caminhãozinho”, confessou. Ela compartilhou que vê essa fase atual de sua vida como um presente de Deus, destacando repetidamente o carinho mútuo que nutre pela comunidade forrozeira.

As idas ao circo na infância foram decisivas para conduzir Diana ao mundo da música e da performance, algo que se reflete claramente em suas apresentações. Após assistir aos espetáculos, ela costumava imitar de forma brilhante as bailarinas que via no picadeiro.

Criada no ambiente dos programas de calouros, Diana demonstrava uma habilidade natural para escolher sucessos da indústria fonográfica. Ao vencer repetidamente concursos de calouros, seu talento autodidata para a música tornava-se inegável. Vinda de uma família humilde, Diana sempre viu no canto uma oportunidade dupla: “cantar era matar dois coelhos com uma cajadada só”, dizia ela, pois era algo que amava e que, ao mesmo tempo, lhe trazia sustento. No entanto, para ajudar a sustentar a família, ela precisou trabalhar em outras áreas.

A entrada de Diana na banda de Carnaval refletiu a influência dos programas de calouros da época, já que ela era conhecida pelos músicos da banda do programa Domingo Alegre. Esse marco foi crucial para sua crescente notoriedade no meio musical. Durante esse período, obteve

o consentimento do pai para seguir a carreira de cantora, e foi ele quem passou a intermediar suas relações com as bandas – o que foi especialmente importante, pois Diana começou a cantar em bandas aos 11 anos de idade.

Diana começou a se inserir no universo do forró quando entrou para a banda Os Tropicais de Monteiro. Segundo ela, a banda tocava de tudo, mas seu ponto forte era o forró com sanfona. Diana se definia como uma cantora irreverente, autointitulando-se a “Tina Turner do Sertão”, e essa irreverência era evidente em qualquer lugar em que se apresentasse.

Seu encontro com Luiz Gonzaga em Monteiro, na Paraíba, destacou a importância do Rei do Baião para o público e os artistas, pois ele atuava como “padrinho” de muitos cantores que cruzavam seu caminho. Impulsionada pelos elogios de Gonzaga, que afirmou que em São Paulo ela já estaria na capa de um LP, e pelo imaginário que nutria sobre a cidade, Diana decidiu se mudar para a capital. Embora os planos imaginados após o encontro com Gonzaga não tenham acontecido, ela conseguiu conquistar seu espaço no cenário do forró.

Em 2008, Diana começou a atuar fazendo *backing vocal* para Bernadete França. Gradualmente, isso a inseriu no circuito de forró pé-de-serra do Sudeste, onde, aos poucos, passou de *backing vocal* a protagonista, consolidando-se como cantora com trabalho autoral. Sua entrada nesse circuito também provocou um “choque de cultura” entre os músicos já estabelecidos e ela, recém-chegada a esse universo. Diana descreve essa experiência como o “constrangimento de não ter um conhecimento profundo da cultura” relacionada ao mito do “nordestino puro,” uma visão muito comum no Sudeste do Brasil. No entanto, ela superou essas barreiras sendo autêntica e trazendo sua rica experiência ao ambiente do forró.

Eu vou ser eu!
Diana do Sertão

Eu sou da cidade de Sousa, na Paraíba. A minha família toda é de Sousa, do alto sertão da Paraíba. O nome do meu falecido pai é Luiz de Almeida Magalhães e a minha mãe é Ivone Juvêncio de Almeida. Meu pai era funcionário público e foi um grande alfaiate. Ele trabalhava na prefeitura e tinha essa renda de alfaiate à parte. E a minha mãe era do lar. Eu venho de uma família de sete filhos, quatro homens e três mulheres, eu sou a filha mais velha.

Na minha família eu percebo que meus irmãos eram muito musicais, mas ninguém seguiu a profissão como eu. Eles tinham o ouvido bem apurado e eram bem afinados. Acho até que se a minha irmã mais nova tivesse tido alguém para investir, ela teria sido cantora também, porque ela é bem afinada e tem bom gosto musical.

Mas esse contato com o microfone e com o público está na família. Tenho dois irmãos que são radialistas: o Léo Silva, que trabalha em uma rádio de Juazeiro, e tem o Jucélio Almeida, que também é radialista lá na cidade de Sousa. E agora tenho uma sobrinha que também está participando de um programa de rádio. Então a gente é voltado pra essas coisas de arte, música e público.

Lá em Sousa a gente brincava muito quando criança... De roda, pega-pega, de esconde-esconde, essas coisas... Eu também brincava muito com o que lá a gente chamava de guizado, que era fazer comida. Minha mãe comprava aquelas panelinhas de barro

e eu com os meus oito anos de idade ficava ali fazendo as comidinhas no meio da rua, embaixo de uma árvore brincando.

Eu acredito que se eu não tivesse seguido essa linha da música, talvez eu fosse uma chefe de cozinha hoje. Sou inclinada para essa coisa da culinária. Mas na minha época não tinha essa coisa de chefe de cozinha, sabe? Hoje em dia você percebe que há um certo *glamour* nessa área, né? Antigamente não tinha isso. Acredito até que a profissão de cozinheira era um tanto pejorativa... Ser cozinheira era pejorativo. Mas não foi por isso que eu não segui na área, foi porque não tinha incentivo... Não tinha ninguém para me incentivar.

Quanto à música, eu também brincava com ela... Fazia um microfone com tudo. E a gente brincava muito de drama, que era tipo um teatro, mas inspirado no circo... Ia um circo lá para cidade, e quando o circo ia embora, aquilo ficava penetrado na gente...

Eram muito coletivas as brincadeiras de antigamente. Não era como hoje que as crianças estão bem isoladas, nos quartos, com seus computadores e celulares. Lá a gente tinha essa coisa do coletivo, do compartilhar...

Os circos que iam para minha cidade eram circos pequenos. Eles tinham uma produção muito pobre, não tinham nem animais. Se destacavam pelo valor deles enquanto artistas. Tinha aquelas bailarinas... O ponto forte do circo eram os palhaços. Os palhaços que traziam público. Eles eram os mais comentados.

Como a cidade era pequena, de interior, a gente se tornava amigo do pessoal do circo. Assistíamos e quando acabava eles se trocavam e tal... De repente a gente se encontrava na calçada da minha vó. A calçada da minha vó era muito conhecida: "calçada de Deócleciana". A gente ficava nela até meia noite. Não tinha violência, não tinha perigo, não tinha nada disso. As pessoas levavam até colchão e colocavam na calçada...

A minha avó fazia o que na época a gente chamava de "dindin", que era aqueles picolézinhos conhecidos como gelinho, né? Era uma das rendas da minha avó. Ela vendia "dindin" que vinha direto da fruta. A minha avó ficou muito conhecida por ser essa

vendedora de “dindin” e por ter essa calçada onde transitava todo mundo.

Mas a gente não tinha condição de estar sempre no circo. A vida do pessoal circo era uma vida bem batalhadora, sabe? Tinha noites nos circos que eles aceitavam alimentos... Eles também viam que o pessoal não tinha tanta condição assim, e aí tinha aquela noite do alimento, você podia levar um pacote de arroz ou de açúcar para a sua entrada. Quer dizer, era bom para eles e bom pra gente também.

Eu admirava muito as bailarinas do circo. Achava muito bonito elas dançando. Achava uma profissão linda! Quando vinha o mágico, elas faziam uma cena, jogavam as coisas, faziam o malabarismo... Eu as achava muito bonitas! Eram bem maquiadas... Quando chegava em casa eu ia imitar elas.

Tem uma história engraçada... No quintal da casa da minha vizinha tinha uma casa de taipa. Uma casinha de barro. Não morava ninguém lá. A gente pediu para montar um circo lá dentro da casinha e a dona deixou. A gente amarrou duas cordas no telhado... Eu achava bonito aquelas mulheres rodando na corda e fazendo poses... Aí eu fui uma das meninas junto com uma outra que ia ficar nas cordas e um menino ia rodar... Os meninos rodavam a gente e a gente ficava nessa corda. Percebia que a corda estava balançando, meio que tremendo, como se estivesse gemendo, sabe? E a música tocando e eu dançando... Eu dizia assim para o menino que se chamava Noel:

- Noel, a corda vai quebrar...
- Não, o circo não pode parar não.
- Mas vai quebrar a corda...

E eu ficava rindo fazendo caras e poses como se tudo estivesse bem, e dizendo para ele:

- Eu tô sentindo que vou cair.

Não deu outra... A corda rebentou! Eu não fracturei o braço, mas foi uma dor terrível. Minha mãe já tinha falado para eu não fazer aquilo. Minha mãe achava que eu tinha que ir para o circo só pra cantar. Mas eu fui fazer o malabarismo. Voltei para casa chorando, achei que tivesse quebrado o braço. A minha mãe saiu

correndo comigo para o pronto socorro... Sorte que só enfaixaram o meu braço, não estava quebrado não.

Eu sempre fui voltada pra essa coisa do palco, do público, do riso... Alegria... Essa cena do circo eu tinha 8 anos, a coisa estava aflorando, estava me descobrindo, né? Algo me dizia que tinha alguma coisa em mim que envolvia palco, teatro, música... A minha infância foi isso, brincar de circo, brincar de drama e cantar.

Com oito anos de idade eu fiz a minha primeira peça de teatro, o nome era "Julgai-me Senhor". Foi muito bonita por sinal!

Um dia teve um Domingo Alegre na minha cidade, que era um programa de calouro. As pessoas sabiam que eu cantava... Me viam nos dramas e quando brincava de circo. Uma amiga da minha mãe falou assim para ela:

– Ivone, tem um Domingo Alegre essa semana. Deixa eu chamar a Diana pra cantar?

Aí mainha disse assim:

– Não... Ela não sabe cantar não...

– Sabe sim! Ela vai cantar e ganhar!

– Ganhar o quê?

– Ganhar presentes...

Minha mãe disse:

– Tá bom.

Aí, ela perguntou pra mim:

– Tu tem coragem?

– Eu tenho!

Ela me levou lá. A gente ensaiou uns dias antes do domingo de manhã que ia acontecer o Domingo Alegre. Ensaiei uma música que estava no auge. Era uma música do Odair José chamada *Minhas coisas*. Os músicos ficaram de "cara" quando me viram... Uma menina com 8 anos... E eu era pequenininha, né? Eles esperavam que eu iria levar alguma música de criança, e de repente levei uma música de adulto, que na época era o maior sucesso de Odair José... Ele estava viajando o Brasil inteiro com essa música. Cantei! Tirei o primeiro lugar!

A primeira vez que cantei no Domingo Alegre eu tirei o primeiro lugar. E aí fui consecutivamente cantando, ganhando,

cantando, ganhando... Até que os pais das outras crianças se revoltaram, falaram que não iam deixar os filhos participarem porque só quem ganhava era eu. Mas não tinha nada de enrolado não. Eu não era protegida de ninguém. Eu era de uma classe muito pobre, de um bairro simples... Não tinha ninguém assim que pudesse me proteger. Tanto que quem me convidou não foi a produção do Domingo Alegre”, foi uma amiga da minha mãe que me levou.

Como eles viram que eu já estava formando um certo público, que eu cantava legal, eles falaram assim:

– Olha, vamos fazer o seguinte: você vai fazer participação especial. Não vai mais concorrer porque as crianças não querem mais concorrer. Dizem que todos Domingos você ganha.

E eu pensando nos prêmios, né? Perguntei:

– Mas eu ganho presentes?

– Ganha!

Eu ficava muito feliz porque sempre tive aquela coisa de ajudar a família, de chegar junto... Tanto que a minha infância foi curta porque comecei a trabalhar com 11 anos de idade para ajudar a minha família. De tanto ver a minha família passando necessidade... Eu falo brincando que tinha que ter um concurso para ver quem é mais pobre, sabe? Nós não éramos pobres, éramos miseráveis no sentido de não ter o essencial.

Cantar era matar dois coelhos numa cajadada só, porque eu fazia aquilo que gostava, que era cantar e ser aplaudida... E ainda trazia presentes para minha mãe. Quando eu chegava em casa minha dizia:

– Trouxe o quê?

Eram os presentinhos simples, sabe?... Era jogo de copos, fruteira, jarra de suco... Aquelas jarras de abacaxi, sabe? Coisinhas simples. Mas para nós era uma riqueza trazer aquilo.

Por conta da nossa situação, com 11 anos eu comecei a trabalhar numa ourivesaria. Eu falava para minha mãe:

– Eu quero trabalhar! Eu quero trabalhar!

Porque eu percebia a necessidade da minha mãe. Nunca falei isso pra ninguém... Pelo menos numa entrevista... Vou te

contar uma cena que marcou tanto a minha vida que não consigo esquecer... Eu fecho os olhos e lembro exatamente... Lá em casa não tinha água encanada, por isso minha mãe lavava roupas no rio. Então ela pegava as roupas da gente, tinha aquele dia específico e ela ia para o rio lavar. Ela saía cedinho de casa. E muitas vezes eu via ela sair sem comer nada. Porque era tudo muito reduzido. Minha mãe fazia uma feira, comprava um potinho de margarina pequeno... Aquilo era para um mês inteiro.

Um dia a minha mãe saiu de casa para trabalhar e eu percebi que ela tomou só um cafezinho. Fiquei preocupada... Pensei: "Minha mãe tá com fome..." E eu fiquei naquela coisa inquieta... Eu parecia um leão enjaulado querendo fazer algo, mas não sabia o quê. Aí fui na casa de uma vizinha e pedi um óleo. Lá em casa só tinha farinha. Fui na outra vizinha, falei que ia fazer um bolo, mas o ovo quebrou, estava estragado... Inventei uma história assim, e a vizinha me deu dois ovos. Voltei para casa e fritei esses dois ovos. Veja que eu tinha o dom para cozinha...

Eu era pequena de tudo, uma criança, não tinha essa mentalidade das crianças de hoje. Sei que eu fiz uma farofa de ovo e fui levar para a minha mãe. Coloquei tudo o que tinha dentro de uma vasilhinha: farinha, ovo, cheiro verde... Fiz a farofa. E fui atrás de minha mãe. Para atravessar o rio, eu era tão pequena que a água batia na minha cintura... Eu coloquei a vasilhinha na cabeça e atravessei... Eram muitas lavadeiras no rio. Quando eu cheguei lá eu falei:

– Mainha, eu vim trazer um lanche pra senhora.

Ela olhou assim para mim e percebeu que eu tinha feito presepada pra fazer o lanche...

– Que lanche é esse?

– Eu fiz uma farofa de ovo pra senhora.

– Eu não tô acreditando no que você fez...

Quando mainha conversava comigo assim eu já entendia, né? Eu disse:

– Não! Não fiz nada não.

– Você fez... Você aprontou...

Ela sabia que não tinha deixado nada em casa. Aí eu disse:

– Mas eu trouxe porque eu sabia que a senhora estava como fome. Depois eu digo à senhora como foi...

– Ó, chegando em casa eu vou bater em você, viu... Não era pra você ter feito isso!

Pra você ver como a minha mãe me conhecia. Aí eu disse:

– Não, mas tá tudo certo. Depois eu explico à senhora como foi.

Ela ficou chateada porque sabia que eu tinha ido na casa dos vizinhos pedir as coisas. Mas a fome foi maior, sabe? Eu me emociono muito ao lembrar disso... A fome foi maior do que a chateação. Então ela pegou a vasilha e foi dominada por aquele aroma... E eu ouvindo ela comer... Fiquei num cantinho quietinha...

Eu nunca esqueci essa cena. Fico muito emocionada com ela... Muito! Não sei se a minha mãe lembra disso, mas eu nunca esqueci. Eu falei:

– A senhora pode bater em mim o tanto que a senhora quiser, mas fome a senhora não passa.

Ali despertou em mim aquela coisa... “Eu tenho que fazer algo pela minha família... Tenho que ir à luta”.

Tinha um comerciante na minha cidade, que era dono de uma ourivesaria. Meu irmão já trabalhava lá, mas tirava muito pouquinho... Acho que não pagava nem um terço de um salário-mínimo e não tinha carteira assinada. Esse comerciante só trabalhava com homens. Só tinha homens lá. Ele era relojoeiro também. Perguntei para minha mãe se eu podia trabalhar com ele. A minha mãe falou:

– Eu vou falar com ele, mas não sei se ele aceita. E você sabe fazer o quê?

Eu com 11 aninhos.

– Ah, vou varrer... Vou arrumar as coisas, vou atender o público. Se ele me ensinar eu atendo.

Foi quando a minha mãe falou com ele. Ele disse:

– Olha... Eu nunca trabalhei com mulher. Vamos ver se dá certo...

Minha mãe me falou que já tinha conversado com ele e que ele disse que ia me aceitar.

Depois que entrei nesse trabalho, senti que ele fez um teste de honestidade comigo... Era ele que sempre fechava a loja. Teve um dia que foi todo mundo embora e eu fiquei varrendo... Aí ele falou assim:

– Vou sair mais cedo... Varre aí depois você passa lá em casa e deixa a chave.

– Tá bom.

– Mas varre direitinho... Varre por debaixo das coisas...

– Tá bom, pode deixar que eu varro.

Ele foi embora e eu fui varrer... Quando passei a vassoura debaixo de um armário tinha um bolo de dinheiro... Um monte de dinheiro... Eu pensei: “Aí meu Deus, de quem é esse dinheiro?... Como esse dinheiro veio parar aqui?... Será que foi Zé Ivo que perdeu?... Ou algum cliente...”.

Guardei o dinheiro no armário porque eu ia passar na casa do dono e deixaria com ele. Quando passei na casa dele falei assim:

– Encontrei um dinheiro debaixo do armário...

– Como assim?...

Eu disse:

– O dinheiro estava debaixo do armário aí eu trouxe pra você. Se não for seu, é de algum cliente que deixou cair, mas meu não é.

E entreguei pra ele.

A partir dali ele passou a ter uma grande confiança em mim. Eu fiquei trabalhando com ele até os meus 14 anos de idade. Lá vendia joias, diamantes, ouro... Tinha joias que ele guardava num cofre. Então ele precisava conhecer o nível de honestidade das pessoas. Apesar que não existe nível de honestidade, honesto é honesto, né? Ele queria saber quem ele estava contratando.

Quando eu falei para minha mãe, ela disse:

– Mulher, ele fez foi um teste.

– Será?

– Foi. Ele fez um teste. Queria saber até que ponto podia confiar em você.

Porque são joias, ouros, diamantes, brilhantes e relógios caríssimos. Tinham muitas coisas lá que eu nem sei se as pessoas

pegassem ele iria perceber. Então ele precisava saber com quem ele estava lidando. Eu não fiquei chateada não. Não temi por isso não.

Com o trabalho na ourivesaria já deu uma melhorada na vida financeira da minha família, já era um salário a mais. Eu não pagava o dinheiro pra mim, deixava tudo para a minha mãe.

Com 14 anos comecei a minha história na música. A cantora da orquestra de Carnaval da minha cidade não quis fazer o carnaval e avisou a banda muito em cima da hora. Ela era irmã da Glorinha Gadelha, esposa do Sivuca. Glorinha Gadelha é da minha cidade, de Sousa, todas elas trabalhavam com música.

O motivo da saída da cantora foi o seu noivado. O noivo diz que não permitia mais ela cantar na orquestra. O pessoal que tocava no Domingo Alegre também tocava na banda que acompanhava a orquestra: guitarrista, baixista, baterista... Então eles faziam parte dessa orquestra. O maestro Zé Queiroga de Melo falou assim:

– E agora, como é que a gente vai encontrar uma cantora a essa altura do campeonato? Se nem tempo pra ensaiar tem para formar o repertório...

Na época eram músicas estouradas que precisavam de uma mulher para cantar. Tipo *O balancê: O balancê, balancê, Quero dançar com você...* De Gal Costa. Então ele precisava de uma voz feminina. Um dos músicos falou assim:

– Tem uma menina... Ela é uma criança praticamente, deve ter uns 13 pra 14 anos... Ela canta no Domingo Alegre. É afinadinha! Eu acho que se formar um repertório pequeno pra ela daria certo. Mas ela é menor, não sei o que a gente vai fazer...

Por coincidência, quando o maestro perguntou quem era...

– É Diana... O nome dela é Diana. Ela é filha de Luiz... Luiz Nequinho Alfaiate.

O nome do meu pai era Luiz e o apelido era Nequinho... Nequinho Alfaiate. Aí o maestro disse:

– Nequinho é meu cumpade!

O maestro era padrinho da minha irmã...

– Pode deixar que eu vou falar com o Luiz.

Aí foi lá em casa, falou com papai. Papai falou assim:

– Mas ela é uma criança. Como é que ela vai cantar em baile de Carnaval?

– Eu tenho que ter uma autorização do Juiz...

Foram falar com o juiz... O juiz autorizou para eu ficar no baile até as onze, meia noite e pouquinho... Para eu não pegar o amanhecer do dia. No bom senso do juiz, ele deduzia que depois desse horário as pessoas já estavam começando a ficar embriagadas, e como estava todo mundo lá na orquestra, eu podia não ter proteção o tempo todo. O juiz determinou:

– Ela fica a matinê toda porque matinê é de criança. Mas a noite, ela fica até meia noite e meia, e vai ter um oficial de justiça com ela.

Foi assim que o juiz autorizou eu fazer parte dessa orquestra com os meus 14 anos. Ele mandou um oficial de justiça que ficava cuidando de mim. Ele ficava perto do palco... Até para ir no banheiro ele ia comigo... Ficava me esperando na porta do banheiro. Quando dava o horário que o juiz tinha estipulado ele me levava para casa. Foi assim que eu comecei na orquestra.

Na orquestra eu dei conta do recado. Supri as necessidades da orquestra de tal maneira que essa mesma banda que trabalhava no programa de calouros, também trabalhava numa banda chamada Uirapuru Zimbo. Era um grupo que já tinha feito muito sucesso na cidade de Sousa, mas eles tinham acabado com a banda.

Em 1978 eu cantei na orquestra de Carnaval. Quando foi no meio do ano de 1978, depois do carnaval, os integrantes do Uirapuru Zimbo resolveram recomeçar: “Vamos voltar com o Uirapuru Zimbo...” As pessoas da cidade não se conformavam que essa banda tinha sido desfeita. Aí eles perguntaram para mim:

– Diana, você aceita fazer vocal pra nossa banda?

– Tudo bem.

Foi a primeira banda que eu trabalhei – Uirapuru Zimbo. Durou pouco, acho que não durou nem dois anos. Aí veio uma outra banda – a Super Sonata. Depois da Super Sonata eu fiquei conhecida sendo aquela cantora de banda, e a coisa foi se tornando profissional.

Eu já tinha saído da ourivesaria, já estava trabalhando na prefeitura. Porque uma tia minha que trabalhou muitos anos na prefeitura veio para São Paulo, e ao invés dela pegar fundo de garantia, ela conversou com o pessoal:

– Ó, deixa a Diana no meu lugar.

Eu não sei que tipo de emprego era aquele que a gente tinha que ia passando de um para outro, parecia uma coisa hereditária... Esse emprego não sei se era da minha avó, ela faleceu aí ficou para minha tia... A minha tia saiu...

Era emprego assim de servir, né? Na Câmara Municipal. A gente era funcionária da Câmara, mas à disposição de qualquer órgão que fosse vinculado a ela. Minha tia quando trabalhava na Câmara servia cafezinho para o juiz, porque lá na Câmara também era o fórum; nas audiências quando ia algum preso, ela que auxiliava... Sei que me colocaram lá...

Eu tinha um grau de instrução a mais que a minha tia, em termos de estudo, eu estava acima da minha tia. Quando surgiu a necessidade de uma secretária do serviço militar eles me colocaram. O capitão do Exército, que era do Rio de Janeiro, solicitou uma secretária para ir ocupar o lugar de uma outra que estava saindo. E ninguém queria ir porque esse capitão era muito severo, o pessoal tinha medo dele. Sobrou pra mim... Eu não tinha outra alternativa. Fui trabalhar com o capitão, ser secretária do serviço militar.

Trabalhava meio período como secretária do serviço militar de segunda a sexta. E sexta, sábado e domingo à noite, eu cantava nos bailes. A banda que eu participava na época era a F Som Five. Era uma banda de um sousense que morava em Irecê na Bahia e foi para Sousa. Ele queria voltar para cidade dele e levar a banda. Era ele no teclado, um baiano baterista, que era um contrapino, e tinha um baixista, que o apelido dele era gordo. Foram os três para Sousa. E precisava de dois cantores e um guitarrista. O irmão dele, que morava em Sousa, já tinha falado para ele:

– Se você conseguir a Diana para ser a cantora da banda, pode ter certeza que você vai segurar essa banda por muito tempo porque ela é muito conhecida aqui.

Quando eles chegaram lá, eu estava numa banda, mas não estava muito satisfeita, sabe?... E quando ele me fez o convite para fazer parte da banda, eu aceitei. Era uma banda bem maior... Então eu estava progredindo... Eu falo brincando que era uma banda de porte médio... “Porte médio” porque era uma banda que a gente viajava de Veraneio... Era uma Veraneio enorme e uma carrocinha atrás levando os equipamentos. As bandas que tinham ônibus eram as bandas mais tops... Pensei: “Tô crescendo!” Depois ele comprou um ônibus, e foi progredindo, né? Trabalhei nessa banda durante três anos.

Eu tinha uma limitação para trabalhar nas bandas. Como eu trabalhava no serviço Militar com documentos, alistando as pessoas, eu tinha que ter muita atenção. Nos domingos quando a gente viajava, os bailes tinham que ser até duas horas da manhã, porque no outro dia eu tinha que estar em casa para trabalhar.

Fiquei nessa banda até o dono resolver ir embora para a Bahia. Quando estávamos juntos, fizemos muito a cidade de Crato no Ceará. A gente ia tocar num restaurante que era de uns paulistas. Um restaurante muito bonito que se chamava Aquarius. E nesse restaurante ele conheceu o Jacinto, que era dono de uma das bandas de Crato.

Quando o dono da F Som Five resolveu ir embora para Bahia, ele ligou para o dono da banda de Crato – Jacinto, falou que estava vendendo toda a aparelhagem dele e perguntou se ele não queria comprar... O Jacinto se interessou:

- Eu compro com uma condição...
- Qual?
- Se você convencer a cantora a vir junto.
- Na cidade de Crato?... Ceará?

Ele respondeu...

– Ah, isso eu já não posso garantir. Tem que conversar com ela. E ela vai falar para o pai dela que é muito rígido.

Fui falar com o meu pai. E ele disse:

- Vamos lá em Crato conversar com esse pessoal.

O meu pai foi comigo na cidade do Crato, era bem distanzinha... Acho que devido às condições de estrada e transportes

dava umas três, quatro horas para chegar. Quando chegamos o meu pai viu que era uma banda de família. A gente foi para casa do dono da banda, ficamos um dia lá... O meu pai falou assim:

– Olha, pra morar aqui eu não vou deixar não, porque ela tem o emprego dela e banda é muito imprevisível.

Meu pai via as bandas surgirem e sumirem de uma hora para outra... Por isso que ele dizia que não era uma coisa segura o emprego de banda. Ele sempre deixou muito claro que eu ia cantar até os meus 18 anos. Quer dizer, enquanto eu era criança, adolescente, aí tudo bem, entendeu? No fundo, no fundo, eu não tinha essa certeza de que ia levar a música como uma profissão e que eu iria tão longe.

A renda da banda era um ganho a mais. O garantido era a prefeitura, porque todo mês estava ali o meu dinheiro, né? E a gente necessitava, então não dava para brincar com o sustento da minha família.

Aí perguntaram para o meu pai:

– Mas como vai ficar se ela não morar aqui?

– Se ela suportar, ela viaja na sexta-feira à tarde, e toca com vocês sexta, sábado e domingo.

Como eu trabalhava meio período no serviço militar, das sete ao meio-dia, na sexta eu já saía de lá e viajava... Pegava um ônibus e ia para Crato tocar à noite. Aí tocava a noite da sexta, no sábado e no domingo. Na segunda feira eu trabalhava na parte da tarde. Quando eu não chegava no horário eu trabalhava o dia todo para compensar. Eu fiz isso durante seis meses, não aguentei. Ficou muito cansativo. Aí avisei o meu pai. Ou eu ia morar lá ou saía da banda. Meu pai disse:

– Não. Pra morar lá você não vai.

Então encerrei o meu compromisso com a banda de Crato.

Aí surgiu o Flávio José, da banda Os Tropicais de Monteiro. Porque eu estava vindo de Crato sem banda. Eu ficava pouco tempo sem banda. A notícia corria muito rápido... Era tão rápido quanto internet...

Nessa época que eu vim de Crato, Cristina Amaral, que é uma grande cantora que reside em Recife, cantava com os

Tropicais. Ela resolveu sair dos Tropicais. Até então, eu conhecia Os Tropicais de nome, mas muito distante. Eu sabia que era uma banda muito querida e respeitada em toda região. Sempre ouvia comentários sobre os Tropicais de Monteiro...

Os Tropicais de Monteiro era uma banda diferenciada porque eles investiam muito em sopro e eles tinham um repertório de forró muito bom. Enquanto as outras bandas faziam forró com teclado, eles tinham sanfona, que era o próprio Flávio José que tocava. Os Tropicais já tinham essa pegada mais para o forró. Eles tocavam de tudo, mas um dos pontos fortes deles era o forró e com a sanfona.

Com a saída da Cristina, o Flávio José ficou procurando uma cantora. O baixista do Flávio era irmão de um rapaz que me conhecia. Ele trabalhava na prefeitura, a gente não era amigo, mas conhecidos. E todo mundo sabia: "Diana saiu da banda..." Diana está sem banda...". Quando o baixista falou para o irmão dele que os Tropicais estavam procurando uma cantora... Aí o irmão dele falou assim:

– Aqui tem uma cantora chamada Diana que ela tá sem banda. Ela trabalhava numa banda de Crato, mas ouvi dizer que ela saiu... Se vocês chamarem essa menina, para Os Tropicais, o time vai tá completo porque ela tem um jeito muito diferenciado...

Eu era diferente das outras cantoras. Elas levavam mais para uma linha social: vestido, salto alto, essas coisas... Eu já era bota, em pleno sertão da Paraíba, usava gravata, boina... Eu tinha um estilo bem diferente. Eu brinco que eu era uma Tina Turner do Sertão... Tinha aquele jeito irreverente... Quando eu subia no palco, usava óculos escuros, cabelos cacheados... No palco eu estava pouco me lixando para o preconceito, eu não estava nem aí, interagia com o público... O palco, o maior que fosse, se tornava pequeno porque eu era muito elétrica, ia pra lá e pra cá...

Na banda não tinha esse negócio de baixar o tom, a gente chamava de "tom original". Com a mesma facilidade que uma cantora cantava Alcione, com aquele grave dela, ia cantar também uma Tetê Espíndola, uma Elba Ramalho... Então ela tinha que procurar o timbre vocal e cantar.

Aí o baixista falou com o Flávio. E como o baixista era uma pessoa respeitada, o Flávio acatou a informação dele e falou assim:

– Manda o teu irmão arrumar o telefone dela que eu quero falar com ela.

Eu nem tinha telefone em casa, não sei como me comuniquei com Flávio. Não sei se foi no telefone da vizinha, da prefeitura... Não lembro. Sei que Flávio entrou em contato comigo, se apresentou como dono da banda Os Tropicais de Monteiro, e queria muito que eu trabalhasse com eles. Eu falei que eles tinham que ir conversar com o meu pai, porque da outra vez tive que sair do Crato, da outra banda, por causa do cansaço... E o meu pai não tinha deixado eu morar lá. Eu não sabia se dessa vez o meu pai ia deixar eu morar em Monteiro. Aí Flávio me disse:

– Eu vou conversar com o seu pai e vou levar a minha mãe pra ele ver que a gente aqui é uma família.

A cidade de Monteiro era bem menor que a minha cidade. Mas tinha essa banda que era o cartão postal da cidade, conhecida na região todinha. Tocava em Recife, no Geraldão, um clube muito famoso em Recife...

Eu falei pra papai que Os Tropicais de Monteiro tinham me convidado. Meus irmãos não acreditaram...

– Os Tropicais de Monteiro? Que conversa é essa?

Aí, acertei com o meu pai o dia que Flávio ia lá em casa, e ele foi... Foi ele e a mãe dele, Dona Isaura. A gente fez um belo de um almoço para recebê-los. Flávio não tinha esse nome que tem hoje. Mais conhecido que o Flávio José, era a banda Os Tropicais de Monteiro.

Flávio veio... Dona Isaura se apresentou... Flávio viu como que o meu pai lidava comigo, o cuidado que o meu pai tinha comigo, e disse:

– Olha, senhor Luiz, se o senhor deixar a Diana morar com a gente, prometo ao senhor que ela vai ser a irmã que eu não tenho. Porque nós somos três filhos homens. Então Diana vai ser a caçula e eu vou tratar ela como se fosse a minha irmã. Vai morar com a minha mãe...

Só morava Flávio e a mãe dele na casa. Os dois irmãos dele já tinham se casado. Flávio era o único morando com a mãe dele. O meu pai aceitou. Acertou o cachê, acertou tudo... E eu fui morar em Monteiro. A Cristina cantava muitíssimo bem! Afinada... Tanto que ela é sucesso até hoje lá em Recife. Mas a Cristina tinha aquele estilo assim social que eu te falei, que era o estilo das cantoras, se vestiam socialmente. Então o primeiro baile que eu fiz em Monteiro o povo não acreditava: "O que é isso?" Eu não sei nem dizer a expressão deles. Confesso a você que quando terminou o baile, eu não sabia dizer se tinha agradado ou não porque eles ficavam me olhando meio pasmos...

Nesse dia eu fui com uma bota vermelha de camurça... Tu já pensou que loucura? Ainda bem que o clima de Monteiro era frio. Era um clima gostoso, parecia o outono daqui. E nesse dia acho que foi a primeira vez que fui com a bota de camurça, uma roupinha xadrez, shorts xadrez, boina vermelha e gravata. Quando o pessoal me viu assim, não acreditou... Foi um choque muito grande...

Foi bom porque não teve aquela coisa de imitar a Cristina, sabe? Eu nem perguntei como era a Cristina. Foi um risco, você não saber onde está pisando... E a Cristina era muito amada, ainda hoje é muito querida pelo público. Eu pensei assim: "Não, eu não vou imitar a Cristina para eles gostarem de mim, vou com o meu estilo, cada um tem o seu". Graças a Deus fui aceita pelo público. Fiquei um ano. Poderia ter ficado muito mais...

No São João de 1985 eu tive a oportunidade de cantar com Luiz Gonzaga. Aí entra Luiz Gonzaga na minha vida. Foi Os Tropicais que me deram essa oportunidade. Era o São João de 1985, o Luiz Gonzaga estava estourando com Gal Costa...

*Sanfona velha do fole furado
Só faz fum, só faz fum...*

Estava estourada essa música! Tinha aquela outra também...

*Que diferença da mulher o home tem?
Espere aí que eu vou dizer, meu bem*

*É que o home tem cabelo no peito
Tem um queixo cabeludo e a mulher
não tem...*

Que era também com Gal. O irmão do Flávio que era o empresário da banda, o Lulu, chegou e falou pra mim:

– Diana, eu vou falar pra Luiz Gonzaga pra tu cantar os sucessos de Gal com ele. Tem coragem?

– Lógico que eu tenho!

Eu era muito decidida de ir para cima. E música não era uma coisa que me assustava. Eu sempre fiquei muito à vontade no palco. Eu costumava dizer que eu ficava mais à vontade no palco do que na minha própria cozinha. Porque no palco eu conseguia enfrentar os preconceitos sem sofrer.

Lulu disse:

– Ah, então eu vou falar com o véio.

Ele falou para o Luiz Gonzaga:

– Nós temos uma cantora aqui que canta muito bem. A gente canta o repertório sucesso seu com Gal, será que o senhor não poderia cantar com ela? Ela faz a parte da Gal Costa.

– Mas essa menina ela canta mesmo?

– Canta!

– Vamos ver. Se ela não cantar...

Ele era bem exigente, né? Se eu não cantasse acho que ele me convidaria para me retirar. Eu não conversei com ele nos bastidores porque nunca fui assim de ficar em cima, tietando, sabe? Eu sempre fui na minha. Aí anunciaram... Anunciaram a música... Me chamaram.

Gonzaga falou assim:

– Menina, tu canta mesmo?

– Canto!

Aí ele disse:

– Tu canta essa música em que tom?

– Eu canto de A a Z.

Ele começou a rir e disse:

– Eita menininha atrevida!

Mas eu sabia que ele ia cantar no tom original, né? Ele não ia mudar o tom. Era um arranjo que já estava feito. Ele começou a tocar e cantar, e eu cantando também... Cantei *Sanfona velha* e *Que diferença*... Era para ser duas músicas, acho que eu cantei umas quatro... Ele me elogiou muito no meio do público, reconheceu o meu talento e falou assim:

– Menina, se você morasse em São Paulo você já estaria numa capa de LP!

Desse jeito! Tudo mundo presenciou isso aí. E eu ficava só ouvindo, e ele falando um monte de elogios pra mim... Acho que ele nunca imaginou que no meio do sertão ia encontrar uma pessoa assim tão além da época na maneira de se vestir e cantar... Quando eu desci do palco ele disse:

– Menina...

Ele me chamava de menina.

– Você vai longeeeee!

Essa foi a minha participação com o rei do Baião. Eu tenho uma foto dessa época. Um fotógrafo da época me deu uma foto desse momento com Luiz Gonzaga. Mas ele não tirou a foto pensando em mim. Na época o prefeito estava presente, ele era o fotógrafo dele. Na foto saiu eu, o prefeito, Luiz Gonzaga, e tinha um policial ao lado de Gonzaga para garantir sua proteção. Essa é a única foto que tenho. Senão, eu não teria nem como provar que cantei com o Rei do Baião.

Em 1985, eu já estava com os meus 23 anos. Fiquei muito empolgada com a ideia de vir para São Paulo. Quando foi no final de 1985, uma tia minha que morava aqui em São Paulo foi visitar a gente...

São Paulo para mim era tipo uma *Las Vegas*... Eu tinha uma grande admiração por São Paulo. Queria muito cantar num programa de calouros como o do Chacrinha. Algum que eu pudesse me destacar... Minha referência era Elba Ramalho. Eu assistia muito os programas de calouros...

Eu via São Paulo e o Rio como o berço da música. Mais São Paulo, Rio por causa do programa do Chacrinha. Ao mesmo tempo que eu achava uma cidade muito distante, pensava que

eu poderia ter chance... Eu sonhava em participar do programa de Hebe Camargo, esse povo todo... Ficava assistindo esses programas, vendo ela, Baby Consuelo se apresentando... Virava uma fantasia na minha cabeça.

Quando Luiz Gonzaga falou aquilo, que seu morasse em São Paulo já estaria numa capa de LP, juntou a fome com a vontade de comer... Minha tia de São Paulo que morava aqui em São Bernardo do Campo escutou toda essa história e deixou à disposição a casa dela. Ela tinha amigos músicos, disse que eles poderiam me dar uma força também.

Só que chegando aqui, a história foi outra. Não bastava somente Gonzaga dizer que eu iria estar na capa de um LP que eu ia estar. Em 1986, depois de eu fazer o carnaval do Iate Clube de Aracaju com a banda Os Tropicais, fomos classificados como a melhor banda e cantora do Estado de Sergipe.

Quando fui fazer o Carnaval eu já tinha avisado o Flávio José e a banda que eu ia para São Paulo. Flávio insistiu muito para eu não ir..

– Não, Diana. Fica aqui com a gente. Nós vamos gravar um LP. Mas ninguém tirava da minha cabeça que eu tinha que vir para São Paulo atrás de Luiz Gonzaga. Flávio ainda falou assim:

– Você vai como se fosse umas férias... Aí eu coloco uma cantora aqui e digo a ela que a qualquer hora você pode voltar.

Eles tinham uma maturidade a mais do que eu. Eu praticamente era uma menina, né? Achando que tudo ia dar certo...

Cheguei aqui e não voltei mais. Fiquei na batalha por aqui. E a banda Os Tropicais fez muito sucesso, gravou um LP, foi pra Nova York. Cristina Amaral voltou para a banda, gravou com eles. Tudo isso acontecendo e eu aqui trabalhando nos barzinhos da vida para ganhar o meu pão de cada dia. Então, a princípio a coisa não foi como eu esperava.

Quando eu vim para São Paulo, eu vim com um endereço de uma cantora de forró lá de Monteiro, que era Marluce. Esposa do Zé Roseno. A tia dela que me conhecia, tinha muito carinho por mim. Quando falei para ela que estava indo pra São Paulo batalhar pela minha carreira, ela escreveu uma carta e falou para eu

entregar a Marluce. Colocou o endereço e telefone direitinho, e eu fui...

Quando cheguei aqui, liguei para Marluce, falei que eu era de Monteiro e que trabalhava na banda Os Tropicais... Disse também que a tia dela tinha mandado uma carta para ela me recomendando para fazer alguma coisa por mim.

Marluce marcou um encontro comigo no ponto dos artistas, acho que ficava ali na Praça Paissandú, onde era a sede da Ordem dos Músicos. Lá era tipo o nosso grupo do *WhatsApp* de hoje, sabe? Lá tinha muitos forrozeiros! Tinha todo tipo de músicos... Tinham muitos donos de salão de forró.

A Marluce ia lá para contratar músicos para trabalhar com ela. Ficava lá na pracinha conversando, comendo pão de queijo, um caldo de cana... A tarde todinha... Interessante, rapaz! A tarde todinha eles ficavam ali. Ali era o escritório deles.

Como eu falei que queria encontrar Luiz Gonzaga, ela marcou esse encontro comigo lá. Queria me conhecer primeiro. E foi lá que conheci a Marluce.

Em uma segunda-feira, que era o dia do encontro, encontrei o Nando Cordel:

– Nando!

Ele me reconheceu porque Os Tropicais já tinham aberto shows do Nando Cordel...

– Menina! O que você tá fazendo aqui?

Contei para ele do show que fiz com Luiz Gonzaga. Eu andava com a foto daquele dia... Mostrei pra ele e falei que eu queria muito encontrar Luiz Gonzaga para ele me dar uma força. Ele falou assim:

– Por coincidência na próxima semana eu vou estar com Gonzaga.

– Como assim?

– Nós vamos fazer um tributo a Luiz Gonzaga lá no Teatro Zácara. Então se você quiser se encontrar com o Rei, pode ir pra lá e mandar me chamar que eu ponho você lá dentro.

– Sério?... Você faz isso por mim?

– Faço. Pode ir!

No dia eu fui lá para o Teatro Zócaro. Luiz Gonzaga estava numa cadeira de rodas. A empresária dele era a mesma que foi com ele no show dos Tropicais... Nesse tributo estavam Gonzaguinha, Dominginhos, Guadalupe... Um monte de artistas de forró. Foi a primeira vez que encontrei com a “gema” do forró.

Eu me aproximei de Luiz Gonzaga e antes de eu mostrar a minha foto a empresária já me reconheceu...

– Nossa, você por aqui? O que está fazendo aqui?

Aí eu falei que eu queria muito falar com Luiz Gonzaga...

– Vamos... Vou deixar você falar com ele.

Consegui conversar com Gonzaga, mostrei a foto e ele continuou dizendo que eu tinha grande talento. Mas infelizmente ele não podia dar um apoio a mim porque ele já estava sendo apoiado, né? No sentido de ser conduzido numa cadeira de rodas. Mas mandou eu ir em frente e não desistir, dizendo que eu tinha muito talento, que ia longe...

Ele foi bem carinhoso comigo, também taxativo no sentido de não poder fazer mais nada por mim. Meu chão se abriu... Pensei: “Meu Deus, o que eu fiz da minha vida?...” Ali por um momento fiquei pensando... “Abri mão dos Tropicais que tinha uma proposta do LP...”

Mas assim, naquela época era muito difícil fazer sucesso. Para fazer sucesso você tinha que pagar para o Fantástico, tinha que sair nos programas musicais... Era uma grana! Tinha gente que vendia até casa para fazer o Fantástico, porque era sucesso garantido. Mas era muito difícil... E eu não tinha ideia que os Tropicais poderiam atingir o sucesso que eles atingiram a ponto de irem até para os Estados Unidos...

Quando Gonzaga falou aquilo pra mim, eu pensei: “Meu Deus...” Mas eu já estava meio que viciada em São Paulo. Já via que aqui o leque musical era maior, que eu poderia crescer musicalmente, tinha muitas casas...

Aí encontrei com a Marluce e falei para ela dessa situação, dessa falta de esperança que começou a surgir em mim porque Gonzaga já não podia fazer mais nada por mim. Ela disse:

– Mulher, fica aí, eu encontro uma casa pra você cantar...

Foi quando ela falou com a Lilian Gonçalves para me contratar caso sobrasse um espaço. Eu precisava trabalhar. Eu não podia fazer forró com a Lilian, porque a Marluce já fazia isso. A Lilian trabalhava com cinco artistas, cada um tinha um estilo diferente. No bar Os Bastidores, tinha um músico que fazia reggae; a Leninha cantava só músicas internacionais; e a Soninha fazia samba canção, Alcione, Beth Carvalho... E qual estilo eu iria levar para a Lilian Gonçalves?

Como as músicas dos temas de novelas faziam muito sucesso, eu falei para Lilian que cantava de tudo, mas que a proposta que eu apresentaria era o “sucesso das novelas”. Os temas das novelas... Na época aquela música *Como uma Deusa* estava estourada! “Como uma Deusa, você me mantém...” E ela falou:

– Achei uma boa. A gente não tem um espaço assim.

Fiz um teste na Lilian Gonçalves... Passei! O teste era eu cantar e ela ir de mesa em mesa perguntando para os clientes o que eles achavam. Eram os clientes que aprovavam. Passei e fiquei cantando na Lilian Gonçalves.

Eu tive que criar esse estilo porque já tinha uma cantora de forró. Então, por condições financeiras eu não pude ingressar no forró. Eu não conseguia fazer. Eu sempre tinha repertório de forró nos meus shows... Mas não tinha condições para fazer o show inteiro, não tinha espaço para isso.

Ainda quando eu estava com Lilian, fui parar no programa do Silvio Santos. E foi lá que eu me destaquei como Diana do Sertão. Eu não tinha pretensão nenhuma de ganhar programas de calouros, sabe? O Raspudinho, na época, um italiano, decidiu vender uns shows meus... Ele trabalhava na Lilian também. Nessa época eu tinha ido ao Nordeste, quando voltei ele disse:

– Diana, tem um show seu pra acertar lá no Rio Grande do Sul.

Nesse período o axé estava muito em alta... O pessoal queria ver uma apresentação minha nesse estilo. Mas antes queria saber como eu cantava. Você vê a falta que fazia a internet... Hoje em dia você pode ir até a minha página e ver um show meu antes de me contratar, né?

Perguntei ao Raspudinho:

- Como a gente vai fazer para vender o meu show...
- Estou pensando em você cantar no programa do Sílvio. Aí eles vão ver como que é o seu estilo...
- Mas rapaz, é muita gente pra cantar no Sílvio. Como é que eu vou conseguir?
- Eu conheço o maestro Zezinho. Ele é meu amigo. Vou falar com ele e ver as condições para ele colocar você no programa...
- Ele conversou com o Maestro Zezinho. O Maestro topou e pediu para conversar comigo...
- Antes da conversa eu perguntei para o Raspudinho o que eu ia cantar...
- Você tem que cantar o estilo do show que eu vendi. Que é axé essas coisas dançantes...
- Ah, então eu vou cantar *A rodinha*...
- Que era uma música de Sarajane, e estava fazendo o maior sucesso. E foi a música que eu levei para o Silvio Santos:

*Vamos abrir a roda
Enlarguecer
Tá ficando apertadinha, por favor
Abre a rodinha, por favor
Abre a rodinha, por favor
Abre a rodinha*

Estava um sucesso estourado essa música. Eu ensaiei com o maestro Zezinho e levei no domingo para o Silvio Santos.

Antes de iniciar a gravação do programa de calouro, o Silvio Santos costumava passar em todos os camarins para saber como que estavam as pessoas... Se estavam sendo bem produzidas, bem assistidas... Quando ele chegou no camarim das cantoras ele me perguntou:

– Qual o seu nome?

Ele já ficou admirado porque as cantoras iam com vestidos de glamour, de festas, paetê, essas coisas... E eu estava com uma roupinha de camurça, botas, de franjinha, tipo Sula Miranda, sabe?

– Nossa você é diferente! É diferente!... Como é o seu nome?

– Sou Diana.

– Você é de onde?

– Sou de Sousa, Paraíba. Eu sou lá do Sertão. Diana do Sertão!

Ele captou!... Quando ele captou, ele disse:

– Gostei do nome!

E aí na hora de apresentar ele me chamou como: “DIANA DO SERTÃO”.

Então ele foi praticamente a pessoa que me batizou. Porque eu não tinha esse nome. Meu nome era somente Diana. Quando ele me chamou, foi outro impacto para ele. Primeiro foi a maneira de eu me vestir, e segundo o estilo de música.

Eu ficava dançando... A música tinha uma coreografia, sabe? Eu dançando e ele dançava comigo... Terminei de cantar e ele pediu para o maestro tocar de novo para ele aprender a dança comigo. Ali era um jogo de olhares... Eles terminam fazendo aquilo que o patrão quer, né? Então a mesa julgadora percebeu que eu caí na graça do Silvio Santos. Tirei o primeiro lugar! Nessa altura eu já tinha até esquecido o show lá no Rio Grande do Sul. Fiquei no programa do SBT. Ganhei cinco vezes consecutivas. E nessas idas eu cantava Elba Ramalho, Chiclete com Banana, Banda Reflexus...

Eu tinha uma proposta muito grande com Silvio, para ele investir em mim. Pelo menos era o que eu ouvia nos bastidores. Mas ele teve um problema nas cordas vocais e teve que ir para os Estados Unidos. E televisão é tempo, né?... *Time*... O tempo certo... Quando ele voltou, eu já estava correndo atrás das minhas coisas, fazendo apresentações nas noites, já tinha seguido meu rumo...

Enquanto eu estava cantando na emissora, estava só lá... Ficava me preparando, escolhendo o repertório e coisa e tal... Não surgiu muito aquilo que eu esperava do Silvio por causa dessa enfermidade dele. Mas ele poderia ter sido o meu auge na época.

Depois fui correr atrás, né? Gonzaga já não podia fazer mais nada por mim... O Silvío, eu tive a infelicidade de coincidir a minha apresentação com essa enfermidade dele...

Acabei ficando um pouco conhecida porque enquanto o Silvío estava nos Estados Unidos a minha apresentação no

programa dele estava sendo reprisada. Foram cinco semanas que duraram uns dois meses. Eles ficavam reprisando os programas de calouros até o Sílvio votar.

E eu fui à luta. Eu tinha o meu marido que era músico também... Eu fui fazer teatro. E mais uma vez fui para a MPB. E mais para frente me tornei evangélica. E uma coisa juntou com a outra... Eu já não tinha tanta esperança de conseguir alguma coisa na música. Eu já estava com trinta e poucos anos, sabe?... E apesar de estar só com os trinta e poucos, eu já estava cansada de batalhar. Me tornei evangélica e toquei só gospel. Cheguei a gravar um CD gospel.

Em 2008 Bernadete me procurou para substituir uma *backing* dela num show que ela ia fazer aqui em Santo André. Eu fiz. Ela já me conhecia. A gente já tinha trabalhado juntas na apresentação de Cecéu e Antônio Barros quando eles vieram fazer show aqui, nós fomos as vocalistas deles. Foi aí que conheci Bernadete.

Resisti um pouco para cantar com a Bernadete devido à minha crença. Mas o pastor que era psicólogo falou que tudo bem. Achava que era a minha profissão. Disse sim para mim, me abençoou e eu fui fazer esse show com Bernadete. E fiquei fazendo shows com ela...

Foi com a Bernadete que eu conheci o circuito do forró pé-de-serra... Esse povo lindo que não tem preconceito, que tatua letra de forró na pele e que dança forró de janeiro a janeiro.

Em 2008 eu fiz o primeiro show com Bernadete. Mas era assim... Esporádico. Ela não tinha compromisso comigo e nem eu com ela. Quando era um lugar que dava para levar vocalista ela me levava.

Em 2017 Bernadete participou do Festival Nacional Forró de Itaúnas, e ela foi classificada. Falou para mim que precisava fazer uma banda. Dessa vez já não era algo esporádico, era uma coisa profissional, com figurino e tudo mais. Ela perguntou se eu topava cantar com ela, eu falei que sim.

Fiquei de setembro de 2017, quando começou a banda dela, até 2018. No início de 2019 eu saí. Segui a minha carreira solo

que não estava nos meus planos. Surgiu a oportunidade e agora eu me tornei a cantora de forró pé-de-serra.

Eu sempre tive forró nas veias, sempre cantei. Mas eu não tinha condições financeiras e oportunidade, o que aparecia na época eu pegava, né? Eu ficava fazendo de tudo na música. Fiquei um tempão cantando sertanejo. Eu era uma cantora eclética, cantava de acordo com o que o contratante pedisse. Chegava no local onde tinha música ao vivo, me apresentava, levava umas fotos minhas... "Ah, mas o público aqui gosta mais de pagode..." Aí eu cantava pagode... Então eu nunca tive a oportunidade de fazer um show só de forró.

Na minha época no Nordeste o forró não tinha valor. Era uma coisa muito vaga. Eles não eram valorizados como são agora, entendeu? Tanto que assim, eu nunca consegui fazer um show só de forró na época porque o auge lá eram bandas de bailes cantando músicas internacionais. Lá só tinha baile de forró no São João. É diferente daqui, que tem casa de forró de janeiro a janeiro e até no Carnaval tem forró. Naquela época não tinha isso não.

O meu repertório que tinha Marinês, Trio Nordestino, Os 3 do Nordeste, ficava guardadinho para uma data específica, como ficava o repertório do Carnaval. Eu tinha uma pasta de Carnaval que era de ano em ano que eu mexia, assim como a minha pasta de xotezinhos: "O que a gente faz, é por debaixo dos panos... Pra ninguém saber"... "Seu delegado prende Tadeu..."

Eu não tinha esse conhecimento profundo da riqueza musical desse pessoal da área do forró. Eu fazia Trio Nordestino, Luiz Gonzaga... Mas na minha época eles não tinham o valor que têm agora. Outra coisa, por incrível que pareça, rapaz, existia um certo preconceito. Eu fico até meio sem jeito de falar isso, mas é a verdade. Era a verdade. Existia preconceito no forró. Quando se falava de forró você nunca imaginava um jovem tocando... Está entendendo?...

Na minha época você não imaginava jovem tocando forró. Uma pessoa estudada tocando forró... Eram pessoas simples, que não tinham estudo, sabe? Pessoas que não frequentavam escolas de música, que aprendeu com o avô, que veio do bisavô, foi para

o pai e depois para ele... Eram pessoas que trabalhavam na roça, muitas da zona rural.

O que existia fora da época do São João, ou próximo ao São João, era o forró nas casas das pessoas. Isso eu acompanhei muito. Quando eu morava no bairro do Guanabara, em frente à minha casa tinha a Casa de Neneta. A Casa de Neneta era uma casa conhecida. Era assim: o pessoal tinha uma sala enorme e nos finais de semana eles tiravam todos aqueles móveis da sala e faziam aquele forrozão na casa, e cobrava a entrada. Era nas casas, uma residência normal. Isso era muito comum. Fora isso, forró nos clubes era só na época do São João.

Acredito que ainda hoje o forró pé-de-serra sofre um pouco de preconceito, mas o leque já está se abrindo. Você já vê um programa de calouro levando pessoas do forró. Antigamente não se via isso. Antigamente significava se arriscar muito levar um forró para disputar um programa de calouros na televisão. O forró está crescendo, o preconceito está diminuindo, mas ainda existe.

Sem contar o preconceito entre homem e mulher que tem na nossa sociedade. Eu paguei um preço para ser cantora... Existia muita gente preconceituosa em relação à profissão de cantoras. Devido às condições financeiras da banda, a gente viajava todo mundo junto. Tanto que o meu pai tinha um cuidado muito grande comigo... Ele só deixava eu ficar numa banda se o meu irmão fosse junto comigo nas viagens. Eu nunca viajei sozinha. Eu sempre tinha um irmão do lado que ia viajar comigo, ia ficar no quarto comigo, ia ficar cuidando de mim. Exatamente para me proteger dos falatórios... Das más línguas.

Eu tinha que ser prática na minha maneira de produzir. Essa coisa do cabelo cacheado sempre me seguiu. Eu sempre cantei com o cabelo cacheado porque na época não tinha essas coisas que tem agora, era no máximo uma escova. E você viajando no carro apertado, quase quarenta graus... Não tinha como você manter um cabelo liso, impecável. Às vezes você chegava num lugar que nem água tinha. Então eu sempre fui de usar o meu cabelo cacheado. Era mais prático. Aonde eu chegava eu molhava o cabelo ele já ficava cacheado.

Sempre fui uma cantora além da época. Eu estava além do tempo. Eu via muita televisão: Chacrinha, programas de calouros... Então eu me vestia muito de acordo com o que eu via na televisão. Sempre fui cantar com o cabelo cacheado, boina, óculos escuros... Eu tinha vários óculos... Uma coleção. Pra cada roupa eu colocava um óculos.

Tinha gente, não todo mundo, que associava o meu cabelo cacheado e os meus óculos a uma pessoa que era usuária de maconha. Eu sofria a ponto de um pai não querer que a filha dele andasse mais comigo: "Pare de andar com Diana senão você pode ficar mal falada..." Eu enfrentava isso... Eu só não sofri mais preconceito porque o meu pai sempre foi uma pessoa que teve esse cuidado comigo. Até o tempo que eu morei em Sousa, tinha sempre um irmão comigo para as apresentações das bandas. Ficava revezando, o irmão mais velho e o irmão do meio.

Era tempos difíceis... Tempos de preconceito... Na ourivesaria, por exemplo, que trabalhava só homem, era algo enraizado. É uma coisa que passa de geração para geração. É tão automática, tão natural, sabe? Que a pessoa não vê como preconceito. Tudo se torna tão natural... Se não tiver um despertar...

Se você me perguntar: "Por que que só trabalhavam homens na ourivesaria?" Eu não sei. Mas eles diziam que era serviço de homem, né? Polir um relógio, colocar um pino num relógio, consertar relógio, polir joias... Isso era serviço de homem na época. Quando entrei na área da limpeza e atendimento das pessoas, o meu patrão percebeu a importância de uma mulher atendendo o cliente, sabe? Mas preconceito sempre existiu, sempre!

Embora eu tenha circulado no ambiente do forró em São Paulo eu não cheguei a conhecer muitos bailes de forró. Tinha um forró que cantei, que foi a Marluce que consegui pra mim, mas não lembro o nome do lugar. Fiz dois shows nessa casa, depois fui trabalhar com Renatinho Cigano, e fiz muitas apresentações com ele. Eu acho que devo ter feito o Asa Branca, mas não lembro porque faz muito tempo.

Lembro somente de uma casa chamada Projeto Equilíbrio. Fizemos muito no Projeto Equilíbrio! O Renatinho era praticamente

contratado pela casa. Dividi palco com Dominginhos, que é uma coisa que eu nunca lembro de falar. Sempre falo do Renatinho Cigano porque foi ele o primeiro sanfoneiro que conheci. Ele precisava urgentemente de uma cantora para a banda dele. Ainda não era só forró. Ele fazia muito “brasuca”... Fazia muito samba, instrumental e também fazia forró.

Renatinho precisava de uma cantora. Conversou com um músico que cedeu a casa dele para ele fazer testes com cantoras. Eu participei, ele gostou e me contratou. Eu lembro que a gente trabalhava muito no Projeto Equilíbrio.

Esse circuito do forró me deixou encantada! Eu fiquei completamente impactada com o circuito! Quando eu tocava com Renatinho no Projeto e mais pra frente quando fiz *backing* para Bernadete, eu ainda não tinha noção disso tudo.

Eu nunca fiz *backing* para Bernadete no Remelexo, por exemplo. Fazia em festas juninas e SESCs, entende? Fui conhecer o circuito em 2017, quando cantei no Remelexo, no Canto da Ema, e fui no festival de Itaúnas... Pensei: “Gente, pelo amor de Deus...” Eu via muitos jovens... Eu não tinha noção do público do forró...

Há trinta anos atrás lá no Nordeste, o público do forró eram pessoas de idade, pessoas da terceira idade, sabe? Existia preconceito... Sanfoneiro sofria preconceito. Eu não tinha noção de um Mestrinho, de um Trio Dona Zefa, Nando Nogueira, Mariana Aydar, Thaís Nogueira... Eu desconhecia totalmente essas pessoas, jovens lindos maravilhosos. Esses festivais... A cidade do forró como é Itaúnas...

Eu achei um movimento tão rico, com pessoas que apesar de terem idade para serem os meus filhos, às vezes nem nordestino são, conhecem a cultura bem mais do que eu. Teve também essa coisa do constrangimento, de eu não ter tanto conhecimento profundo da minha cultura. Porque na época passou despercebido. Ainda hoje eu sofro esse constrangimento. Eu vejo jovens cantando forró com um repertório vasto. Eu tive que formar um repertório na raça. Do dia que comuniquei a minha saída da Bernadete, que foi no dia 25 de maio de 2019, eu tive de quinze a vinte dias para formar uma banda e ensaiar para fazer a minha

estreia. O que me acudiu foi exatamente essas músicas que eu carregava na minha malinha. No fundo, no fundo, era aquele filho que as pessoas rejeitavam, sabe? Mas eu como mãe, tentava proteger. De alguma forma eu cuidava. Foi exatamente esse filho que eu transportava, que sofria muito preconceito, mas, que me socorreu no momento em que fui fazer esse repertório.

Esse meu encontro com o circuito foi uma mistura de encantamento com constrangimento. Encantada com o respeito, com o amor e com a sensibilidade das pessoas para um ritmo que é nosso, de nós nordestinos; constrangida porque eu não estava tão inteirada naquilo. Uma situação bem delicada...

Mas fui muito querida e abraçada pelo circuito. O público me abraçou de tal maneira que eu não consegui entender o quanto que eu fui abraçada. É aquilo que eu falei, “entrei de gaiato no navio”, assim como eu fui para Monteiro sem saber as características de Cristina Amaral, porque o público gostava dela... Eu não fui buscar essas informações, eu falei: “Eu vou ser eu!”

Então, quando Bernadete falou para gente agir de forma profissional, isso em 2017:

– Nós vamos fazer o show! SHOW! Um espetáculo!

Eu criei a minha performance de *backing*. E em nenhum momento passou na minha cabeça se eu ia ser rejeitada ou aplaudida. E eu também não sabia que não tinha esse tipo de performance como uma *backing* no forró, entendeu? Então assim, acredito que eu levei um diferencial para o forró pé-de-serra. E um diferencial que poderia ser o que sou hoje ou poderia cair no ridículo. Porque era uma mulher de mais de 50 anos, acima do peso, fazendo *backing* e fazendo performance... Põe o braço pra lá... Põe o braço pra cá... E dança... Pula... Quer dizer, livre e solta...

E de repente as pessoas viram aquele diferencial com muito carinho, com muito amor, e eu percebia esse carinho. Então eu não sofria o preconceito. Mas percebo que algumas casas de forró e alguns festivais precisam evoluir muito em termos de acolhimento para a mulher. Isso eu percebo. Eu já fui em festival que não tinha espelho... Então eu tive que aprender a fazer a minha bagagem para levar no festival.

Dependendo do local que a gente vai tocar, dá a impressão de que eles não estão esperando uma mulher. Não que a gente queira ser melhor do que os homens, não é isso. Mas nós temos uma outra produção. O homem geralmente vai de calça e uma camiseta, e leva uma camisa dentro da mala, chega no lugar e coloca. Você está entendendo? É diferente da gente. A gente tem toda uma produção para subir no palco: cabelo, maquiagem, roupa... E isso requer uma certa atenção, um certo espaço e tempo. Então eu acho que nesse quesito o forró tem muito o que evoluir. Não foi uma coisa que eu sofri particularmente, mas sim, nós mulheres sofremos. Nós sofremos com essa falta de espaço, de acolhimento, essa preparação para gente fazer o show bonito.

Eu sou muito de viver o momento. Já planejei tanto e vi as coisas escaparem assim... Perdi o gol ali na trave... O meu sonho é crescer e poder suprir aquilo que o público espera de mim, e ter saúde para poder trabalhar. Eu não tenho muito essas coisas de: "Ah, eu quero ser isso..." Já passei dessa fase. Estou com 57 anos. Vejo tudo isso que aconteceu comigo como um grande presente. É lucro! Eu estou no lucro já.

Ficar 20 anos fora dos palcos, cantando numa igreja e, de repente, aos cinquenta e poucos anos você recomeçar... Em meio a um público exigente, no sentido de ter conhecimento. O público do forró não é um público qualquer, eles sabem discernir um ritmo do outro, sabem valorizar e reconhecer.

Eu acredito que fui aceita não porque eles são bonzinhos, mas porque eles viram em mim um valor musical. Então a essa altura do campeonato recomeçar num estilo tão concorrido, com tantas cantoras boas... Eu estou no lucro!

Um dos momentos mais emocionantes nessa minha pequena trajetória que comecei em 2019 pra cá, foi cantar no Bar do Forró. Porque de certa forma houve tipo uma quebra de protocolo. Até onde eu sei, a maioria das pessoas que cantam no Bar do Forró, inclusive a Bernadete, passaram pelo festival. Eles são vistos no FENFIT e só depois eles são chamados para fazer parte da programação do Bar do Forró. Eu fui reconhecida em meio ao *backing vocal* da Bernadete. Por isso nunca imaginei que no final de 2019

eu iria cantar sozinha. Eu não tinha passado pelo FENFIT. Eu saí dali encantada e já certa de fazer um show no meio do ano, que seria em 2020. Mas por causa da pandemia não aconteceu.

O Canto da Ema também foi uma emoção muito grande tocar lá. Só fera está ali! E de repente eu recomecei em maio, fiquei três meses no Remelexo e depois comecei a me apresentar no Canto da Ema a convite de Paulinho. Foi outra surpresa para mim o próprio Paulinho me contratar. Canto da Ema, FENFIT e o Bar do Forró, são palcos tops. É o top do forró!

Isso tudo me emociona muito... Pisar no mesmo palco da Bernadete França, Tamara Terra, Janaína Pereira, Fran Nobrega, Taís Sodré do Amargô, Mariana Aydar, Tais Nogueira, Amorosa, Mari Mello e muitas outras mulheres... Essas grandezas musicais e eu ali... Lógico que eu sempre fui cantora solo, mas eles me conheceram como *backing vocal*. Então foi uma oportunidade muito grande que eles me deram e eu sou muito grata a tudo isso.

O forró pé-de-serra em São Paulo

ENOK VIRGULINO



Foi Paulinho Rosa, meu *ponto zero*,* que destacou a importância de iniciar a rede de músicos com Enok Virgulino, cantor, compositor e sanfoneiro que por 38 anos fez parte do Trio Virgulino. Nas palavras de Paulinho, Enok é uma “lenda do forró” porque, além de ser um grande músico, é padrinho e uma grande influência para diferentes gerações de músicos e musicistas do movimento do forró.

Meu primeiro contato com Enok foi por telefone, em janeiro de 2020. Após apresentar-me e falar sobre o projeto, ele exclamou com seu forte sotaque pernambucano: “Pronto!” Essa expressão confirmava sua participação na pesquisa: “Quero que o trabalho seja bonito e que sirva de bom exemplo para as pessoas, pois a função do ser humano é essa, formar o mundo”, completou Enok.

O agendamento do encontro para entrevista com Enok se deu diretamente com ele, não houve mediação de produtores ou empresários. Para o nosso encontro ele sugeriu dois lugares: o primeiro foi a sua casa na cidade de Americana, interior de São Paulo; e o segundo foi a casa de show Remelexo Brasil, situada na Zona Oeste de São Paulo, no bairro de Pinheiros. Por fim, ele mesmo achou melhor no Remelexo Brasil, visto que ele iria se apresentar na casa no sábado, dia 1 de fevereiro de 2020, à noite, e sugeriu que a nossa entrevista fosse antes da passagem de som.

A entrevista com Enok revelou que sua vida não foi feita apenas de alegrias. Sua infância na cidade de Parnamirim-PE, foi marcada pela pobreza e pelas limitações impostas pela deficiência visual que o acometeu desde o nascimento. O primeiro aspecto que se destaca na história de vida de Enok é sua postura diante das adversidades. Elas nunca o venceram; ele sempre conseguiu transformar tristeza em alegria, e foi dessa forma que descobriu seu dom para a música.

O conhecimento, obtido principalmente por meio da escuta e da oralidade, sempre esteve presente em sua vida: aprendeu a cantar cantigas, a tocar instrumentos, descobriu

* Ver definição à página 18.

a matemática e outros tipos de saberes. Mesmo com apenas 1% de visão, Enok não se limitou a um ambiente privado. Muito pelo contrário, estava sempre no meio público, rodeado de pessoas.

Antes mesmo de ter sua primeira sanfona, ele já era um mediador no âmbito do lazer, animando festas e brincadeiras na sua casa e no seu bairro. Ao ganhar sua primeira sanfona, esse papel se intensificou. Sua socialização primária já indicava a inserção na área musical. Seu desenvolvimento foi tanto que atingiu a condição de ouvido absoluto, capacidade de identificar e recriar notas musicais sem precisar de um tom antecedente para referência.

Com o objetivo de operar os olhos, sua chegada a São Paulo, mais precisamente à cidade de Americana, foi um marco importante em sua vida por dois motivos: após a cirurgia, ele passou a enxergar 5%, o que fez uma grande diferença, segundo Enok. Além disso, no pós-operatório, período em que o médico solicitou repouso de quatro meses, ele pôde sonhar e pensar em estratégias para obter sucesso na carreira artística.

A relação de mediador do forró entre gerações e espaços da cidade é um tema central em sua experiência de vida. Muitos artistas jovens que fizeram parte de trios e bandas, principalmente aquelas formadas no final da década de 1990, considerado o período do *boom* do forró, foram “iniciados” ou apadrinhados por Enok. Tato, vocalista da banda Falamansa, e Janaína, ex-vocalista da banda Bicho de Pé, antes de lograrem sucesso, chegaram a dar canjas em shows do Trio Virgulino. Ele compreende o forró “universitário” como uma construção midiática, um termo em disputa. Mesmo assim, para ele, o movimento ajudou a diminuir os atributos negativos que a população paulistana atribuía ao forró e aos nordestinos.

Além de ter sido uma influência para muita gente, seus 38 anos no Trio Virgulino abriram portas para o forró, possibilitando que as bandas e trios mais jovens pudessem fazer uma carreira artística, tanto no Brasil como fora dele. Enok sabe da importância de sua memória para a história

do forró, tanto que pediu para que sua história fosse registrada na íntegra.

Seu sonho é partilhar com os filhos o que construiu enquanto mediador da comunidade de forró, possibilitando que eles se tornem profissionais da música, artistas, sem precisar passar por humilhações relacionadas a cachês e lugares para se apresentar. Enok já deixou esse espaço construído e aberto, não só para seus filhos, mas para toda a comunidade forrozeira – um lugar onde se pode sonhar. Entretanto, esses espaços estão sempre em disputa, o que gera a necessidade de lutar por um lugar melhor.

Logo após essa entrevista, Enok iria se apresentar no Remelexo Brasil com sua filha Cristina Dantas, Daniela Virgulino e Rafa Virgulino. Na mesma noite, em outra casa de forró chamada Canto da Ema, seu outro filho, Jonas Virgulino, estava se apresentando com o grupo Dois Dobrado. Essas são as duas principais casas especializadas em forró na cidade de São Paulo.

Antes de finalizar a conferência de sua história de vida, Enok lembrou de seu encontro inesperado com Caetano Veloso no palco do Remelexo Brasil e pediu para que fosse incluído em sua história de vida. Ele narrou com orgulho...

*Eu tive essa facilidade de mediar, de ser mediador...
Eu não era aquele cara do forró pé-de-serra puro,
eu era um meio “safado”, sabe? Ia tocando...*

Enok Virgulino

Meu nome é Enok Virgulino Dantas. Nasci em 21 de abril de 1958 na fazenda Estrela, onde hoje é o assentamento Estrela do INCRA, no município de Parnamirim, em Pernambuco. Como meus pais eram meio que primos, morando perto um do outro, rapidinho eles começaram a namorar... E o meu pai era uma pessoa muito bacana, tranquila, era um exímio dançador. Ele gostava muito de dançar e, por isso, logo me botou para tocar. Ele também era muito raparigueiro... Namorador, na linguagem mais culta, era dançador que era danado! Aí, como ele dançava bem, as meninas gostavam de dançar com ele... Hum... Ali começava o burburinho... Não demorou muito ele se tornou um moço interessante para as moças da região. Depois de um tempo, ele conheceu a minha mãe e logo começaram a namorar.

Parnamirim é uma cidade bem pequena, com muita produção agropecuária. Ela se chamava Santana do Saco, que era um símbolo para a cidade, uma capela dedicada à Nossa Senhora de Santana, construída pelo tenente-coronel Martinho da Costa Agra, que tinha uma fazenda chamada Saco do Martinho. Nessa região, surgiu um povoado chamado Freguesia da Leopoldina, era o nome antigo da cidade, mas antes de eu nascer ela já era Parnamirim.

Minha infância era de menino pobre e cego, eu tinha 1% de visão quando nasci, e foi nessa atmosfera que fui criado: de

menino cego, brincando pouco porque eu não tinha a destreza de brincar. Eu tinha muita dificuldade de correr como as outras crianças, então, a minha forma de brincar era mais solitária, era mais quietinha, sabe? Por causa dessa dificuldade visual. Mas eu brincava de música, de som, brincava de cantar... Qualquer brincadeira que fosse mais sossegada. Inclusive, gostava muito de me entreter dando presentes de mentirinha para as pessoas. De mentirinha porque eram aqueles presentes que na realidade eu não tinha, então, não existiam, eram presentes imaginários.

Então, quando eu tinha uns três anos de idade, organizei uma roda de pessoas e eu mesmo dava esses presentes inusitados e imaginários para elas. Como eram coisas que eu não poderia comprar, por exemplo, um carro ou um avião, logo, não serviriam para elas. As pessoas nunca utilizariam aqueles presentes. Aí, ficava como piada, entende? Todo mundo ria porque aquele presente não iria ser útil para determinada pessoa, pois eles eram imaginários. Eu brincava com isso, me divertia muito com as pessoas em volta de mim.

Logo, logo, eu aprendi a cantar as musiquinhas das histórias de caçadores que haviam por lá... De façanhas que o pessoal fazia com os outros, das experiências de vida, e eu cantava para uma pessoa somente se ela me desse doces em troca. Cantava cantigas de caçador, por exemplo, tinha uma que dizia: “Caçadô que caça na noite e dia, morrendo, não deixa nada de herança pra família... Eu fui no mato matei um largatixeiro...”

Largatixeiro era um gato do mato que tinha no Nordeste. Enfim, eu ganhava um monte de balas e normalmente tinham dez meninos comigo, porque eles sabiam que ia ter balas de sobra pra todo mundo, e ali já ganhava as balas para mim e todos que estivessem por perto. Era um corre e corre da molecada atrás dessas balas, e eu cantando nos braços das pessoas...

“Quando boto a mão no bolso sinto o peso do dinheiro...” Era uma cantoria que eu fazia e eles achavam bonito uma criança de três, quatro anos de idade cantando isso. E era assim que eu brincava. Minhas brincadeiras eram normalmente com adultos, com pessoas maiores do que eu, né?

Aos 6 anos eu ganhei uma gaita de boca de um rapaz que comprou uma sanfona e não queria mais a gaita e, então, ele me deu, eu comecei a tocar com ela algumas musiquinhas como “Asa branca”... Coisinhas mais fáceis de tocar, e ali me divertia muito tocando essa gaita!

Aos oito anos de idade, ganhei um cavaquinho. Tinha um músico chamado Expedito Augusto lá na minha aldeinha – Fazenda Prado, um povoado que trabalhava para um dono de terras e gados, ficava umas cinco léguas para dentro da caatinga, ele era professor de violão... Aí, ele sempre se juntava com o pessoal da região para tocar o violão e cantar, e eu ficava só ouvindo, né? Um dia ele me perguntou:

– Por que toda criança corre, brinca, faz folia aqui com a nossa música, nas nossas cantigas e você fica aí sozinho só olhando?

– Não... não... Não é isso, não. Eu gosto muito da música!

Ele disse:

– Quer tocar o violão?

– Eu quero, mas é muito grande esse negócio!

Aí, ele começou a persuadir meu pai para ele comprar um instrumento para mim, pois eu ia começar a tocar.

Certo dia, eles foram tomar umas “canas” num bar e um cara ofereceu para o meu pai um cavaquinho... No mesmo momento, outro cara já perguntou para ele se era bom o instrumento, e ele disse:

– Ééé!... Lógico que é bom!

Então, compraram esse bendito cavaquinho, só que não tinha cordas... Eu passei uma semana esperando o dia da feira para eles irem comprar as cordas desse cavaquinho... Aí, meu pai foi... Nessa semana eu olhava para o cavaquinho, batia nesse cavaquinho, brincava com ele, o “cabra” que mesmo sem corda, foi um instrumento que eu brinquei a semana inteira com ele. Na semana seguinte, na terça-feira à noite, quando o caminhão da feira chegou, eu fui logo perguntar para o meu pai:

– Cadê as cordas do cavaquinho, pai?

E ele disse:

– Tá aqui no bolso, meu filho. Tomeeee!

E dali mesmo eu já fui para casa de Expedito, que tocava o violão, para ele botar as cordas no cavaquinho e me ensinar, porque ele tocava muito bem o violão! E aí, me ensinou o cavaquinho... Não deu nem um mês, eu já estava acompanhando as músicas que ele tocava no violão, claro que as músicas mais simples... Eu sabia tudo.

E ele tinha uma vantagem, sabia a teoria musical. Ele sabia os nomes de todos os acordes, maiores e menores, todos! Então, eu tive a sorte de aprender certo. Tanto que quando eu tinha nove, dez anos de idade, com um ano de cavaquinho, eu via os sanfoneiros tocando e eles tocavam errado: os baixos, às vezes, em menor, a tecla em maior, ou ao contrário, a tecla em menor e o baixo em maior. E eu pensava comigo mesmo: “Hum... isso daí tá tudo errado”. Mas não podia dizer para eles porque eles eram mais velhos do que eu, iam achar que era eu o errado da história. Então, eu ficava vendo tudo aquilo, já sabendo que aqueles toques eram uma impropriedade, né?

Aí, aos 10 anos de idade, meu pai foi tomar outras cachaças noutra lugar e comprou uma sanfoninha Hering de 24 baixos para mim. Com ela eu tive a minha primeira aula de sanfona, foi com o mesmo cara do cavaquinho. Lembro até hoje ele me dizendo:

– Ó, você põe o braço aqui...

Aí, coloquei o braço esquerdo.

– Coloca o braço direito aqui, a correia no ombro, põe a mão aqui e puxa esse fole pra lá e pra cá... As músicas que estão dentro do cavaquinho são as mesmas que estão dentro da sanfona, é só tocar!

Aí, pronto! Com seis anos de idade ganhei a gaita de boca, aos oito anos ganhei o cavaquinho, e aos dez, em 1968, ganhei a sanfoninha Hering.

Eu já nasci muito envolvido com a música, né? Já fazia isso inconscientemente porque quando eu tocava nos casamentos de bonecas, que eram as brincadeiras das crianças da minha época, eu já era o cara que tocava sem ter nenhum instrumento. Eu batia em uma lata e eles dançavam... Então, eu era o tocador

da lata, que simulava uma zabumba, uma sanfona, qualquer coisa, sabe?

Meus irmãos acabaram inventando de tocar comigo quando eu comecei a tocar a sanfona. Aí, já mataram um gato, tiraram o couro dele e fizeram um pandeiro. Depois, com uma borracha de caminhão fizeram um surdo, que é mais ou menos a zabumbinha... Eles chamavam de melê. Para você ter uma ideia, é como se fosse uma timba, só que ela era um pouco menor e o couro, o nylon da timba, era feito com uma borracha de câmara de ar de caminhão. Era esse o surdo que parecia uma zabumba, mas eles chamavam de melê.

E foi assim os meus instrumentos... Com três dias que estava com a sanfona, eu já comecei a tocar algumas músicas. O meu pai trabalhava na fazenda da casa grande, que era a Fazenda Prado, como a gente dizia em Parnamirim, em uma usina de caroá, e caroá só dá no mato, lá longe, né? O caroá é uma planta nativa, das fibras dela era produzido bolsas, cestos, fios, entre outras coisas. Então, eu ia lá onde tinha essa usina... Meu pai sabia ler e escrever, ele era o gerente da usina, era ele que fazia as contas do pessoal que trabalhava por lá. Era muito bacana! Aí, um dia o patrão disse:

– Mané! Mané!!!

Meu pai se chamava Manoel Virgulino.

– Mané, tem um tocadô na sua casa!

Tocador é sanfoneiro, né? Aí o meu pai disse:

– Não...

Aí, o patrão:

– Tem!

– Tem não!

– Mas teeeem, eu estou escutando!

Meu pai falou:

– Não chamei ninguém!

Aí, todo mundo que estava na fazenda foram para minha casa... Chegaram lá, olharam pela frente da casa e não viram ninguém, olharam na sala não tinha ninguém... Entraram num quarto e lá estava eu tocando uma música no escuro...

– É esse o tocadô!

O patrão disse...

– Venha ver... Noca véio tá tocando! Noca véio tá tocando!!!

E tá tocando é bem! Eita! Vamos dançar! Chama as muié!

Ele me chamava de Noca por causa do meu nome Enok.

Com três dias de sanfona eu já estreei na minha primeira noite. Eu só tocava uma música, quando ela acabava, eles pediam de novo... Eu tocava novamente... E pediam de novo... E a noite de estreia foi nessa brincadeira.

Daqui a pouco eu ouvi a voz do patrão:

– Já são 10 horas da noite, vamos dormir, senão amanhã ninguém vai acordar pra ir trabalhar.

Desse dia para frente, eu comecei a ensaiar somente aquela música. No dia seguinte aprendia outra... Daqui a pouco já estava tocando eram quatro, cinco músicas, mas a primeira delas foi a *Fulou da Fuloresta*, que seria a flor da floresta. É uma música bem brejeira:

*Ela tem cheiro da fulô da fuloresta,
é uma festa o olhar dessa mulher...*

E depois repetia. Tinha uma introduçãozinha na sanfona que eu também aprendi, e com isso eu já tocava lá na minha casa para o pessoal dançar. Com três, quatro dias de sanfona, já era o melhor sanfoneiro da minha cidade – porque só tinha eu!

Quando criança eu também fui estudar... Entrei na escola com sete anos de idade, mas aí eu estudei uns 15 dias a um mês... Fui expulso da escola porque a professora disse que não adiantaria me dar aula porque eu não via o que ela escrevia, nem na lousa nem no caderno. Eu não via o que ela riscava na lousa. Aí não deu certo, ela me mandou de volta para casa.

Nesse período, o meu pai tinha ido embora de casa... Ele arrumou uma dessas dançadeiras e ela ficou grávida dele, eles foram embora, viajaram juntos, e eu fiquei na minha casa com a minha mãe e meus irmãos. Eram dez irmãos para sustentar... Nessa época, o meu irmão que era o mais velho já trabalhava.

Um dia chegou uma pessoa na minha casa, uma comadre da minha mãe, seu apelido era Sinhá Nem, ela perguntou:

- Como tá esse menino?
- Tá aqui, como Deus quer, né?
- Tem comida pra todo mundo?
- Tem dia que come, tem dia que não come...
- E estão todos na escola?

– Não! Uns tão na escola, esse aqui não tá, porque a professora diz que ele é cego e não enxerga... Aí, mandou ele pra casa.

Mas eu era tão inteligente que ouvia meus irmãos estudando a tabuada: “ 2×2 é 4... 3×5 é 15...”, isso lendo a cartilhinha, né? Quando eles iam estudar para as provas, eles não sabiam nada, não se lembravam. Então, eles perguntavam pra mim:

– 5×3 é 15?

Não sabiam quanto era... aí, eu dizia:

– É... 15! 5×3 é 15!

– Como é que você sabe?

A minha memória é muito boa! Aí, nisso a Sinhá Nem que chegou lá em casa continuou:

– Esse menino não estuda? Eu tenho um menino da idade dele, mas tá na escola.

Ela era mascate, vendia roupa.

– Tonha...

Minha mãe é Antônia Maria Dantas...

– Já que esse menino não tem o que comer mesmo, tu não quer dar ele pra mim? Pra ele me ajudar... Porque eu vendo as minhas roupas e às vezes chego num lugar, paro o ônibus e não consigo levar as coisas de uma vez só... Aí, o serviço dele vai ser só olhar as coisas enquanto eu volto... Dou umas 2, 3 viagens, na última viagem ele vai comigo e fica na beira da estrada me esperando levar as coisas. O que acha?

Minha mãe falou:

– É... se ele quiser ir... Tu quer ir?

Aí, eu disse:

– Só se eu puder levar a minha sanfona!

Sinhá Nem respondeu:

– Pode! Pode levar a sua sanfona!

Aí, eu viajei com ela e sai de casa deixando logo de passar fome... Eu fazia o serviço igualzinho ela falou. Levava 8... 10... 20 sacolas de roupas. Chegava lá no ponto do ônibus descia e ia levar lá no hotel ou na pousada onde ela ia ficar, e eu ficava na estrada olhando as coisas, dava 1, 2, 3... Na última viagem levava a minha bolsinha... Eu tinha uma bolsinha com um calção e duas camisas... Então, eu ia com ela, depois que eu fazia o serviço, ficava livre. Normalmente, aonde ela ia, tinha muito movimento, porque sempre era época de pagamento, época em que as pessoas recebiam o salário. Ela me botava para tocar no meio da feira, e eu tocava, e o pessoal me dava dinheiro, me dava moedas... Nessa época, eu já tinha 12 anos, foi em 1970. Ela me dava dinheiro... Aliás, o povo que me dava aquelas moedinhas, e eu ia juntando aquele dinheiro, pegava tudinho o que ganhava e levava para casa.

Olha, às vezes, eu passava de 15 dias a um mês viajando... Pra você ter uma ideia: eu saía de casa com um calção rasgado, voltava com o mesmo calção rasgado, mas com o dinheiro todo no bolso e dava tudo para a minha mãe. Quando não levava dinheiro, comprava coisas, porque eu sabia que lá em casa não tinha nada. Na roça é tudo muito difícil. Comprava, por exemplo, cortes de tecidos para fazer roupas para as minhas irmãs. Eu dizia para o vendedor:

– Escolhe um tecido bem bonito, mas que não seja muito caro para sobrar dinheiro pra eu levar pra casa.

Aí, comprava aquele monte de coisas e levava para casa. E foi assim a minha infância, até uns 20 anos de idade. Depois eu comecei a perceber que dava para ganhar um troquinho sozinho, então, comecei a viajar sozinho... E viajava...

Tinha um programa de calouro numa rádio que tinha lá em Petrolina, Pernambuco, onde fui tocar... Fiquei famoso!... Famoso entre aspas, né? Essas viagens eram entre as cidades de Parnamirim, Lagoa Grande e Petrolina, que ficavam no Estado de Pernambuco. Tinha uma barragem do governo que se chamava Açude do Saco, que era muito grande, fazia parte do DNOCS

(Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), mais de 1.000 funcionários trabalhavam na barragem, ali tinha muito dinheiro. Então, nas épocas de pagamento, Sinhá Nem ia para lá e vendia todas as suas mercadorias, e eu ia também, principalmente para tocar a minha sanfona e garantir o meu troquinho. Tanto que ela nunca pagou um real do meu serviço, porque eu já ganhava o meu dinheiro fazendo música. Aí, pronto! Virou um lazer... Fiquei com ela, acho que um ano, um ano e pouco.

Eu digo lazer porque eu era muito feliz com tudo isso, sabe? Mas não era bem um lazer, não, amigo. Era uma necessidade mesmo, era falta de dinheiro. Ia porque não tinha dinheiro para comprar comida. Mas também era bom e eu não posso reclamar. Se eu tivesse que fazer tudo de novo, eu faria, só que faria um pouquinho melhor, né? Provavelmente, com mais potencial, sabendo usar a experiência de hoje.

Aí, depois disso, comecei a viajar com meus irmãos. Em uma dessas viagens, eu estava em Petrolina e teve um show de Luiz Gonzaga, o rei do baião, e lógico que eu fui... Peguei minha sanfona e fui... Sem ter um real no bolso. Cheguei lá o cara que ficava na entrada disse:

- Cadê o ingresso?
- Não tem ingresso, não!
- Cadê o dinheiro?
- Não tem dinheiro!
- O que você veio fazer aqui?
- Eu vim tocar no show de Luiz Gonzaga!

Mentido... Óia... O cara disse:

- Você vai tocar?
- Vou!
- E quem é essa molecada toda aí?

Aí, tinha assim... uns 50 moleques que não tinha dinheiro querendo entrar, eu digo:

– Meus ajudantes são esses meninos tudinho aqui, ó! Esse monte de gente...

- Esse aí é o coral? É o coro?
- É...

– É mesmo, é?... Então, libera o ceguinho aí...

Porque eles não sabiam o meu nome, né?

– Libera o ceguinho aí com esses meninos todos que vão cantar com ele.

Aí, eles me disseram onde era o caminho e seguimos... Fiquei bem pertinho do palco, rapaz... Aí, começou o show de Luiz Gonzaga, e eu como convidado de mentirinha, né? Daqui a pouco Luiz Gonzaga anuncia:

“SENHORAS E SENHORES, SHOW DE CALOUROS! Quem cantar o jingle do nosso patrocinador ganhará um rádio de presente!”

E eu não tinha rádio, logo pensei: “Eita! Quero ganhar esse rádio!” Aí, subi lá sem saber a música, mas eu simulei na sanfona, senti que dava para tocar. Quando ele botou a sanfona em mim, eu fui lá e toquei a música. Tinha umas 8 mil pessoas no estádio, era um estádio muuuiitooo grande, devia caber umas 10 mil pessoas, eu nunca tinha visto tanta gente na minha vida de uma vez só. Aí, Luiz Gonzaga falou:

– Você não ganhou o rádio porque você não cantou, é pra cantar, você só tocou na sanfona.

E a música era muito simples:

*Pilha Eveready
Oi, Pilha Eveready,
Pilha Eveready
Minha luz, minha alegria,
Com minha lâmpada
Com minha lâmpada
Eu vejo a estampa
Da esteira de Maria
Eveready
Eveready
Pilha Eveready
É como um brôto:
Triscou, pegou!*

Fui para o lado do palco meio triste porque não tinha ganhado o rádio. E olha como são as coisas: Anastácia, que estava com Dominginhos nessa época, me ensinou a música na mesma hora, e eu voltei novamente para o palco e toquei... Toquei, cantei e ganhei o rádio, isso foi em 1971. Lembro que nesse ano foi lançado o LP *Ovo de Codorna* de Luiz Gonzaga, eu já tinha 13 anos de idade. Nesse show, foi o primeiro contato que tive com Luiz Gonzaga e Anastácia. Ela me viu pequenininho, magrinho, cantando sem saber a música, e foi lá e me ensinou. Ela estava torcendo para eu ganhar o rádio.

Toquei e ganhei o rádio, mas aí depois conheci muita gente da música por lá. Tinha um rapaz chamado Isac Cordeiro... Saudoso Isac... Que também era cego, ele tinha um programa de rádio, eu ia lá no domingo para tocar no programa dele. Eu comecei a tocar tanto... Tocava bem direitinho... Tocava muito bem! Aí, o pessoal começou a me chamar para tocar nas festas.

Até que um dia eu estava tocando num bar com essa sanfona minha e, de repente, apareceu um cara com uma sanfona melhor do que a minha. Isso lá em Juazeiro da Bahia, e com a sanfona na mão ele falou:

– Quer trocar de sanfona?

– Pô, rapaz, não troco porque eu não tenho dinheiro pra voltar. Quanto que é?

– 100 Cruzeiros...

Eram cruzeiros...

– Se você voltar aqui de novo, eu pago...

Aí, nisso tinha um outro cara que estava escutando a nossa conversa e falou o seguinte:

– Eu vou me casar daqui um mês, então, você poderia tocar na minha festa de casamento e eu pago a sanfona pra você, e fazemos de conta que eu estou lhe pagando adiantado...

Eu disse:

– Fechô!

Ele me adiantou, de fato, os 100 cruzeiros para eu cantar. Eram 100 cruzeiros... Eu peguei a sanfona e fui embora para minha casa. Mas lembro que ele ainda frisou:

– Dia 10!!!

Deu uma data... Talvez não seja o dia 10, eu não consigo lembrar direito... Eu sei que seria mais ou menos uns 30 dias após esse encontro.

– Ó, eu vou sair às 11h, você estando aqui até às 10h59 tá bom!

Eu tinha uma memória boa... Viajei para a minha casa, fui lá para o mato, já com uma sanfona nova. Meu pai perguntou:

– Onde arrumou essa sanfona?

– Troquei naquela que o senhor me deu, essa aqui é bem melhor, mais boniiiiita...

– E como é que você voltou o dinheiro?

– O cara disse pra eu tocar no casamento dele daqui 30 dias.

– Você, então, volte lá e cumpra a sua obrigação!

E foi assim... Aí, eu fui... Faltando uma semana, eu viajei lá para perto, era próximo de onde eu tocava no meio das feiras. Quando foi no dia, às 10 horas da manhã, lembrei que ele disse que estando lá às 10h59 estava bom. Então, eu tinha que estar lá até esse horário. Mas eu cheguei lá no bar às 10 horas, o dono do bar falou:

– Iiiii rapaz, não sei se aquele cara vem... Ele esteve aqui aquele dia. Tem um cara ali que conhece ele, mas não sei, não... Eu o vi somente aquele dia.

Nisso tinha outro cachaceiro lá no bar que disse:

– Não... Se ele falou que vem, ele vem, pode ficar aí esperando que ele vem!

E eu fiquei esperando... Rapaz, deu 10h30 e nada... 10h45... Quando foi 11h10 ele chegou:

– Cadê o sanfoneiro?

– Tá ali!

Aí, ele me chamou e me levou até onde seria a festa. Toquei na festa do cara e ganhei a minha sanfona que era maior que a outra. A minha antiga era uma *Hering* de 24 baixos, já essa nova era uma *Todeschini* de 48 baixos.

Bom, tocando a minha vida com essa sanfona melhor, toquei em circos, ganhava tipo uns 10 reais por dia, mas para mim era

um divertimento porque eu ia lá e tinha um monte de mulher bonita e eu olhando bem de pertinho para elas... Tocava nos circos, nas feiras, aí o pessoal já começou a me chamar para tocar em umas festas melhores. Já comecei a ganhar um dinheirinho como sanfoneiro. Tocava em festas boas porque eu tocava certo, os sanfoneiros de lá eram muito ruins e eu já "beliscando" direitinho a sanfona, estava tocando muito bem.

Foi quando as pessoas começaram a me dar conselhos que se eu viesse para São Paulo poderia operar a vista e ficaria bonzinho. Contaram umas histórias de um pessoal que fez isso e enxergou bem. Eu fiz o que me disseram: paguei o INPS durante um ano, de 1979 até 1980, quando foi em 1980 eu já tinha direito de operar pelo INPS porque já havia completado um ano de contribuição. Ainda assim, fui me preparando, tocando nas feiras e ganhando dinheiro.

Quando estava tudo certo, peguei meu irmão e viemos para São Paulo, isso em 1980. Cheguei aqui, essa cidade era grande demais, pensei: "Iii rapaz, não... Não gostei, muito grande, vamos embora para Parnamirim".

– E a operação?

– Aí, eu perco, deixa pra lá.

Mas aí eu tinha um irmão em Americana, que é uma cidade do interior de São Paulo, e ele estava morando lá com meus primos, disse que estava bem. Fazia uns dois meses que eles estavam na cidade! Eu pensei: "então, eu vou para lá, dou um abraço no meu irmão, passo 2 dias e vou embora".

O dinheiro que eu trouxe dava para pagar passagem de ida e volta e ainda sobrava porque eu tinha tocado muito nas feiras do Nordeste. Então, fui para Americana. Quando cheguei lá, me apaixonei pela cidade, rapaz... Uma cidade pequena, boa, tranquila, eu digo: "Pronto! Não vou mais para Pernambuco, não... vou ficar é aqui!". E foi em Americana que conheci o médico que operou a minha vista. Depois da operação, de 1% passei a enxergar 5%, que é o que vejo de óculos até hoje.

Em Americana aconteceram muitas coisas, foi lá que eu montei o Trio Virgulino. Tinha um programa de calouros e eu

queria muito me apresentar nesse programa porque tinha um prêmio para quem cantasse melhor – ganhava uma cesta básica. Lá em casa a coisa estava meio “russa”, sabe?... Sem dinheiro, eu fui tocar para ganhar essa cesta básica... O cara já apresentou a gente como sendo o Trio Virgulino, porque éramos três, e o meu irmão tinha escrito na zabumba “Trio Virgulino”. O apresentador já se apropriou desse nome e apresentou a gente como o trio que iria acompanhar os calouros dele. Ou seja, já chegamos “grandes” sem termos nada, mas já com uma apresentação e tudo, que nem artista.

Virgulino vem do meu sobrenome, mas o pessoal até hoje acha que é de Lampião porque é um nome muito forte, né? Por isso que esse nome deu certo! Se você procurar na internet por Virgulino, a primeira coisa que vai aparecer é a figura de Lampião, o rei do Cangaço, e agora eu também vou aparecer porque não sou besta! Inclusive, se escrever lá “Trio Virgulino” agora, vai aparecer “Lampião” e “Enok Virgulino”. Pelo menos é o que eu espero depois dessa nossa entrevista aqui...

Eu já era um músico experiente, tinha tocado em circos e acompanhado muitos cantores bons, logo, eu tinha uma experiência muiiiito grande... Antes do Trio Virgulino, toquei numa banda de rock e morei em Teresina, capital do Piauí, fiquei quatro meses tocando teclados. Não ganhei nada, voltei para Parnamirim, isso em 1978. Quando voltei, já era época de São João, aí toquei no São João em Parnamirim. Como eu ganhei muito dinheiro, nunca mais voltei a Teresina.

Então, com toda essa bagagem musical, quando eu estava na rádio, no programa de calouros, tinha um cara no violão acompanhando os calouros, mas ele era muito ruim, tocava tudo errado, e eu já experiente... Tinha saído uma cantora do palco, que tinha cantado bem bonitinho, e o cara que tinha acompanhado ela tocava tudo errado, eu disse a ela:

– Ei menina, vem cá!

Ela veio, mocinha bonitinha...

– Canta essa música que você cantou...

Quando ela cantou, rapaz... Eu acompanhei tão boniiiiito... Só que eu estava fazendo isso para me divertir, e nisso vinha

passando o dono do programa na nossa frente, que era o Geraldo Pianelli, e ele disse com aquela voz grossa:

– Ei, ensaia com meus músicos que você vai ser da minha banda! Vai acompanhar os meus calouros!

Não demorei para perguntar...

– E a minha cesta básica que vim ganhar cantando como calouro?

– Te dou 10 cestas básicas!

– Ah! Então, tá bom!

Aí, foi assim que de desconhecido, porque eu ia lá para ver se alguém me conhecia, passei a ser conhecido, pois comecei a fazer o programa de rádio, acompanhando todos os calouros – acompanhava gente até por telefone, e eu tinha uma experiência muito grande, eu já tinha 22 anos de idade. Isso foi em 1980 porque eu sou de 1958. Acompanhei todos os calouros e foi um sucesso o programa do cara, todo mundo gostava e era aquela festa. Logo, logo começaram a me chamar para tocar em outros eventos.

Depois disso, toda semana tinham dois, três shows para tocar, e eu já ganhando um bom dinheiro, ficando rico, já não passava mais fome, não passava mais dificuldade, era só alegria! O slogan do programa era: “Onde se pode cantar e encantar” foi Pianelli que me deu essa oportunidade na Rádio Clube de Americana, que hoje em dia se chama Rádio Você e continua na sintonia AM.

E foi nessa brincadeira que eu fui ficando famoso na cidade, e em três meses de programa, minha agenda já estava lotada, eu já não tinha mais dias livres. Todo final de semana eu tinha dois, três shows, porque também era baratinho ali, todo mundo tocava em qualquer festa que aparecesse... Era aniversário, batizado, casamento, e foi assim que eu virei um cara muito conhecido em Americana, a cidade onde eu moro.

Mas eu vim para São Paulo justamente para fazer a operação na vista. Operei em Americana com o Dr. Antônio Cláudio de Moura, ele fez a minha cirurgia de catarata. Eu tinha catarata congênita, ele operou e eu passei a enxergar bem legalzinho,

sabe?... Para quem tinha 1%, meu amigo, ver 5% a mais é muiiita coisa! E eu fiquei muiiito feliiiz!

Nessa época que começou esse negócio de programa de calouros em rádios. Tinha um cara chamado Antônio Carlos Giongo que tinha um programa uma hora antes do programa do Pianelli, e ele me ouvia tocando, via a minha desenvoltura e um dia me encontrou e disse:

– Enok, tem um festival em Americana de MPB, eu estava pensando em lhe inscrever para você cantar quatro músicas. Lá não tem cachê, mas você vai entrar como atração principal. Tem uma banda que também faz a atração que é a Brasília Band, mas aí, você vai entrar no meio do show dos caras e cantar as quatro músicas... Na verdade, você vai cantar uma música ou duas, se o pessoal gostar, aí você canta as quatro.

Então, fui lá na final do festival, cantei uma música, aí velho, eu pensei: já que eu vou cantar só uma música, vou cantar logo uma pedrada aqui que já vai ser sucesso. Aí, primeiro cantei *Abri a porta*. Depois cantei *Feira de Mangaio*, que era outro estouro que estava tocando na época, eu sei que na sequência cantei *Asa branca*, e por último *Frevo mulher*, que era um sucesso top da MPB no Brasil todo, música de Zé Ramalho com Amelinha... Aí, rapaz, o clube foi abaixo... O pessoal cantando e pulando em cima das mesas, aquela festa toda... Sei que eu já saí contratado para ir tocar em um show feito pela prefeitura, que ia ser numa praça. Quem me contratou foi o mesmo cara, o Antônio Carlos Giongo, que era o locutor do programa e também funcionário da prefeitura. E foi assim que eu comecei a fazer show já remunerado pela prefeitura.

Então, eu já fazia essas apresentações com o Trio Virgulino. Eles são meus conterrâneos de Parnamirim, um era o meu irmão Jaime, que já tocava comigo quando adolescente nas festas em família, e o Adelmo Nascimento morava em Americana, meu pai era padrinho do irmão dele, lá do Nordeste. Quando falei sobre as minhas apresentações para o Adelmo, ele disse assim:

– Iiiii rapaz, isso aí não dá certo, não! Negócio de sanfona aqui não dá certo!

Eu falei:

–Dá, poxa! Vai dar!

– Dá não!

Então eu disse:

– Escuta aí...

Quando eu comecei a tocar, ele disse:

– Não bicho, dá certinho e eu tô junto!

Aí, já entrou na banda sem eu convidar... Já ficou contratado! E ele já estava aqui e sabia onde eram os lugares que poderíamos nos apresentar. Eu digo: “Pronto! Então, fechô!” Aí, fomos tocar por Americana e deu muito certo, graças a Deus.

No processo de migração, eu tive tempo para pensar e para sonhar. Por exemplo, quando eu cheguei em Americana, fiquei seis meses operado, cada operação nos olhos eram três, quatro meses de repouso que eu passava sem fazer nada e recebendo do INPS. Eu recebia um salário-mínimo. Nesse tempo, eu fui ouvindo muito rádio, pois era o que tinha, então, talvez a fase que seria a mais difícil para mim, foi justamente o contrário, o momento de achar o meu caminho.

O primeiro caminho foi logo quando conheci o programa de rádio do Geraldo Pianelli e do Antônio Carlos Giongo. Foi difícil, mas não muito, porque ali eu estava obrigatoriamente parado e não podia fazer nada, mas o ouvido para ouvir o programa de rádio eu tinha, né? Aí, quando eu ouvi a chamada para o programa de calouros no rádio, eu disse: “A minha chance tá aí, ó... Vou ganhar uma cesta básica nesse programa de calouro”. E nessa brincadeira foi tudo indo gradativamente, nunca teve uma coisa que mudou totalmente a minha vida, sabe? Foi tudo construído devagarinho.

As dificuldades... Ah... Tive algumas dificuldades. Teve uma época que não tinha lugar para tocar em Americana. Quando nasceu o meu menino, eu estava devendo 4 meses de INPS... Estava devendo! Nessa época tinha sido cancelado um carnaval que eu ia tocar, faltando uma semana. Além disso, tinha comprado algumas coisas no mercado com um cheque para 30 dias, aí pensei: “E agora, como vou pagar tudo isso?”. Dar um cano não pode, porque

você seria uma pessoa sem caráter, pois o cara te vendeu, era um cheque para 30 dias... Daqui a 30 dias o cheque iria cair e o que fazer? Já havia passado 15 dias... Então, fui tocar no meio da rua, passar o chapéu, igual eu fazia lá no Nordeste.

E aí, rapaz, no primeiro dia que fui tocar na rua eu já ganhei dinheiro que deu até para voltar para minha casa lá no Nordeste. Tocava em Campinas ali na feira no Largo do Rosário, ali eu ia todos os dias... Em quatro meses de tocada, eu paguei todas as contas que eu devia, paguei o cheque do homem só com moedas. Era um cheque! Eu tinha comprado muitas coisas, era uma compra grande.

Então, a dificuldade maior para mim foi essa de ter que voltar a tocar no meio da rua, mas aí eu fui, e como eu tinha me inscrito na Secretaria de Cultura, começou a aparecer mais shows por lá... Pensei: “Vixeee, parece que eu não vou mais precisar tocar no meio da rua”. Aí, comecei a fazer shows através da Secretaria de Cultura, o dinheiro era pouco. A cada dois meses recebia, mas aí você já podia contar com esse dinheiro que ia entrar depois.

Comecei a tocar aqui em São Paulo, onde também toquei na rua. Inclusive, um dia eu estava tocando ali na região da Praça da Sé e, de repente, apareceu uma gincana da TV Bandeirantes. Você acredita que os caras me levaram pra tocar na TV? Rapaz, é cada coisa que acontece... E aí, cheguei lá, como eu já tinha nome e a experiência de ser um artista, mesmo sem dinheiro, toquei uma música que todo mundo cantou lá na TV... E tocando e aquele povo todo dançando, inclusive o apresentador que eu não me lembro quem era porque faz tanto tempo... Isso há 36 anos. Enfim, foi um momento unânime, sabe? Um sucesso! Inclusive o pessoal que levou a gente para lá ganhou a gincana, porque levaram uma atração de rua “porreta”, como eles disseram lá... É isso!

Mas andei por outros lugares também. Em São Paulo, lá pela década de 1990, tinha umas três, quatro casas de forró. Não era mais que isso, não fui em todas, mas sei que tinha o forró de Pedro Sertanejo, tinha o forró de Zé Lagoa, e tinha o Norte Sul Danças que era forró também... Não sei de quem era porque eu

nunca fui... Cheguei a passar na frente, durante o dia, aí me mostraram... “Essa aqui é a Norte Sul Danças”.

Então, era de três para quatro casas de forró, se tivesse mais, era mais para fora da capital de São Paulo, tipo Guarulhos, São Bernardo... Pela grande São Paulo é provável que tivessem outras casas, mas o que a gente conhecia não eram mais de quatro... Ah! Tinha o do Zé Beto, que era um comunicador da rádio “AM”, que já não era tão forró, era um forró um pouco diferente, mas, às vezes, tinha sanfona também.

Fui algumas vezes com Oswaldinho no forró de Pedro Sertanejo ver shows de Dominginhos. Saía de Americana e ia lá para ver o mestre Dominginhos tocar. Eu fui, inclusive, no programa de Zé Lagoa, que era outro nordestino que fazia muito forró, ele tinha um forró que cabia mais de 1.000 pessoas. Eu estive no forró de Pedro Sertanejo e no de Zé Lagoa para ver shows de Dominginhos, que eu era muito fã.

Mas não era só para ver, eu ia lá, mas de vez em quando tocava também... Os caras sabiam que eu tocava, alguém que me conhecia logo dizia: “Óia... esse aqui toca, ele veio pra dar uma canja aí!” Houve um fato que eu achei incrível... Quando eu toquei no forró do Pedro Sertanejo, eles fizeram assim: uma tropa de sanfoneiros, de cantadores e de zabumbeiros, e depois disseram assim para mim:

– Enok, o que você está fazendo aqui, rapaz? Sai daqui porque isso aqui não é lugar pra você, não! Esse povo aqui ninguém vive de música, aquele sanfoneiro ali é motorista de ônibus, o zabumbeiro é cobrador, aquela cantora é empregada doméstica.

Todo mundo tinha um segundo emprego e eles achavam que eu era muito bom para ficar tocando ali e ganhando aquele cachezinho. É como no futebol, sabe? No futebol, enquanto Neymar ganha 3 milhões, um jogadorzinho de um time do interior ganha uns 2 salários-mínimos, um salário, entendeu? Não é esse *glamour* todo que se fala que é o futebol, é para quem sobe para a parte de cima, igual aos que estavam lá. A grande maioria. Então, tinha um show no forró de Pedro Sertanejo que era Dominginhos, Luiz Gonzaga, Amado Batista, não era só forró.

Tinha aquele show com o pessoal que fazia uma noite toda, aí tinham lá dez sanfoneiros e cada um tocava 40 minutos, outros tocavam meia hora, que era o pessoal que tinha que trabalhar no outro dia. Eles tinham um segundo emprego e isso ninguém dizia. Eles me disseram e eu até pensei que fosse mentira, só depois eu descobri que era verdade, um cara me chamou e disse:

– É verdade, o pessoal daqui não trabalha só com música, todo mundo tem o seu emprego.

A grande maioria das pessoas que faziam a noite, com o forró começando às 22h e indo até às 5h da manhã, com um sanfoneiro tocando direto, ganhavam 100, 50 reais... Por aí... Era um cachê pequeno, não era igual hoje em dia que uma casa te contrata e você já faz o seu show, o DJ tocando, daqui a pouco eu entro para tocar, saio e o DJ toca mais meia hora, e entra mais outro sanfoneiro. Ou seja, 2 sanfoneiros mais o DJ tocando a noite toda. Lá eram 30... 20... 10... Eu não sei exatamente o tanto, e isso durante todos os finais de semana do ano inteiro. Mas eu conheci muita gente boa lá que até hoje está tocando.

Essa turma do forró é muito batalhadora, eles tocavam, trabalhavam, faziam de tudo para sobreviver aqui na cidade. O nordestino é, antes de tudo, um forte. Ele veio pra cá para trabalhar, mas se ele puder se dar bem numa área, ele vai batalhar para conseguir. O nordestino é inteligente, ele vem de servente de pedreiro, mas se ele puder estudar, ele estuda e se forma em alguma coisa. Ele precisa é de oportunidade. Inclusive, eu conheço várias pessoas que vieram de lá para cá e que hoje têm faculdade, têm estudos, que começaram de baixo. E outros que já vieram de lá com estudo, pelo menos o primeiro grau completo, entendeu?

Então, está bem melhor a coisa, o migrante hoje já não é aquele migrante do passado, ele já vem de avião, com estudo, dinheiro, com uma estruturazinha bacaninha... Outra coisa que está tendo no Nordeste são empregos melhorzinhos. Não é só da roça que o nordestino vive, e a roça nem sempre dá, né? Ó, meus irmãos são todos da roça, todos trabalharam na roça e na indústria civil, fazendo casa. O povo de hoje em dia está em condições

melhores, já vem com estudo, já arruma um emprego melhor numa empresa. Aí, a reação do paulistano já é diferente, o preconceito já diminui porque às vezes o cara tem preconceito contra o nordestino, mas e se o nordestino tem um emprego melhor que o dele? E aí, como é que faz?... Você entendeu? Aí, muda a figura, porque agora não é mais uma coisa de cima para baixo, quer dizer, o nordestino já se equipara ao status do paulistano. O nordestino já chega numa fábrica, daqui a pouco ele já é gerente, e aí? Mudou, amigo, mudou a coisa, não é só aquela situação que você manda e o nordestino obedece. Agora ele já tem fala.

Por isso que eu acho que o nordestino é um forte, é um vencedor. Mas infelizmente teve alguns que não souberam lidar com isso, que se depravaram na bebida. Hoje em dia tem as drogas também, que eu acho que é o mal do século, principalmente para o jovem. A molecadinha aí de 15 anos, se não tiver uma estrutura familiar boa para não deixar ele ter o contato, a pessoa entra e não consegue mais sair. É difícil. Eu cuido muito da minha família, tenho meus netos, cuido deles, dou conselhos para os pais, digo:

– Ó, cuida dos seus filhos, não deixe eles se envolverem... Porque depois que se envolver, amigo, nem sempre todo mundo tem a sorte de sair.

Eu sou a favor da família, ela tem que estar em primeiro lugar, unida, firme e para frente. Nada de botar “quebra pedra na peneira” que é duro. Família é a base.

Sempre estive próximo da minha família. Quando cheguei em Americana, morava na casa do meu primo junto com meu irmão que já estava lá. Meu irmão tinha um quarto só dele, eu já entrei no quarto dele, era um quarto para oito pessoas... E coube! Foi engraçado todo mundo juntinho no quartinho... Foi tão lindo! Aí, deu certinho, rapaz, porque também tinham várias camas... E eu nunca tinha visto uma beliche, foi a primeira vez que eu vi, achei demais, eu digo assim: “Tinha uma cama de dois andares?... DOIS ANDARES”... E o colchão no chão ajeitado... Oxeee! Não deu outra, velho!

Graças a Deus comecei a tocar em Americana, depois fui tocar na cidade vizinha Santa Bárbara d’Oeste e lá tinha um

pastor evangélico que era Secretário de Cultura, um dia ele me disse:

– Enok, eu vi aqui o trabalho de vocês, eu tô pensando em lhe inscrever na Secretaria de Cultura do Estado. Como sou diretor de Cultura aqui, eu posso lhe indicar. Aliás, já vou registrar, fazer a documentação e tudo...

Daqui a pouco eu já estava conveniado à Secretaria de Cultura do Estado, já fui tocar noutras cidades, já com um cachê bonzinho porque era pelo Estado, né? E foi assim que eu comecei a entrar nas universidades.

Fui tocar na UNICAMP, onde tinha um projeto chamado Sexta Musical, você vê como é que as coisas se encaminham, né?... Essa Sexta Musical era nos intervalos das aulas dos universitários, entre o meio-dia e uma hora da tarde... Aí, eles botavam um serviço de som e contratavam uma banda, e como eu fui lá pela Secretaria de Cultura, nesse dia já entrei para tocar. Depois da apresentação, nesse mesmo dia, tinha uma estudante que era muito bem de vida aqui em São Paulo, chegou até mim e falou:

– Enok, eu quero você na festa do meu aniversário lá em São Paulo, você pode ir?

Eu digo:

– Lógico que posso!

Pronto! Então, vamos lá... Aí, acertamos direitinho o cachê e fui tocar... Era uma casona boniiiiitaa, bem grandooona, sabe?... Aquelas de dois andares! Ela chamou todos os amigos dela que eram de São Paulo. Tocamos nessa festa. Tinha lá o pessoal da USP... Todos os amigos dela... Inclusive, o pessoal da faculdade de Veterinária, todo mundo lá... Estava o Mogi, o Mané, a Verinha e o Roberto, foram eles... Para você ter uma ideia, com uma ligação, eles me contrataram para tocar nas festas na USP, festas da Veterinária onde eles estudavam. A gente começou a tocar nessas festas, depois eles se formaram, não tinha mais motivo para ir fazer festa lá. Aí, o Mogi me disse:

– Não, mas eu quero continuar esse negócio de festas.

Ele alugou um lugar em São Paulo para fazer quatro festas... Aliás, três: uma de rock, uma de samba e uma de forró, ele

queria viver desse negócio de arte... De música, né? A festa que desse mais certo, ele iria continuar fazendo... Aí, fez a de rock, deu lá 40 pessoas; fez o samba deu mais umas 60; fez a do forró e deu 140 pessoas!

– Eita! Então, vai ser forró! Na outra semana você tá livre, Enok?

Eu disse:

– Claro que tô!

E a casa estava livre também, era uma quadra de esporte que não tinha nada lá dentro, era só uma quadra com lugar para umas 30 pessoas, mas tinha um quintal que cabia 1.200 pessoas. Aí, nisso eles montavam o bar, levavam os tambores vazios, botavam gelo e enchiam de cervejas, faziam um balcão com uma corda e ali era o bar, e começava a festa.

E nessa brincadeira, o pessoal começou a entrar nesse movimento, vendo gente bem nascida da USP, aquele povo todo bonito dançando forró, a mídia não demorou para fazer uma reportagem sobre aquele movimento. Uma edição da Vejinha publicou uma matéria sobre os bailes de forró universitário. Daqui a pouco, estava toda a cidade de São Paulo lá... 1.200 pessoas dentro da casa e 5.000 na rua para entrar.

Quando a concorrência viu, chamou o pessoal para montar um esquema de forró com aquela gente bonita que estava ali dentro e com aquela que estava na rua. Tinham 1.200 pessoas lá dentro que era a lotação máxima do espaço, e 5 mil na rua, a rua abarrotada... Com esse movimento, abriram o Remelexo Brasil com apresentações de forró, e foram abrindo outras casas... Eles botaram o nome de forró “universitário” porque era o forró dos universitários da USP. Por isso que existe esse negócio de forró universitário.

Toquei muito no Remelexo quando Paulinho Rosa ainda fazia a produção com o Magno. Em uma dessas apresentações, de forma inesperada, apareceu o Caetano Veloso no público. Parece que ele estava de passagem aqui em São Paulo, fazendo alguma apresentação. Quando parei para o intervalo, o Paulinho, que hoje é proprietário do Canto da Ema, me levou para me apresentar ao

Caetano Veloso. Na mesma hora perguntei se ele queria cantar uma música comigo. E ele respondeu:

– Toca uma música minha que se me der vontade eu subo.

Aí, quando retornei, comecei a tocar *Cajuína*. Daqui a pouco sinto uma mão no meu ombro, junto com uma voz suave... Era o Caetano com aquela voz linda dele! O povo não acreditou que ele estava lá, nem eu, mas eu sei que fiquei tão feliiiiiz! Foi uma noite fantástica!

Mas esse movimento do forró universitário ajudou bastante nós, músicos nordestinos, porque antes disso a maioria dos músicos nordestinos aqui em São Paulo não eram bem recebidos. Pra você ter uma ideia: na rádio onde fui tocar, fui tentar entrar num programa que era de tarde, o cara disse que não botava nordestino para tocar lá porque o pessoal botava o pé na parede, sujava e ele não gostava. Vê se pode... Aí, não me deixou ir, mas a sorte foi que eu achei a brecha daquele programa de calouros.

Por outro lado, o forró universitário é diferente, porque esse pessoal já tinha a cabeça mais aberta, já tinha ido para Itaúnas, já sabia o que era forró, só que eu gostava mesmo era de animação, mas eles não cantavam as músicas que eu tocava, porque eles não sabiam, então, eu tinha que primeiro cantar uma Rita Lee, por exemplo:

*Ando meio desligado
Eu nem sinto meus pés no chão
Olho e não vejo nada
Eu só penso se você me quer
Eu nem vejo a hora de lhe dizer
Aquilo tudo que eu decorei
E depois o beijo que eu já sonhei
Você vai sentir, mas...
Por favor, não leve a mal
Eu só quero que você me queira
Não leve a mal.*

Só assim eles começavam a se interessar em cantar as músicas, porque essas eles sabiam. Daqui a pouco, estavam cantando *Asa Branca*... Estavam cantando tudo... Então, o preconceito foi se dissipando, até porque quando o cara via aquela gente bem nascida cantando a minha música... *Minha música* eu digo porque é do Nordeste e eu sou de lá, né? Aquele pessoal cantando as nossas músicas... Aí, foi se dissipando o preconceito.

Havia muita maldade nos forrós de antigamente. Nesse meio universitário não, porque o pessoal queria apenas se divertir. E aí, acabou essa coisa do risca faca, de associar o forró pé-de-serra ao forró eletrônico. O forró virou uma coisa de elite. Por isso que o forró, hoje em dia, é uma coisa boa, porque acabou o preconceito... Ou pelo menos diminuiu muito. É que nem racismo, dizem que não tem, mas tem, né? Sempre tem.

Mas eu nunca tive esse negócio de preconceito, principalmente com a música, sempre toquei de tudo. Como eu tocava nas feiras e era democracia total, eu tocava o sucesso que estivesse no momento lá no Nordeste: Jerry Adriani, Luiz Gonzaga, Raul Seixas... Tocava de tudo porque eu queria era ganhar o meu cliente que estava ali. Ou você fica ou você vai embora... É pá-pum! Quando chegavam aquelas mocinhas, aí já cantava umas músicas mais atualzinhas. Até os Beatles eu tocava na sanfona. Eu nunca tive problema com isso porque para mim a música é algo universal, entendeu? Sou forrozeiro porque toco sanfona, mas se eu tocasse guitarra tocaria Rolling Stones, Beatles, essas coisas, e eu não vejo nenhum problema.

Como eu tinha essa habilidade de tocar diferentes ritmos, eu mandava brasa... Porque eu também já tinha tocado teclado em uma banda que fazia *cover* dos Beatles... Tocava com muita facilidade, até no forró. Por isso que eu tive essa facilidade de mediar, de ser mediador... Eu não era aquele cara do forró pé-de-serra puro, eu era um meio "safado", sabe?... Ia tocando...

O pessoal cantava muito a Rita Lee: *Ando meio desligado*; Raul seixas: *Eu não sou besta pra tirar...*; e *Asa branca*. Agora você pense: um cara bem nascido com uma menina bem bonita dançando ali, e a música cantando:

*Carolina foi pro samba, Carolina...
Pra dançá o xenhenhém...*

Ou seja, isso era uma cantada, né? Então, o forró se apresentou muito promissor. E foi por isso que ele deu certo, porque Luiz Gonzaga teve a sorte de ser acompanhado por grandes pessoas, grandes talentos. Se fosse ele sozinho, talvez não tivesse chegado em lugar nenhum, mas ele tinha Humberto Teixeira, que era advogado, e tinha o Zé Dantas, que era um médico. Esse pessoal, então, que é do seu nível universitário, compunha para Luiz Gonzaga as coisas mais simples, mas com letras bem construídas, entendeu? Por isso que hoje é comum você ver um tema de forró sendo estudado, dissecado, analisado por uma tese como esta pesquisa que você está fazendo aqui, do migrante nordestino. Por causa desse povo que lá atrás, antes da gente nascer, já contribuíram com sua parte. É o caso de Luiz Gonzaga, por exemplo, compondo as canções mais lindas e bem construídas que já ouvi. Além disso, o forró é cultura, né? Porque pegou esse povo que traduziu a dor do matuto, do sertanejo, da sua seca, do seu cotidiano, tudo poeticamente, escrevendo de forma bonita, com a pontuação certinha, com as palavras todas rimando. Esse foi o legado que Luiz Gonzaga deixou para todos nós.

E eu tive a oportunidade de conhecer esse grande mestre que foi Luiz Gonzaga, nos encontramos três vezes: a vez que eu toquei e ganhei o rádio, como eu já te contei; depois eu tive com ele lá em Exu, em Pernambuco, mas só conversei rapidamente, e inclusive, Luiz Gonzaga prometeu me levar para São Paulo, me trazer para cá, e disse que me daria uma sanfona boa e iria fazer de mim um artista igual ele fez com Dominginhos. Mas, talvez, por eu não ter o meu pai por perto para dar uma força, eu não pude vir. Por fim, acabei vendo um show dele aqui em Santa Barbara d'Oeste, um show muito bonito.

Depois conheci Dominginhos, que foi meu amigo de me convidar para ir na casa dele. Nunca fui, mas ele me chamou muitas vezes. Ele gravava com a gente, participou de uns quatro discos nossos, e fora outros artistas que existem por aqui... o Dió do

Trio Xamego, o Tio Joca do Trio Sabiá que é bacana, a Anastácia, já acompanhei ela em vários shows, Elba Ramalho acompanhei muito... Muito bacana! Além disso, viajamos no São João, fizemos banda para ela com o intuito dela deixar a gente tocar pelo menos dez minutos no meio do seu show. Ou seja, nós queríamos aproveitar o fenômeno que é a Elba Ramalho para divulgar o nosso trabalho. Então, iniciava o show com a Elba cantando e eu tocando sanfona junto com o Toninho Ferragutti, Roberto Pinheiro na zabumba e Adelmo Nascimento no triângulo, e ela cantando. Aí, no meio do show ela inventava de ir tomar uma água e ali dizia:

– Vou deixar esses meninos aqui fazendo um som pra vocês...

E era essa hora que o Trio Virgulino entrava. Tocávamos três ou quatro músicas e depois ela voltava, e era um sucesso. E foram muitas dessas participações. Essas apresentações deixaram a gente bem popular no Nordeste, foram 18 shows. Depois ela nos convidou para fazer uma turnê junto com ela nos SESC's do Rio de Janeiro, aí fizemos mais 15 shows no Rio, em duas semanas.

Aqui em São Paulo encontrei com Anastácia, tocamos juntos, já acompanhei ela em vários shows, e tive também com Marinês no Canto da Ema. Figura notória da música nordestina. Pra você ter uma ideia, ela era um Luiz Gonzaga de saia, era uma cantora boa, sabe? Uma cantora de primeira qualidade, no nível de Elba Ramalho, não no sentido da carreira que Elba tem, porque Elba construiu uma carreira na MPB, então, a carreira dela é como a de Gilberto Gil e de qualquer outro cantor da MPB. Já o forrozeiro, por maior que seja, não chega igual a um Alceu Valença, entendeu? É um pouco menor, é sempre um pouco menor... Se um show de um forrozeiro custa aí 100 mil reais, um outro 400, 500 mil, cantor de ponta, tipo Elba Ramalho, por exemplo, que está nessa faixa de valor. Elba, Gal Costa, Gilberto Gil, Djavan, nesse nível, é uma carreira a nível nacional. Já o forrozeiro, mesmo um cara como Dominginhos, creio que ele não chegou nesse nível de matéria de popular... Falamansa chegou, são amigos nossos também, quando eles gravaram *Rindo à toa*, acho que chegaram à popularidade desses cantores aí que eu estou te

falando. Foi um serviço muito importante que o Falamansa fez para o forró.

Eles dizem que se baseiam no meu forró e, inclusive, a grande maioria era cliente do meu forró. O Tato, por exemplo, ia lá para cantar, para dar uma canja, e ele também foi DJ. Ele tocava CD ou vinil, não sei exatamente, nas casas de forró e estudava no Colégio Equipe. Ele montou a banda Falamansa para tocar num festival que eles ganharam.

As bandas se formaram assim, tocando em pequenos festivais. Ó, tem o Bicho de Pé, que também foi uma banda que estava nesse um *boom*, o Rastapé, outra banda que tinha o sanfoneiro chamado Seu Jorge, que era nordestino, da Paraíba, e tinha os meninos novos que eram roqueiros e quando viram essa onda do forró começaram a cantar forró. Foi aí que surgiu a banda Rastapé que hoje em dia é bem famosa.

Já a Falamansa é excelência, né? Não tenho nem comentários de tão boa que é! As outras foram seguindo... E aí apareceram umas 300 bandas... Teve a banda Caiana, que ainda está por aí, Pé de Cabra, que é uma banda que tocava muito bem também. A banda Caruá, que era também do forró universitário, a Mariana Aydar que era a cantora, tocava só no Canto da Ema e em algumas festas que apareciam, mas eram músicos de outras linhagens, tocavam jazz, músicos muito bons que viraram forrozeiros.

Ah, teve outra banda também, a Mafuá, que se tornou famosa na época. Mafuá era do Tião Carvalho e aqueles meninos todos que tocavam com ele... Lembro muito do Gabriel Levy, um grande sanfoneiro que também é meu amigo.

Olha, a minha relação com essas bandas de jovens do então forró universitário era muito boa, porque eles eram meus clientes. Todos eles deram canjas no meu palco, como mencionei, inclusive a cantora Janaína Pereira do Bicho de Pé. Uma vez eu a vi batendo numa mesa e cantando um coco de madrugada, aí eu disse:

- Tu é cantora?
- Não...
- Pois você é e não sabe! Quer ir lá no meu forró cantar um dia?

Ela disse:

– Opa! É claro, Enok! Vou lá e canto umas duas músicas!

– Pois vamos!!!

Ela foi lá e cantou oito músicas no primeiro dia, daqui a pouco a mulher me disse:

– Tô montando uma banda e estou trabalhando com Milton Edilberto.

Já montou a banda, entendeu? Então, a minha relação com os jovens dessa época era sempre de indicação do caminho, de como é que se faz... E todos eles são gratos porque eles veem em mim, de alguma forma, uma ajuda ou um espelho. Mesmo que eu não contribua em nada, mas eles me viam tocar e gostavam, e é por aí.

Atualmente o forró deu uma boa enxugada, porém, tem muita gente boa chegando, muita gente boa tocando, só que esse pessoal de hoje é mais inteligente, eles já procuram as casas que pagam melhor, aí pega um show, monta a sua apresentação, tudo bem organizadinho, com começo, meio e fim, com uma narrativazinha... Pois esses dias mesmo... Os meninos foram ensaiar lá em casa um show de Beatles em cordel, aí eu pensei: “Mas menino, eu nunca imaginei um negócio desses”.

O “cabra” contando uma história de um sertanejo que ouvia os Beatles lá no sertão com um radinho de pilha, mas só que eles cantavam as músicas dos Beatles, tudo em inglês, sabe? Mas são meninos “bem nascidos”, que leem em inglês tudo direitinho, mas com o chapéu de couro... Quer dizer, eles ganham um dinheiro, mas é um dinheiro que eles trabalharam em cima. Eles têm todo um trabalho, tem toda uma narrativa. Então, o forró nesse ponto ganha por isso, porque ele vai agregando pessoas de mais talento, de mais estrutura, até a nível de estudo mesmo, entende’? Que já escrevem seus próprios projetos nos editais, tudo direitinho. A gente não sabe fazer nada disso... Claro que tem pessoas que fazem por nós, sempre tem alguém que nos inscreve nos editais, numa coisa assim, mas a gente mesmo não sabe nem por onde começar. Precisamos saber produzir.

Você tem que agregar valores, por exemplo, você pega uns cabra véio, tudo meio feiozão, nordestino véio, assim como eu,

como outros... Você pega uns cabra desses, você bota na televisão... Se for um Pelé no futebol, tudo bem porque ele ganha pelo talento, mas nem todo mundo tem esse talento grandioso.

Agora se você pega um jovem como o Tato, por exemplo, com vinte anos de idade... Bonitinho, bem nascido, como te falei, morou um ano na Alemanha, fala inglês e até alemão... É diferente, né? E outra, tinha uma vantagem: é rico! O pai dele é industrial em Piracicaba. Ou seja, você pega um cara desse, quando você joga ele na televisão, é sucesso! Inclusive outro dia eu estava vendo um show numa rádio em Belo Horizonte que a gente participou junto com a Falamansa. Tinha um telão e a gente ficava olhando as imagens... Eles apresentavam os forrozeiros e tal... Daqui a pouco apresentam o Falamansa, aí eu disse:

– Olha lá, gente! Vem ver uma coisa aqui, vem ver como esse moleque, além de tocar bem, é bonito pra caramba na televisão!

Parecia com aqueles astros do rock, bonitão, que já chega fazendo aquelas poses... O moleque já era esperto e sabia onde queria chegar, ele ainda não tinha o nome, mas já tinha o jeitão de fazer acontecer... Aí você pega um cara desses e acontece, entendeu? A relação com a mídia é mais fácil porque eles já têm todos os adjetivos que a mídia pede. Agora, o cara como Luiz Gonzaga teve o apoio dessas pessoas que faziam as letras para ele. E como ele era o único e na época a televisão ainda estava se desenvolvendo, o rádio que era o forte... Não era imagem, entendeu? Eu não entendo muito dessas coisas de *marketing*, mas penso que deve ser mais ou menos por aí...

Mas no meu caso o tratamento é diferente, vou te explicar... É assim, ó: existe o preconceito, sofrer a gente não sofre porque a gente não vê, ninguém diz: “Sai daqui porque você é preto, sai daqui porque você é cego, sai daqui porque você é gordo”. Só que o camarada não te contrata, ele não quer te ver por perto. Então, é algo camuflado, parece que é só por causa da música, mas não, tem várias relações envolvidas. Musicalmente não tem diferença nenhuma, mas na hora de dar a oportunidade ele dá para aquele que se qualifica dentro dos padrões de beleza “x”, entendeu?

Eu fui em muitos programas de televisão, fui ao Gugu, no Ratinho e na Ana Maria Braga umas quatro vezes... Fui no Fantástico, não fui no Faustão porque meu dinheiro não deu... Agora, esses caras já tendo esse outro requisito, o próprio investidor já tem vontade de conversar com eles, e a conversa é de cachorro grande, entre eles e o dono da TV – o diretor: “Olha, o cara é bonitinho... É mesmo... vamos botar ele aqui...”

Aí, a gente não fica sabendo do preconceito. A gente pensa que ele não existe, né? Mas caladinho aqui, meu cumpade... A gente sabe de tudo! Não que eu ligue pra essas coisas, para mim isso não tem importância nenhuma porque, véio, Deus me deu muita força e coragem, pois pensa num “cabra” cego... Enxerguei 1% até os meus 22 anos de idade, depois 5%. Praticamente não sei ler e nem escrever, até porque estudei até a 6ª série no supletivo... Sou um cara sortudo de chegar onde cheguei.

Mas eu tenho informação porque eu já li Dostoiévski... Ouvindo... Ouvindo! Então, eu tenho a informação, eu tenho o vocabulário, eu não tenho a letra, mas se você disser: “Escreve um texto de próprio punho, Enok”, eu digo: “Ferrou!”

Opa! Desculpa! Você entendeu? Se você disser: “ESCREVE”. Agora se você disser: “Dita para mim”. Aí, eu dito uma coisa bem legal para você e você transcreve no papérrr, como diz o matuto.

Mas dos anos 2000 para cá aconteceram muitas coisas, teve o *boom* do forró, e nessa época todo mundo queria ter casa de forró, aí teve uma peneira, quem fez direito ficou, quem tinha uma proposta mais bonitinha, mais bacaninha, mais honesta, tanto para as bandas como para as casas, porque teve muita banda que não era forró de verdade, que talvez estava ali por causa do movimento, e que talvez não gostasse tanto do forró, que tanto faz rock, como forró... Aí, foi migrando para outros gêneros musicais, e no forró ficou somente os que gostavam mais ou aqueles que dependiam da música, como é o meu caso.

Amigo, eu tinha quatro filhos para criar, eu tenho que tocar todos os dias. Então, é isso que faz você permanecer, e hoje eu já estou numa situação um pouco mais tranquila porque já enfrentei muitas coisas e fiquei mais maduro, não tenho tanta urgência

assim. Aí, eu toco para dar emprego para os meus filhos, apesar que o Rafael toca com umas 40 bandas. Às vezes, tem data que eu preciso dele e ele não pode porque tem compromisso. Ele é um bom sanfoneiro e também toca contrabaixo na minha banda e em outras bandas, é um multi-instrumentista.

E por falar nos meus filhos, eu não posso deixar de falar de minha esposa, a Terezinha. Me casei com ela em 1983, em Pernambuco. Antes, fiz uns comícios em Americana e ganhei um dinheiro legal que deu para organizar a ideia do casamento... Ganhei uma eleição para prefeito na cidade, ganhei assim... O candidato a prefeito ganhou e eu tocando, né? O nome do candidato à prefeitura era Carrol Meneghel, que era apoiado pelo Waldemar Tebaldi, que foi o prefeito eleito na época.

Conheci a minha esposa Terezinha lá em Parnamirim, ela veio de uma família da cidade de Granito que fica a uns 40 a 50 km de Parnamirim. A irmã dela montou uma vendinha na cidade, em uma casa, que inclusive foi do meu pai. Ele vendeu para uma pessoa que vendeu para Maria do Socorro, que é a minha cunhada. Vira e mexe eu aparecia lá para comprar uns doces nessa vendinha...

Aí, certo dia, vi uma mocinha bem pequenininha assim, e pensei: "Essa menina quando crescer vai ficar boniiiiitaaaa!" Mas depois soube que ela já era mais velha do que eu, mas na época eu não sabia, pois ela era baixinha... Fiquei lá conversando com ela... Comprei uns doces, levei uns dois minutinhos... No outro dia fui lá comprar mais balas, levei cinco minutos... No outro dia levei dez... Daqui a pouco já estava passando o dia todo na vendinha, a hora que ela abria, eu já estava lá...

Conheci ela em 1978 e nos casamos em 1983. Enquanto eu estava em Parnamirim, fiquei namorando ela por dois anos. Depois, passei três anos em São Paulo, às vezes, quando achava um jeito, a gente se correspondia por carta ou por telefone, mas na época não era tão fácil como hoje em dia. Eu era muito namorador. E danado! Como eu tocava sanfona, eu tinha muitas namoradas lá em Parnamirim, então, eu viajava para as cidades e acabava conhecendo outras moças e ia namorando... Aí, quando conheci a

Terezinha eu não me importava mais que as outras descobrissem. E assim foram acabando os outros namoros, só ficaram três: a Terezinha, uma outra que era fazendeira em Parnamirim, e uma que morava ali nas redondezas também. Aí, eu digo: “E agora, como é que eu vou fazer com essas três mulheres...”.

Com o tempo, foram se acabando esses namoros e ficou só Terezinha... Quando estávamos em Parnamirim, eu disse a ela:

– E aí, como é que é? Tu vai para São Paulo?

– Vou! Mas você vai voltar depois?

– Eu volto, se você quiser me esperar. Eu volto e caso com você.

– Então, tá bom, eu espero!

Aí, ficou assim: ela ficou me esperando, com três anos eu ganhei uma grana aqui em São Paulo tocando, voltei e me casei, em 3 de janeiro de 1983.

Em 30 de dezembro de 1983, nasceu o nosso primeiro filho que é o Jonas Virgulino; em 14 de dezembro de 1984 nasceu a Cristina Dantas, que é essa que está aí tocando triângulo; em 30 de abril de 1986 nasceu a Daniela Virgulino, que toca zabumba e bateria na minha banda; e no dia 6 de fevereiro de 1989 nasceu o Rafael Virgulino, que é esse que toca contrabaixo na minha banda, que é sanfoneiro, mas toca zabumba, triângulo, contra-baixo... Ele faz uma banda completa sozinho, ele grava tudo e toca tudo. Esses são meus quatro filhos, já tenho cinco netos: dois da Cristina, dois do Jonas e um do Rafa. A Daniela não se casou ainda, mora lá em casa comigo. Eu acho que é isso, né?

Casei! A minha mulher é muito simples, muito humilde, filha de viúva, muito pobre. Agora me deixa contar um pouco mais sobre o namoro... Eu disse a ela:

– Ó, eu tenho maior vontade de casar com você, mas eu não tenho emprego...

Eu tinha medo de passar fome e não conseguir colocar comida em casa. Mas ela estava muito interessada no gatão aqui e disse:

– Não... vamos nos casar! Eu também não sei ler muito, não tenho muito estudo, eu posso trabalhar nas casas de família, aí

quando chegar a hora do almoço eu digo que não quero almoçar, aí faço uma marmita e levo pra casa e a gente almoça.

– E tu tem coragem de fazer isso, mulher?

– Tenho!

– Então vamos nos casar!

Aí, nos casamos! Graças a Deus ela nunca precisou trabalhar porque o que eu ganho como músico, como tocador de forró, sempre deu para sustentar a família toda.

E assim vou tocando a vida, sou uma mistura de minha falecida mãe que era católica, e do meu pai que era um católico meio safado, meio namorador: tenho fé em Deus, mas não vou muito à igreja. Vou quando tenho um batizado, uma coisa assim... Mas também não tenho vícios e não sou pervertido em nada.

Eu tenho a minha a vida, prezo muito a família, cuido dela em primeiro lugar. Amizade boa, sou casado com a mesma mulher, nunca nos separamos e ela ainda mora comigo até hoje, desde 3 de janeiro de 1983. Quanto tempo faz? Conta aí... Bom, agora fez 37 anos, né? Vai fazer 40 anos em 2023, então, você tira três, fica 37 anos. É assim.

Mas você vê como é simples, não tem segredo. O que vale é você ter a sua fé, eu sou um cara católico que não vou muito à igreja, mas vou se disser que é uma cerimônia importante. Frequento muito pouco, até porque eu toco muito de domingo e as missas geralmente são aos domingos, aí não dá muito certo, né? Eu prefiro ir ganhar o pão de cada dia tocando. Magno, que é um produtor de forró, costuma chamar os bailes que ele produz aos domingos de “missa do forró”. Nesse sentido, eu vou para minha missa também.

Antes de finalizar, eu gostaria de falar sobre minha carreira solo. Foram 38 anos com Trio Virgulino... Sabe quando você vai ficando velho? Todo velho é enjoado. Aí, eu digo: “Meu Deus, eu com meus filhos talentosos em casa tudo aí parado, e eu tocando já meio descontente” – porque o tempo corrói, né? Os laços de amizade são corroídos com o tempo, não que eu tivesse algum problema para ter que sair. Mas aí me veio a ideia de sair e montar uma carreira solo e aí se desse certo, maravilha! Pelo

contrário iria me encolher, porque velho pode viver num cantinho quietinho. Eu viveria quietinho no meu cantinho. Resumindo: saí simplesmente por isso.

Não tenho nenhum problema com nenhum deles, de verdade mesmo, não tive que sair por causa de desentendimento com alguém... Não! Me entendo até hoje com eles, eu ligo para eles, eles ligam para mim. Não vou no show deles porque a gente está sempre nessa correria de apresentações e família, né? Não dá para ficar indo e voltando em shows porque também eles podem pensar que eu estou querendo voltar, e eu não estou querendo mesmo! Então, está tudo certo.

Mas olha, foi um período muito bom, fizemos até turnê internacional. Foi muito bacana porque eram as portas se abrindo para o forró. Hoje em dia está bem diferente, porque a gente fez um trabalho muito bem feito lá atrás, de agregar as pessoas talentosas para dançar o forró, e essa semente que foi plantada foi germinando, e os produtores levaram muita gente do Brasil para o mundo a fora. A gente tocou na Alemanha... aliás, na Alemanha nós não tocamos, tocamos ao lado da Alemanha, na Suíça, numa cidade chamada Zurique. Tocamos muito em Zurique, também na Itália, muito forró na França...

Quando a gente saiu pela primeira vez para tocar fora do Brasil, foi nos Estados Unidos em 1998. Em 1999 fomos pra França. Foi muito bom, tanto que hoje em dia quando as bandas saem daqui, já saem com uma agendinha de 4, 5, 6 shows, tem nego que até mudou para lá, de tão bom que o mercado está para o forró. Tem um menino que tocava na banda Dona Zaira, o sanfoneiro, André Tagliatti, mora lá, toca lá, vive lá.

Finalmente, no dia 5 de agosto de 2018 eu saí do Trio Virgulino. Viajei pela Europa inteira com eles, mais de dez viagens pela Europa tocando forró. Viajei para os Estados Unidos, um trabalho muito lindo, muito bacana! Mas aí, eu digo: "Eu já estou ficando velho, já estou com 61 anos..."

Saí e agora estou trabalhando na carreira solo com meus filhos, já tem até um CD que você encontra nas plataformas digitais: Enok Virgulino, o nome do CD é: *Forró bom é aqui*. E agora

eu estou gravando outro CD, quer dizer, um EP, porque parece que essa moda de CD caiu, né? Terá pelo menos seis músicas com vários convidados. Vou gravar e compartilhar nas plataformas digitais. Já tem convidados que eu posso até te contar agora: Geraldo Azevedo, Chico César, Mariana Aydar e o Tato do Falamansa. Esses quatro já estão convidados. Se gravar é isso... Às vezes um viaja e não dá certo de gravar, mas aí, são basicamente esses quatro. E terá duas músicas lindas que eu fiz e vou gravar nesse EP.

O meu sonho é continuar tocando, produzindo meus trabalhos, botar os meus filhos no mundo, daqui a pouco vou parar de tocar, e aí eles tomarão conta das coisas. Meu sonho é sair de cena deixando todos eles encaminhados, sabe? Não tocando de "peão" para os outros, de contratozinho para ganhar um cachêzinho. Mas sair e deixá-los como artistas. É provável que esse trabalho se desenvolva aos poucos.

Vou gravando disco de um, depois gravo de outro, talvez serão os meus concorrentes por um tempo... Aí depois o outro vai ser concorrente do meu outro filho... Daqui a pouco está todo mundo na música porque todo mundo tem seu talento. Eu espero que, em breve, eu já possa me dar o luxo de ficar mais tranquilo. Aí, ao invés de ficar tocando, eu vou é participar dos shows deles, ganhando o meu cachê também, é claro, né? Meu sonho é esse! E ver os meus netos também nessa área, eles já estão crescendo. O mais velho já tem 13 anos, o outro também vai fazer 13, tem um que já está "beliscando" uma sanfoninha... Então, é assim, vamos todos crescendo dentro da música!

Atualmente, tenho muita satisfação de tocar com meus filhos, apesar de ainda não ter os shows que pretendo ter, meu nome ainda não emplacou, digamos assim. Mas eu estou TÔ FELIZ com o pouquinho que tenho, sabe?... Estou muito feliz!

O forró pé-de-serra em São Paulo

DIÓ DE ARAÚJO



Meu primeiro encontro com Dió de Araújo aconteceu em fevereiro de 2020. Naquele momento apresentei a ele a proposta da minha pesquisa e mencionei que havia sido indicado por Enok Virgulino para participar do trabalho. Quando expliquei que a entrevista incluiria perguntas sobre sua trajetória de vida, Dió não hesitou em compartilhar uma amostra de sua história: “Você sabe como é ser pobre nordestino, né? Pé no chão, calça curta, comendo gogóia, jurubeba e araçá, era assim”.

Como o Trio Xamego tinha uma apresentação agendada para o dia 15 de fevereiro de 2020 na casa de show Remelexo, marcamos a entrevista nesta mesma data, que aconteceu no camarim, antes da apresentação do Trio e da abertura da casa para o público. Durante a entrevista, o sanfoneiro Cicinho entrou no camarim e Dió o chamou para ouvir sua história, o que fez Cicinho permanecer por mais tempo. A presença de mais ouvintes, incluindo músicos do grupo Amargô e de Carol, neta da cantora Anastácia, tornou Dió ainda mais animado para narrar sua trajetória. A conversa evoluiu de uma entrevista a dois para um diálogo em grupo, onde Dió, sempre gentil e acolhedor, interagiu com todos os presentes.

Dió de Araújo, com seu carisma cativante, revelou-se um exímio contador de histórias. Ele narrou sua trajetória de vida com riqueza de detalhes, traçando conexões profundas com o passado e fazendo questão de destacar suas origens diversas: sua mãe, filha de indígenas guaranis; a avó e o pai, filhos de pessoas escravizadas vindas da África; e o avô materno, de origem holandesa. Para ele, sua identidade está entrelaçada entre essas três raças.

Para Dió, a cidade de São Paulo mostrava-se como um lugar onde as coisas aconteceriam de maneira mais fluida, oferecendo melhores oportunidades de trabalho em geral, especialmente na música. Ele via a capital como um espaço em que a visão de mundo era mais aberta e relativizada, proporcionando maior liberdade de expressão e acolhimento das diferenças. Dió tinha plena consciência das limitações de sua região de origem e das poucas oportunidades

em sua área. Como ele mesmo descreveu: “Sempre será o ‘velho padrão’, uma camisa velha e um chinelo Havaianas já furado de tanto andar, com medo de pisar numa bituca de cigarro acesa e machucar o pé”.

Em São Paulo, Dió trabalhou em diversas áreas fora do universo musical, mas era nos bailes de forró e bolero que encontrava seu verdadeiro lazer, sempre gostando de dar “canjas” com os músicos da noite. Para ele, a cidade era muito mais que um polo atrativo: “Aqui você conhece as melhores pessoas para fazer uma gravação, conhece as melhores casas de forró, as mais sofisticadas, e os melhores amigos que você pode dizer”.

Como disse Dió: “o forró me lançou”, mas seu verdadeiro desejo na música era pelo bolero e pelo samba. Embora não quisesse se dedicar ao forró, ele acabou inserido nesse universo, o que lhe permitiu atuar como intermediário nas relações entre músicos e os trios. Dió destacou a casa de shows Asa Branca, onde Zé Lagoa promovia bailes de forró. Sua descrição desse espaço sugere que os bailes organizados por Zé Lagoa envolviam uma variedade de ritmos e gêneros musicais, abrangendo desde Roberto Carlos, artistas em alta na época, até grupos como o Trio Xamego.

Para Dió, a humildade no campo artístico é fundamental; é o que realmente revela um bom músico. Como ele próprio disse: “Desafinar todo mundo desafina, errar uma nota todo mundo erra, errar uma letra também é possível, pega lá na frente, ninguém é perfeito, todos nós somos imperfeitos”.

Gosto da soma!
Dió de Araújo

Esse nome de Dió quem botou foi minha mãe, que sempre me chamava de Dió, porque meu nome de batismo é Deocleciano Jerônimo de Araújo. E Dió ficou mamãe chamando: “Dió... Dió!” É carinho de mãe que sempre procura um nomezinho pequenininho e carinhoso pra pôr nos filhos, né? Aí, eu já era pequenininho: “Dió... Dió... Dió...” Alguns me chamavam de Dioclécio... E meu tio sempre falava:

– Não é Dioclécio, é Deocleciano!

Ficou Dió, mas continuo usando o meu nome de batismo: Deocleciano. Dió de Araújo é nome artístico.

Antigamente me chamavam de Dió Araújo, percebi que não estava dando sorte, estava faltando alguma coisa... “Dió Araújo... Dió Araújo...” Não acontecia nada, nada! Falei: “Mas Dió Araújo?... Deve tá faltando alguma coisa pra completar esse nome...”

Quando Gonzaga faleceu, Dominginhos resolveu gravar dois CDs, intitulados como: *Dominginhos e convidados cantam Gonzaga*. Ele me chamou pra fazer zabumba e voz guia para todos os músicos. Olha o time que ele convidou: Gilberto Gil, Djavan, João Bosco, Elba Ramalho, Marinês, Roberta Miranda... Só artistas famosos que já faziam muito sucesso. Todos os dias os músicos iam lá pra Dominginhos achar o tom da música. O artista dava o tom, ele fazia os arranjos e eu fazia a voz guia na gravação. Depois, a voz guia era apagada e botavam a voz do artista principal. Dominginhos começava e o convidado encerrava...

Após gravar os dois CDs ficou faltando uma música, que foi a *Estrela de Ouro*... Aí, Dominginhos disse:

– Agora falta uma música... Quem vai?

Eu estava sentado...

Dominginhos rindo falou:

– Eu assino embaixo!

Mas acho que já estava tudo combinado entre os dois, sabe?... Porque de repente surgiu o meu nome... “Vai Dió!”

Foi quando falei:

– Eu só vou se vocês acrescentarem uma sílaba aí no meu sobrenome.

– Qual sílaba?

– Dió DE Araújo! Se botar só “Dió Araújo” eu não vou cantar, não.

O produtor caiu na risada e falou:

– Tá certo. Fica até mais bonito!

Foi quando comecei a aparecer mais, porque eu já tinha gravado, mas não tinha acontecido nada. Pior que antes eu tinha tido um trio e também não tinha acontecido nada porque era “Dió Araújo”. “Araújo” é qualquer coisa... Eu achava que estava faltando o “de”... Porque era Deocleciano Jerônimo de Araújo, não era Deocleciano Jerônimo Araújo... Era DE Araújo. Então falei:

– Você tem que pôr um “de”.

Aí, rapaz... A primeira vez que gravei com Dominginhos a música *Estrela de Ouro*, de Antônio Barros, as coisas começaram a mudar. Logo depois gravei um CD e na sequência gravei um monte de coisa, e estou aqui até hoje na luta. O nome influencia muito, né? Você nunca deve tirar uma sílaba do seu nome.

Minha vida começa no Nordeste... Meus pais são pernambucanos. Eles nasceram num município pertinho de Vitória de Santo Antão, chamado Escada, que foi onde eu nasci também. Minha mãe era filha de índio da região do Xingu, a minha vó e meu pai eram filhos de escravizados da África. Uma mistura. E o pai da minha mãe era holandês. Nasci no meio dessas três raças: uma raça europeia, a holandesa; uma africana; e outra raça do Xingu, o índio Guarani. E eu estou ali no meio.

Em Escada, eu costumo resumir a minha vida assim: pé no chão, calça curta, comendo gogóia, jurubeba madura, araçá e peixe piaba, que a minha mãe pescava lá no rio Ipojuca com aquela rede de pesca que a gente chamava de jereré.

De vez em quando a gente brincava no rio, mas mamãe não deixava muito porque era fundo demais. Aí, tinha uma beiradinha com algumas pedras pequenas onde era mais raso, ela ficava com a gente ali, dando aquele banhozinho de caneca com a água do rio. Quando cresci mais um pouquinho, brincava de subir nos pés de araçá, jogar bola de gude, soltar peão... E fui crescendo...

Papai me levava para as brincadeiras dele que eram no meio da farra, sempre tinha música. Nessa época eu tocava um instrumento chamado melê. Quando falo melê, muita gente pergunta o que é... Melê, antigamente, era o surdinho que a gente fazia o som da zabumbinha. A pele era de borracha de câmara de pneu de caminhão. Espichava, fazia aquele quadradinho de madeira, mais ou menos com uns 50 centímetros cada lado, feito um caixãozinho, mas sem fundo, só as laterais: quatro tábuas compridinhas... Botava a borracha em cima e fazia força pra baixo. Aquela borracha pesada, porque câmara de pneu de caminhão é bem grossa. Você espichava ela até sair som... Colocava uma tirinha de couro e ia pregando umas tachinhas... Aí ficava bem esticadinho igual uma zabumba. Depois cortava as rebarbas que ficavam sobrando e pronto. Um som bonito, rapaz! Chamava-se melê. Foi inspirado naquilo que Gonzaga fez – a zabumba. Mas o dele era com couro de bode, né?

Eu tinha três irmãos: um tocava pandeiro, o outro tocava tamborim, e eu tocava o melê. Já o meu pai tocava a sanfona e meu avô a viola. Nossas cantorias aconteciam nas festinhas de família: de casamento, batizado, aniversário. Sem envolver dinheiro. Era só farra mesmo: “Vamos tocar um samba no batizado...” Era só pra beber cachaça.

Meu pai gostava muito de beber e dançar. Ele tocava de um lado e pegava minha mãe do outro... Minha mãe dançando e ele tocando e dançando. Era uma relação muito bonita. Eu também dançava muito... Me lembro que o meu avô achava muito lindo

me ver dançando e tocando, porque ele nunca tinha visto aquilo. E era muito legal e muito bonito mesmo. Lembro também que a minha mãe cantava muito bem, tinha uma voz muito boa. Ela era muito afinada! De vez em quando ela cantava sozinha quando ia estender as roupas no varal.

Antigamente, na Igreja da Nossa Senhora da Escada, eles botavam cornetas penduradas em umas palmeiras daquelas bem grandes que tinham lá – Palmeira Real. Eles subiam numa escada e amarravam as cornetas de alto falante nelas... Puxavam um fio e ligava na vitrola que ficava dentro da igreja para o som sair em direção à cidadezinha que ficava lá embaixo. Era uma rádio comunitária. Tocavam muitas músicas nessa rádio.

As músicas que eu escutava entre 1944 e 1945 eram as de Seu Gonzaga. *Imbalança* era uma que gostava demais!

Naquela época eu cantava muito essa música e também aquelas que o meu pai inventava. Ele criava músicas na sua sanfoninha de oito baixos. Mas infelizmente eu não lembro de nenhuma música que meu pai tocava, eu era muito menino.

Quando fui estudar já tinha saído de Escada, estava morando na Mangabeira, um bairro que ficava ali pertinho de Arruda e Alto José do Pinho, que eram outros bairros. Escada ficava bem longe desses lugares. Ficava perto de um bairro chamado Do Carmo.

Nessa época e eu ia muito pra Recife. Morei no Morro da Conceição, no Bico do Pavão e na Mangabeira, até o final dos 13 anos de idade. Quando ia completar 14 anos, minha mãe se mudou para Piedade, que fica pertinho de Boa Viagem. Eu fui crescendo... Ficando mais esperto... Foi quando comecei a cantar bolero e samba...

Em Mangabeira, além de estudar, eu comecei a trabalhar fazendo pipocas. Trabalhava de noite rodando um tubozinho, onde um cara com um gatilho batia nele e fazia sair a pipoca... Era uma engenharia muito grande! Antigamente a pipoca era feita assim: dois tubos embaixo de um cano de aço com uma tampa que fechava a parte de cima. E tinha uma espécie de maçaneta pra rodar. Na frente ficava a abertura onde se botava

o milho pra dentro. Nessa época a gente molhava o milho... Acho que era com aquele negócio que você toma para o estômago... Bicabornato de Sódio! Misturava um pouco com água e molhava o milho. Botava dentro que era pra não queimar, né? Aí, eu ia girando a maçaneta...

O gás era feito de querosene... Xuuuuuuuuáááá! Era um negócio muito, mas muito louco! E eu ficava girando para não queimar o milho... Quando chegava a hora certa eu parava. Meu colega de trabalho pegava uma colher e colocava próximo do milho, e de repente dava aquele estouro... BERGHHHHHH!!! As pipocas saiam voando... Batiam no compensado e depois iam se juntando ali, e era só tirar e ensacar.

Eu só trabalhava pela noite, durante o dia ia pra escola. Entrava na escola às 7h e ficava até o meio-dia. Fazia o primário. Antigamente o primário valia como se fosse uma faculdade hoje em dia... E quando você começava a estudar, iniciava pela carta do ABC, não sei se você chegou a conhecer... Eu tinha 5 anos de idade, era um negócio feito num folheto, com mais ou menos quatro a cinco páginas. Foi com ela que estudei as primeiras frases: um a com a: bê a bá; um é com é: bê e bé; um i com i: bê e bí; um ô com ô: bê e bô... Lembra um pouco o *ABC do Sertão*, de Luiz Gonzaga. Pode ser que algumas coisas ele pegou dali.

Era assim mesmo que começava: ra, re, ri, ro, ru... E tinha aquelas frases que você tinha que decorar: "a preguiça é a chave da pobreza", "mas antes dormir com fome do que acordar com dívida", e por aí vai... Tinha tudo isso nos ensinamentos. Esses ensinamentos vêm de longe, de muitos séculos atrás. Imagina só você com cinco anos de idade estudando tudo isso... E ainda tinha a palmatória pra quem não fizesse a lição, pois quem não sabia responder o que era perguntando pela professora, ela dava a punição:

– Abre a mão aí!

"TUFFFF!"

Era difícil dar um bolo na professora... Ficava de castigo e só saía de lá quando mostrasse a lição correta, pelo contrário não ia para casa. Eu fiquei uns dois dias de castigo no período da escola... Era muito triste. Mas tinha que aprender porque ao

invés de ficar estudando, a professora ensinando lá no quadro, eu ficava brincando com os moleques. Aí, quando era a hora de aprender a professora chamava minha atenção:

– Dió, vem aqui! A lição... Pegue seu caderno. O que foi que você escreveu?

Ela via que eu não tinha feito nada da lição que ela tinha passado...

– Foi assim que eu passei na lousa?

– Eu sei... Professora... Eu sei...

Ela vistava tudo no caderno...

– Agora vá aprender, vá! Que nome é esse aqui?

Eu disse:

– Não sei...

– Vai estudar! E só vai sair do castigo quando me mostrar essa lição toda correta!

Não era fácil, aprendi na marra!

Acabei aprendendo ler e escrever em Mangabeira. E assim fui crescendo... Depois de um tempo comecei a perceber que Recife não dava pra mim. Quando você nasce com um dom e tem consciência dele, e sabe que no local onde você mora tem pouco recurso para o seu desenvolvimento, saberá que é difícil passar de um determinado limite. Sempre será o velho padrão: uma camisa velha e um chinelo havaianas já furado no pé de tanto você andar. E com medo de passar em cima de uma bituca de cigarro acesa e machucar o pé. Mas chega um momento que você olha pra si mesmo e reflete: “Com 21 anos... O que foi que eu fiz até agora?...”

Nada! Só via o povo dizendo assim:

– Dió, você canta bem, rapaz, você tem um ritmo legal. Gosto muito de você!

Eu chegava e dava as canjas acompanhado pelas orquestras. Dava “samba”, era legal! Os caras contratavam as orquestras para fazer bailes, aí aquele conhecido dizia assim:

– Tem um cantor aqui ó! Chama ele pra dar uma canjinha!

Eu subia no palco pra dar uma canja e o cantor ficava com ciúmes porque eu era melhor do que ele, porque eu era diferente... Eu não tinha contrato com ninguém. Era só uma canjinha

mesmo, uma música que eu gostava. E não passava daquilo... O pessoal dizia: “Você é bom... Você é legal... Tu é beleza... Você canta bem...” Não passava disso.

Eu não queria só aquilo. Queira mais, muito mais. Aí, um dia falei: “Eu vou me embora pra Brasília”. Fui para Brasília e inventei de ser carpinteiro. Trabalhei na construção de Brasília, lá no sertão militar urbano. Todos os sábados dava um jeito de ir no forró do Nino, e só chegava na segunda feira ressecado pra ir trabalhar de novo. Era legal. A mesma coisa aconteceu aqui de São Paulo. Foi de lá que me mudei pra São Paulo.

Achei uma firma que estava trazendo carpinteiros de Brasília para trabalhar na construção dos metrô Santana e Jabaquara em São Paulo. A firma trazia, dava hospedagem, alimentação, fora o dinheiro que era pago toda semana. Eu vim. Já tinha uma irmã que morava na Lapa. Mas vim e fiquei em Santana. Aconteceu a mesma coisa da época de Brasília, só chegava na segunda-feira no trabalho... Só queria trabalhar de segunda à sexta, porque no sábado e no domingo era forró do Trio Nordestino, chegava ressecado, só ia trabalhar na segunda do meio-dia em diante.

Trabalhei no Metrô um tempinho, depois não quis mais... Encontrei um amigo que estava dando umas voltas lá em Recife e morava em Ribeirão Pires. Falei pra ele:

– Rapaz, Ribeirão Pires...

Aí, ele disse:

– Vem morar mais eu, Dió? Fica eu, tu e a mulher. Todo dia eu saio pra trabalhar... Trabalho na Eletropaulo... E todo sábado a gente pode ir no forró do Trio Nordestino.

Falei:

– Rapaz, eu já fui lá uma vez, mas não entrei, sei nem aonde é direito.

Ele disse:

– Eu toco lá!

– É nada!?

Foi quando comecei a cantar bolero e samba lá no forró do Trio Nordestino. De graça. Pagava pra entrar e ainda cantava de graça... Vê se pode...

Um das pessoas foram falar com o Neno, que era quem contratava os artistas.

– Esse aqui canta bem!

O Neno disse:

– Cara, eu estava pensando em contratar o Waldick Soriano... Não vou mais. Esse camarada aí é melhor do que ele, não é?

Então, a diferença entre o Nordeste e o Sudeste é o seguinte... É muito simples de você entender... Preste bem atenção no que vou falar pra depois você não dizer que sou um camarada que não pensa direito no que vai dizer. Já imaginou você trocar a sua camiseta por uma de algodão com gola e com as mangas até as mãos... Aquelas de caqui, pano grosso... Não é uma camiseta bonita. É parecida com aquelas de soldado. Digamos que você tenha que vir no forró com ela... E precisaria também trocar esse tênis por um coturno véio... Raspar esse cabelo e deixar bem curtinho... Trocar esses óculos, essa armação bonita fininha por uma daquelas bem grandonas... O que você acha?... Difícil, né? Tem diferença? É a mesma coisa que você morar em Pernambuco naquela época. Você não tinha expectativa de vida, nem sonho, nem nada... Vir pra São Paulo, uma cidade grande onde você poderia ter a chance de conseguir tudo o que você quiser, em matéria musical, é uma coisa completamente diferente.

Cheguei aqui em São Paulo e fiz contatos com as gravadoras. Aqui era possível conhecer as melhores pessoas para fazer uma gravação, as melhores casas de forró, os bons instrumentos... E mais, os melhores amigos que você poderia dizer: “Vamos lá em casa... Vamos fazer um show... Você tá contratado... Quer participar do meu trio...”

Em Pernambuco não aconteciam as coisas que poderiam acontecer aqui. Lá você não encontrava nada disso. Era bar, pé de balcão e cachaça. Tem futuro? Não tem futuro nenhum. A diferença que você encontra entre Pernambuco e São Paulo naquela época era essa. Aqui você tem a chance de produzir na vida, você tem um futuro mais visualizado, mais amplo pra escolher o que quer fazer. Lá era difícil. Além de você ganhar pouco, com o que você ganhava não dava nem pra se manter.

Por exemplo, quando você encontra uma placa falando sobre uma vaga de emprego de uma firma que vai abrir, você já fica pensando em se inscrever para conquistar aquela vaga. Digamos que daqui a dois meses o pessoal vai começar a chamar as pessoas. Já botaram uma placa parecida com um *outdoor* que a 10 km de distância você já enxerga aquelas letras enormes: “NÃO HÁ VAGAS”. É assim mesmo... NÃO HÁ VAGAS! E quando é no dia, eles precisam de 100 trabalhadores, tem 100 mil na porta querendo entrar. Assim não tem futuro. Jamais eu iria conseguir manter a minha família em Recife naquela época. Não podia nem comigo mesmo, imagina com a família...

Vim pra cá para São Paulo, arrumei logo a minha família, casei, e hoje tenho quatro filhos lindos! Viuwei. Já conheci quase toda a Europa... Fui várias vezes para a Europa. Quem estava em Pernambuco fazia isso?

Mas o meu o envolvimento com a música começou na cidade de Mangabeira. Eu fui morar com meu tio que era crente. Meu pai ficou lá em Escada e o meu tio me levou para Mangabeira pra ficar com ele. Não sei o que ele notou em mim, porque ele disse com tanta firmeza:

– Eu vou levar esse meu menino!

A minha mãe relutou um pouco, mas como tinha sete filhos, se tirasse um iria melhorar a situação das despesas para o meu pai, né? Ele ia ficar com um pouquinho mais de folga. Meu tio disse que depois me levaria de volta para a minha casa. Ele era crente, adventista do 7º dia e vegetariano. Vê se pode... Aí, fui ser crente. Foi quando aprendi a cantar, cantando os hinos... “*De manhã bem cedo busco...*” Primeiro hino que cantei quando era moleque... *De Jesus a direção...*

E a primeira música que fiz foi em Escada, eu era moleque. Estava em pé na porta de casa. Morava na rua da barragem, tinha umas seis casas nessa rua... Casinhas feitas de taipa. De repente escutei um menininho chorando, que era meu vizinho...

– MãaaaaaeEEEE!... Nhéééé... Nhéééé... Manhêê!!!

Um cachorro que estava perto da linha do trem, estava latindo porque queria atravessar a linha: “auuu... auu... au...

auuuu..." O cachorro não tinha dono. A mãe dele estava do outro lado da calçada e eu estava perto do cachorro. Sem querer, deixei ele atravessar, brincando, né? E o menino chorando desesperado:

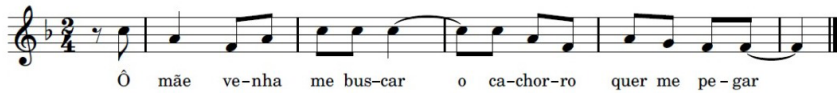
– Ôooo, manhêê... Venha me buscar, o cachorro quer me pegar..."

Quando ouvi aquilo, comecei a cantar o que ele estava falando e chorando... Foi incrível! Meu pai e minha mãe me botavam em cima da mesa da cozinha e mandavam eu cantar:

– Canta aí, meu filho! Como é que o menino estava fazendo?...

Ô, mãe venha me buscar, o cachorro quer me pegar..

O menino não estava cantando, ele estava chorando, e eu botei a melodia no choro do menino. Repare agora com melodia e tudo:



Lembro que eu era tão pequenininho e minha mãe, meu avô, todo mundo me botava em pé na mesa, pedindo...

– Como foi que o menino estava fazendo? Canta aí, meu filho...

E eles achavam engraçadíssimo aquela cantoria. Quer dizer, já nasci com esse dom e até hoje estou na luta pelejando pra ver se eu chego lá... Vou continuar nessa peleja com a música.

Com 18 anos comecei a cantar bolero e samba. Quer dizer, muito mais bolero do que samba. Nessa época eu tocava muito bem pandeiro. Com 21 anos arranjei um amigo que tocava banjo lá em Prazeres, Pernambuco, compadre Narciso. Ele tocava banjo e gostava quando eu tocava o pandeiro com as pontas dos dedos. Ele nunca tinha visto aquilo. Era um som maravilhoso que eu tirava. Nunca tinha tocado pandeiro, mas quando pegava o pandeiro, tocava dessa forma. Os caras geralmente tocam com a

palma da mão, né?... E eu tocava mais com os dedos. Meu amigo nunca tinha visto aquilo e achava lindo. Era um som bonito que ecoava. Tirava um som mais bonito do que as outras pessoas que tocavam com a mão aberta. Aí comecei a cantar samba.

Essa minha proximidade com o pandeiro era porque eu gostava muito de samba. Mas cantei músicas de vários cantores, bicho... O que mais gostava de cantar era Noite Ilustrada. Ele gravou uma música muito bonita de Ataulfo Alves. Quando ouvi pela primeira vez, pensei: “Esse cara já tá mais adiantado do que eu. Eu só canto e ainda não gravei nada. Ele já canta e já gravou”. A música de Ataulfo Alves era *Amélia*...

Cantava outras coisas também. Só letras bonitas... No bolero cantava muito Cauby Peixoto. Depois surgiu Waldick Soriano, Anísio Silva, Alcides Gerardi... Eram os músicos que eu tinha uma adoração em cantar as músicas deles. Alcides Gerardi e Anísio Silva, eram pra mim um dos melhores... Conhece alguma música deles?...

Alguém me disse que tu andas novamente... Não conhece, não? De novo amor, nova paixão, toda contente... Anísio Silva, entendeu?... Conheço bem tuas promessas, outras ouvi, iguais a estas... Esse teu jeito de enganar, conheço bem... É bolero... É um bolero.

Depois surgiu Waldick Soriano com *Quem és tu... Para querer manchar meu nome... Não é assim?...*

Aí, rapaz... Ó, vou mudar... Saí do Waldick Soriano e fui para Cauby Peixoto com *Conceiçãoooooooooo*... Cantei tantas vezes a *Conceição* que acabei casando com uma – a mãe dos meus filhos.

Eu não tive muitas namoradas... Eu dançava muito. E quem dança você sabe que não arranja namorada. Dançador que arranjava namorada só perdia ponto. Eu chegava pra pedir uma dança e as meninas diziam:

– Não, porque você tem namorada.

Quería dançar com uma que dançava bem, mas aí a amiga dela falava para ela:

– Cuidado com a namorada dele que tá por aí...

Não se pode ter namorada, porque só assim você consegue dançar com todas elas. É igual cantor hoje em dia: você é um

cantor, tem boa aparência, toca num grupo de forró, as meninas vão para o seu show porque querem te conquistar. Mas você não pode ganhar uma pra apresentar para as outras, senão as outras não vão mais no seu show. Você tem que namorar escondido. Ou você vai querer uma moça que tem namorado? Não, né?

A mesma coisa acontece com a mulher. Ela namora com você escondido para os outros não verem. Porque de repente ela tem interesse num cara, mas ele está agarrado com outra. Aí ela também não quer mostrar que tem outro. Ou seja, ela quer te qualquer dia, mas ela não pode namorar com você. Somente beliscar por fora... Escondidinho... Ela pode beliscar. Você pode beliscar. Mas vocês não podem mostrar para o público senão estraga o peixeiro.

A relação entre as pessoas é complexa, né?... Agora vou te contar a minha relação com os instrumentos que também foi bem complicada. Eu não queria tocar zabumba. Eu tocava o melê com meu pai, mas foi por pouco tempo, mais ou menos um, dois anos. Depois nem liguei mais para o melê, que não tem nada a ver com zabumba.

Como já falei, quando comecei a cantar bolero e samba, mudei de Pernambuco para Brasília, e de Brasília para São Paulo. Quando cheguei em São Paulo, ia trabalhar, mas todo o final de semana eu tinha que ir para o forró. Isso em 1960. Pois havia descoberto o forró do Trio Nordestino que ficava em Santo André. Eu achei que era o Trio Nordestino... Aqueles morenos, famosos, trio que cantava... *Tu tá chupando gelo... Tô chupando é pedra d'água...* Eu achava que era aqueles caras...

"Olha!!! O Trio Nordestino vai tocar... Eu vou! Eu quero conhecer esses cabras!". Mas cheguei lá era um outro Trio Nordestino: eram três brancos. O outro era formado por três morenos da Bahia, que era o Lindú, o Cobrinha e o Coroné. Já o de Santo André era formado pelo Toninho na sanfona, que era o sogro de Oswaldinho, Xavier na zabumba e o Heleno Luiz no triângulo, ambos irmãos de Toninho.

De repente eu já estava ali naquela casa de show em Santo André cantando bolero. Como eu já te disse, eu pagava pra entrar

e ainda cantava de graça. Fui tantas vezes pra cantar e sempre me cobravam a entrada. Chegou um dia que fui, cantei, mas depois falei que não ia mais. Aí, o Heleno falou para o Xavier que chegou e falou para o Toninho:

– Dió falou que não vai vir mais porque ele paga pra entrar, só gasta dinheiro e ainda por cima tem que cantar de graça...

Aí, o Toninho chegou e disse pra mim:

– Olha, a partir de hoje você não paga mais.

Eu falei:

– É? E as passagens pra eu ir embora? Ainda tenho que gastar pra vir pra cá?

Aí, ele virou as costas, pegou um dinheirinho... Eu pensei comigo mesmo: “Vai me pagar, que ver...” Ele pegou 5 cruzados...

– Toma aqui pra pagar as suas despesas... 5 cruzados!

Cruzados, ó! Eram cruzados... Não era cruzeiro, não... Eu sei que era uma nota daquelas pequenininhas. Pensei que era 500, mas não, ele me deu 5 cruzados.

– Aqui para a suas despesas. Já dá pra pagar o trem pra vir e voltar.

Vixe maria! Eu morava na Lapa...

Um dia, em 1969 para 1970, chegou o Ciríaco, que tocava sanfona no forró de Santo André:

– Dió, tú não quer entrar no meu trio, não?

Eu falei:

– Trio? De bolero ou de samba?

Ele respondeu:

– Nenhum dos dois.

– Pra fazer o quê?

– Pra tocar forró mais eu.

Aí, eu disse:

– Forró? Cantar forró?

– Não, pra tocar zabumba...

Na hora eu falei:

– Cai fora, rapaz!

Ele disse isso porque ele tinha me visto um dia no camarim de uma casa de show tocando um zabumbinha com um primo

meu chamado Zé Jovino dos Oito baixos. Meu primo começou tocando... *tiruriraribá... perareraridá tirariraribá, tirariraribá... tiruriraribá... perareraridá... tirariraribá... tetetete tandundá...*

Ciríaco viu aquilo e logo pensou: “Pô, esse cara é diferente. Parece que tá cruzado, mas não, bicho. Ele toca direitinho”...

– Entra, rapaz, pra tu tocar zabumba...

Eu digo:

– Nãooooo. Meu negócio é bolero e samba!

E Ciríaco insistiu muito:

– Eu arrumei uma gravação. Zé Gonzaga vai ser o padrinho.

A gravação vai ser na semana que vem lá no Jaboti, e Zé Gonzaga disse que só grava se for um trio. Que é a gente, pois agora somos afilhados dele. Mas só tem dois: eu e o Jota Santana, precisa de mais um.

Ali estava se formando o Trio Pajeú. Eu respondi:

– Mas Jota Santana também toca.

– Mas é só pro o homem ver que tem um trio... Só pra mostrar.

– É só pra mostrar?

– É! Pra dizer que tem três véios. Depois eu arranjo outro.

Me ajude!

Eu disse:

– Então vou lhe ajudar... Eu vou pra ele ver que tem três!

Depois você arranja um zabumbeiro e põe no meu lugar.

– Tá bom, tá bom!

Marcamos lá no centro de São Paulo, na avenida Cásper Líbero. Chegamos no estúdio, quando o cara viu a gente... Ele olhou... Olhou... Olhou de cima pra baixo... Olhou eu, olhou Ciríaco, olhou para o Jota Santana e disse:

– Amanhã é o dia das fotos!

Imediatamente olhei para o Ciríaco, olhei pro Jota Santana, mas fiquei calado... Quando chegou do lado de fora:

– Pronto! Amanhã você arruma o seu zabumbeiro e vai lá tirar as fotos.

– Não rapaz, não dá tempo pra arrumar ninguém, não. Tu vai tirar as fotos com a gente.

Eu falei:

– Mas rapaz, eu disse que não quero negócio com forró.

Ele disse:

– Mas você só vai tirar a foto.

Eu falei:

– Mas só a foto?

– É, pra sair na capa do disco e depois eu boto outro cara no seu lugar.

Eu pensei: bom, como eu nunca tinha saído em capa de disco, aquilo seria um convite até interessante – sair numa capa de disco...

– É... pode até ser, né? Sair na capa do disco... Embora eu não toque, mas eu vou...

Fui tirar as fotos...

Tiramos as fotos. Quando o Mocazé, que era o produtor, olhou as fotos, disse:

– Olha, sexta-feira o Zé Gonzaga tá chegando lá no estúdio do Índio, que fica na Gazeta, no 4º andar. O técnico é o próprio Índio. Quando ele terminar o disco dele, vocês fazem o de vocês.

Aí, o Ciríaco disse:

– Tá certo! Muito obrigado!

Jota Santana:

– Muito obrigado!

E eu disse o mesmo, mas bem no cantinho, porque nunca mais ia ver aquele cara na minha vida:

– Obrigado, viu. Até logo...

Pensei: “E agora?” Mas o lance das fotos que Ciríaco ficou insistindo para eu ir fazer ficou na minha cabeça... “Tu vai, rapaz... Tu vai... É só olhar... Tu já tirou a foto, vai só olhar... Só olhar...”

Eu nunca tinha visto uma gravação de perto. Isso foi em 1969. Vou ver Zé Gonzaga que iria gravar *O baile da tartaruga*, aquele disco que ele tá com uma tartaruguinha: ele com a sanfona olhando para uma tartaruguinha que tá de pé. Tudo surgiu ali.

Quando terminou a gravação de Zé Gonzaga eu fiquei olhando... Não fui tocar zabumba... Fui olhar, aí fiquei olhando Jota Santana, Oswaldinho que também participou fazendo

sanfona, Castanheiro fazendo zabumba, Jota fazendo triângulo e Ciríaco cantando em pé... E eu junto com eles. Quando terminou o disco... Pronto!

– Terminou não, eu quero que regrave *O vira*.

Mocazé falou.

Na hora, Jota Santana ficou meio assim, e respondeu:

– Mas *O vira* eu não conheço, não.

Mocazé foi taxativo na resposta:

– Se vira! EU QUERO *O VIRA* SENÃO ESSE DISCO NÃO SAI!

O produtor Mocazé era bravo:

– Ou regrava *O vira* ou esse disco não sai! Porque eu não tenho tempo pra tá perdendo não!

E Ciríaco falando:

– Rapaz, mas eu não conheço essa música, não.

O vira dos Secos e Molhados estava em evidência na época.

Mas ninguém sabia cantar.

O João Bosco que estava presente, era produtor, disse:

– O Dió conhece! Eu já vi ele cantando lá no forró de Santo André. Vai lá Dió, canta aí!

Eu falei:

– Mas rapaz...

– Vai lá Dió... Canta!

Eu fui e gravei *O vira* com Oswaldinho fazendo sanfona. Quando terminei de cantar, o Mocazé que estava em pé chamou todo mundo e disse:

– Quem mandou vocês esconderem o cantor até agora? Voltem e cante todas as músicas que o outro cantou!

Apontando pra mim, Mocazé disse:

– Esse é o cantor!

Isso deu uma confusão, rapaz... Jota começou a chorar... Claro que fiquei com dó dele por causa da situação, né? Aí, fui falar com o Mocazé:

– Seu Mocazé, deixa esse disco aí... O senhor aproveita algumas coisas e numa próxima oportunidade eu faço.

– Olha, eu vou deixar porque você é um menino muito bom. No próximo quem vai cantar é você, viu? Tá ouvindo?

Resumindo: finalizamos o disco do Trio Pajeú e eu, além de tocar zabumba, cantei uma faixa do disco – *O Vira*. O forró me laçando.

O próximo disco desse Trio saiu em 1970, o disco foi lançado em 1971. E em 1972 fizemos outro. O Mocazé já não estava mais produzindo, cantei somente quatro músicas nesse segundo disco. Já no terceiro eu pensei: “isso não dá pra mim não... Participei de dois discos até agora. Não quero mais isso não”.

Meu negócio era samba e bolero! Arrumei um cara pra entrar no meu lugar. Adivinha quem foi que botei no meu lugar? Também estava nesse meio... Tiziu... Tiziu do Araripe!

– Ei neguinho, vem aqui! Você vai ficar no meu lugar no trio...

– Por que você não quer mais ficar?

– Porque vou trabalhar com cantina, vou ser cantineiro. Não quero mais saber de forró, não! Só forró não dá.

Fui trabalhar na cantina e Tiziu ficou cantando.

Mas o Trio Pajeú não durou muito. Não deu certo. Ciríaco, o cantor, foi gravar um disco solo. Jota Santana também queria outra coisa, se casou... Aí, ficou o Tiziu sozinho de novo.

Um belo dia encontrei o Jonas de Andrade, do Trio Nortista:

– Dió, eu tô aqui sem o zabumbeiro, o Xandô do samba saiu. Eu preciso de um zabumbeiro...

Eu falei pra ele:

– Eu vou arrumar um zabumbeiro bom pra você. Ele estava no meu lugar, agora ele tá sozinho. É aquele neguinho ali...

Era o Tiziu do Araripe que estava na esquina de novo!

Aí, lá vai o Tiziu mais uma vez... Entrou no Trio Nortista.

Mas a minha história foi sempre assim... Ajudando quem precisava e catando um grãozinho ali, um grãozinho aqui, um grãozinho acolá...

Depois fui trabalhar com a Anastácia, que foi minha cunhada. Comecei a namorar com a irmã dela quando tocava no Trio Xamego, ainda não tínhamos gravado nada naquele tempo. Fizemos a primeira gravação em 1982, o disco se chamava *Mar e Orla*.

Ali eu fui mudando de figura... Mudando de figura... Depois desmanchei o Trio Xamego. Parei e comecei a tocar com o César do Acordeon. Fiquei uns quatro anos tocando com o César e depois saí. César só queria saber do bolso dele. Bolso só tinha o dele, os outros músicos não tinham bolso, não. O dinheiro ia só para o bolso dele... Pensei: "Não dá certo, não". Aí, liguei para o Dominginhos. Conversamos um pouco e ele me chamou pra tocar com ele. Trabalhei com ele até o final da sua vida.

Foi quando as coisas melhoraram, porque participei do disco de Dominginhos chamado *Convidados cantam Luiz Gonzaga*. Gravei aquela faixinha chamada *Estrela de Ouro*. Aí a minha sorte mudou. Logo em seguida veio o CD *Forró agarradinho* com o Trio Xamego com o sucesso *Onde está você*. Essa música ninguém queria cantar, depois que eu cantei apareceu um monte de gente querendo. Foi o nosso disco mais vendido até hoje. Aí, rapaz, mudou tudo.

Certa vez, viajando de ônibus com Dominginhos, passamos próximo de uma cidade chamada Teófilo Otoni, que fica em Minas Gerais. Ele sentado dirigindo e eu sentado atrás dele... Levantei, cheguei nele e disse:

– Dominginhos, tenho uma música pra tu gravar, rapaz...

Que até então era minha e do Zézum. Dominginhos respondeu:

– É?

Eu disse:

– É...

– Canta aí... Se for boa eu gravo.

Eu me levantei fiquei em pé junto dele sentado e comecei a cantar: "*Onde está você, apareça aqui pra me ver, eu vou gostar demais...*"

E o homem na estrada, broooooom... broooooom... broooooom... Em direção a Salvador... *Sabes onde estou, e nada mudou, venha me dizer: onde você andou...*

Quando terminei de cantar a música todinha ele disse:

– Ué... Eu acho que conheço essa música... De quem é?

Eu falei:

– É minha e do Zézum.

– Ahhhhhh, Zézum me deu uma fita com ela. Eu vou olhar direitinho. Prometo a você que vou escutar direitinho essa música.

De repente a música surgiu, mas só com o nome do Zézum. Aí, fui reclamar com Dominginhos, e ele me disse o seguinte:

– Ah, foi um problema na gravadora, rapaz. Eu já falei com a produtora Dona Estela, ela falou que na próxima tiragem vai vir os nomes corretos...

– Tá bom...

Até hoje nunca resolveram esse problema dos direitos autorais. Ficou tudo pra ele... E eu sempre dizendo: “Um dia eu vou gravar essa música do jeito que ela foi feita”. Porque eu a ensinei pra Dominginhos, mas os tons não eram aqueles, o andamento não era aquele, estava tudo do jeito que o Zézum tinha mostrado.

Regravei essa música e até hoje ela é um sucesso no mundo inteiro. Fui para Europa e quando fui cantar essa música, não precisou, todo mundo cantou. Todo mundo a conhece, graças a Deus!

Como já falei, vim pra São Paulo sozinho. Encarei a minha vida fazendo o que eu sabia fazer. Sempre procurando fazer o melhor que podia. Eu queria ser um músico, quando a gente quer ser algo existe aquela perfeição do querer. Tudo que você quiser você consegue, é só você querer! Para fazer bonito e perfeito, você mesmo vai se criticar, não adianta esperar alguém te criticar. Eu chego, canto e gravo no gravador, depois vou me ouvir para ver se estou cantando certinho... “Oxeeee, sou eu, é? Eu? Não, eu tô muito ruim aí”. É assim que a gente se percebe e evita a crítica alheia. Eu mesmo me critico. Esperar alguém dizer que eu sou feio? Primeiro vou me olhar no espelho: “Mas Dió, você não tá legal, não... Não é bonito não...” A gente procura agradar... Posso me tornar um feio agradável, entendeu?... Porque se sou um feio desagradável aí acabou, não é?

Mas voltando um pouco ainda nas parcerias, quem botou nome de Xamego no nosso Trio foi a Anastácia. O trio se chamava Trio Paraná, e a gente acompanhava a Anastácia. Isso em 1973, por aí... Em 1974 estávamos na estrada... Anastácia tinha uma

Brasília amarela... Estava eu, Chiquinho de Queiróz que estava dirigindo, Ciríaco e a Anastácia, que puxou o assunto:

– Trio Paraná?

Chiquinho de Queiróz tocava zabumba, eu tocava triângulo, Ciríaco tocava sanfona, e o Zézum tocava violão, guitarra, instrumentos de cordas, as vezes alguma percussão.

Na volta de umas das apresentações que fizemos em Curitiba, Anastácia falou:

– Pra mim esse nome de Trio Paraná está muito ruim. Porque quando anunciam: “Agora eu vou chamar o Trio Paraná”... O povo fica pensando que vocês vão tocar músicas sertanejas. Eu vi até um pessoal dizendo assim: “Agora sim, vai cantar *Estrada da vida*, quer ver?” Eu acho que vou mudar o nome de vocês. A partir de hoje vocês vão se chamar Trio Xamego. E quem achar ruim vocês mandem falar comigo, pois o *Xamego* é uma música minha com Dominginhos. Então o trio, a partir de hoje, se chama Trio Xamego!

Eu falei:

– Nossa, que nome bonito! Pronto! É Trio Xamego!

E assim ficou. Depois o sanfoneiro saiu e foi gravar sozinho. O Chiquinho saiu porque só queria trabalhar no Asa Branca, que era uma casa de forró. E eu fiquei só, mas não parei, continuei com o Trio Xamego. Arrumei o Xamego sozinho, e chamei o Zequinha que tinha sido do Trio Nortista pra tocar triângulo e fazer coral. Além deles, o Joãozinho, que tocava sanfona. Lembro que ele tocava lá no Sindicato dos Metalúrgicos com o Trio Nordestino, conheci ele lá.

O Asa Branca, onde Chiquinho trabalhava, ficava ao lado do Remelexo Pinheiros, do outro lado da rua. Na Paes Leme, em Pinheiros. Era do Zé Lagoa. Ele era um cara gente boa, um cidadão muito direito. Gostava muito dele. Eu o respeitava e ele me respeitava. Nunca chamou a minha atenção, mas sempre chamava a atenção dos outros... Chegava no meu horário, tocava, nunca recebi o dinheiro das apresentações das mãos dele, porque quem recebia o dinheiro eram os outros. Depois que tirava a minha parte do cachezinho, botava no bolso e ia embora. Pegava

a zabumba, botava nas costas, pegava o ônibus lá embaixo na rua Cardeal... Esse era meu caminho para casa.

Naquele tempo eu morava em Mauá e o Asa Branca ficava em Pinheiros, onde hoje é uma madeireira. Nessa época eu ainda namorava com a irmã de Anastácia, e do Asa Branca, eu já ia direto pra casa dela – estação do metrô Conceição. O caminho era uma moleza... Às vezes ia de táxi.

O Zé Lagoa tinha esse Asa Branca, o Viola de Ouro, que ficava no Ipiranga, e tinha um outro Asa Branca lá em Socorro, ali perto do Largo Treze em Santo Amaro. Ele tinha três casas de forró. Depois ele montou aquele Patativa. Eram todos dele. Ele ganhou muito dinheiro com o forró, ele sabia trabalhar, né? Depois parou, não sei por quê. Não sei se ele está vivo, mas deve ser, viu... Ele foi um personagem muito importante para o forró aqui em São Paulo. Sabe quem eram os músicos que ele contratava para fazer show na casa dele? Pra você ter uma ideia, ele só chamava os artistas que estavam em evidência, artistas de sucesso: Sidney Magal, Benito de Paula, Roberto Carlos... Quer dizer, podia pagar, né?

Quando Roberto Carlos lançou aquela música *Amada amante e Estrada de Santos*, eu tocava no forró de Zé Lagoa com o Trio Paraná. Trio Paraná... Aliás, já era o Trio Xamego, fazia pouco tempo que a Anastácia havia mudado o nosso nome. Teve um dia que eles contrataram o nosso show e nesse mesmo dia teria uma apresentação de Roberto Carlos. Interessante, né? Na hora que falaram:

– Pera aí que o Roberto Carlos vai entrar...

Aí, anunciaram: “E agora com vocês... ROBERTO CARLOS!”

O Chiquinho, que era o cantor do Trio Xamego, também era o apresentador do forró de Zé Lagoa falou no microfone: “E agora vamos ter o ROBERTO CARLOS!”. O pessoal ficou endoidado...

Mais de 3 mil pessoas. O lugar era tipo uma sala de cinema.

Quando saímos de lá do camarim, rapaz...

– Sai daí do camarim porque o pessoal do Roberto Carlos vai chegar...

– E pra onde é que eu vou? Vou botar minhas coisas aonde?

– Vai... Arranja um lugar!

Arrumaram um lugarzinho pra gente e tiraram as nossas coisas da passagem dele.

– Aqui no camarim não pode ficar ninguém, tem que ir lá pra fora.

Eu disse:

– Tá bom, é isso aí.

Era muita frescura pro cara entrar.

Ele andava com coronel e tudo... Lembro que chegou um militar para querer ver o Roberto Carlos e os seguranças barraram:

– Não, não pode, não!

– Mas eu sou coronel, eu sou amigo...

– Não pode, não! Ninguém pode entrar!

– E depois do show?

– Pior ainda!

O segurança era ferrado mesmo não deixava ninguém ver o cara. Aí, nós já tínhamos feito a apresentação com o Trio Xamego, e quando eu estava me preparando para ver o show do Roberto...

– Volta! Volta o trio!! Volta o trio porque o Roberto Carlos ainda quer mais 10 minutos pra ele se preparar!

Aí, o Chiquinho disse:

– Eu mesmo não vou, não!

O sanfoneiro disse:

– Vou nada! Só vai ser garrafada de cerveja que nego vai levar na cara... Tão esperando é o Roberto Carlos...

E o povo gritando: “ROBERTO! ROBERTO!” Todo mundo... “ROBERTO!” Lá embaixo mais... “ROBERTO! ROBERTO! ROBERTO!” E a produção falando para o Trio Xamego entrar... Os caras falaram que não iam.

Chegou o Zé Lagoa e ordenou:

– Vão, rapazes!

O sanfoneiro olhou assim e falou:

– Vai Dió, tem coragem?

Eu falei:

– Fazer o quê, o homem tá mandando.

Chiquinho disse...

– Lá eu não vou...

Aí, eu subi com a zabumba sozinho. E a turma da plateia: “ROBERTO!”... “ROBERTO!” ... “ROBERTO!” ... “ROBERTO!” ...
Aí, eu fazia com a zabumba: tum tum tum... “ROBERTO!” tum tum tum... “ROBERTO!” tum tum tum... “ROBERTO!” tum tum tum...

E eu gritando também:

“ROBERTO!” tum tum tum... “ROBERTO!” tum tum tum...

Fui na onda da turma. O sanfoneiro foi entrando com a sanfona também:

“ROBERTO!” fon fon fon... “ROBERTO!” fon fon fon...
“ROBERTO!” fon fon fon...

E a turma ajeitando os pedestais, ao mesmo tempo, nós fomos abaixando o som... De repente o sanfoneiro puxou um forró e eu comecei a cantar... bei... bei... bei... bei...

Bem nessa hora disseram:

– Vocês precisam dar uma parada para o Roberto Carlos entrar...

A plateia inteira começou a gritar: “FORRÓ! FORRÓ! FORRÓ...”

A turma toda gritando o nosso nome, foi um momento inesquecível... Foi histórico!

“FORRÓ! FORRÓ! FORRÓ! FORRÓ! FORRÓ...”

Aí, fui saindo devagarinho com a zabumba... Lá embaixo estava o produtor do Roberto Carlos que disse:

– Foi bem emocionante. Vocês saíram bonito. Parabéns pra vocês!

Depois anunciaram o show do Roberto Carlos. Foi incrível! A turma eufórica cantando todas as músicas. Por causa da demora, o público estava completamente preparado para cantar todas as músicas. Foi uma noite emocionante.

Mesmo passado por alguns acontecimentos chatos no meio musical, os momentos bons são maiores, eles superam os acontecimentos ruins. Tem apresentações que são inesquecíveis. Aqui em São Paulo me enturmei bem: bebia cachaça, fumava Minister,

dançava forró, cantava samba e bolero. Foi fácil me enturmar, né? Bebedor de cachaça – todo mundo bebe; fumava Minister; dançava forró; cantava bolero e samba... O que mais eu queria? Não estava entrosado? Ainda dançava e de vez em quando era namoradorzinho... Pensa nesse cara... “De vez em quando” é boa! Era namoradorzinho, “de vez em quando”...

Mas agora estou querendo um bisneto, mas não acho. Acredito que lá em Pernambuco eu tenho. Será que tenho? Ah, acho que tenho... Faz tantos anos que não vou pra lá. Tenho duas filhas lá, uma é a Ana Lúcia e a outra é a Maria Helena, elas são de mães diferentes. Faz mais de 40 anos que eu não as vejo. Eu soube que elas tiveram umas filhas, minhas netas... Será que essas netas se casaram? Já percebeu que eu era um pouquinho namoradoooooor, né? “Só de vez em quando”, quando eu dançava. Eu ficava dançando... Quando estava de pé com a parceira... Já estava no escurinho... Aí, pronto. No escurinho não dá. Às vezes eu dizia assim:

– Vamos simbora logo antes que o dia amanheça...

Senão ficava ruim porque o povo via a gente, né?

Falando nisso, lembrei de uma pergunta interessante que meu filho me fez. Na minha casa tenho quatro filhos: Felipe, Demétrios, Thiago, que é engenheiro e Rebecca. Outro dia o Demétrios sanfoneiro, falou assim:

– Pai, me diga uma coisa, mas diga a verdade mesmo porque estou querendo saber... Quantos filhos o senhor tem?

Eu pensando que ele ia fazer uma pergunta legal... Aí, eu respondi:

– Aonde isso?

– No geral! No mundo tudo.

Falei assim pra ele:

– Rapaz, acho que tenho 1, 2, 3, 4, 5... uns 10!

– 10 filhos? E netos?

Netos...

– Acho que se desses 10 filhos cada um tiver 3, então seriam 30, mais 10, fica 40.

Mas eu tive um grande amor. Primeiro eu morei com a irmã da Anastácia, que se chamava Arlete.

Eu tinha um amigo chamado Pajeú, aquele que fazia um programa de TV chamado Varandão do Pajeú. Era um programa de rádio na Gazeta, depois ele passou a ser televisionado. Um dia cheguei no Largo do Paissandu e ele estava lá conversando com uma mulher e me disse:

– Deixa eu te apresentar uma amiga minha de Recife.

Quando peguei na mão e olhei nos olhos dela tive a impressão que já a conhecia de muitos anos. Pensei comigo mesmo: “Conheço essa mulher”. Ela parecia portuguesa. Ela era muito bonita.

– Muito prazer...

Pajeú chegou e disse assim:

– Eu tenho um show pra tu me acompanhar com o Trio Xamego, Dió. Vai ser lá na Radial Leste, no forró do Eli Corrêa.

Ela falou:

– Eu posso ir?

Pajeú respondeu:

– Pode, eu dou uma carona pra você.

E ela foi. Depois do show disse que nunca tinha visto alguém tocar zabumba. Ela falou que enquanto olhava a zabumba, uma pessoa que estava próximo dela falou o nome dos instrumentos:

– A sanfona no meio... Olha o triângulo do lado direito, e a zabumba ali na esquerda.

– Vixe maria! Zabumba...

Ela se apaixonou por mim depois do show:

– Nossaaaa! Como você toca diferente!

Aí pronto! Começou! Depois daquele momento terminei com a Arlete. A Anastácia, na época, pegou as minhas malas e levou no largo do Paissandu numa segunda-feira, tinha mais de 3 mil músicos lá na praça. Lá era um ponto de encontro deles. Ela chegou na frente de todo mundo e disse:

– Olha aqui o que a minha irmã mandou pra você... Suas coisas!

Era a mala! A Conceição estava do meu lado e falou assim pra ela:

– Obrigada! Muito agradecida, Deus lhe abençoe.

Ela achou bom. Eu fiquei ali e ela grudada na mala. E eu pensando: “E agora pra onde é que eu vou?” Não tinha pra onde ir: “Pra onde eu vou com essa mulher?”

Eu morava na casa da irmã da Anastácia, e agora não tinha aonde ficar, não tinha um quarto alugado, não tinha nada.

– Cê, e agora, pra onde a gente vai?

– Vamos pra debaixo de uma ponte, embaixo de uma árvore. Eu fico em qualquer lugar com você.

Eu falei:

– Vixe Maria!

Aí, me lembrei que tinha um hotelzinho que ficava perto do Largo Paissandu, chamado Hotel Paulicéia. O porteiro de lá era meu amigo, ele era músico também. Ele me viu na porta e logo gritou:

– Ooo Dió! Quanto tempo... O que você tá fazendo aqui?

– Tô procurando um quartinho pra ficar aqui, eu e a minha mulher. Mas eu só posso pagar por semana.

– Opa! Tem problema não! Cama de casal?

– Claro! Tem café da manhã?

– Tem, só não tem almoço.

– Então vou ficar aqui, me mostra os quartos...

Ele me mostrou o apartamentozinho e nós ficamos morando lá por um tempo. Na sequência nasceu o Felipe, que toca triângulo comigo. Saindo de lá fomos para Campos Elísios, de Campos Elísios para o Brás e do Brás para Guarulhos. De Guarulhos não saí mais, só saí de um bairro para outro. A Conceição também veio, mas ela faleceu. Construímos uma casa em Guarulhos e estou lá até hoje.

Conceição foi uma excelente esposa e fizemos uma bela família. Isso é uma coisa que eu prezo muito. Veio o Felipe, depois veio o Demétrios, na sequência a Rebecca, e por último o Thiago. Quatro filhos é uma família!

A irmã da Anastácia, com quem namorei por um tempo, faleceu antes da Conceição. Mas a vida continua, né? E a minha relação com a Anastácia continua boa. Aliás, maravilhosa. A gente está aqui tentando cumprir a missão que Deus nos deixou,

que não é fácil, né? Pra você ver: *vou me desdobrar, vou passar ali, do outro lado tá tudo bem, tudo beleza, então, eu já vou...* Não vai não. Não vai porque quando você trilha um caminho aqui, ao passar novamente por ele, já é um caminho diferente, portanto, não é mais o mesmo que era antes...

É a mesma coisa se pensarmos numa apresentação musical que acontece no mesmo dia: você faz um show hoje às 22 horas, e depois você vai fazer outro às 3 horas da manhã, o público que você encontrou às 22 horas não é o mesmo das 3 horas. É diferente. Música é isso, a nossa vida é isso.

Eu sou místico! Muita gente me pergunta qual é a minha religião, mas não gosto de falar sobre isso porque haja diálogo... Eu sou místico, não sou macumbeiro, não sou espírita, não sou católico, não sou crente, não sou protestante, sou místico! *Aí, você vai me perguntar: "O que é ser místico, né?"*

Eu sabia que você ia perguntar isso... Estudo a razão da vida. Sou Rosa Cruz, o maior místico que esteve na Terra, você sabe quem foi uma pessoa chamada Jesus? O maior místico de todos os tempos!

O Rosa Cruz vê as coisas de uma maneira muito singular. Através dele você vai entender o que é o amor; o que é o ser humano; de onde você veio; para onde você vai; quem é você; o que você precisa fazer para atingir o que almeja...

Muita gente diz assim: "Oh, meu amor! Eu te amo tanto!". Outro dia mesmo uma mulher falou isso pra mim: "Eu te amo". Ela me perguntou:

– Você sabe o que é o amor?

Eu disse:

Sei!

– Sabe mesmo o que é o amor?

– Sei!

Aí ela:

– O que é o amor?

Eu respondi:

– Esse amor é Deus! Eu sei que Deus existe.

E passei a pergunta pra ela:

– Você sabe o que é o amor? Sabe a história do amor?

Eu vou lhe contar só um trechinho, uma historinha pequena, poucas pessoas conhecem o amor... O amor só esteve uma vez na Terra. Você sabe me dizer o que fizeram com Ele? Com o amor? Sabe o que foi que fizeram com o amor? Pregaram Ele numa cruz pra todo mundo ver e até hoje você vê. Aquele é o AMOR! Ele não fazia nada de ruim, era só bondade, era o amor em figura de gente! O amor perfeito em um Deus. Até hoje você vê as fotos Dele por aí, aquele é o AMOR! Deu pra entender? É só um trechinho. Vamos mudar de assunto porque religião é um assunto complexo.

Agora, analise e veja se eu falei alguma bobagem... Aquele é o amor puro, mas mesmo assim o pessoal foi lá, o pregou e o matou. E Ele implorando: “Papai, eles não sabem o que estão fazendo”. Ele sabia que os seres da Terra não sabiam quem era Ele. Ele sabia de tudo. Esse é o amor! Tem alguém que consiga fazer isso na Terra? Aquele é o único Deus imortal. Ele nunca vai morrer. Mataram o corpo dele, mas ele continua vivo. O amor pregado numa cruz. Até hoje... Pra todo mundo ver. O ser humano sabe o que é o amor? É difícil. É muito difícil. É para se pensar...

Tem muita gente que diz assim:

– Dió, eu quero fazer uma entrevista com você a respeito de religião.

Eu respondo:

– Não venha, não. É melhor você nem começar. Não comece, porque eu sei coisas que poucas pessoas conhecem, vou muito além das historinhas. Não só canto forró, eu vivo o forró. Você deve fazer as coisas com carinho, procurar o máximo de perfeição, mas lembrando que não existe a perfeição, existe a procura da perfeição – procurar ser perfeito, sabendo que ninguém é perfeito.

Vamos deixar o misticismo de lado e vamos voltar ao forró. Esse movimento do forró veio pra somar, né? Rastapé, Falamansa, Bicho de Pé... Todos vieram pra somar! Até aqueles que são menos conhecidos tão somando, tão fazendo a parte deles. Eu acho que tudo isso vale. Pra mim é uma beleza, uma maravilha, é bom

quando você soma, ruim é quando subtrai, né? Tudo que vier pra somar é maravilhoso.

Eu acho bom quando a pessoa está começando a entrar no meio musical, pois a família de músicos vem do céu e é uma família muito grande, cabe todo mundo. Os arcanjos e os anjos cantam, entendeu? Eles vivem como melodias. O vento tem a sua própria mensagem de melodia no seu zumbido, e se você captar direitinho e imaginar, você viaja – eu adoro a música! Música você vê no papel, na torneira da sua cozinha, na descarga do seu banheiro, no vento soprando, no cantar de um passarinho... A música está presente em tudo que observamos e percebemos.

Quando chega uma pessoa e me diz que vai montar um trio... Minha nossa! Isso é maravilhoso! “Eu tô cantando um forró...” Pode ser aonde for, é lindo! Quando cheguei aqui em São Paulo para cantar forró tinham poucos músicos forrozeiros, a maioria tocava sanfona de oito baixos. No Zé Lagoa era oito baixo que abria, depois entrava um samba, depois entrava um bolero, um grupo de bolero, depois entrava um trio que era o meu... Isso em 1970... Era 1970 mesmo... 71 até 74.

Acho muito válido essa turma jovem fazer forró. Conheci o Falamansa quando eles estavam começando aqui no Remelexo, assim como o Rastapé, que ninguém queria contratar para eventos. Contribuí muito para ajudar esse povo. O Tato do Falamansa andava comigo pra cantar de graça nos meus shows. Quem botou o Rastapé pra tocar aqui no Remelexo foi eu porque ninguém queria eles aqui... “Vai tocar no meu lugar. Dá uma canja aí, vou parar agora e vocês vão tocar...” Todo mundo mandava tirar do palco, mas eu dizia:

– Não, deixa ficar...

Quando eles terminavam eu voltava. Praticamente empurrei eles a pulso, tá entendendo? E muitos outros. Sabe por que fiz isso? Porque gosto da soma! Eu não vou continuar fazendo uma coisa sozinho a vida inteira até morrer. Eu falo para os meus filhos: “Toque, cante, faça o que você quiser fazer, eu tô junto e não vou deixar você passar vergonha...” É isso que quero. Estou certo ou errado?

As vezes uma pessoa que está iniciando na sanfona, quando vê um sanfoneiro já experiente fica meio tímida, cabisbaixa, mas ela não deve ficar assim, apenas toque! Chega nos lugares e mostre por qual motivo você veio. Diga que você não veio pra ficar de braços cruzados, corra atrás, mostre que você veio pra isso, toque! Toque do jeito que você souber. Sabe com quem eu aprendi isso? Com um dos maiores músicos: Dominginhos! Ele era um camarada que se você estivesse aprendendo, ele nunca diria que você estava errado, nunca! Ele chegava, abria a sua sanfoninha, tocava... Pei... Pei... Pei... Pei... Pei... Se ele percebesse que você estava se perdendo em alguma nota ele dizia:

– Toque mais devagar, toque nesse tom aqui, esse registro aqui é melhor pra você... A nota que você está fazendo aqui em cima você pode fazer embaixo também. Fica mais fácil...

Dominginhos era muito humilde. Dava muitos conselhos aos músicos:

– Toque *Asa Branca* do jeito que ela é, quando você aprender *Asa Branca* do jeito que ela é, você já é um grande músico!

Tem conselho melhor do que esse? Toque aquilo mais simples, como você realmente sabe tocar. Ele nunca mandou alguém descer do palco.

Uma vez o Savinho e o cunhado dele estavam fazendo um showzinho antes da entrada de Dominginhos... E depois foram conversar com ele:

– Esse cara não sabe tocar, ele tá errando tudo.

Aí, Dominginhos respondeu:

– Sabe por quê? Ele só sabe tocar assim. Deixa ele tocar, quando ele terminar eu vou e faço o meu show.

Não é bonito isso? Ele tá te ofendendo? Ele tá tocando bonitinho, deixa ele tocar, apenas respeite. Ele está tocando daquele jeito porque ele só sabe tocar daquele jeito – respeite! É assim que se diz. Não é mandar ninguém descer do palco porque desafinou uma nota cantando, né? Desafinar todo mundo desafina, errar uma nota todo mundo erra, errar uma letra também é possível, pega lá na frente, ninguém é perfeito, todos nós somos imperfeitos.

Não julgo ninguém, a única coisa que falo é que você está bem, mas vai devagar, né? Porque tem muita gente olhando, eu posso entender a pessoa, mas tem cara que vai criticar, e você não tem que ter medo de críticas porque todos nós somos e nascemos para ser criticados, seja bom, seja ruim ou seja feio... Se você for bonitão a pessoa vai te criticar: "Uma pessoa tão bonita assim... Por quê?" Portanto, não ligue para as críticas, faça o que você veio fazer... Somos todos imperfeitos... Eu vou brigar porque eu sou lindo?...

Trabalhei 28 anos com Dominginhos. Comecei tocando com ele quando eu tinha 18 anos de idade. Depois ele produziu o meu primeiro CD, que foi aquele *Forró agarradinho*. Produziu o segundo e no terceiro ele adoeceu. Foi quando comecei a tocar sozinho, ele mesmo fez questão de arranjar uma vaga pra mim aqui no Remelexo Brasil. Quem produzia a casa na época era o Paulinho Rosa, aquele produtor do Canto da Ema, ele tinha uma sociedade com Magno. Dominginhos disse para Paulinho:

– Ó, Paulinho, arranja uma coisinha pro Dió aí até sexta-feira, porque nos outros dias ele pode ficar livre pra viajar comigo, fazer minhas coisinhas também... Trabalhando de quarta e sexta tá bom.

Só que quando comecei a tocar aqui de quarta e sexta-feira, o dinheiro era tão bom que acabei perguntando se tinha mais uma vaguinha em outros dias da semana. Para minha sorte me botaram no domingo. Fiquei com a quarta, sexta e o domingo. Nesse período, eu tocava menos com Dominginhos. Durante 10 anos fiquei fazendo gravação e televisão com ele, mas ficamos 18 anos na estrada, eu e ele, andando de carro no Brasil todo. Ele confiava muito no meu trabalho.

Já Gonzaga, de vez em quando contratava o Trio Xamego pra gente fazer os bailes nas maçonarias. A gente chegava meia noite... 1h da manhã, fazia o show dele e saía. Eu conversava com ele, Gonzaga era muito gente boa, muito amigo. Tudo começou com ele, Gonzaga é o precursor de todas essas músicas de forró.

Outra pessoa importante no forró foi a Marinês. Foram poucas as mulheres que entraram no universo do forró na minha

época. Temos Anastácia, Elba Ramalho, Marinês... Hoje em dia ainda temos a Elba e a Anastácia. Além delas, também tinha uma que morava no Rio, ela já morreu, não lembro o nome dela, ela cantava uma música assim:

*Sabiá lá na gaiola fez um buraquinho,
Voou, voou, voou, voou
E a menina que gostava tanto do bichinho,
Chorou, chorou, chorou, chorou...*

É uma das mulheres mais antigas que cantava forró, como Marinês. Cantava muito com Gonzaga. Morreu faz tempo também...

Ela morava lá no Rio de Janeiro onde tem o dedo de Cristo...
CARMÉLIA ALVES! Lembrei!

Conheci a Marinês, a mãe do Marquinhos, mulher do Abdias, conheci todo esse povo. Mas demorei para conhecer Marinês, pra conhecer não, para ver pessoalmente, porque conhecer já conhecia, já ouvia os discos dela. Uma vez comentei com o pessoal de Itaúnas para convidá-la pra cantar naquele festival de forró chamado FENFIT. Eu fui ser o zabumbeiro dela, mestre Zinho que tinha sido o cantor dos Três do Nordeste, tocou triângulo, e o sanfoneiro era o filho dela, o Marquinhos.

Quando a Marinês começou o show, rapaz... Quando ela abriu a goela me arrepiei todinho... Eu nunca vi uma coisa daquela, só sendo do céu mesmo, porque cantor pra me fazer arrepiar precisa ser bom! Modéstia parte, não quero ser melhor do que ninguém, mas também não quero ser o pior, entendeu? Só confirmo se a pessoa é boa quando chego perto dela. Marinês era boa demais! Não quero ser o pior, agora, para me fazer arrepiar precisa ser melhor do que eu, e ela era. No FENFIT ela abriu a goela e cantou muito. Foi de arrepiar... Eu olhei aquele tamainho de mulher, já veinha, mas a voz estava novinha, parecia que tinha uns 16 anos. Nossa senhora! Foi a última vez que eu vi a Marinês.

Depois de um tempo ela faleceu. Isso aconteceu há muitos anos. Esse festival tem mais de 20 anos.

Também conheci o Gilberto Gil, toquei com Gil, gravei com ele, gravei com João Bosco, com Djavan, Elba Ramalho... Imagina todos os cantores que gravaram forró... Quinteto Violado, Zezé de Camargo e Luciano, Daniel Gonzaga... Tudo através de Dominginhos. Por isso sou muito feliz no forró. Conheci uma infinidade de músicos forrozeiros, só não conheci aqueles que já se foram, agora os demais conheci todos.

O forró pé-de-serra em São Paulo

TIO JOCA



Meu primeiro contato com Tio Joca aconteceu por telefone. Expliquei os objetivos da pesquisa e o convidei a participar. Ele prontamente aceitou o convite, deixei a escolha do local e da data a seu critério. Naquele momento, ainda não havia nenhum caso confirmado de Covid-19 no Brasil. A entrevista foi marcada para o dia 19 de fevereiro de 2020, em sua casa, na Zona Leste de São Paulo.

Quando cheguei, foi o próprio Joca quem me recebeu no portão. Ele me pediu que aguardasse por alguns minutos na sala enquanto conversava com sua esposa, Nete, na cozinha. Esperei por cerca de cinco minutos. Ao terminar a conversa, Joca fechou a porta da cozinha, que dava de frente para a sala, e assim começamos a entrevista.

A família de Tio Joca foi inserida no meio musical por seu pai, Aureliano Valério de Almeida, que afinava sanfonas, o que permitiu o contato dos filhos com sanfoneiros de diferentes regiões da Bahia. Os saberes musicais, portanto, foram adquiridos através da observação e da oralidade na troca de experiência.

A sua chegada a São Paulo foi intermediada por Pedro Sertanejo, seu irmão mais velho, que não apenas estabeleceu pontes entre sua família e a cidade, mas também fortaleceu a comunidade de migrantes nordestinos que residiam na cidade de São Paulo, criando uma grande rede de lazer e de apoio para estes migrantes de meados da década de 1960 a 1988. O seu baile era conhecido como Forró de Pedro Sertanejo.

Como o próprio Tio Joca afirma, a sua família veio a São Paulo para lutar. A motivação que o fez vir para cidade grande foi poder vislumbrar, diante daquele polo atrativo, de onde saía tudo que ele escutava nas rádios, um futuro na área musical. Gravar um disco e construir uma carreira artística eram seus objetivos.

Em São Paulo ele conseguiu realizar o seu sonho, que era gravar um disco, ter um trio de forró e trabalhar com música. Ao mesmo tempo, também trabalhava ajudando o seu irmão no Forró de Pedro, lugar onde estava rodeado de músicos, assim como na casa do seu pai.

Em sua narrativa, ficou evidente a importância de seu irmão Pedro Sertanejo em sua vida, assim como a sua rede de amigos, essencial para a sua dinâmica de trabalho com a música. Foi Dona Noêmia, esposa de Pedro Sertanejo, a pessoa que o incentivou a subir no palco com a sanfona. Ainda no Forró de Pedro, Joca conheceu a sua esposa Luzinete. Hoje o casal mora com seu filho Joquinha, que também é sanfoneiro, assim como seu irmão, que toca em bandas de forró. Quando crianças, Joca desejava que os filhos desenvolvessem os seus talentos artísticos. Por isso investiu em aulas de músicas para ambos. Sua família “tem a música nas veias”.

Joca observa a importância do forró universitário e destaca que os jovens universitários aprenderam com os trios antigos de forró, em sua maioria migrantes nordestinos. As bandas de forró que surgiram do forró universitário ajudaram a disseminar o forró pé-de-serra não só no âmbito nacional, mas também internacional. O preconceito que havia contra os nordestinos nos bailes de forró foi reduzindo aos poucos, segundo ele.

Na entrevista de Tio Joca foi possível observar um grande tema que percorreu a sua narrativa inteira – a comunidade forrozeira como uma grande família do forró. Essa grande rede, para ele independente de geração e perspectiva, encontrou-se para se somar. Junto com a sua grande família, somado aos forrozeiros e forrozeiras de muitos lugares, Joca batalha para defender o forró na cidade. Ele participa de um coletivo chamado SP Forró. Com ações sociais e apresentações públicas, o SP Forró congrega diferentes trios e bandas no seu elenco. Um tema interessante a ser aprofundado: a entrada dos coletivos que atuam entorno do forró pé de serra na cidade.* As ações realizadas pelo coletivo SP Forró, no qual Joca faz parte, faz essa junção entre as diferentes gerações no âmbito do forró.

* Hoje em dia existem diversos coletivos que trabalham com a temática do forró em São Paulo: Forró das Bonitas, Forró dos Amigos, Forró dos Ratos, Mulheres Que Conduzem, Forró Pé de Calçada, e tantos outros.

O contexto da conferência da entrevista foi marcado pela pandemia de Covid-19. A pedido de Joca, no dia 22 de abril de 2021, fizemos a leitura completa de sua história de vida por telefone. Ele estava muito atento à leitura. Joca fez questão de lembrar de todos os músicos que participaram do “Arraial Aureliano Valério de Almeida” na Bahia, em homenagem a seu irmão Pedro Sertanejo. Um dia após a conferência, ele me enviou uma mensagem pedindo para adicionar alguns nomes de pessoas que colaboram com o coletivo “SP Forró”.

*O sonho que tenho é de
ver o forró sempre em alta.*

Tio Joca

Meu nome é João Oliveira de Almeida. Meus pais nasceram no sertão de Canudos lá no Estado da Bahia, e foi lá onde tudo começou. O meu pai era afinador de sanfona e também tocador. Ele tocava sanfona de oito baixos. Como ele era afinador, em casa sempre tinha sanfoneiros. As coisas eram difíceis naquela época, não era que nem hoje. O acesso pra chegar até a casa da minha família era complicado, morávamos num sítio que ficava meio afastado da cidade, e o transporte público era precário naquela época. Quando os sanfoneiros iam até em casa pra deixar as sanfonas para o meu pai afinar, eles acabavam ficando a semana inteira por lá, por causa dessa dificuldade do acesso. E meu pai afinando e cuidando das sanfonas deles.

Foi nesse contexto que começou o meu interesse pelos instrumentos, vendo aquele movimento todo e principalmente o trabalho do meu pai, que também era um sanfoneiro. Isso já era meio que uma influência pra mim. Depois veio Pedro Sertanejo, que é o meu irmão mais velho, também era sanfoneiro. Infelizmente ele já faleceu. Grande Pedro! Nasceu muita gente na minha família que tocou sanfona. E tem os que ainda tocam, como Oswaldinho do Acordeon. Ele é meu sobrinho. Meus filhos Jefinho e Joquinha também tocam. Eu toco um pouquinho também.

O nome do meu pai é Aureliano Valério de Almeida e o da minha mãe Genoveva Germano de Jesus. Na família da minha mãe não tiveram muitos sanfoneiros. Meu tio tocava um pouquinho

de oito baixos. Mas essa essência do forró, da sanfona, veio da parte do meu pai. Na nossa família eram três homens: eu, Pedro e Constantino. Já as mulheres são nove, no total éramos em doze irmãos.

Nasci num município que era chamado de Euclides da Cunha, fica no Estado da Bahia, na cidade de Canudos. Quando meus pais fizeram nossos registros de nascença, a cidade chamava-se Euclides da Cunha, mas depois Canudos se emancipou. Um lado tornou-se Canudos, e o outro ficava o município de Euclides da Cunha. A casa do meu pai ficou para o lado de Canudos. Sempre falo que sou de duas cidades, porque quando nasci era Euclides da Cunha e hoje a nossa antiga casa fica em Canudos. Mas é tudo juntinho de Canudos a Euclides.

Naquela época a gente não tinha muita coisa pra fazer. Eu pulava corda, andava de carrinho de rolimã, soltava pião. Futebol era raro, entendeu? Quase não tinha porque as brincadeiras eram de roça mesmo. Na minha infância tinham muitos professores que davam aulas particulares. Só depois de um tempo que surgiram as escolas municipais. Mas antigamente na roça as professoras particulares que iam dar aulas. Eu estudava com uma professora particular, não me lembro o nome dela. As séries a gente chamava de 1º ano, 2º ano, 3º ano...

Hoje em dia o pessoal da roça tá mais moderno. Quer dizer, já tem transporte para chegar até a cidade, para estudar e tudo mais. Na minha época não tinha nada disso. Tudo que a gente aprendia era na roça mesmo, sabe? Até a ler. Muita gente aprendia em casa vendo os outros lendo. As coisas não eram fáceis naquela época, era muito difícil o acesso à educação.

Fiquei na minha cidade natal até os meus dezoito anos de idade. Vinha para São Paulo depois voltava... Vinha... Ficava uns tempos, depois voltava... Mas foi exatamente quando completei dezoito anos que vim para ficar. Antes disso, trabalhava na roça. A gente fazia o serviço rural, plantava milho, feijão, mandioca, entre outras coisas, e também fazíamos o forrozinho no final de semana, né? Aqueles forrozinhos de pé-de-serra que a gente chamava lá.

Naquele tempo a gente ouvia muito o rádio, era um modo de se entreter, pois só existia o rádio na nossa comunidade. Televisão era luxo. Tocava-se muito Luiz Gonzaga, Trio Nordestino, Marinês, a gente ouvia essa turma toda. Mas também tocava samba, tinha a jovem guarda que estava no auge, entendeu? Sempre tocava Roberto Carlos! E lá era assim, se tivesse um programa que tocasse de tudo a gente ouvia. Era muiiiita música: *Ovo de Codorna* de Luiz Gonzaga; *Chililiquedo* Trio Nordestino; *Proibido Cochilar* dos Três do Nordeste; Messias de Holanda, Genival Lacerda e por aí vai... Hoje quando eu ouço essas músicas, cada uma delas me traz uma recordação daquele tempo.

Eu vim pra São Paulo porque o meu irmão Pedro já estava aqui há muito tempo. Ele já tinha um baile de forró em São Paulo. Na década de 1960, o meu irmão Pedro Sertanejo foi a primeira pessoa que montou um forró com música ao vivo aqui em São Paulo. Na época não tinha nenhuma casa de forró em São Paulo. Quando vim em 1976 pra cá, já fui direto ficar no forró dele, trabalhando junto com ele.

Esse meu apelido de Tio Joca vem das brincadeiras que os meus sobrinhos, que são filhos de Pedro, faziam comigo. Oswaldinho sempre foi muito sarrista. Ele é uma figura muito bacana e sempre nos demos bem. Esse negócio de "tio" veio em boa parte dele, porque era ele o mais velho da família. Além dele, Arecessoni, que a gente chama de Ari, e tem o Aristóteles. Eles são mais velhos do que eu. Aí tem o Juraci que é mais novo. Então eu era o tio mais jovem, entendeu? Eles me zoavam muito com essa história. Todos os meus sobrinhos... "O tio!... O tio!..."

Um dia fui participar da gravação de um disco que Pedro estava produzindo. Ele organizou um "pau de sebo", que significava um disco com vários artistas, tipo uma coletânea onde cada um tocava uma música:

– Vamos gravar, vamos gravar... Chama o TIO pra gravar uma música!

Aí, poxa! O pessoal começou a me chamar de tio. Como eu era jovem, ficaram na dúvida se me chamavam de "tio jovem".

Até que um dia fui gravar com um cantor que fez muito sucesso na época. Veterano. Chamava-se Zito Borborema – grande cantor. No meio da gravação ele falou:

– Não, não... Não é Tio Jovem. Tio Jovem já tem.

Os caras falavam:

– Põe Tio Jovem...

– Não, tio jovem já tem. Ponha Tio Joca!

Aí ficou Tio Joca, por Zito Borborema.

Trabalhei muito na roça e nesses trabalhos tinham muitas cantorias, muitas... O pessoal fazia essas cantorias quando a gente colhia o feijão, o milho. Aí, reunia aquela galera pra bater o feijão. Nesse momento a gente colhia ele e colocava num terreiro. Com um pau, a gente batia nele pra sair o caroço. Da mesma forma acontecia para debulhar o milho e a mandioca para fazer a farinha. Reuníamos em turmas para fazer esses tipos de trabalho.

A gente cantava muito no momento do trabalho, mas não lembro uma música específica. Sempre tinha essas reuniões, principalmente na colheita da mandioca para fazer a farinha, que é um processo terrível para transformar aquilo ali, viu. Hoje já está industrializado, mas na época não estava. Na época tinha que ir pra roça arrancar aquela mandioca, levar em cima dos jegues com aqueles caçua cheio de mandiocas... Levava para casa de farinha. Tinha que raspar tudo aquilo, depois ralar e colocar na prensa para sair toda água e ficar só o pó. Em seguida tinha que peneirar, pra ela ficar bem ralinho, ficar aquele farelozinho fino, pra depois ir ao forno para fazer a farinha. É um processo muito longo e demorado, mas a gente se divertia muito, tomava umas cachacinhas, aí aquele longo trabalho ficava menos cansativo e mais prazeroso.

Perceba que a música já permeava a minha vida e o que eu queria mesmo era viver dela, gravar um disco e ter uma carreira. Foi devido às dificuldades de trabalho com a música no Nordeste que decidi vir definitivamente para São Paulo. Tudo acontecia aqui no Sudeste. No Nordeste a gente vivia ouvindo as músicas nas rádios: ouvia forró, samba, jovem guarda... Mas no Nordeste

não tinha condições para gravar um disco. Aliás, de fazer nada porque era tudo roça, tudo... Era um tempo muito difícil.

Vim para São Paulo justamente para tentar construir uma carreira artística. Como tinha o forró do meu irmão, a gente já ficava ali tocando para se fortalecer coletivamente. Eu já tinha vindo outras vezes a São Paulo, vim umas três vezes. Vinha passear, ficava dois meses, três meses, depois voltava. Já conhecia o lado frio da cidade grande, por isso que quando fiquei definitivamente não sofri um grande impacto. Mas quando vim a primeira vez com dez anos de idade, achei a cidade muito louca. Porque quando você vive numa cidadezinha pequena e rural, ao se deparar com uma cidade grande como São Paulo, acaba sendo meio espantoso, mesmo que a cidade seja maravilhosa.

Na época existia muito preconceito contra os nordestinos. Isso sempre teve. Lembro de um amigo, o Zito, que toca comigo no Trio Sabiá, ele conta que perdeu uma namorada por causa disso. Ele tinha uma namoradinha aqui, aí quando ela soube que ele era nordestino o dispensou. Quer dizer, uma coisa besta que acontecia de fato. Sempre existiu preconceito, né?

Mas como cheguei aqui em São Paulo e já tinha o meu irmão por aqui, fui bem acolhido. Trabalhei muito no Forró do Pedro. A gente cuidava do forró durante a semana porque nos finais de semana tinha os bailes, então, trabalhávamos no forró e as vezes fazíamos o showzinho também, né? Afinal, ninguém é de ferro. Tocávamos com várias pessoas. Já toquei triângulo para o meu irmão Pedro, para Oswaldinho, Ivo Paraibano, Dominginhos, Mário Zan, e muitos outros músicos.

Esse acolhimento do meu irmão foi essencial para o meu trabalho junto com os músicos forrozeiros. Funcionava assim: faz de conta que você vai gravar um CD e pra essa gravação você vai precisar de um músico. Aí, o produtor procurava nos contatos que ele tinha, que geralmente era essa turma que frequentava os forrós e tocava algum instrumento, e contatava a pessoa para a gravação. Vira e mexe aparecia trabalhos de gravações. Nesse tempo eu tocava instrumentos de percussão como triângulo, agogô e pandeiro. Surgiam muitos trabalhos para gravações e

para programas de rádio e televisão. Faziam-se muito esses tipos de gravações na época. Além disso, naquela época tinha muito espaço para a cultura, hoje em dia não existe tantos programas como naquela época, que eram programas ao vivo.

Só fui tocar a sanfona depois de muito tempo que já estava por aqui em São Paulo. Iniciei no Forró do Pedro. Foi lá que começaram as ideias pra eu subir no palco com a sanfona. Quando cheguei aqui, logo de início, não tocava nada, mas sempre tirava uma notinha ou outra. O problema foi que quando cheguei em São Paulo não coloquei em prática os estudos com a sanfona. Achava que a sanfona não era um instrumento pra mim. Precisei de muito incentivo para praticar esse instrumento.

Mas como percussionista gravei com muita gente, vários músicos da época como já mencionei. Pra você ter uma ideia, gravei até com o Mangabinha, que era sucesso na época. Ele era do Trio Parada Dura, tocava oito baixos... Cremilda, Gerson Filho, o saudoso Camarão, grande sanfoneiro lá do Nordeste, gravei também com o falecido Jacinto Silva, Assisão que ainda tá na lira... Eu participava das gravações de toda essa turma que vinha do Nordeste pra gravar aqui. Tocava percussão: um triângulo, agogô ou um pandeirinho.

A minha relação com Pedro era muito boa. Ele era um cara que dava muita oportunidade para as pessoas. Eu vim pra cá na companhia dele, da sua esposa e de seus filhos. Morávamos todos juntos, a gente é como se fosse um filho ali... Ia pra casa, trabalhava, voltava, e no final de semana nos estávamos sempre juntos. Era uma relação boa, uma verdadeira família. Pedro foi um grande pioneiro! Aqui em São Paulo ele montou o forró e também teve uma gravadora chamada Cantagalo, que gravou Dominguinhas, Ary Lobo, Zé Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Oswaldinho, Carmen Silva, Germano Mathias, e vários outros músicos. Além disso, Pedro também tinha uma editora musical cujo nome era Mirasom, e o Estúdio Brasileiro de Som – SBS, onde passaram diversos músicos do sertanejo e do popular. Ele teve programas de rádio e de TV, a RTC, antigo nome da TV Cultura. Pedro foi um grande batalhador!

O Forró de Pedro era um ponto de encontro entre os nordestinos. Quando você quisesse ver um primo ou um amigo, você ia no forró do Pedro e lá estava ele. Na época, não tinha a facilidade que temos hoje com a comunicação na tecnologia. Poucas pessoas tinham telefone, o acesso era restrito, só existia o telegrama e a carta, que demorava de 15 a 20 dias, as vezes um mês, para chegar no local de destino. Então, se você quisesse encontrar um amigo que migrou do Nordeste pra São Paulo, você ia no Forró do Pedro. Muita gente que frequentava o forró dele estava lá pra dançar ou para encontrar os amigos. Virou um ponto de encontro dos nordestinos, pois a maioria era nordestino, mas é claro que também tinha pessoas de outros Estados.

O público do Forró de Pedro era maduro, porque o cara já saiu de casa com no mínimo 18 anos de idade, na maioria das vezes já era um trabalhador. Esse era o frequentador do Forró de Pedro. Não era que nem hoje que tem esse público mais jovem que veio do forró universitário. Não era assim. Frequentavam algumas pessoas de outras classes sociais, mas o que predominava era um público já maduro, trabalhador e nordestino.

No Forró de Pedro era assim: se você chegava lá com a sua sanfona e quisesse tocar, você tocava. Pedro pagava um cachezinho, mas não era muito. Ele tinha alguns músicos contratados. Era aquele pessoal fixo, mas quem chegasse lá com a sanfona ou algum outro instrumento podia tocar. Alguns artistas que se apresentavam lá eram: Marinês, Zé Gonzaga, Anastácia, Luiz Gonzaga, Lurdinha, Carmelita, Jackson do Pandeiro, Trio Nordestino, Dominginhos e muitos outros.

Cheguei a trabalhar com Dominginhos durante uns três, quatro anos. Fiz bastante shows com ele. Tocava o triângulo. Inclusive o meu primeiro show onde acompanhei alguém fora do Forró do Pedro, foi com Dominginhos e Anastácia. Na época o Fuba de Taperoá, que era um grande amigo que já tocava com Dominginhos, falou para o meu sobrinho Juraci, que é filho do Pedro:

– Juraci, a gente precisa de um triangulista pra fazer um show no festival de Guarujá com Dominginhos.

Só que o Pedro tinha dois salões de festas nessa época. No domingo à tarde ele trabalhava no salão que ficava no Parque São Rafael, próximo a São Mateus. Lá era *discoteque* e sempre estava lotado...

O Juraci disse:

– Olha, eu não posso porque eu vou trabalhar com meu pai na *discoteque*, mas eu posso mandar o Tio Joca.

Aí, eu fui...

Rapaz! Pra mim foi uma experiência maravilhosa fazer aquele primeiro show. E desse dia em diante, participei de outras apresentações com Dominginhos. Ele gostou muito do meu trabalho. Ele ainda está muito presente em minha memória, principalmente na época que ele cantava junto com Anastácia. Os dois cantando o grande sucesso que era *Xódo*... Ô tempo bão!

Naquele tempo tinha várias casas de forró em São Paulo. Zé Lagoa era dono de uma delas. Ele ainda está vivo e também foi um dos grandes precursores do forró em São Paulo, assim como meu irmão. Seu forró era muito bom. Ele tinha os forrós tradicionais: um que era ali no Largo do Socorro em Santo Amaro, e outro que ficava ali em frente onde hoje é o Remelexo. Existiu um forró do Zé Lagoa ali em frente. Ele é uma pessoa muito legal, deu emprego para muitos músicos. Nas suas casas não se trabalhava somente com o pé-de-serra. Pra você ter uma ideia, até Roberto Carlos cantou no forró do Zé Lagoa. E essa turma toda de artistas que vinham do Nordeste pra cá, apresentavam-se nesses bailes do Zé.

Além de Pedro e Zé Lagoa, também tinha o forró de Zé Nilton, que ficava na Mooca, e o de Zé Bettio, hoje falecido. Apesar de ele ser um músico sertanejo, levava muito forró no seu espaço. Tinha também o Restaurante Andrade, que é um ponto muito forte onde se tocava e ainda toca forró. Antes de chegar a onda do forró universitário, nos anos 1998, 1999 pra cá, eram essas casas de forró que eram as tradicionais e predominavam na cidade: Pedro Sertanejo, Zé Lagoa e Zé Nilton.

Outro lugar onde se tocava muito forró era nos circos. Tinha muitas atrações de forró nos circos, mas na minha época

já estava no fim dessa fase. No começo do Trio Sabiá fizemos algumas apresentações em circos na Bahia, mas em São Paulo não chegamos a fazer. Um fato interessante é que foi justamente esse movimento de circos que motivou Pedro Sertanejo vir até São Paulo e montar suas casas de forró. Porque na época se fazia muito forró nos circos de São Paulo, e lotava. Foi aí que ele teve a ideia... Mas não só ele, Luiz Gonzaga também fazia muito essas coisas, e foi ele que deu um toque para Pedro:

– Pô cumpade... Você morando aqui no Rio... Por que você não vai pra São Paulo e monta um forró? Você já viu como é que são as casas lá? Os shows nos circos... Sempre lotados!

Ele era compadre de Pedro. Na época Pedro morava no Rio de Janeiro.

Aí, Pedro pensou um pouco e colocou a ideia em prática.

Luiz Gonzaga foi um grande incentivador para que Pedro montasse suas casas de forró. Pedro conhecia esse ambiente dos circos porque ele já se apresentava em alguns circos. Pedro ficou muito motivado pra montar seus forrós. O primeiro forró que ele teve ficava no Ipiranga. Era um clube, o dono do lugar era um português. Pedro alugou e começou a fazer os bailes. O português viu que Pedro estava ganhando dinheiro e pediu a casa. Aí nisso o forró foi pra Rua Catumbi, 183, que ficava no Brás, isso por volta de 1964. Ele ficou com esse forró até mais ou menos 1988... 1989. E o público do Clube no Ipiranga seguiu Pedro. A segunda casa de Pedro ficava no Parque São Rafael, na região de São Mateus. Foi inaugurada em 1982, ele continuou até mais ou menos 1992.

O salão de Pedro está lá até hoje. Ari Batera, que é filho de Pedro, cuida do salão. Ele também é músico. Meu sobrinho. Montou um espaço cultural no salão, mas não é como Forró de Pedro, pois hoje em dia ele aluga para festas de aniversários, casamentos, até para cultos de igreja.

Apesar da correria da época, sempre Oswaldinho e eu estivemos presentes junto a Pedro. Éramos uma família reunida, que se fortalecia entre si, uma família que veio pra lutar!

Eu iniciei no pé-de-serra em 1985, quando montei o Trio Sabiá. A partir de 1986 já começamos a gravar os LPs e aí seguimos

adiante. Voltei para a Bahia e fiquei quatro anos morando lá com o Trio Sabiá. Depois voltei novamente para São Paulo em 1989 e continuamos. Nunca saímos do pé-de-serra.

A minha primeira apresentação com a sanfona em cima do palco foi dentro do forró de Pedro Sertanejo. A gente estava ensaiando... Nunca tinha tocado a sanfona em palco, somente triângulo, agogô, pandeiro, esses instrumentos de percussão. Quando foi um dia a minha cunhada, a mulher do Pedro, Dona Noêmia, falou:

– Joca, por que você não toca sua sanfona no forró de Pedro?

Eu disse:

– Ah, não sei... Acho que não tô preparado pra essas coisas.

Tocar sanfona...

Ela falou:

– Eu quero ver você tocando! Eu quero ver você tocando! Vai lá! Vai lá!

Dona Noêmia me incentivou bastante. Ensaiei umas três músicas com o pessoal e organizei uma apresentação para tocar no final do forró, que era o momento onde tinha aqueles 15 minutinhos finais. Como era um espaço democrático, qualquer sanfoneiro que quisesse poderia tocar, fiquei na fila e fiz aquela apresentação de 15 minutos. Toquei três forrozinhos: uma música de minha autoria e uma de Arlindo Beto, ambas não lembro o nome, e a outra era *Roseira do Norte*, de Pedro Sertanejo, que é uma música instrumental.

Daquele dia em diante, passei a fazer aquele quadro, sempre no final do baile era eu que fechava. Dessas apresentações iniciais foram surgindo outras coisas. Um amigo chamado Davi me chamou para montar um trio e eu topei. Ele era um cantor solo que de vez em quando cantava no Forró de Pedro, e também fazia uns trampos de motorista para Oswaldinho, que tinha um ônibus particular para fazer as suas turnês.

Foi a partir desse momento que cresceu essa minha paixão pela sanfona. Assim surgiu o Trio Sabiá. Nós formamos o Trio Sabiá em 1985, e em 1986 já gravamos o primeiro LP, *Maria Grande*. Depois desse lançamento fui morar na Bahia porque o

Roxinho, o zabumbeiro, e Pilão, triangulista e cantor, moravam em Feira de Santana. Fiquei quatro anos na Bahia e juntos gravamos quatro LPs.

Quando resolvemos montar o Trio Sabiá, era para se chamar *Filhos da Bahia*. Com o fim da gravação do LP *Maria Grande*, fui até a gravadora conversar com os produtores. Eles achavam que Filhos da Bahia ficava muito regional, aí mudaram o nome. Nem eu sabia que eles tinham mudado o nome. Quando o Pilão que estava na Bahia falou:

– Joca, vai lá na gravadora! O LP saiu, pega lá a nossa parte...

Quando o cara mostrou: *Trio Sabiá*... Tomei até um susto. Falei:

– Ué, não era os Filhos da Bahia?

Aí, o cara falou:

– Você não gostou do nome Trio Sabiá?

– Ah, tem tudo a ver... Sabiá é uma coisa bonita...

Ele falou:

– Nós mudamos porque Filhos da Bahia nós achamos que ficaria meio regional.

E ficou por isso mesmo. Naquela época, como era uma gravadora que tinha aquele status, a gente não questionava muito. Não podia questionar, já estava com o nosso LP na mão. Eu falei: “Venha pra cá”. E ficou até hoje.

Quando foi em 1989, surgiu uma onda de cantores querendo fazer carreira solo. O Pilão não demorou muito para entrar nessa onda, resolveu fazer a sua carreira solo. Aí, voltei pra São Paulo, né? Porque a minha base estava aqui. Chegando aqui procurei o Zito, o zabumbeiro, que entrou no Sábria e tá até hoje. Teve o menino Tião, que cantou com a gente durante três anos e depois ele saiu. Hoje é evangélico e parou com o forró.

Em 1993 o Trio Sabiá mudou novamente a sua formação. Entrou o Aluísio Cruz. Ele ficou 21 anos, gravamos vários LPs, DVDs e CDs, mas ele também cismou de fazer a tal da carreira solo. Já faz uns seis anos que está o Lucas, e a gente tá aí na batalha com o Trio Sabiá até hoje. Fazemos apresentações pelo Brasil

todo, e também já fomos uma vez para Londres. Embora hoje esteja com uma menor frequência de shows.

Fui casado duas vezes. A primeira esposa foi a Emília. Tive um filho com ela que se chama Jefferson Manoel Almeida, o chamamos carinhosamente de Jeffinho Almeida. Toca sanfona também. Depois me separei e conheci a Luzinete que a gente, chama de Nete. Conheci ela no forró. Temos um filho que se chama João Felipe, mas a gente o chama de Joquinha Almeida. É o Joquinha! Eu e Nete estamos há mais de 20 anos juntos. Tem uma música minha que eu fiz pensando na nela, foi feita na época que a conheci...

Trio Sabiá foi o primeiro a gravar *Amor sem preconceito*. Depois Flávio José também a gravou. É muito amor e música na minha família.

O Joquinha é um camarada que já nasceu músico, ele só demorou um pouco para tocar a sanfona porque não tinha tamanho nem idade, mas ele já era um músico. Com três anos de idade, ele já tinha umas ideias de compor, fazia as musiquinhas dele na sanfoninha, essas coisas todas... Antes dele começar a andar, já ouvia e gostava do Trio Sabiá, é claro. Ele foi criado no meio da música. A mãe dele vivia no forró comigo.

Na semana que Joquinha estava pra nascer, minha esposa estava no forró. Ele nasceu nesse ambiente e com o dom da música. Quando ele tinha três pra quatro anos eu dei uma sanfoninha pra ele já ir desenvolvendo esse talento artístico. Um pouco mais tarde matriculei ele no Conservatório Oreste Sinatra, onde ele conheceu o grande professor Clécio Cavalcante. Joquinha fez o curso completo, estudou acho que sete anos. Enfim, tá aí tocando muito bem, graças a Deus! Desenvolvendo cada dia mais.

Joquinha tocou por um tempo na banda Circuladô de Fulô, e saiu recentemente. Deu um tempo, está viajando, fazendo um *tour* pelos EUA. Vai ficar uns 40 dias por lá pra pegar conhecimento e depois vai voltar para terminar o seu CD autoral e cair no mundo de novo, né?

O Jefinho, meu outro filho, também é músico e sanfoneiro, toca pela cidade toda. É integrante da Caruá. Antes dele quem

tocava sanfona na Caruá era o Rafa Virgulino, que é o filho do Enok, junto com os meninos de Bauru. Passou-se um tempo, o Rafa saiu, foi tocar com o Enok, que está com sua carreira solo. Aí o Jefinho entrou na Caruá e está tocando até hoje. Mas isso não o impede de ele tocar em outras bandas, pois ele toca com outros músicos também, toca de tudo, principalmente música sertaneja e forró.

Aqui é assim, todos vivendo de música. Viver de música não é fácil, é difícil, por isso todos aqui estão na batalha. Só é fácil quando você faz um sucesso que é gravado e estoura na boca do povo. Pelo contrário, rapaz, temos que batalhar muito!

Mas confio muito em Deus e assim a gente vai seguindo, sei que ele é um ser vivo que está entre nós, inclusive nesse momento, você chegou aqui através dele. E aqui estou para te receber porque ele permitiu. Tenho fé em Deus, mas não tenho uma religião específica, entendeu? Vou nas igrejas dos crentes, vejo os cultos, mas vou na católica também. Não vou muito porque sou meio relaxado, mas acredito mesmo é em Deus.

Essas bandas que meus filhos fazem parte, movimentaram muito o forró na cidade. Elas faziam parte do movimento do forró universitário. O trio que estava mais envolvido com esse movimento universitário era o Trio Virgulino. Eles foram os pioneiros, faziam esses forrós dos universitários dentro de uma casa de forró chamada Projeto Equilíbrio.

Fiz muitas festas para faculdades, mas não como o Trio Virgulino. No meu caso, eles vinham, me contratavam para eu ir fazer o som pra eles, eu juntava uma galera e ia... Não era necessariamente com o Trio Sabiá. Fizemos pouco. Nessa época quem se destacava mesmo era o Enok com o Trio Virgulino, ele estava muito articulado com esses jovens.

Eu e Enok já fizemos muitos shows juntos. O Enok é uma pessoa muito legal é um camarada fantástico, tem um coração enorme e é um bom amigo! Já gravamos músicas dele. Tivemos essa troca de gravar músicas dele e ele gravar músicas nossas. Do forró universitário apareceu muita gente boa. Tem a Janaína Pereira, que era a vocalista da banda Bicho de Pé, uma figura

maravilhosa, assim como a Aurélia Milagres, que cantava na banda Forrueiros. Elas cantam e encantam muito, divulgaram muito o nosso forró, e isso que é importante.

É nesse sentido que vejo o forró universitário como um movimento positivo. Naquela época o forró eletrônico predominava com a banda Mastruz com Leite. Existia o pé-de-serra e o eletrônico, entre eles surgiu o forró universitário. Acho que foi um movimento muito importante para fortalecer o lado do forró pé-de-serra, visto que o forró eletrônico, por mais que seja forró, não joga do lado do pé-de-serra. As bandas que surgiram no forró eletrônico estavam crescendo. De repente, as bandas que estavam surgindo de forró universitário começaram a divulgar esse lado do forró pé-de-serra, o nosso forró raiz. E elas começaram a fazer muito sucesso. São exemplos dessas bandas: Falamansa, Bicho de Pé, Rastapé, Circuladô de Fulô, Miltinho Edilberto... Todos os integrantes dessas bandas iam no forró pra ver a gente tocar e aprenderam ali com a nossa galera, né? Os mais velhos: o Sabiá, Virgulino, Xamego, Juazeiro...

A rapaziada jovem sacou o movimento e começou a montar as bandas – e deu certo. Foi bom! Estimulou bastante o forró, impacto que observamos até hoje. Tivemos contato com algumas dessas bandas. Na época a gente fazia muitos shows juntos, tinha aquelas *raves* de forró...

Temos amizades com todos eles até hoje, inclusive, o Tato do Falamansa, a Janaína, o Miltinho Edilberto, que foram as pessoas que se destacaram nessa época. Foi até engraçado, rapaz... A gente tocava numa casa aqui em Santo Amaro que se chamava Redondinhos Bar. Um dia tinha um menino chamado Renato, que era amigo da gente, falou:

- Pessoal, dia 5 tem um show pra vocês numa festa...
- Aonde que é?
- É lá no vale do Anhangabaú.
- Beleza!

Achei que era uma casa qualquer. Aí, nós fomos. Chegando lá, menino... Era um prédio. Tinha que subir um elevador. Eu falei:

- O forró aqui? Vai ficar estranho, né?

O Renato havia nos informado que ao chegar no local, deveríamos procurar pelo Seu Paulo, que seria o cara que iria representar a gente. Fomos... Chegando lá na portaria:

– Olha, nós somos do Trio Sabiá, a gente quer falar com o Seu Paulo.

O porteiro falou:

– Seu Paulo? Não conheço. Aqui não tem nenhum Seu Paulo. Pensei comigo: “Iii caramba, ferrou, então!...”

Aí, vai pra lá, vem pra cá... Seu Paulo... Seu Paulo... De repente uma pessoa falou:

– Ah... não! Não é Seu Paulo não. É o Paulinho?

Eu falei:

– Eu não sei, o cara mandou procurar o Seu Paulo.

– Ah, é o Paulinho! Paulinho! Sobe aí...

Quando subimos lá era o Pulinho Rosa, produtor da casa do Canto da Ema, todo jovenzão:

– Ô, Joca, você é do Trio Sabiá... Entra aí.

Já me apresentou o Magno, que na época era o sócio dele. Ambos bem jovens. Aí, eu falei:

– Mas é aqui mesmo?

Ele respondeu:

– Sim, somos nós! Eu sou o Paulinho – o Paulo.

Foi aí que conheci esse lado do forró universitário ligado a essa juventude que estava surgindo na época, para além das faculdades que a gente fazia os forrozinhos. Isso foi em 1991, foi o primeiro forró universitário que a gente tocou. Era uma festa de aniversário deles, porque os dois produtores, Paulinho e Magno, faziam aniversário em datas bem próximas, e decidiram fazer uma festa juntos. Eles já faziam eventos com o Trio Virgulino, mas não sei por qual motivo o trio não pôde comparecer. E por isso procuraram a gente. Aliás, se eu não me engano, parece que era um outro trio que iria fazer, o Trio Mandacaru, algo assim... Sei que não deu certo. Eles também declinaram, e aí caiu na nossa mão e deu certo.

De lá pra cá mudaram várias coisas. Por exemplo, depois do surgimento do forró universitário aqui em São Paulo, ele foi

pra Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro... Esse desenvolvimento do forró está no mundo inteiro, está na Europa e em vários países. Acho que todos eles têm o nosso forró, o pé-de-serra. Foi com a ajuda dos universitários que o forró se espalhou no Brasil e no mundo. O forró cresceu muito, foi muito importante esse movimento do forró!

Depois desse forró universitário a gente percebeu que as coisas mudaram. Teve um impacto positivo, porque o pessoal que achava que o forró era coisa somente de nordestino, no sentido negativo, ideia que era muito difundida na época, foi abrindo a mente. Hoje em dia vemos um outro cenário, até a classe média alta curte forró. Já é possível escutar no rádio uma música de forró. Antigamente tocava só nos programas específicos. É possível também ver um boyzinho ou uma patricinha escutando um forró, né? Antigamente não tinha essas coisas, o forró era muito discriminado, mas, hoje isso mudou muito.

O forró tem uns altos e baixos, como todos os ritmos têm, as vezes está em alta, e as vezes não está muito em alta, está médio, mas tá bom. O forró é um ritmo centenário, entendeu? Sendo assim, não é qualquer coisa, é igual ao samba de raiz, a música sertaneja, são gêneros que nunca caem. Assim caminha o forró.

Os jovens universitários também inseriram a mulher no forró. Como sempre, é muito bom as mulheres interagirem no forró. Assim a gente tem a certeza de que o forró vai ficar por muito tempo, e que ainda vão vir muitas outras mulheres para os bailes.

Existem diversos grupos de mulheres e homens que falam e discutem sobre as questões colocadas no ambiente do forró: o Forró das Bonitas, Forró dos Amigos, Forró dos Ratos, Nordestinos e Paulistanos. São coletivos que estão em paralelo para ajudar a levantar a nossa causa – que é defender o forró.

Participo de um coletivo que é o SP Forró, que é organizado pelo Zé da Lua. É um coletivo independente, a gente não é vinculado a nada, nem a casas de forró, empresas, a nada. No nosso coletivo tem várias mulheres que participam: a Juliana Lima, a Neide Garapê, Vanu Rodrigues, Marlene Andrade, Bianca

Vijunas. Elas são cantoras de forró. São mais jovens e estão no mesmo grupo defendendo a nossa cultura, as nossas raízes.

O SP Forró é um coletivo que defende a classe forrozeira, então a gente faz vários eventos que põem pra cima o forró. Já fizemos vários projetos. Fizemos uma homenagem a Jackson do Pandeiro, a próxima homenagem será a Pedro Sertanejo, que completaria 93 anos no dia 26 de abril. Falando nisso, minha família sempre faz uma festa em Canudos em homenagem a ele. Quem organiza é Jura e Laiane. Essa festa acontece no primeiro sábado do mês de julho, no meio do mato, lá onde Pedro nasceu. Em 2016 nós fizemos essa homenagem a Pedro que reuniu artistas do Ceará, Pernambuco, Bahia e São Paulo. Participaram da festa: Oswaldinho, Caruá, Trio Sabiá, Joquinha Gonzaga, Jota Sobrinho, Renã Mendes, Paulo Menezes, Cícero Paulo, sanfoneiro do Ceará, Antônio Rocha, Aluísio Cruz, Catarino, Forró Arrumadinho, o sanfoneiro Mirim Fábio, Cesário do Acordeom, e Manoel da Concertina, que a esposa de Pedro o batizou de brincadeira como sendo “Pedro Preto”, porque além de lembrar, ele toca igualzinho a Pedro. Espero não ter esquecido nenhum nome...

Fomos todos para Canudos fazer essa homenagem a Pedro. Rapaz! Foi um evento muito bacana! O Nome do evento é: Arraial Aureliano Valério de Almeida, é uma festa no sítio, se você procurar nas redes sociais você vai encontrar.

A gente sempre faz esses movimentos. Agora vamos fazer aqui em São Paulo essa homenagem a Pedro. Neste carnaval, o Centro de Tradições Nordestinas está com a gente. Vai bancar o nosso trio elétrico pra gente sair nas ruas. Vai ser um evento muito bacana. Fazemos os eventos nas ruas. Aonde tem um movimento a gente vai lá e faz a ação. São ações de graça, a gente tem feito bastante coisas.

Esses dias tiveram muitas enchentes em São Paulo, nós juntamos uma turma e pintamos a residência de uma família que teve a sua casa destruída por causa da enchente. Essa ação foi no Jardim Helena. Foi transmitido no programa É de Casa, da Rede Globo, que se tornou um parceiro nosso, junto com o produtor Manoel Soares, cobriu a nossa ação. Essas atitudes as vezes não

parece muita coisa, mas são muito transformadoras. E é nesse meio cultural que a gente envolve nossos trabalhos com a música. O Trio Sabiá está em todas as ações.

Eu fico muito encantado em relembrar e contar essa história do passado e do presente do forró. Os dois períodos foram bons. O que muda mesmo é a diferença de público nos bailes. O forró de Pedro Sertanejo era um público mais maduro, e o forró universitário tem um público mais jovem. Mas o estilo e o ritmo são os mesmos.

Outra coisa que mudou foram as danças. O universitário tem o seu modo de dançar, eles escolheram um ritmo que eles dão muitas voltinhas... Joga pra lá, joga pra cá... Naquela época não tinha isso não. Você pegava a sua dama ali no salão, terminava a música e você estava sempre firme, sem a abertura para as giradas. Hoje não, eles inventaram tanta coisa.

Uma coisa interessante é que nos forrós de antigamente, eles contratavam artistas renomados da época, aqueles que estavam se destacando. No forró de Pedro, por exemplo, no dia da inauguração, ele trouxe o saudoso Paulo Sérgio, cantor que abriu o evento da casa. Ele era um sucesso na época.

Era lotação máxima no forró. E sempre teve essas coisas de trazer no meio do forró artistas que estavam em evidência na época e que não necessariamente cantavam forró. Dentre esses nomes, tinha o Amado Batista, a Gretchen, Waldyck Soriano...

No forró do Pedro, tinha uma dinâmica muito específica, não tinha esses intervalos de música, sabe? A casa abria às 21h, e às 22h em ponto começa o show ao vivo. Quando começava as apresentações, era um entrando e outro saindo. Entra um e sai outro. Até às 3h45 da madrugada. E não tinha intervalo com música mecânica ou DJ, era direto e com música ao vivo. Era tudo ao vivo! Não se tocava disco, só música sendo executada ao vivo. Quando dava 3h45 encerrava o baile.

Nessa época tinham muitos artistas, muita gente bacana: Marinês, Abdias, Ary Lobo, Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga, Zé Gonzaga, Trio Nordestino, Os 3 do Nordeste, Jacinto Silva, Assisão, Genival Lacerda... Todo mundo passava por ali para fazer

shows. E também tinham os artistas contratados que faziam a noite. Geralmente eram músicos que tocavam sanfona de oito baixos como Edmilson e seu Acordeom, Raimundinho dos Oito Baixos, Nilo Cearense e Pé Duro dos Oito Baixos.

Tinha um apresentador no palco que se chamava Rosalvo Alves. Também lembro do Alexandre Alves, que embora tenha o mesmo sobrenome que Rosalvo não eram da mesma família. Alexandre era um camarada do Rio, ele vinha final de semana para São Paulo. Apresentou por muito tempo o Forró de Pedro.

Já no palco, geralmente era um sanfoneiro, um zabumbeiro e um triangulista, que era a base, né? Ou seja, os músicos fixos que ficavam ali. Aí, quem chegasse ia tocando com eles. Quem tinha banda e vinha com os integrantes, subia e tocava. Quem não tinha, ia com os músicos que estavam na base.

A galera que tocava sempre recebia um cachezinho. O Forró do Pedro foi uma das primeiras casas que o Enok se apresentou. Inclusive, o Enok conta que quando ele foi lá para conhecer e se apresentar, Pedro disse assim:

– Ahh! Bota o ceguinho pra tocar aí!

Quando Enok pegou a sanfona e tocou, Pedro gostou demais!

Vivi vários momentos bons no meio do forró. Toda e qualquer experiência é válida. Agora uma que me marcou foi passar o dia inteiro com Luiz Gonzaga, lado a lado, ele me contando um pouco de suas histórias. Ele estava ensaiando para gravar um disco. Ficou o dia inteiro no escritório com Oswaldinho mostrando as músicas, enquanto Pedro afinava a sua sanfona... Me deu um livro autografado e eu dei um disco pra ele. Essa foi uma verdadeira troca de experiência.

Conheci muitos músicos, tive contato com toda essa turma do forró. A gente sempre se ajudava. As vezes quando ia gravar um LP ou um programa: “Ah, vamos gravar ali... Vamos fazer um *backing vocal*... Vamos tocar um instrumento aqui...” Sempre tinha essas coisas de troca. Quando você precisava sempre tinha esse grupo de amigos que se ajudavam entre nós forrozeiros.

O sonho que tenho é de ver o forró sempre em alta. Isso que a gente defende está sempre em alta. Não precisa muito, mas se

ele não sair de nós, já tá bom. Meu sonho é esse! De ver a nossa música e a nossa cultura não serem deterioradas. E que a gente possa viver de música, né?

Observando a atual situação que a gente vive no país, penso que antes vir para São Paulo era melhor. Porque quando você chegava do Nordeste, descia do ônibus, do caminhão ou do pau de arara, seja de onde for, já tinha um monte de gente te esperando para dar um emprego a você, entendeu? Era assim! Quando chegava um caminhão de gente, já tinha aquele pessoal: "Olha, chegou... Chegou! Vamos lá, vamos procurar alguém pra trabalhar aqui..."

Em São Paulo tinha muito emprego na construção civil, nas fábricas e nas metalúrgicas. Hoje em dia está diferente. O camarada vem, mas não tem o emprego. Tem uns que se decepcionam, às vezes voltam... Outros não voltam, ficam, mas ficam nas ruas. Mas a diferença está aí: antes tinha o emprego, hoje não tem. São poucos que vêm e conseguem emprego. As vezes eles se defendem nos serviços que conseguem, tipo camelôs. Tem muitos nordestinos vivendo disso nas ruas, vendendo água, churrasco, café da manhã... Mas mesmo assim continua diferente porque antes tinha o emprego de carteira assinada, sabe? Era difícil ter um nordestino desempregado porque tinham as fábricas, tinha esse acolhimento no âmbito do trabalho. É isso que precisamos – oportunidades!

O forró pé-de-serra em São Paulo

TIZIU DO ARARIPE



Entrei em contato com Tiziu do Araripe em abril de 2021. Apresentei o motivo do contato, expliquei que Tio Joca havia me recomendado falar com ele, detalhei os procedimentos da pesquisa e perguntei se ele aceitaria participar. Tiziu concordou.

Devido à pandemia de Covid-19, a entrevista com Tiziu foi realizada de forma remota, por meio do Google Meet. Durante a pandemia, Tiziu saía de casa apenas quando necessário. Nessas circunstâncias, as comunicações remotas se tornaram um alívio bem-vindo, oferecendo momentos de distração. Tiziu, empolgado, aproveitava essas interações para compartilhar sua história de vida com detalhes.

Nascido em Iguatu, no Ceará, foi socializado no berço do forró, pois a cidade era famosa entre os músicos de forró no Brasil, especialmente por causa da Rádio Iguatu, que desempenhava um papel importante na divulgação do gênero. Além disso, Iguatu também é a terra natal de Humberto Teixeira, parceiro de composição de Luiz Gonzaga, o que reforça ainda mais a importância cultural da cidade.

Foi nas festas de família, quando tinha apenas dez anos, que Tiziu deu seus primeiros passos na música, experimentando instrumentos como agogô, reco-reco e pandeiro. A influência do seu pai foi crucial nesse processo, não só incentivando-o, mas também conectando-o com o Trio Nordestino, um dos mais renomados e longevos trios de forró do Brasil, que na época era formado por Coroné, Lindú e Cobrinha. Graças à amizade entre seu pai e Lindú, Tiziu se aproximou do trio e aprendeu a tocar zabumba com Coroné.

Ainda menor de idade, Tiziu conseguiu, a partir de Iguatu, sua cidade natal, estabelecer contatos com diversas pessoas, criando uma ampla rede de amigos no meio do forró. Uma figura que teve grande impacto em seu desenvolvimento artístico foi Luiz Gonzaga, um dos principais precursores do forró. Com o alvará concedido por um juiz, Tiziu acompanhou Luiz Gonzaga em duas grandes turnês

pelo Nordeste: *Fumo do Bom* e *Xanduzinha*. Aproveitando o alvará, Tiziu rapidamente começou a se apresentar em diferentes lugares, e logo se uniu a outros trios para realizar shows em outros estados.

A decisão de se mudar para São Paulo foi repentina, mas facilitada pelas redes de amigos que ele já havia estabelecido no Nordeste. Em sua narrativa, fica claro o fluxo contínuo do circuito de forró entre o eixo Sudeste-Nordeste na década de 1970. Foi justamente esse movimento que permitiu a Tiziu, ao chegar em São Paulo, já encontrar uma extensa rede de amigos e conexões no cenário musical. Ao chegar à capital, ele foi direto para a Rua Catumbi, onde Pedro Sertanejo, atuando como um anfitrião para os nordestinos recém-chegados à cidade, promovia o forró. Acolhido por Pedro, Tiziu começou a trabalhar em seu forró, o que abriu portas para sua participação no Trio Maringá e, mais tarde, no Trio Nortista.

A experiência de Tiziu com a circulação dos trios nos quais participou, revelou que, em São Paulo, o movimento do forró estava mais vigoroso, oferecendo mais oportunidades de trabalho do que as turnês interestaduais. Essa percepção levou-o a deixar o Trio Nortista em 1984 e iniciar uma carreira solo. No entanto, socializado no ambiente dos trios, ele logo concluiu que sua verdadeira paixão estava nesse formato. Decidiu então formar o Trio Natal, com o qual realizou algumas apresentações no Nordeste. Seu retorno ao Sudeste marcou sua entrada no cenário do forró universitário.

Foi Paulinho quem sugeriu a Tiziu que trocasse o nome do Trio Natal para Trio Araripe, argumentando que Natal remetia a uma data familiar, religiosa e de fim de ano. Em contrapartida, Araripe fazia referência à região do Cariri, trazendo uma representatividade maior do lugar de onde Tiziu vinha. Ele aceitou a sugestão e adotou o novo nome para o trio.

As apresentações intermediadas pelos produtores Paulinho e Magno tiveram um impacto significativo na vida de Tiziu, destacando não apenas a importância desses

dois produtores, mas também a relevância do movimento do forró universitário para sua trajetória. É importante mencionar que Paulinho e Magno desempenhavam um papel importante na cena do forró, circulando por várias casas de shows na época, o que amplificou a visibilidade e as oportunidades de Tiziu no cenário musical.

Após nove anos de apresentações com o Trio Araripe, Tiziu enfrentou uma crise renal que o levou a se submeter a procedimentos médicos e se afastar temporariamente dos palcos. No entanto, sua recuperação marcou o início de uma nova fase em sua carreira. Com uma nova perspectiva e energia renovada, Tiziu decidiu seguir carreira solo, trazendo sua experiência e paixão pela música para novos horizontes.

*A música foi o melhor caminho
que achei pra mim
Tiziu do Araripe*

Meu pai era baiano e a minha mãe pernambucana. Na época do desenvolvimento das ferrovias, meu pai se mudou para o Ceará para fazer uma linha de trem de Fortaleza a Recife. Ele era carpinteiro. Fomos embora para o Ceará. E foi lá que eu e meus irmãos nascemos. A linha se chamava Trem Asa Branca. Foi feita em homenagem a Gonzaga.

Meu pai era músico. Minha mãe não. Todos os meus irmãos são músicos. Quando vieram para o Sudeste, pra São Paulo, viraram metalúrgicos. Mas todo mundo era músico. Meu pai tocava pandeiro, zabumba e cantava muito! Ele foi muito amigo de Lindú do Trio Nordestino. Os dois foram criados juntos na infância. A amizade deles era muito grande. Lindú tocava sanfona e ele ficava com o pandeiro pra cima e pra baixo acompanhando Lindú.

Meu nome é José Ferreira de Souza. “Tiziu” veio do meu irmão. Quando eu era moleque, fui caçar passarinhos e gastei um monte de bala num tiziu, e ele só pulava entre a cerca no quintal. E eu TUF.. TUF.. Aí acabei ficando com raiva porque não consegui matar o Tiziu. Voltei pra casa chorando... Meu irmão mais velho que era gozador pra caramba me perguntou:

- Chorando por quê, rapaz!?
- Porque eu gastei um monte de balas no tiziu e não matei ele. Meu irmão que sempre foi um palhaço falou rachando o bico...
- Você quer matar você mesmo a tiro?

Aí, ficou esse nome de Tiziu...

Quando cheguei aqui em São Paulo, eu não usava o nome de Tiziu. Numa ocasião chegou um primo meu me procurando lá na loja de relógios onde trabalhei:

- O nego Tiziu tá aí?
- Não tem Tiziu aqui...
- Tem sim. Olha aqui o endereço.

O Sampaio, carioca que trabalhava na loja, bicho gozador que só, gritou:

– Tiziuuuuuuu!

E eu:

– Oiii!

– Ah, tem um Tiziu aqui dentro sim.

Começou a gozação de novo... Aí ficou o Tiziu.

Sou conterrâneo de Humberto Teixeira. Nasci na cidade de Iguatu, no Ceará. A minha infância foi muito boa ali. Foi lá que iniciei na música. Meu irmão mais velho já era músico. O bicho era namorador... Me lavava para bater pandeiro no lugar dele nos forrós que ele fazia. Por isso que entrei cedo na música. Com 10 anos de idade eu já tocava. Quando eu pegava no pandeiro ele ia namorar. Quando lembro disso eu me racho... O bicho era folgado...

Antes de começar a tocar forró, eu tocava bateria numa banda de rock and roll. O nome da banda era Os loucos de Iguatu. Mas depois, tive o privilégio de conhecer o Trio Nordestino através do Lindú, que era muito amigo do meu pai. O som deles me cativava muito. Foi aí que comecei a conhecer o lado do forró pé-de-serra.

Quando o Trio Nordestino ia se apresentar em Iguatu, eu ia visitá-los nos hotéis que eles ficavam hospedados. O Coroné me ensinava várias levadas de zabumba. Aprendi a tocar zabumba com ele. E como eu tocava bateria foi fácil, né?

Lá em casa era batuque, era forró todo dia. Todo final de semana. Os amigos do meu irmão e do meu pai se juntavam lá e começavam a fazer o forrozão. E eu no meio deles. Tocava agogô, balançava um reco-reco, um pandeirinho... Quer dizer, no

pandeiro eu fazia um barulho, né? Quem tocava pandeiro de verdade era Jackson.

Mas também jogava bola, soltava pipa, pião, brincava de esconde-esconde... Minha infância no Nordeste foi boa demais. Também trabalhei muito. Trabalhava na roça: carpia mato. Se é doido!...

O meu gosto pela música se aprofundou quando fui para o Exército. Fui servir o Tiro de Guerra. Lá tinha um maestro que era tenente. Era ele que organizava a banda do Exército. Ele que me incentivou a estudar música. Foi quando comecei a estudar um pouco. Agora o canto, nunca estudei não, foi um dom de Deus.

Quando fiz 20 anos pedi baixa do Exército. Comecei a trabalhar numa firma que se chamava COELCE, era como se fosse a Eletropaulo daqui de São Paulo. Trabalhei lá durante dois anos e seis meses. Nessa época um amigo meu me convidou pra eu ir para o Rio de Janeiro. E eu gostei da ideia.

Eu tinha muita curiosidade de conhecer o Rio porque lá era o centro do mundo artístico. Todo mundo gravava no Rio, né? Falei: "Vou conhecer esse Rio de Janeiro. Todos os discos vendem lá. Quero conhecer essa cidade". Fui para o Rio de Janeiro...

Quando cheguei no Rio, fiquei na casa do meu tio... Vixi... Era uma ditadura da porra! Você não podia sair muito tarde, tinham várias regras: horário pra sair, horário pra voltar... Eu falei: "Não! Se é doido! Sou músico da noitada e vou ficar num lugar desses?" Por isso pedi para ir embora de volta para o Ceará.

Meu tio me deixou na rodoviária, e eu já estava com a passagem na mão. De repente um colega me ligou:

– Rapaz, vem aqui pra São Paulo! Você tá praticamente do lado. Pega o ônibus e vem pra cá...

Rasguei a passagem e fui pra São Paulo. Quando cheguei em São Paulo, eu gostei! "Vou ficar por aqui".

Aqui arranjei emprego na Relojoaria Suíça. A loja ficava na avenida Rangel Pestana, ali no Brás. Fiquei durante quatro anos trabalhando e morando na loja. Fazia faxina, fazia um bocado de coisa. Na época eu fiz um curso para consertar relógio pela Urubatã. A relojoaria Suíça comprava muitos relógios de Manaus.

Muitos deles vinham com problemas e tinha que arrumar para funcionar.

Conheci Dominginhos e a Anastácia na porta da relojoaria. O Arlindo Beto, que é irmão de Zé Betto, estava lá nesse dia. Ele pediu para Dominginhos tocar um pouquinho. Aí, Dominginhos falou:

– Não rapaz. Não vai dar para tocar não porque sem zabumba é ruim.

Aí, ele disse:

– Chegou um neguinho do Ceará aí que diz que é bom de zabumba.

Aí não teve jeito... Dominginhos teve que tocar.

Depois que tocamos um pouquinho, percebi que Dominginhos gostou. Ele falou pra mim o seguinte:

– Rapaz, você não quer fazer uns *freelance* com a gente?

– Mas que diabos é *freelance*?

Eu não sabia o que era, né? Aí, ele me explicou:

– *Freelance* é o seguinte: a gente toca numa casa e ganha um cachê “x”. Na próxima apresentação o cachê vai cair um pouco. Mas como você é um cara que tá vindo do Ceará e tá precisando de uma grana, a gente paga o mesmo valor do primeiro.

Depois disso fiquei um tempão fazendo apresentações com Dominginhos e Anastácia no Nordeste.

Quando eu morava no Nordeste pensava no Sudeste como um lugar onde realizaria o meu sonho de gravar um disco. Mas muito antes de vir, eu já tinha rodado por muitos lugares. Gonzaga uma vez chegou na minha cidade atrás de um zabumbeiro. E ele foi tocar na rádio Iracema de Iguatú.

A audiência dessa rádio era muito grande. Ela disputava audiência com a rádio Sociedade de Salvador e a rádio Globo de São Paulo. Essas três rádios eram importantes para ecoar as músicas no Brasil. E a Iracema era tão forte quanto essas outras. Por isso que todos os artistas iam pra Iguatú, porque sabiam que a rádio de lá era potente.

O locutor chamado Vasconcelos fazia o programa Sanfona Sanfoneiro. Gonzaga perguntou se ele conhecia algum zabumbeiro na cidade. E ele respondeu:

– Olha, tem um zabumbeiro bom aqui. Toca aqui na rádio todo domingo no Forró Fofoca. Ele acompanha todo mundo. Só que vai ter um problema pro senhor porque ele é de menor.

Aí, Gonzaga:

– Não tem problema não. De menor comigo não tem problema. Vou no juiz e peço a autorização.

– Ah, então vou te dar o endereço dele.

Vasconcelos deu o meu endereço e Gonzaga passou lá em casa. Na época Gonzaga tocava junto com o Salário Mínimo, que era um anãozinho músico.

Chegando lá Gonzaga falou:

– Quem é o Tiziu aqui?

Eu falei:

– Sou eu.

– Você? É verdade que você toca zabumba?

– É. Eu tô aprendendo né...

– Toque um xote aí...

Toquei o xote...

– Toca o baião...

Toquei o baião...

– Toque o arrasta-pé...

Toquei o arrasta-pé...

Ele falou:

– Já dá pra tocar hein!

Aproveitei pra dizer mais:

– Também sei tocar mambo, merengue, salsa, tango, forró, samba...

– Sabe tudo isso daí?

– Sei!

– Quem lhe ensinou.

– Quem me ensinou foi Coroné.

– Que Coroné?

– Coroné do Trio Nordestino. Ele me ensinou todas as levadas de zabumba.

– É mesmo? Então toca aí...

Aí toquei um bocado de coisa pra ele ver. E ele ficou bem feliz!

– Então você vai viajar comigo. Eu tenho uma turnê pra fazer aqui no Ceará e na Paraíba, e você vai andar comigo.

Aí, meu pai mais minha mãe falaram:

– Só que ele é de menor.

– Não tem problema não. Vou no juizado resolver isso.

Gonzaga já chegou chegando no cartório...

– Quem é o juiz daqui de Iguatu? Preciso do Juiz que me dê um alvará pra um moleque de menor viajar comigo!

Meu pai tinha ido junto com a gente esse dia. Ele estava muito animado com aquilo tudo e falou pra Gonzaga:

– Seu Luiz, o senhor não precisa do pai do menino não, o senhor já é o pai do menino!

O juiz deu o alvará pra Gonzaga me levar na viagem e eu fiz todas as apresentações com ele. Era a turnê do *Fumo do Bom* e da *Xanduzinha*. Ele estava fazendo o comercial da bebida e do fumo.

Viajei com ele para o Ceará, Paraíba, Piauí, Maranhão... Quando chegamos em Pernambuco, fizemos algumas cidades... Daí ele foi pro Rio pra gravar, e foi a época que eu fui pra Cajazeira na Paraíba. Em Cajazeira fiquei morando na casa de Expedito Sobrinho, que era um violeiro e radialista. Ele fazia um programa chamado No Terreiro da Fazenda, na rádio Alto Piranha de Cajazeira. Eu conversava muito com ele:

– Pô, Expedito. Eu acho que vou dar um tempinho por aqui...

– Fica aqui em casa.

Fiquei lá. Morei uns dois anos em Cajazeira. Foi na época que o Trio Maringá passou por lá. Trio Maringá acompanhava Zé Matias, que mora no Rio de Janeiro até hoje. E o zabumbeiro do trio tinha saído. Cismou que a mulher estava doente e foi embora pra Maringá e largou o trio. Os caras tinham fechado várias apresentações numa campanha política. Aproveitei o alvará que Luiz Gonzaga me deu e fiquei fazendo as campanhas com os caras lá na região da Paraíba.

Foi nessa época que me alistei no exército. Meu irmão mais velho, aquele que era músico, era tenente do exército. Ele me cadastrou no exército. Automaticamente os caras foram me

buscar lá na Paraíba pra servir o exército. Servi durante um ano e pouco. Depois pedi uma licença especial. Foi a época que fui para o Rio de Janeiro, que não gostei, e vim para São Paulo.

Quando me firmei em São Paulo, fui dar baixa no exército. Fui até Fortaleza e pedi para dar baixa e voltei, e estou na música até hoje. Mas antes disso, eu já tinha uma vivência bem forte na música. Recebi vários convites de Luiz Gonzaga e Trio Nordestino para ir pro Rio de Janeiro.

Mas a minha experiência no Rio não foi muito boa por causa do meu tio. Como já falei, ele não me deixava fazer nada...

Tive muito contato com o pessoal do forró. Conheci a caravana chamada Pau de Sebo volume I. A gravadora CBS fretou um ônibus da Itapemirim para uso exclusivo dos músicos. Era Abdias, Jackson do Pandeiro, Marinês, o Trio Nordestino, Jacinto Silvas, Osvaldo de Oliveira, Ary Lobo, Trio Mossoró...

Abdias botava todo mundo no ônibus e fazia essa caravana. Ele ia de cidade em cidade fazendo apresentações e parcerias. Em cada cidade a prefeitura liberava uma área pra eles fazerem o show. Sempre tinha uma verba da prefeitura para acolher os músicos ou circos que chegavam na cidade. Os artistas envolvidos nesse meio, muitas vezes, não tinham condições de arrecadar dinheiro somente com as bilheterias. Tinha que ter esse suporte da prefeitura.

Por lei, a prefeitura era obrigada a dar assistência tanto para o circo como para o músico. Os caras do Rio sabiam desses esquemas de recurso público para a cultura. Eles eram envolvidos com gravadoras grandes. Quando eles chegavam na prefeitura, os caras já reservavam as praças e algum outro recurso pra eles fazerem os shows.

Quando cheguei aqui no Sudeste fui direto bater na rua Catumbi, que era o forró de Pedro Sertanejo. Falei pro Seu Pedro:

– Seu Pedro, tem como eu tocar zabumba, triangulo, padeiro, agogô, qualquer coisa aí com vocês?

– Você toca tudo isso?

– Toco. Toco bateria, toco agogô, pandeiro...

Aí, ele falou:

– Tá bom. Vou botar você pra acompanhar os músicos.

Ele tinha um estúdio da Cantagalo que ficava no fundo do palco do forró.

– Vou botar você ali no camarim e você vai tocar todos os instrumentos que você falou que toca. Vai ser o seu teste.

Ele falou pra eu tocar bateria, e eu toquei...

– Pô, você toca legal!

Toquei zabumba, toquei pandeiro, toquei triângulo, agogô, um bocado de coisa...

– Você não quer ser músico da casa, não?

– Não dá porque eu trabalho e durmo numa loja ali no centro de São Paulo.

– Poxa, que pena.

Mas aí eu falei o seguinte:

– Durante o dia eu posso vir aqui e gravar...

– Tá bom.

Foi quando comecei a gravar e a entrar em estúdio no forró de Pedro. Pedro tinha um selo que se chamava Cantagalo. E ele tinha o próprio estúdio. Através do Pedro que comecei a minha musicalidade aqui em São Paulo.

Nessas nossas conversas estavam presentes vários músicos. Um deles era Dominginhos. Foram eles que pediram para o meu patrão me liberar pra eu poder tocar com eles todos os finais de semana. Liberado, comecei a tocar todas às sextas, sábados e domingos com Dominginhos e Anastácia. Isso aconteceu no ano de 1974.

Comecei então a perceber umas diferenças entre o Sudeste e o Nordeste. No Sudeste você não trabalha se não quiser. Porque tem tantos lugares aí com música ao vivo pra você ganhar o seu dinheirinho. Quando cheguei aqui logo me identifiquei! Eu falei: “Esse é o lugar que eu quero!” Porque aqui tinha muitos forrós.

Trabalhando com Dominginhos e Anastácia, acabei entrando em outros lugares pra tocar forró. Eles que me enturmaram no Trio Nortista. Quem era o zabumbeiro do trio era o Chiquinho de Queiróz, que é o pai de Juscelino.

O Chiquinho também era apresentador e divulgava os shows de Zé Lagoa. A ideia foi do Chiquinho de me colocar no

trio. Entrei no Trio Nortista e fiquei durante dez anos. Era eu, Jonas de Andrade e o Zequinha. A gente foi fazer uns forrós em Marabá no Belém do Pará – na Serra Pelada. O Zequinha cismou de ir embora porque bateu uma saudade da família:

– Não vou ficar aqui não.

Aí, o Jonas falou:

– Não, eu fechei um monte de trabalho aqui. Vou fazer o que lá em São Paulo...

Aí Zequinha veio. Aí o Jonas perguntou pra mim:

– E agora, a gente vai fazer o quê?

– Vamos trazer o Gandula pra fazer um triângulo.

Foi na época que ele botou o filho dele, Francisco, conhecido como Gandula. A gente foi até Crato, no Ceará, pegamos o Gandula e voltamos pro Pará de novo. Quando a gente voltou pro Pará, ficamos um ano e meio tocando em campanha política... Quando fechamos a campanha voltamos para o Sudeste. O Zequinha já tinha montado o Trio Xamego com o Dió.

Depois foi Jonas que cismou de ir embora para o Ceará. Aí a gente foi... Ficamos acho que três anos no Ceará e de lá eu falei:

– Véio, eu não vou ficar aqui não.

Lá eu trabalhava menos. Aqui no Sudeste eu trabalhava todos os dias com Oswaldinho. Eu fazia parte da banda de gravação com Oswaldinho. Gravava todo dia. Todo dia eu tinha a minha grana. Eu falei:

– Não véio, eu vou voltar pra São Paulo!

Foi a época que sai do trio. Entrei em 1967 e sai em 1984. Aí gravei um disco só e fiz a minha carreira solo.

Só que a falta do trio era constante porque eu sempre fui de trio, né?... Antes de eu tocar no Trio Maringá no Ceará, nós tínhamos uma bandinha que se chamava Os Cabras da Peste. Chegava no São João, a gente desmanchava e eu montava um trio pra tocar nos bailes, que era o Trio Alvorada. Tanto que aqui em São Paulo também tinha o Trio Alvorada. Eu que autorizei os meninos a usarem esse nome porque era meu.

Tem até um disco que a gente gravou que é produção minha, que é do meu sobrinho – Canarinho, que cantava na Mastruz

com Leite. Ele era um dos componentes. Os componentes eram: Canarinho, Careca e Ademar. Eram três irmãos. Canarinho foi para o Mastruz com Leite e o Ademar foi para o Balaio de Gato, uma coisa assim. O Emanuel Gurgel montou um monte de bandas nessa época...

Então eu sentia falta de um trio. Foi a época que montei o Trio Natal e fui para o Nordeste. Fiquei dez anos no Nordeste trabalhando com o Trio Natal. Gravei dois discos e aí voltei pro Sudeste pra gravar outro disco. Quando cheguei aqui, tocando no Restaurante Andrade conheci o Magno e o Paulinho Rosa. E eles me convidaram pra fazer parte da produção deles porque eles tinham lançado o forró universitário de São Paulo. Eles sugeriram pra eu mudar o nome do trio, porque ele falava que Natal era coisa de final de ano. Aí eu falei:

– Não. Eu tenho esse trio há mais de dez anos. Dez anos pra fazer o nome e agora vou jogar assim de mão beijada...

– Não rapaz. Nós temos um esquema aqui...

Na época se chamava-se Orkut.

– A gente divulga você aqui no Orkut e em seis meses você já será conhecido.

– Que nome você queria que eu usasse?

– Já que você é conterrâneo de Gonzaga da região do Cariri, por que você não bota Trio Araripe? Você pode usar porque você é da região do Cariri.

Faz parte da Serra do Araripe e Iguatu faz parte dessa Serra. Foi Paulinho, dono do Canto da Ema, que me deu esse nome. Ele abriu o Canto da Ema e eu inaugurei junto com Dominginhos e Fuba de Taperoá. Fiquei tocando durante nove anos – todos os sábados no Canto.

Quando tive a minha crise renal fiquei internado por um tempo e acabei com o trio. Quando voltei, fiz carreira solo como Tiziu do Araripe. Foi essa a trajetória que fiz.

Em São Paulo, o único tipo de preconceito que sofri, era quando eu andava com a zabumba... Pois os caras sempre falavam:

– Rapaz, vai trabalhar que isso daí não dá camisa pra ninguém não.

Nasci na época da ditadura, nos anos 50, em 1957. De 64 até 1984... 1985, quem mandava no Brasil era o exército. Os caras falavam que “música não dava camisa pra ninguém”. Eu dizia:

– Mas eu vivo da música e até hoje não tenho o que reclamar...

Mas pra muita gente a música era desvalorizada. Principalmente pra esses caras que tinham condições financeiras melhores do que a gente. Quando a gente namorava uma filha deles eles falavam que músico, jogador de futebol e caminharinho, era tudo vagabundo.

Esse era o tipo de preconceito que senti: “Rapaz, isso não dá camisa pra ninguém...” Só falavam isso por causa do regime da ditadura. Mas a música foi o melhor caminho que achei pra mim. Porque o meu temperamento não era tão bonzinho que nem é hoje.

O Exército me programava pra ser matador. Pra pisar, pra humilhar. No Exército, civil é civil e MILITAR é MILITAR. Pra você ter uma ideia, no militarismo os caras eram muito violentos. Tanto que qualquer errozinho que você cometia no Exército eles mandavam você pagar 100 flexões. Eles judiavam pra caramba.

Por isso que não tive interesse em seguir a carreira militar. Achei melhor sair fora e viver a minha música, a minha liberdade civil! Eu faço da minha vida o que eu quero! E escolhi ser músico! Vivo da música até hoje. Estou com 63 anos, vou fazer 64. Todo lugar que passo todo mundo me elogia. Não arranjei inimizades com ninguém. Graças a Deus.

Talvez se eu continuasse no Exército, poderia ser um tenente, um coronel, alguma coisa assim... Mas eu não seria feliz. Sou feliz sendo músico. Tocando o meu forró pé-de-serra, tocando a minha zabumba e uma sanfoninha que também aprendi a tocar um pouquinho. Vivo a minha vida assim. E não me arrependo de sair do Exército não.

Em São Paulo conheci muitos bailes de forró. As casas de Zé Lagoa era uma referência para os forrozeiros. Ele tinha três casas, não eram pequenas não. O Patativa que era igual ao CTN; o Asa Branca de Pinheiros, que ficava em frente ao Remelexo, atualmente chama-se Léo Madeiras Construção. Aquela área

todinha era do Zé Lagoa. Ele vendeu. Não era alugado não. O prédio era dele. Era tudo do Zé Lagoa! E tinha o Viola de Ouro no Ipiranga, que era o único Salão de baile que trazia atrações como Roberto Carlos.

Zé Lagoa pra mim foi um dos melhores patrões que nós tivemos no forró pé-de-serra. Porque ele pagava a gente como músico. Naquela época, nos anos 70, os cachês dos músicos do Zé Lagoa já era 30 mil cruzeiros.

A casa tinha uma banda que tocava de tudo. Ela também acompanhava o artista que chegasse. Seja lá quem for: Jerry Adriani, Wanderley Cardoso, Wanderléia, esses caras da MPB... Tim Maia quando vinha não levava músico não, quem tocava com Tim Maia era os músicos da casa. E tinha um grupo de samba da casa que era pra acompanhar os pagodeiros que vinham. As vezes vinha o Martinho da Vila, Bezerra da Silva...

Zé Lagoa era um cara bem organizado. E ele tinha até um grupo de forró que ele produzia. Dominginhos era um dos músicos que fazia parte da casa. Só que Dominginhos, quando acompanhava cantor famosos como Ary Lobo, ele terminava e ia para o outro show acompanhar o cara. Ele ganhava uns quatro cachês numa noite só. E o Zé Lagoa o liberava. Dominginhos sempre foi um cara liberal. Ele nunca foi um músico fixo de uma casa. Ele tinha esse privilégio de viajar, sair pra fazer o negócio dele e tudo mais.

Zé Lagoa me contratou para ser o zabumbeiro da casa. Fiquei durante seis anos tocando em todas as casas dele. E aí toda a galera que eu comentei que conheci no Ceará, passei a revê-los novamente: Ary Lobo, Gordurinha, Oswaldo Oliveira, Jacinto Limeira, Jacinto Silva, Eline Julião, Edson Duarte... Todos esses músicos faziam parte da Caravana de Abdias. Todos eles passaram pelo Asa Branca.

Além de pagar bem, quem pagava a Ordem dos Músicos todo ano era a casa. Nunca paguei a Ordem dos Músicos. Eu fui para Ordem dos Músicos pra estudar música para ler cifras. Apreendi a ler cabeça de nota, mas não leio rápido que nem maestro. Mas se eu pegar a cabeça da nota eu consigo. Não cheguei a me formar

não. Estudei só o básico pra entender o que era para ser gravado nas gravações que eu participava. Então, Zé Lagoa nos ajudava muito! Pra mim ele foi um dos melhores patrões de forró que a gente teve na época dos anos 70 até os anos 90.

Agora, Seu Pedro foi o pioneiro. O primeiro que montou forró em São Paulo foi ele. Depois dele veio um monte gente. Veio Zé Betto, o forró do Trio Nordestino daqui de São Paulo no ABC... Tinham vários forrós... Mas os tops que todo mundo chegava pra procurar era o de Pedro Sertanejo e o Asa Branca. Eram os mais famosos. O Pedro foi o pai dos forrozeiros! Todo mundo que chegava aqui no Sudeste ia lá pra Catumbi. Não tinha outro lugar, era na Catumbi. Porque Pedro acolhia todo mundo.

Se você fosse músico e chegasse no forró de Pedro, ele dividiria o cachê com todos os músicos. Todo mundo levava um pouquinho de dinheiro pra casa. Ele tinha um coração bom. Ele nunca deixava ninguém parado. Se você fosse músico e chegasse lá:

– Seu Pedro, eu sou músico...

– É mesmo. Você é de onde, meu filho? Suba lá. Toque!...

Era assim.

– Quando chegar de manhazinha passe lá no caixa.

E lá estava seu cachezinho.

O Pedro foi o pioneiro no forró. E além de ser um puta de um cara inteligente, foi um bom homem. Gravou muita gente. Muita gente famosa: Carmem Silva, Waldick Soriano, Nelson Gonçalves... Todo mundo passou pela sua gravadora chamada Cantagalo. E até hoje o forró tem que agradecer eternamente a Pedro. Porque se não fosse ele não teria esse movimento do forró pé-de-serra que tem hoje aqui no Sudeste.

Os universitários fizeram uma remodelagem e levantaram o forró pé-de-serra de novo. Mas temos que lembrar que Pedro foi o primeiro que criou o forró aqui no Sudeste.

Você acredita que nunca tive o privilégio de dançar nesses bailes... Porque quando eu chegava nas casas, os caras já me botavam lá em cima pra tocar. Às vezes eu chegava com uma namorada pra curtir o forró, aí os caras:

– O Tiziu tá aí! Sobe aqui! Sobe aqui.

Eu falava:

– Rapaz, não vim trabalhar não.

– Não. Sobe! Sobe aí! Faltou o zabumbeiro. Sobe aí pra fazer o zabumba.

– Eu não trouxe a zabumba.

– Aqui na casa tem!

É divertido! Mas é isso, nunca descansei...

Mas sei dançar o dois pra lá e dois pra cá...

A única casa que consegui dançar um forró foi no KVA e no Canto da Ema. Porque na época tinha o intervalo entre uma atração e outra. Aí nesse momento eu descia pra dançar um forrozinho. E falando nessas casas, o forró universitário foi o melhor movimento que aconteceu para os forrozeiros. Os universitários criaram esse nome. Mas pra mim continua o mesmo forró dos anos 40. Lá atrás. Só mudou as pancadas, né? Os ritmos. Porque a gente vai sempre evoluindo, reciclando e tentando renovar.

Mas o forró universitário foi um recomeço para o forró pé-de-serra. Se Seu Luiz estivesse vivo, ele estaria muito feliz. Porque o forró universitário deu uma levantada legal no pé-de-serra.

Do forró universitário agradeço muito ao Tato do Falamansa. Porque se não fosse ele esse movimento não teria emplacado não. Teria sido uma coisa passageira. Hoje a gente tem que tirar o chapéu para o Falamansa. Porque foi o Falamansa que foi pra mídia divulgar o forró pé-de-serra e fez esse movimento todo do forró universitário.

Hoje eu tiro o chapéu pro Tato do Falamansa e todas as bandas que vieram aí: Rastapé, Bicho de Pé, Forroçacana, Raiz do Sana... Elas vieram com uma nova roupagem e deram mais um brilho no forró pé-de-serra. Eu sou muito feliz pelo forró universitário.

Paulinho e Magno foram os dois grandes produtores do universitário. Os considero como se fossem meus dois filhos. Eles me acolheram de uma forma muito legal, principalmente o Paulinho. Fiquei durante nove anos me apresentado no Canto da Ema. Ele não me tirou. Foi eu que pedi pra sair porque começou a aparecer muitos shows para o Trio Araripe em Brasília, Goiás, Tocantins,

Bahia, Minas, Espírito Santo... Eram fora do Estado de São Paulo. Meu cachê na época foi para 5 mil reais.

No Canto da Ema o forte era aos sábados e domingos. E eu tocava justamente no sábado. Se pintasse outro trabalho tinha que ser bate-e-volta porque eu teria que voltar para cantar no Canto. Por isso que pedi pra ele me liberar e botar outro no meu lugar.

O Trio Araripe ficou conhecido por causa dessas viagens. Era Goiás, Minas Gerais, Brasília, Espírito Santo, Florianópolis, Santa Catarina, Rio Grande do Sul... Ia para o Nordeste – todo ano ia para o São João no Nordeste. Mas aí o Nordeste já é a minha casa.

Na minha opinião a única coisa que mudou no forró pé-de-serra foram as bandas. As bandas vieram com uma roupagem diferente. Mas os trios e os cantadores de forró pé-de-serra continuam do mesmo jeito que eram.

Desses trios, de todos que conheci que estão até hoje juntos e vivos é o Trio Juazeiro e o Trio Mossoró. Eles estão vivos ainda. Mas o Trio Mossoró que era a Hermelinda, o Carlos André e o João Mossoró, se separaram. O resto já se foram todos.

Também trabalhei como produtor no forró. Em Sergipe tinha um grande radialista chamado Antônio Poderoso. Ele tinha um programa na rádio Globo chamado A Voz Amiga. Além disso, ele tinha um selo famoso que lançou muita gente que fez sucesso. Ele lançou até o pai do Mestrinho, o Erivaldo de Carira, que estourou com uma música através do selo FamaSom.

O Antônio me convidou para ser o produtor da gravadora que ele tinha. Me tornei produtor da FamaSom. Depois fiz produções independentes. Tem disco que eu fiz que foi lançado pela Copacabana, um selo chamado Bederli.

Fui músico e produtor da gravadora Pop Music, que era do Ademir Rodrigues. Tudo que era forró eu que produzia. A minha trajetória foi legal como produtor. Aprendi muita coisa. Eu andava muito com João Silva e Gonzaga. Via o João produzindo... Então foi moleza, entendeu?

Como compositor acho que todas as minhas músicas foram importantes. Todas são legais. Agora a que fez mais sucesso é

uma que eu não registrei no meu nome. Como sou espírita, achei melhor não botar o meu nome nela... Eu falei pro Jonas:

– Bota só seu nome aí porque eu não quero o meu nome em música de duplo sentido. Porque não vai ficar muito bem visto na religião que frequento... A música é minha e não do Jonas. Eu que dei pro Jonas botar o nome dele. Mas gravei muitas coisas...

Gravei *Rede do amor* para Os Três do Nordeste na época do Zinho, Parafuso e Zé Pacheco. Compus também *Burugundu da Nega*, que foi gravada pelo Trio Nordestino com Genaro, Cobrinha e Coroné:

*Eu convidei um sanfoneiro pra tocar
Pra tocar, toca pra mim toca pra tu
Toca permita, vem provar do meu cha-
mego, que eu me derreto todo nesse seu
burugundu
Burugundu Burugundu
Requebra moreninha que eu quero
dançar com tu
Burugundu... Burugundu...
Essa nega da moléstia veio de
Caruaru...*

Tenho bastante parceria. Compus muitas músicas. Na época das gravadoras grandes, a gente às vezes botava um parceiro porque o cara sempre botava uma graninha a mais pra gente, né? A *Rede do amor*, o cara que entrou na parceria prometeu fazer três mil pôsteres para Os Três do Nordeste. Aí o Zinho me ligou e falou:

– Negão, tem um amigo meu que tem uma gráfica. Ele gostou muito da sua música. Ele vai fazer 3 mil pôsteres pros Três do Nordeste. Como você me deu a parceria na música, será que posso botar o nome dele no meu lugar?

– Pode.

Aí entrou. É Jota e Silva, que faleceu o mês passado...

Não cantava músicas de duplo sentido por causa da minha religião. Fui espírita por dez anos quando morei em Feira de

Santana. Quando vim pra cá eu abandonei um pouco. Sou mais caseiro, não saio de casa... Mas o espiritismo me ajudou bastante.

Entre para a religião Espírita porque um dia quando estava gravando no Rio de Janeiro, subi num elevadorzinho com João Silva... De repente entrou um cara no elevador junto com a gente, botou a mão na minha cabeça e falou:

– Moço, o seu comportamento é muito forte...

Desse jeito! Te juro pela luz divina!

– A partir de hoje você só vai fazer o bem, não vai mais desejar mal a ninguém.

Na época eu era aqueles caras que “toma lá dá cá”, tá ligado? Você sai do Exército e fica muito prepotente. Não recebia desaforo de ninguém. Então esse cara botou a mão na minha cabeça...

Passou um tempo, fui morar em Feira de Santana. Fiquei durante dez anos. Lá entrei na religião. Certo dia eu tinha um show pra fazer. Era no dia 6 de abril de 1990. Um cara da nossa comunidade espírita falou:

– Cancela o show porque vai vir um membro famoso da nossa religião. E eu quero que todo mundo esteja aqui no dia que ele vier.

Acabei ficando pra ver o cara no Centro Espírita. Quando o vi, lembrei que foi o mesmo cara que botou a mão na minha cabeça no elevador no Rio de Janeiro. Lembrei na hora dele! E quando os caras apresentaram ele no Centro Espírita, adivinha qual era o nome do cara... CHICO XAVIER. Era o finado Chico Xavier. Por isso que de lá pra cá minha vida modificou totalmente. E eu passei a compor só coisas boas. Nada de música que fala de morte, de coisa de cangaço e letra de duplo sentido.

Depois desse episódio comecei a compor músicas de amor. E ainda continuo com aquela tradição de Gonzaga de São João...

Teve uma época que muita gente entrou na onda do forró de “duplo sentido”. Eu saí fora! Zé Nilton, Zé Duarte e Sandro Beck: “Pô, você tem que entrar nesse esquema...” Eu falava:

– Pra mim não dá não. Vou ficar fazendo o meu feijãozinho com arroz aqui. Meus baiãozinhos de amor que pra mim faz muito mais sentido.

Depois veio família, veio filho... Atualmente eu estou em falta com a religião. Mas não deixo de gostar dela. Entendeu?

Tive muitos parceiros de música. Um grande irmão foi Benício Guimarães. No ano de 1974 até 1990, Benício cismou porque cismou de parar de tocar. Isso porque um cara tinha levado um *tape*, um disco de doze faixas, dele para um cara da RCA Victor. Aí quando chegou na RCA Victor, a produção gostou do disco de Benício Guimarães. Mas o Gonzaga chegou lá e falou:

– Não. Vai lançar esse daqui...

Foi lançado o disco de Dominginhos. Quando Benício soube que foi Gonzaga, ele ficou revoltado com a música num sentido geral. Porque Benício tocava muitas músicas de Gonzaga. Até hoje ele é o cara que mais vi cantar Gonzaga. Inclusive melhor que o próprio Gonzaga. Ele ficou revoltado com Gonzaga...

– Não quero mais saber de música não. Só tem traíra!

Foi por isso que Benício parou de se apresentar por um tempo. Ele comprou uma fazenda lá pro lado de Santana de Ipanema e foi morar em Alagoas. Com isso ele ficou uma porrada de tempo sem querer voltar na música. Quem trouxe Benício de volta pra Música foi a gente.

Na época do Trio Araripe a gente começou a regravar as coisas de Benício, e aí ele começou a estourar de novo. E de repente voltou. Pra mim Benício Guimarães é como se fosse um pai. É um irmãozão da porra! Tenho muito respeito por ele. Tanto como sanfoneiro, como intérprete e também como compositor.

As composições de Benício seguem uma linha específica. Ele é o único cara que tem essa linha. Eu componho, Zinho fazia música, Oswaldo Oliveira, muita gente... Mas cada um fez de uma forma, com um traço mais ou menos em comum. Por incrível que pareça as composições sempre tem um pouquinho daquela outra canção que fez sucesso anterior a ela. Guimarães é o único cara que tem uma forma de compor totalmente diferente dos outros. O estilo que ele compõe é só ele mesmo que sabe fazer.

Benício Guimarães me botou pra cantar. Eu só tocava zabumba. Ele falou:

– Neguinho...

Ele me chamava de Neguinho. Até hoje ele me chama de Neguinho. Mesmo eu já estando véio, ele continua me chamando de Neguinho...

– Neguinho, você tem que cantar.

Veja a visão do cara. Isso em 1974. Ele falava assim:

– Neguinho, você tem que cantar porque vai chegar uma época que o cabra que saber tocar um agogô e não souber cantar, não vai arranjar emprego nenhum.

Ele já falava isso pra mim.

– Vai chegar uma época que pra você arranjar um emprego de faxineiro numa firma você vai ter que ter faculdade. Se você não tiver ensino superior, você não vai arranjar nem emprego de faxineiro. Então aprende a cantar porque a salvação do músico é saber cantar. E se aparecer um zabumbeiro melhor que você... Você já sabe cantar, e ele não vai saber...

– É mesmo, Benício. Mas rapaz, eu tenho vergonha da minha voz...

– Eu já acho a sua voz bonita. Já a minha acho feia. Mas quando você canta eu acho legal te acompanhar. Até mais do que eu mesmo.

Mas ele estava me incentivando. Foi com esse “empurrão” que peguei gosto para cantar. Eu já cantava lá no Nordeste. Mas aqui eu ficava um pouco tímido porque eu frequentava o forró de Pedro Sertanejo e o Asa Branca e lá só tinham feras. Era Jackson do Pandeiro, Ary Lobo, Dominguinhos, tudo cara com disco. Eu ia cantar no meio desses caras pra quê? Benício que me encorajou a cantar no meio deles.

Benício que me botou pra cantar no Asa Branca. Quando cantei a primeira música que o Zito Borborema gravou – *Ilha do Marajó: Recebi um telegrama, do meu velho pai me pedindo pra voltar... O meu pai é fazendeiro na Ilha do Marajó no Estado do Pará...* Zé Lagoa estava lá embaixo no salão.... Ele não ficava no Asa Branca direto. Via a atração que ele contratava e depois pegava o carro e ia pra outra casa. Ele era um cara organizado. Queria ver como estavam as coisas. E nesse dia ele estava lá. Aí o Guimarães falou:

– Vou botar você pra cantar. O Zé tá aí embaixo.

Na época eu era só músico da casa. Aí eu toquei... Depois Guimarães tocou eu cantei. Quando terminei de cantar, Zé Lagoa estava lá... Ouviu e falou:

– Voz bonita da porra! Quem é esse que tá cantando aí?

– É o Neguinho! Zabumbeiro que toca com Dominginhos e Anastácia.

– Ah! O novato lá do Ceará?

– É!

– Fala pra ele subir no meu escritório.

Subi... Chegando lá Zé Lagoa falou assim pra mim:

– Cara, eu gostei da sua voz! A partir de hoje você vai ser o cantor do Asa Branca. E eu vou montar um trio pra você. Vai ser você, o Enauro e o Xoxo. Você vai fazer parte do Trio Atalaia.

Entrei no Trio Atalaia. Não chegamos a gravar disco não. Éramos apenas o trio da casa. Apoio da casa. Na época o cantor era o Xoxo. Isso no Asa Branca. Passou um tempo, Chiquinho de Queiróz resolveu sair. Com isso, Dominginhos e Zé Lagoa resolveram me botar no Trio Nortista.

Então eu tive muitos parceiros na música. Eu conheci a Marinês, que era fora de série cantando forró. Hermelinda, que era a cantora do Trio Mossoró. São duas mulheres muito fortes. Tem outras também que são bem fortes... Uma que entrou no forró pé-de-serra agora... Morou um tempão na Europa e retornou há pouco tempo pra cá, e voltou a cantar forró, chama-se Bernadete França. Temos também a Diana do Sertão. Ela cantou na banda de Flávio José. Ela canta muito! Além delas tem também a Neide Garapé.

Essas mulheres que citei são as únicas que conseguem substituir Marinês. Preencher o vazio que Marinês deixou no forró pé-de-serra. Atualmente elas são as mais fortes. Não estou descartando Janaína não. Porque Janaína cantando forró também é muito forte. Mas Janaína é mais pro lado da MPB. Ela, Maria Paula e a Tai Veras do Raiz do Sana são diferentes...

Agora as forrozeiras mesmo do pé-de-serra são essas que falei: Hermelinda, Diana do Sertão, Bernadete França, Anastácia...

E também tem uma pessoa que amo muito cantando forró, mas ela canta de tudo. Chama-se Mariana Aydar. Ela é muito forte. Ela também contribuiu muito no forró pé-de-serra. Mariana passou a gravar uns baiãozinhos de forró pé-de-serra. Ela deu uma levantada boa no forró. Eu tenho muita gratidão pela Mariana Aydar e o Falamansa no nosso circuito. Essa turma mais jovem evoluiu o forró pé-de-serra. Eles vieram e botaram uma roupa nova no forró. E deixou o negócio mais bonito, né?

Existe outro circuito de forró que é feito pelos restaurantes. O Restaurante Andrade é um exemplo desse circuito. Desde os anos 70 que conheci o Andrade, até hoje ele continua no mesmo lugar e tocando o mesmo forró pé-de-serra. Outro restaurante que também segue essa tradição é o Recanto do Nordeste, que fica lá na Liberdade.

Os donos desses restaurantes são nordestinos. O Chico do Recanto é paraibano. E o Andrade é Baiano. Esses caras seguram a tradição há muito tempo. É como o Cariri lá em Sergipe, é um restaurante que toca forró até hoje. Os caras não mudam porque eles são forrozeiros. Nasceram com sangue de nordestino forrozeiro.

Tem também o Baião de Cordas, que existe até hoje. Quem faz a produção do Baião é o Luiz Wilson e a Fatel Barbosa da rádio Imprensa. O Baião de Cordas hoje é um dos maiores restaurantes que temos aqui, e tem em todo lugar. É uma rede de restaurantes.

O forró é um universo muito grande. Vou te falar uma outra realidade, o forró eletrônico, como os forrozeiros falam, ele veio para ajudar o forró pé-de-serra. Porque quando o Emanuel Gurgel montou esse movimento com a Mastruz com Leite, Cavalo de Pau, Raio da Silibrina, Limão com Mel... Ele queria fazer todo mundo estourar. Se você tivesse uma banda aqui em São Paulo, o Emanuel Gurgel iria te contratar pra fazer parte do circuito, entendeu?

Emanuel Gurgel tinha dinheiro pra fazer acontecer o movimento na mídia, e os forrozeiros viam isso com certo desdém. O pessoal não gosta dessas bandas. Eles chamam esse forró “de plástico”, mas não é forró de plástico não. Os caras são organizados assim como o pessoal do samba, os pagodeiros e o sertanejo.

O pé-de-serra está começando a se organizar agora. O forró eletrônico conseguiu se organizar antes. Essa é a realidade.

Nós temos Seu Alcymar Monteiro que é milionário, ganhou muito dinheiro. É dono de gravadora. Dominginhos também ganhou dinheiro, Gonzaga... Por que eles não montaram um esquema para divulgar a nossa cultura? "Vamos nos juntar pra fortalecer o nosso pé-de-serra, e vamos divulgar a nossa raiz." Monta um programa de televisão, de rádio e divulga a cultura da gente.

Mas não. Eles estavam por cima da "carne seca" fazendo show de 50 mil, 40 mil reais com a banda deles... E o resto que se exploda... Essa foi a realidade. Já Emanuel Gurgel, com outro olhar, montou uma banda e fez o negócio acontecer. Muita gente começou a contratar as bandas do circuito dele...

Antes de aparecer toda essa tecnologia dos celulares, Emanuel Gurgel já estava ganhando muito dinheiro. Ele lançou um monte de banda vendendo para o Brasil inteiro, como Mastruz com Leite e Aviões do Forró. O cara soube ganhar dinheiro. Quando veio a mídia do CD, do esquema do celular, o que ele fez: começou a botar a galera na capa do CD e mudou o nome de algumas bandas. Era Raio da Silibrina, Balaio de Gato, Bruxa Nervosa... Ele inventou um bocado de nome. Os caras se organizaram.

Se na época de Alcymar Monteiro, Jorge de Altinho, Dominginhos, Elba Ramalho, que eram os bambambãs, os fortes do forró pé-de-serra chegassem assim: "Vamos fazer um grupo. Vamos montar um esquema e fazer um programa de televisão"... O pé-de-serra estaria em outro nível hoje.

Por isso que tiro o chapéu para o Tato. Não sei como ele conseguiu aquele patrocínio na Rede Globo. Porque para entrar na Globo não é fácil. Quando perguntei quanto a produção cobrava para eu cantar uma música, me cobraram na época 100 mil reais pra cantar uma música no Faustão. Eles falam que não cobram "Jabá". Não cobram o cacete! E é altíssimo! Na época que fui ver se poderia divulgar uma música lá, achando que seria 20 mil, 30 mil... Que já era altíssimo... Era 100 mil para cantar UMA música no Faustão!

O pessoal do sertanejo aparece na mídia porque eles têm dinheiro, têm “bala na agulha” pra comprar um horário no programa do Faustão. Por isso eles conseguem divulgar a cultura deles. E na mídia é assim: se você botar um Zé Ninguém cantando sertanejo no Faustão, ele vai estourar porque estava no Faustão. Estava na Globo.

Os forrozeiros não fizeram isso. São desunidos. Porque se tivesse união isso já tinha acontecido e hoje o forró viraria MPB.

Eu digo e continuo repetindo, o Alcymar Monteiro tem que agradecer hoje em dia. Há alguns anos ele vinha criticando as bandas eletrônicas que Emanuel Gurgel montou. O forró pé-de-serra tem que agradecer a eles. Eles também sofisticaram o forró pé-de-serra. Botaram metais, passaram a botar sax, trombone e piston nas bandas.

Tudo bem que isso já existia no Nordeste. Todas as bandas do Nordeste, principalmente as bandas de bailes, tinham metais, tinham piston, sax, trombone de vara... O Emanuel teve a sacada de pegar esse movimento e incluir no forró eletrônico.

O Emanuel produziu um disco chamado: *Mastruz com Leite canta o Rei Roberto Carlos*. Lançou na época parece que 100 mil discos. A produtora do Roberto não liberou a gravação. Emanuel tinha pagado todas as músicas para editora. Mas Roberto e Erasmo não liberaram as músicas. O que ele fez: mandou duas carretas carregadas de discos pro escritório de Roberto no Rio de Janeiro. Botaram os discos lá, e eles tiveram que pagar porque ele entrou com um processo. E Emanuel ganhou. Ele não fez um disco clandestino. Ele pagou para editora e a editora liberou as músicas. Roberto iria receber os seus direitos como compositor. Mas ele não queria banda de forró cantando as suas músicas. O Emanuel não teve prejuízo. Ele entrou com o processo e ganhou.

Quem manda na música é a editora. Se você compõe uma música, você vai precisar registrá-la. No final parece que você fica com quinze por cento dos direitos dela. A editora tem uns trinta por cento pra ela, e é ela que cuida do seu negócio. E aí vai quinze pro ECAD... Fica quinze por cento para dividir entre você e o seu parceiro.

Então você não manda mais na música. Quem manda na música é a editora. Se a editora liberou, Roberto Carlos não tinha nada a ver em embargar o disco. Eu tenho até uma cópia aqui. Pra mim ficou uma das melhores releituras de Roberto Carlos. Talvez ele tenha ficado meio assim de deixá-los gravar porque a Katia Cilene canta bem pra cacete! O Beto e o Canarinho cantaram bem pra caramba as músicas do Roberto. O disco ficou muito bem trabalhado. Se você ouvir você vai ver...

Então o cara é bem organizado. Sabe ganhar dinheiro. Todo mundo ali ganhava salário. Todos os músicos dele eram registrados. E mais, o músico ainda ganhava ajuda de custo para cada show, fora o salário, que era uma graninha boa. O cara fez a parte dele.

Eu e o Lau, que tocava baixo com Dominginhos, fomos os primeiros a serem convidados para gravar o álbum do Mastruz com Leite. Não aceitamos porque na época o nosso negócio era viajar e fazer shows, e estava dando muito certo...

Eu também fui para os Estados Unidos no começo da pandemia. Eu cheguei lá para participar de um festival que era do Betto Camará. Mas a pandemia chegou e começou a fechar tudo. Então na realidade fui nos Estados Unidos só para passear, porque não rolou o festival, mas o cara me pagou numa boa. Tinha muitos shows fechados... Mas não deu certo. Com essa pandemia parou tudo. Inclusive estou aqui me resguardando até as coisas voltarem ao normal.

Não viajei antes para fora do país porque tenho medo de avião. Fui perder o medo agora que já tô véio. Costumo dizer brincando que se eu morrer agora, tudo bem, já tô no bico do corvo mesmo...

Fui um cara privilegiado. Fiz muitas amizades. Ganhei um pandeiro de Jackson do Pandeiro. Na música, graças a Deus, não tenho o que falar não, véio... Eu estou feliz! Não quero ser esses cantores famosos. Não quero perder a minha liberdade de ficar na rua. Isso daí não. Eu só quero que Deus me dê o pão de cada dia e saúde para sobreviver e criar a minha família.

Fui casado, fui viúvo. Agora eu estou casado de novo. Tenho um casal de filhos. Um menino e uma menina. Apesar que filhos

tenho oito espalhados por aí... Meus filhos gostam de música, mas viraram evangélicos. São mais de igreja. Então músico aqui em casa só tem eu.

Meu sonho é ver os meus filhos se formando na faculdade. E eles já entraram... Meu sonho é esse!

O forró pé-de-serra em São Paulo

ZÉ LAGOA



As narrativas dos meus colaboradores revelavam um movimento que, à primeira vista, contrastava com o circuito de forró dos anos 2000, uma diferença que chamou a minha atenção. Para entender melhor a conexão dessas narrativas com os bailes de forró daquele período, percebi que seria essencial conhecer a trajetória de vida de Zé Lagoa, à época produtor e empresário, citado por alguns músicos e musicistas aqui entrevistados. Contatei a sua filha Márcia no início de agosto de 2020, durante a pandemia. Ela também reconhecia a importância de Zé Lagoa para os nordestinos e para o movimento musical em São Paulo, e destacou que seu pai ficaria muito feliz em colaborar com a pesquisa. Agendamos a entrevista para o dia 10 de agosto de 2020, mas com dificuldades de conexão, acabamos por remarcar-la para 17 de agosto, quando conseguimos realizar a entrevista pela plataforma Google Meet.

Desde criança Zé Lagoa tinha um sonho: conhecer São Paulo. A tão esperada viagem à capital, porém, só aconteceu após o falecimento de sua mãe. O deslocamento não foi fácil; ainda menino, ele precisou ser acompanhado por seu pai, vindo a São Paulo num “pau de arara”. Ao chegar em São Paulo, instalou-se na casa dos tios, no bairro da Mooca. Foi lá que ele teve a oportunidade de se especializar trabalhando como tecelão. Nunca deixou de estudar, sempre conciliando trabalho e estudos.

Enquanto trabalhava como motorista de ônibus, Zé Lagoa decidiu abrir uma adega em Santo Amaro, onde vendia comes e bebes. Aos poucos, o movimento na adega foi crescendo, levando-o a abandonar o emprego de motorista para dedicar-se à adega. Zé Lagoa demonstrava um talento natural para o negócio. Com o objetivo de atrair os trabalhadores da região, ele diversificou o cardápio, adicionando petiscos como jabá e frango frito, que logo se tornaram os grandes sucessos da casa.

Na adega, a música já fazia parte do ambiente. Muitos artistas da época conheceram Zé Lagoa nos salões de baile, e dessa amizade surgiu o convite para conhecerem sua adega, em uma relação de reciprocidade. Todos se

encontravam nos salões, e Zé Lagoa, assíduo frequentador dos bailes promovidos por Pedro Sertanejo – músico e produtor de forró – atraía para sua adega músicos e musicistas do forró que ali se sentiam em casa. Em suas palavras: “Era um reduto nordestino”.

Com o sucesso da presença dos artistas em sua adega, não demorou para que Zé Lagoa pensasse em um empreendimento ainda maior. Impulsionado por um amigo que o enxergava como um verdadeiro produtor, ele decidiu abrir um salão em Santo Amaro, que se chamaria Asa Branca. Determinado a se tornar uma referência no entretenimento local, Zé Lagoa, com a ajuda desse mesmo amigo, entrou em contato com um parente de Luiz Gonzaga e conseguiu contratar o Rei do Baião para a noite de estreia do salão. Aproveitou a oportunidade para pedir ao próprio Luiz Gonzaga a autorização para usar o nome Asa Branca em seu salão.

Com a autorização de Gonzaga para usar o nome, Zé Lagoa fortalecia simbolicamente sua conexão com o Nordeste. *Asa Branca* é um baião de autoria de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, cuja letra retrata as dificuldades do povo nordestino em plantar e colher durante a seca, mas também projeta um outro lugar onde se pode sonhar, plantar e colher. A escolha do nome para o salão, portanto, carregava um significado profundo, reafirmando suas raízes e acolhendo a saudade e o desejo de reconstrução presentes na alma de tantos migrantes nordestinos. A canção, portanto, manifesta as dificuldades de se viver no Nordeste, expressando grande parte dos sentimentos dos migrantes nordestinos em São Paulo. O baião, como ritmo, somado à figura icônica de Luiz Gonzaga executando a canção, criou uma poderosa identificação entre os muitos migrantes que vieram para o Sudeste. Essa conexão era cultivada nos salões de Zé Lagoa, onde a saudade e as lembranças se encontravam em cada acorde. O sucesso foi tão grande que ele abriu um segundo salão Asa Branca, desta vez em Pinheiros, já que o de Santo Amaro não comportava mais o crescente público.

Alguns dos músicos que passaram pelos salões de Zé Lagoa incluíram Roberto Carlos, Jackson do Pandeiro, Waldick Soriano, Zezé Di Camargo e Luciano, Raça Negra, Mastruz com Leite, Luiz Gonzaga, Trio Nordestino... Essa diversidade de artistas destaca o caráter plural e híbrido dos bailes promovidos por Zé Lagoa. Não havia uma delimitação rígida de gênero musical por parte da produção, o que permitia uma rica mistura de estilos e influências, atraindo públicos diversos.

Embora os salões de Zé Lagoa não se limitassem apenas ao forró e misturassem vários ritmos nas noites de baile, eram amplamente reconhecidos pelos músicos forrozeiros como o “forró do Zé Lagoa”. Isso reflete a forte presença do forró em seus eventos, evidenciando o impacto significativo desse gênero em seu ambiente. Esse fenômeno nos leva a considerar, à primeira vista, o grande tema que emerge de sua narrativa: o circuito de bailes híbridos na década de 1970, onde o forró desempenhava um papel predominante e influente.

Seus bailes se tornaram um ponto de encontro fundamental para a população nordestina residente em São Paulo. Zé Lagoa recebia muitas cartas de famílias do Nordeste, solicitando que ele as entregasse a pessoas específicas que moravam na cidade. Diante da alta demanda, ele organizou um espaço dedicado para a distribuição dessas correspondências. Essa prática sublinha a importância de suas produções, especialmente para a comunidade migrante nordestina em São Paulo, que encontrou em seus salões não apenas um local de lazer, mas também um canal essencial de comunicação e conexão com suas raízes.

Zé Lagoa foi preparado para a entrevista, munido de seu caderninho de anotações, no qual havia traçado uma linha do tempo com os eventos marcantes de sua vida – aqueles que, de maneira alguma, poderiam ser esquecidos. Era a forma que ele encontrava para organizar as situações, garantindo que nenhum detalhe importante ficasse de fora.

*Música boa, casa limpa,
bem arrumada, era esse o segredo!*
Zé Lagoa

Eu nasci em uma cidade chamada Água Branca, que fica em Alagoas. A minha mãe morreu quando eu tinha quatro anos de idade, eu era bem menininho ainda, e aí o meu pai se casou novamente com uma outra pessoa. Nessa época, eu tinha uns onze anos e já era louco pra vir para São Paulo. O meu pai então resolveu me trazer pra cá. Eu tinha alguns tios que já moravam aqui, por isso que quando eu vim, fui morar com eles. E depois de vir comigo o meu pai voltou para o Nordeste.

O meu pai era muito dedicado ao trabalho, ele trabalhava na roça com mais alguns trabalhadores. Na roça tinha criação de animais: ovelha, cabra, vaca, boi... Era uma vida de fazendeiro, pois era essa vivência que eles tinham.

Com a morte da minha mãe, meu pai me trouxe para São Paulo. Eu queria conhecer a cidade e também os meus tios. Mas tinha um problema: eu era muito novo pra viajar, tinha apenas onze anos de idade... Meu pai não quis deixar eu vir sozinho, teve receio, né? Então, ele veio comigo, ficou poucos dias por aqui, depois foi embora, e eu fiquei morando junto com meus tios.

Antigamente tinha os chamados paus-de-arara, que era aqueles caminhões que traziam o povo do Nordeste pra cá. Eu e o meu pai viemos em um caminhão desses. A viagem foi bem cansativa... O caminhão parava algumas vezes pra gente comer, ir ao banheiro, descansar, e era nesse momento que o pessoal armava suas redes para poder repousar um pouco. Me lembro

que em uma dessas paradas eu armei a minha rede, pouco tempo depois, quando fui ver o lugar aonde havia armado a rede, ela já não estava mais lá...

Todas as redes ficavam próximas umas das outras. Mas antes do caminhão sair para retornar a viagem, descobrimos quem um cara havia pegado a minha rede. Na verdade, ele jogou a minha rede aberta num rio. Eu não esqueço dessa cena! O caminhoneiro, que eu não me lembro o nome, ao saber do caso, conversou com o cara e mandou ele pagar a rede para o meu pai. Enfim, tem uns episódios engraçados na vida da gente, né? Mas de resto deu tudo certo, viu... Pra mim, foi tudo muito bom. Eu era louco pra sair do Nordeste, e meu pai falava:

– Como é que você vai sair sozinho por aí, rapaz... Vou ir com você até São Paulo!

E foi muito bom que ele veio junto comigo.

As vivências e recordações que eu tenho de Alagoas são muito poucas porque eu não tinha nem doze anos quando saí de lá. E chegando aqui em São Paulo, fiquei dez anos seguidos, só retornei a Alagoas com vinte e poucos anos. Me lembro que na minha infância eu ajudava muito o meu pai, como a gente que organizava a vida no sítio, tínhamos que colocar a mão na massa, então, acabava trabalhando com ele. No sítio, além da criação de animais, tinha também plantações de legumes: mandioca, milho, feijão, abobora, cenoura, chuchu, pimentão, mais um monte de coisa...

Nessa época eu gostava muito de cavalo, andava montado, adorava cavalgar... Corria atrás de umas vacas que tinham na fazenda, era muito gostoso aquela vida no sítio. Mas era mais trabalho do que lazer, só sobrava tempo para estudar pela tarde. Lá nós tínhamos um professor que dava aula pra a comunidade. Estudei no Nordeste até a data de eu vir para São Paulo. Fiz o primário em Alagoas, as aulas eram iguais as daqui, mas o professor não tinha os mesmos recursos, usávamos somente a cartilha e o caderno. Mesmo com os poucos recursos era possível aprender alguma coisa.

Tenho quatro irmãos que vieram do relacionamento do meu pai com a minha mãe. No segundo relacionamento do meu pai,

ele teve mais cinco filhos. No total, tenho nove irmãos, sendo três mulheres e os demais homens. Quando tínhamos tempo, brincávamos muito juntos. Eram brincadeiras no meio da roça, né? No meio dos animais, a gente brincava muito de ver quem corria mais com o cavalo; e quando chovia e enchia um rio que ficava perto de casa, a gente aproveitava pra nadar nele. Ô tempo bom!

Quando cheguei com meu pai em São Paulo, fomos direto para a casa dos meus tios por parte da minha mãe, que moravam na Mooca. Era o Elias, Cícero e Zé Nano. Não demorou muito tempo, arrumei um serviço. Ainda era menor de idade, trabalhei numa fábrica de tecelagem onde aprendi toda a profissão de tecelão. Nessa época o meu pai já tinha voltado para o Nordeste, e eu fiquei com meus tios aqui. Ele voltou para Alagoas e tocou a vida dele.

Meu pai morreu com 101 anos de idade! De vez em quando eu escrevia cartas para ele, sinto muitas saudades porque eu gostava muito dele. Saudoso Seu José Odilon de Barros...

Minha mãe era Maria José da Conceição. Também sinto muitas saudades dela. Já senti a presença do espírito dela. As pessoas geralmente não acreditam nessas histórias de espiritismo, mas vou te contar o meu caso: um dia quando eu estava aqui em São Paulo, senti um negócio estranho... Eu estava sentando e não conseguia me levantar. Me deu uma sensação esquisita na espinha, nas minhas costas... Era um negócio que me travou e eu não conseguia levantar de jeito nenhum.

Era um sábado, o meu tio chamado Elias, que gostava muito de dançar em um salão que ficava ali na Mooca, o Puris, até hoje eu não esqueço o nome, estava comigo, só estava presente eu e ele. Todos tinham saído. E eu estava contando para ele sobre essa minha dor na coluna. Ele estava todo arrumado para ir para no baile, de terno e calça branca, disse que a minha dor logo passaria. Ele estava muito empolgado para ir ao baile, e foi quando ele saiu, fechou a porta e apagou a luz, de repente, deu um CLARÃO dentro do quarto, rapaz! Um clarão muito estranho... Eu nunca pensei que veria um clarão daqueles na minha vida. No meu pensamento era a minha mãe, era ela que estava ali. E ela me pegou,

assim como quem pega um saco de batata, me colocou na cabeça e eu fiquei: “Cai, não cai... Cai, não cai...”, mas escutando a falação do povo que estava na rua do lado de fora. Passou um tempo eu não vi mais nada...

De manhã quando o meu tio chegou, eram umas quatro horas, quando ele acendeu a luz, eu me sentei na cama, né? Ele falou:

– Ué, agora pouco você não podia nem se sentar? O que aconteceu?

Aí, eu contei o que tinha acontecido para ele, e a minha mãe gostava muito dele. Depois que ele escutou a história fez até um sinal da cruz, rezou para ela. Ele ficou muito impressionado também.

Eu acho que a minha mãe sempre esteve presente comigo. Depois desse episódio eu não senti mais nada na coluna, até hoje, graças a Deus! Então, sempre digo que quando cheguei aqui em São Paulo vim com a segurança do meu pai, e de alguma forma, fui acolhido pela minha mãe, além dos meus tios que me deram carinho e moradia.

Meus tios eram rapazes solteiros, e eu fiquei bastante tempo morando com eles. Até o momento em que saí da firma que trabalhava porque ela faliu. Trabalhava de dia e estudava a noite, isso já faz muito tempo. Nunca parei de estudar, Sempre estudei! Primeiro comecei a trabalhar com fios na tecelagem, só depois, após esse aprendizado inicial, fui “tocar” as máquinas que teciam os fios. Cheguei a um ponto que aprendi tudo sobre tecelagem. Uma pena que a firma faliu, ela se chamava Triconal. Nessa época eu só trabalhava e estudava. Me matriculei no Grupo Escolar Pandiá Calógeras, ali na Mooca, na rua Paes de Barros, número 47. Quase não saía a noite pra farra, essas coisas... Sempre fui muito tranquilo. Era da fábrica pra casa e de casa para o colégio onde estudava.

Quando eu saí da fábrica, participei do processo seletivo para trabalhar de cobrador de ônibus elétrico na Companhia Municipal de Transportes Coletivos. No exame a gente tinha que responder uns questionários, e quem respondia melhor ficava

com o trabalho. Fui aprovado! Eu entrei como cobrador de ônibus, somente depois, quando tirei a carta de motorista, pedi a transferência para trabalhar como condutor. Ao ser aprovado no processo de transferência, comecei a dirigir os ônibus da CMTC transportando os passageiros. Isso faz muito tempo...

O trabalho de cobrador era simples: eu trabalhava no período da manhã, das 6 às 14 horas, e o outro período era das 14 até às 22 horas. A linha tinha um destino específico. Eu trabalhava naquela região da Vila Buarque e mais para o Centro da cidade de São Paulo. Próximo ali da praça João Mendes, era o ponto final, local onde eles escalavam os trabalhadores um a um, distribuindo-os para cada linha.

Mas quando passei a ser motorista de ônibus, eu fui transferido para Santo Amaro. Foi então que comecei a fazer a linha que percorria a região – de Santo Amaro, centro da cidade, e Jabaquara. E aí seguia o fluxo de escalas que eles faziam.

Eu trabalhei como cobrador durante uns três a quatro anos. Já como motorista, fiquei uns quatro anos. Quando eu comecei trabalhar como motorista de ônibus a garagem ficava em Jabaquara. Nessa época eu tive a ideia de montar uma adeguinha que era bem simplesinha e ficava em Santo Amaro, onde eu vendia vinho e alguns comes e bebes. No início, o movimento era baixo, mas com o tempo começou a aumentar, o que demandou muito de mim, exigia a minha presença diária na adega. Chegou um momento que eu tive que optar pela adega ou o trabalho como motorista de ônibus... Já não era mais possível fazer os dois ao mesmo tempo. Foi quando eu abandonei o emprego de motorista na CMTC e decidi ficar somente com a adega de vinho.

Dei o nome para ela de Adega Alagoas, ficava ali na rua Desembargador Bandeira de Mello, número 74, no centro do Largo Treze de Maio. O meu nome Zé Lagoa veio por causa da adega, mas meu nome de batismo é José de Barros Lima. Na época eu era loirinho, galego, com os olhos azuis, e todo mundo perguntava:

– De onde você veio?

E eu respondia:

– Eu sou de Alagoas.

– E o seu nome?

– Meu nome é José.

E foi daí que surgiu o “Zé Lagoa”, todos me chamam assim até hoje.

Eu já tinha a adega quando eu trabalhava de motorista. Eu tinha que deixar uma pessoa de confiança lá, que era o meu primo, era ele que ficava tomando conta na parte da manhã até a hora que eu chegava pela tarde. E quando eu chegava ele ia embora e eu ficava até umas oito horas da noite, que era a hora que fechava.

Nesse tempo eu ia muito pra São Roque, pois era onde eu ia buscar os vinhos para vender na minha adega. Dava muito trabalho, muitas vezes eu faltava no serviço de motorista, pedia licença, né? Por isso que quando a adega pegou um movimento grande, eu precisei sair da CMTC, tive que pedir as contas, saí sem nada... Mas faz muito tempo que isso aconteceu... Eu nem lembro quando foi. Só sei que eu tinha uns 25 anos nessa época, por aí...

Quando eu montei essa adega, perto dela havia uma outra que era sempre lotada de gente, um movimento muito forte... E a turma me falava:

– Você não vai aguentar essa adega aí do lado, ela vai te derrubar!

Aí, eu comecei a fazer uns petiscos, eu mesmo, né? Fritava jabá, frango... Naquela época tinham muitas caças na região de Santo Amaro, e os próprios caçadores levavam umas galinhas e tatus pra mim.

Então, eu fazia de tudo um pouco lá na adega. E foi de repente que ela começou a encher de gente, o movimento iniciava lá pelas quatro horas da tarde, quando chegava as oito horas a adega já estava lotada! O movimento era enorme! Era tanta gente que eu não dava conta sozinho. Como o meu primo já tinha ido embora, tive que contratar mais duas pessoas para trabalhar comigo – o Francisco e o Nivaldo.

A adega que ficava ao lado se chamava “Adega Veras”, era de uns conterrâneos também, eles trabalhavam com as mesmas

mercadorias que eu trabalhava: aqueles vinhos licorosos e também faziam uns petiscos. Eram, mais ou menos, uns cem metros uma da outra.

O público que frequentava a minha adega era praticamente o pessoal das fábricas, né? Trabalhadores da região de Santo Amaro. Eles saíam das firmas por volta das 4, 5 horas da tarde, e aí iam direto pra lá. Muita gente passava na frente da adega, aqueles que não conheciam, logo sentiam aquele cheirinho gostoso de comida, dos petiscos, não demorava muito a pessoa já estava lá dentro bebendo e comendo um petisco.

Eu servia jabá cortado em pedacinhos, frango, mandioca, passava na farinha... Hum... Era um negócio muito bom, muito bom mesmo! Prato típico de nordestino, não é? Vinha conterrâneos de todo lugar!

Os petiscos que eu vendia eu comprava em uma Casa do Norte. Quando eu trabalhava na CMTC a gente entregava a rendição, que era a passagem de um período para o outro, ali na Vila Olímpia. Bem próximo do local onde acontecia essa entrega tinha uma Casa do Norte que eu não me lembro o nome, mas lá vendia de tudo do Nordeste! Eu comprava latas de mel de abelha, charuto da Bahia... Aliás, o bom charutinho vem da Bahia, e muitas pingas e cachaças também, MUITAS! Aquelas Pitú, Serra Grande, 51, e tantas outras. Eu tinha de tudo lá na adega. Além das pingas e cachaças, trabalhava também com o vinho de barril. Então, a pessoa que gostava de tomar um vinho comprava de garrafão, era só chegar com o "casco" vazio que eu enchia direto do tonel e dava para a pessoa. Era um preço barato que eu cobrava, por isso que dava muito movimento.

Eu ainda não trabalhava com música ao vivo na adega. Mas havia alguns artistas que frequentavam o local, no meio deles, alguns conhecidos que eu chamava para tocar, mas sem compromisso. Como eu gostava muito de salões de baile, eu conheci bastante artistas da época.

Ali no Brás tinha alguns salões de forró, quando sobrava um tempinho eu ia lá pra dançar um pouco. Foi nesses salões que eu conheci esses artistas, a gente trocava contato e eu os convidava

para ir até a minha adega comer uns petiscos, tomar alguma coisa e fazer um sonzinho para eu apreciar, né? Eu só não lembro o nome desses salões que eu frequentava, só sei que tinha um no Brás, ficava ali no começo da rua Santos Garcia, mas o nome eu não me lembro. Tinha também o salão de Pedro Sertanejo, que eu também frequentava, ficava ali na rua Catumbi, e era um espaço bom demais!

Um dos músicos que frequentaram a minha adega era o Noca do Acordeon, um belíssimo artista. Inclusive, depois que abri os salões ele também foi trabalhar para mim. Tinha muita gente que passava por lá, até a Marinês visitou a adega uma vez. Ela estava fazendo um show em São Paulo e deu uma passada por lá. Anastácia e Dominginhos também conheciam bem a adega! Essa turma estava sempre por perto.

Lá era um reduto nordestino, né? A galera se encontrava ali, eles tocavam sanfona, davam uma palhinha e, de repente, virava uma festa. Mas era assim: os músicos que vinham na adega tocavam sem compromisso.

E dessas palinhas, já sabendo que eles mandavam muito bem, eu os convidava para trabalhar comigo. Muito deles se apresentaram no meu primeiro salão chamado Asa Branca, que ficava em Santo Amaro.

Fui buscar até o Luiz Gonzaga pra fazer a inauguração. Aproveitei e pedi a autorização dele para usar o nome de Asa Branca, que também era o nome de sua música com o Zé Dantas. Ele me disse que o nome Asa Branca era um registro da música, uma propriedade que estava no âmbito musical, já para o comércio, falou que eu poderia registrar sem problemas. E foi assim que eu fiz, registrei o nome Asa Branca que ficou muito famoso: "ASA BRANCA".

Depois que Gonzaga veio inaugurar o Asa Branca de Santo Amaro, veio Anastácia e Dominginhos, Marinês e Sua Gente, Jackson do Pandeiro, e aí vinha vindo a turma toda... E eu ia tocando os bailes, era um movimento grande e intenso, sabe? Foi muita gente incrível, bastante artista renomado, a turma inteira do forró, gente da pesada!

Mas a ideia de montar o salão não surgiu do nada... Tinha um porteiro que cuidava de um salão que ficava lá no Brás, eu esqueci o nome do salão, mas o porteiro se chamava Manoel. Um dia, quando eu estava na fila para pegar o ingresso para entrar num baile, ele falou pra mim:

– Não, não... Você não precisa pagar o ingresso aqui, não!

Eu falei:

– Não? Como assim? Eu vou embora então. Eu quero pagar...

Por fim, acabei entrando sem pagar. Aí, dei o endereço da minha adega pra ele ir lá tomar um negócio com a gente... Não demorou muito, ele veio e me deu uma grande ideia:

– Por que você não abre um salão? Você gosta desse negócio de entretenimento, né?

Aí, eu falei:

– Sabe que é uma boa, rapaz! Arruma um salão aí que eu desenvolvo a ideia...

Se passaram duas semanas ele arrumou o salão, ficava na rua São José, em Santo Amaro. E foi assim que surgiu o Asa Branca de Santo Amaro. O Manoel me deu a ideia e eu a desenvolvi. Depois o convidei para trabalhar de porteiro para mim, e ele aceitou, trabalhou por muito tempo comigo.

O Manoel foi muito importante na minha vida, foi ele que me apresentou um parente de Luiz Gonzaga que me ajudou a pedir a autorização de uso do nome Asa Branca para o salão. Esse encontro foi muito engraçado... Estava eu e Manoel conversando:

– Oh, Manoel, eu preciso de alguém... Alguém do meio pra eu entrar estourando nesse campo de diversões!

Aí, ele me apresentou um rapaz chamado Francisco de Queiroz, conhecido como Chiquinho, que também trabalhou comigo por muito tempo... Eu falei para ele:

– Rapaz, nós estamos precisando botar um nome nesse salão aí... E se a gente botasse o nome de Asa Branca?

Aí ele falou:

– É... Sabe que é uma boa!

E na época a música estava em evidência, estava tocando bastante nas rádios... Então, ele disse:

– Você não vai acreditar... Sou parente de Luiz Gonzaga... Se você quiser nós vamos até Rio e lá você vai poder conversar com ele pessoalmente.

E foi assim... Aí, eu fui com esse rapaz para o Rio de Janeiro. O Gonzaga morava na Ilha do Governador. Quando eu cheguei lá com o Francisco, que a gente chama de Chiquinho, Luiz Gonzaga estava dentro do seu apartamento ensaiando com a sua sanfona... O Chiquinho tocou a campainha... Nessa época, Gonzaga tinha dado uma parada de fazer shows. De repente, Gonzaga aparece... Aí, o Chiquinho me apresentou e tudo, e eu o convidei para vir inaugurar o nosso salão em Santo Amaro. Era um salão para 1.500... 2.000 pessoas.

Gonzaga aceitou o convite. Foi quando ele veio até o meu salão e eu pedi autorização para colocar o nome de Asa Branca.

E foi assim, Gonzaga veio, inaugurou, e daí pra frente eu fui trazendo diversos artistas... Toda semana. Nas sextas e nos sábados tinham shows nordestinos e era lotado, começou a encher de gente: música boa, casa limpa, bem arrumada, era esse o segredo!

Passou um tempo, eu abri outro salão com o mesmo nome de Asa Branca em Pinheiros, porque não estava cabendo mais o público em Santo Amaro, era muita gente! Foi um sucesso tremendo! Esse salão em Pinheiros ficava na rua Paes Leme, 213. Ficamos lá! Eram lotados, os dois salões cheios, lotados, **TOTALMENTE LOTADOS!** Nessa época eu tinha uns 26 anos de idade, foi antes de me casar. Hoje eu tenho 84 anos, firme e forte... E vamos tocando o barco, né? Graças a Deus!

Mas não foi fácil, como sempre gostei de estudar, tive que dar uma parada com a produção de bailes. Fiz o supletivo, logo depois entrei na Faculdade de Direito de Bragança Paulista, fiquei dois anos estudando Direito. Morando em São Paulo, todo dia eu ia e voltava de Bragança Paulista para estudar. Depois eu tranquei a matrícula porque em uma das minhas viagens pra Bragança eu vi um acidente na estrada e fiquei apavorado! Muito pesado! Minha nossa senhora! Aí, passei seis meses com a matrícula trancada.

Um amigo conhecido como Cabeção, que tinha um salão de baile no centro da cidade, na rua Rego Freitas, me falou:

– Rapaz, você trancou a matrícula na faculdade, agora você não entra mais... Mas se você quiser eu arrumo uma vaga pra você entrar lá na Faculdade de Guarulhos. Eu conheço o diretor da faculdade...

Eu achei a ideia interessante... Então, ele falou com o diretor da Faculdade de Guarulhos, chamada UNG, e eu me transferei pra lá. Entrei e fiquei até o fim! Depois que me formei, fiz o exame na OAB e passei! Cheguei a atuar como advogado, montei um escritório de advocacia com o meu professor, Dr. Nelson Marchetti, ali no centro da cidade, na Praça do Correio. Mas ele morreu. Depois do seu falecimento decidi fechar o escritório... Não quis mais atuar.

O negócio com os salões era mais seguro financeiramente e era uma coisa que eu gostava muito de fazer. Eu tinha meus funcionários, uma equipe de decorador, todos contratados da casa. Eles produziam aqueles painéis grandes, a gente chamava de decorados, que faziam referência ao Nordeste. Quando a pessoa entrava nos meus salões logo via aqueles painéis enormes que lembrava a Bahia, Alagoas, Pernambuco... Era lindo! Os salões eram muito bonitos, limpinhos, e com muita música boa, né? Eu trabalhava com muito prazer.

Pra você ter uma ideia, eu trabalhava com muitas bandas formadas por jovens da época. Muitos trios de forró, só tocavam forró de primeira. E outra, só se apresentava no meu salão se fosse bom, é claro; pelo contrário, não tocava, não!

Quando eu montei o Asa Branca, um senhor que trabalhava comigo chamado Manelão me apresentou o Trio Nortista. Eram três: o Chiquinho de Queiroz, Jonas de Andrade, e o baixinho que eu esqueço o nome dele... Eles começaram a trabalhar comigo. O chefe comandante do trio era o zabumbeiro Chiquinho de Queiroz. Foi ele que montou o trio. Eles trabalhavam comigo direto... Toda semana. Levei eles pra televisão, para o programa da Clarice Amaral na Gazeta, depois fomos no da Claudete Troriano. Trabalhamos juntos até o fim do Asa Branca. Faz dez anos que Jonas de Andrade, o sanfoneiro do trio, morreu.

No Asa Branca de Pinheiros era o meu cunhado que tomava conta; no de Santo Amaro, era um amigo da CMTC. Mas era eu

que organizava as apresentações e eles ficavam ali durante a noite que ia acontecer o baile.

Eu também trabalhei em quatro rádios famosas de São Paulo: na Rádio América; Rádio Mulher de Santo Amaro, onde Hebe Camargo e Anastácia trabalharam; na Rádio Tupi no Sumaré; e na Rádio Clube de Santo André. Então, eu fiz muitos contatos com os artistas da minha geração.

Meu primeiro programa na rádio foi na estação América. Lá eu trabalhava pela manhã e a gente tocava músicas, conversava, mandava alô para o pessoal... Era muito divertido. Depois ocupei um horário na Rádio Mulher de Santo Amaro. A audiência era muito grande, era enorme! Uma vez, o Guilherme, que era filho do dono da rádio me falou:

– Olha, vamos fazer um show na praça pública, no centro de Santo Amaro... Naquela praça perto da prefeitura!

Eu falei:

– Naquela praça? Será?...

Ele respondeu:

– Sim!

Agendamos o show, começamos a anunciar... Foi ali próximo da rua Floriano Peixoto, perto do Largo Treze. Me lembro daquela multidão à tarde... Foi muito bonito. Tinha muitos artistas presentes, um deles era o Moacyr Franco. Minha nossa senhora! Foi muito bacana! O artista chegava e eu botava pra cantar. Dava um alô para aquelas lojas da redondeza, que de alguma forma nos ajudavam na divulgação... Era um evento grande e contava com a participação de muita gente.

Eu que produzia o programa, chegava na rádio e escolhia de 20 a 30 músicas, pensava na ordem da programação e ia tocando, ao mesmo tempo, mandando um alô para o pessoal e convidando para ir ao show. No meio das músicas tinham aquelas que era dos artistas que iam se apresentar no evento, né?

Um cara que se chamava Romulinho, que era diretor de uma rádio lá do Rio, escutava muito meu programa na rádio América, e me apresentou para um rapaz da Tupi, que me deu um horário na rádio. O horário era das 4 às 6 da tarde. Ele estava me dando

uma força, né? Eu acabei ficando muito tempo na Tupi, ficava ali no Sumaré.

Aí, depois o Zé de Abreu me convidou para ir para a Rádio Atual, também no horário da tarde, onde também fiquei por muito tempo. Lá tinha uma audiência muito boa, viu? Muito conterrâneos me ligavam, mas não eram só eles, era muita gente!... Pessoas de diferentes lugares.

Eu tinha muito contato com artistas famosos. Eu trouxe quase todos os artistas que estavam em evidência na época para se apresentarem nos meus salões, inclusive o Roberto Carlos. Ele fez quatro shows para mim! Essa turma nordestina: Waldick Soriano, Zé Gonzaga, Dominginhos, Anastácia, Zé Paraíba, Clemilda... Todos trabalharam para mim.

Nos salões que eu tinha a música era sempre ao vivo! Eu que produzia o evento, que contratava os artistas, um mês ou uma semana antes anunciava na rádio... E aí, aos sábados, o público começava entrar às 10 horas da noite. Por volta das 10h20, por aí, começava a música ao vivo: o apresentador cumprimentava o público, chamava o artista, a banda ou o trio, e soltava o primeiro musical.

Suponhamos que fosse uma banda... Ela entrava e ficava 45 minutos no palco tocando para o pessoal dançar. Quando terminava aqueles 45 minutos, tinha um intervalo de 15 minutos, que era para os músicos beber alguma coisa, ir no banheiro etc. E na sequência vinha o primeiro trio de forró.

Tinha uma turma que trabalhava comigo de forma fixa, que era o Zé Henrique dos Oito Baixos e seus acompanhantes. Após o intervalo, eles entravam e tocavam mais 45 minutos, daqui a pouco parava 15 minutos novamente, vinha um outro trio do Norte, e assim a noite seguia... As vezes tinha uma atração principal, mas a dinâmica era a mesma...

Eu ficava entre um salão e outro, passava visitando para ver como as coisas estavam andando. Era uma correria danada, mas tenho muitas saudades dessa época! Muitos artistas me ligavam pedindo para se apresentar nos meus salões. Não sei se você já ouviu falar no Paulo Sérgio? Ele lembra o Roberto Carlos,

morava em Santo Amaro e quando voltava de suas apresentações, ele passava em frente do Asa Branca de Santo Amaro...

Um dia eu estava indo embora quando de repente meu funcionário falou:

– Olha, o Paulo Sérgio! Está aí na porta!

Eu falei:

– Deixa ele entrar...

Ele entrou, ficou bebendo conhaque até umas oito horas da manhã... Ele era um cantor espetacular, né? Infelizmente faleceu.

E nessa correria aqui em São Paulo, fiquei um bom tempo sem ir ao Nordeste, só retornei quando tirei umas férias. Foi quando encontrei a Maria, minha esposa, em Água Branca, cidade onde nasci em Alagoas. Estava ela e uma amiga... Começamos conversar e logo pintou aquele clima... Ficamos juntos! Eu disse a ela que iria buscá-la no ano seguinte. E ela esperou um ano. Eu acabei me enrolando com o trabalho em São Paulo e só pude voltar dois anos depois do combinado. Fui ao encontro com ela e, para minha surpresa, ela disse que estava me esperando. Aí, eu perguntei para o pai dela se poderíamos nos casar, e ele autorizou. Ajeitamos as coisas e nos casamos no Nordeste, numa igreja que ficava bem perto da casa dela, e depois viemos para São Paulo. Está comigo até hoje, é uma ótima companheira! Me casei com 27 anos, Maria tinha 20.

Esse meu retorno do Nordeste para São Paulo com ela, marca também o momento que abri os outros salões. O trabalho demandava muito esforço, eu saía cedinho de casa e voltava tarde, né? Mas assim fomos tocando o barco...

Lembrar desse passado quando eu tinha os salões me traz uma alegria imensa, minhas casas eram tão arrumadinhas... Música boa! Sempre enchia, era sempre lotado, tanto que eu tinha que colocar seguranças neles, eram três em cada um dos salões. Antes das pessoas entrarem, elas eram revistadas... Graças a Deus nunca aconteceu nada. Não me lembro de nenhum fato diferente que me chamou a atenção. Era tudo normal.

Nos meus salões tocava de tudo, mas não era misturado, sempre revezavam os gêneros musicais. O que estava em

evidência era o que a gente mais tocava, né? Depois que eu comprei o salão de festas do Tonico e Tinoco – o Viola de Ouro, trouxe o Roberto Carlos, o Johnny Mathias, ambos fizeram apresentações espetaculares por lá!

O Roberto Carlos tem uma superprodução... Ele tem um ritual específico, um camarim próprio... Me lembro que era metálico, ele chegava cedo, umas oito horas antes da apresentação. Dormia até a hora do show. É engraçado, né? Ele se apropriava de fato do espaço do camarim, armava em todo lugar que iria tocar. No Asa Branca foi assim...

Com o passar do tempo, eu acabei vendendo o Viola de Ouro, senti que eu estava muito sobrecarregado de trabalho. Eu saía do Asa Branca de Santo Amaro e ia direto para o Asa Branca de Pinheiros... Era bem cansativo essa rotina. Em uma dessas idas, quase sofri um acidente grave de carro. Saía ali do Ipiranga e pegava a avenida Ibirapuera... Certo dia quando cheguei naquela travessa da avenida Brigadeiro Luiz Antônio com a avenida Brasil, parei o carro, o semáforo estava vermelho, esperei até ficar verde e fui embora... Depois disso eu não me lembro de mais nada... Fui embora... Não vi mais nada, rapaz! Desci a avenida Brasil... Atravessei avenida a Rebouças, quando de repente, eu senti que precisava virar o carro, foi quando acordei! Dormi na direção! Por sorte não aconteceu nada comigo.

Vendi o Viola de Ouro. Pensei comigo mesmo: “Vou vender porque quase sofro um acidente, e eu não quero que isso aconteça”. Teve um pessoal que comprou, mas trabalharam por pouco tempo, depois fecharam. Administrar uma casa de show não é para qualquer um. Precisa saber administrar, senão fecha, né?

Também vendi o Asa Branca de Pinheiros mais adiante porque montei o Patativa junto com o Zé de Abreu, que gerenciava o Centro de Tradições Nordestinas, que existe até hoje, né? O CTN. O Patativa ficava próximo ao largo 13 de maio, na rua Benedito Fernandes, 169. O produzi por 12 anos. Trouxe muita gente nessas minhas casas: Roberto Carlos, Jackson do Pandeiro, Waldick Soriano, Zezé Di Camargo e Luciano, Raça Negra... Depois vendi. Vendi e montei um Patativa no centro de Brasília. Fiz uma

sociedade com outro rapaz chamado Cícero, mas logo vendi a minha parte e fiquei só aqui em São Paulo.

Foi um tempo muito bom, convivi com muitos músicos. Minha nossa senhora! Tem muitos músicos bons! Muitos! Você precisa ver, rapaz. Precisa saber administrar esses eventos. Montar uma casa de show não é fácil. Abrir no fim de semana e deixar fechada a semana toda não dá, né?

Eu trabalhava diferente, tinha uma equipe da limpeza e da decoração, limpava tudo e fazia aquela belíssima decoração, e eu estava sempre presente! Naquela época tinha muitos músicos bons. Aliás, tem até hoje. Na hora que você abre uma casa de show eles começam a aparecer. A principal questão é saber escolher. O povo gosta de músico bom, pois o povo é carente de entretenimento...

Tinha muitas bandas naquela época, e elas eram muito organizadas, os músicos ensaiavam bastante, se apresentavam bem vestidos, bonitos, misturavam a sanfona com o violão, junto com a guitarra e o baixo, e ficava muito legal. É por isso que as bandas atraem de uma forma mais intensa o público, são eles que trazem o grande público. E eu noto isso porque eles realmente são caprichosos. Um bom exemplo são as bandas Mastruz com Leite e Aviões do Forró, duas bandas excelentes! Elas são muito bem organizadas, os músicos se apresentam bem vestidos e têm uma boa produção, é por isso que o público os valoriza, né?

Tem muitas bandas nordestinas que ainda não se apresentaram no Sudeste, mas se tiver alguém que as contratem, elas vêm, chegando aqui em São Paulo, com certeza farão o maior sucesso! Nas minhas casas, quando eu contratava essas bandas para se apresentarem o público chegava a bater 2.000 pessoas e as vezes até mais... E as bandas no palco... Era bonito demais!

Hoje em dia ainda tem algumas pessoas que ainda me convidam para fazer parte da produção das casas deles. Tem bastante casas por aí, mas tudo casinhas pequenas que não dá pra você desenvolver um trabalho bonito, um trabalho de televisão, um trabalho grande, entende?

No Patativa, por exemplo, eram feitas gravações de shows de alguns músicos e as vezes era televisionado. Ou seja, era um negócio grande! O Amado Batista gravou o disco dele lá, assim como a banda Mastruz com Leite. Eles vendiam muito porque era um negócio bem trabalhado. Hoje em dia não tem mais casas com uma estrutura para esses eventos. O que tem são rádios e emisoras de TV que tocam música o dia todo, né? Mas casas bonitas como antigamente a gente não vê mais. Na minha época a gente chegava na porta da casa e logo sentia o clima gostoso do lugar, entrava e ficava a noite toda dançando, bebendo e se divertindo. Hoje em dia é diferente...

Eu fazia de tudo para que os eventos fossem de primeira qualidade. Eu sentia tanto prazer nesse trabalho que as coisas se tornavam fáceis, era tudo muito prazeroso. Os meus bailes também eram um ponto de encontro, o público mandava recados para seus parentes, inclusive, cartas. As pessoas do Nordeste escreviam muitas cartas para seus parentes e pediam para entregar para determinada pessoa que dançava no baile. A gente tinha um lugarzinho reservado para guardar essas cartas, era um espaço onde as pessoas tinham acesso e podiam achar suas correspondências. Tinha umas caixinhas que eram identificadas com o nome dos Estados, e aí, as cartas ficavam nelas, organizadas por ordem alfabética. Quando as pessoas chegavam já iam direto verificar se tinha correspondências pra elas: "Olha, tem carta aqui!" Era assim... Era muito legal porque o entretenimento acabava sendo um lugar de encontro, né? Um encontro de várias pessoas e famílias.

Mas não era só eu que fazia isso, tinha o forró do Pedro Sertanejo, ele também tinha um programa de rádio, além de uma casa de show. Tinha outras pessoas também, mas éramos todos amigos, todos! Nos dávamos muito bem. Não existia briga entre nós. Tinha o Zé Nilton, que além de ser músico, também tinha um salão ali na Mooca. Já na grande São Paulo eu conhecia o Renato Leite, que também tinha um salão. Mas como eu disse, éramos todos amigos! Eu nunca tive divergências com nenhum deles.

Fiz contato com muita gente... Trabalhar com o público é isso... No Patativa eu tinha uma média de 10.000... 12.000 pessoas

por semana... Muitas pessoas me procuravam para pedir trabalho. Acho que pelo sucesso, né? Dentro do Patativa eu tinha 32 barzinhos, cada um com 40 cadeiras e 1 chapa de assar carne... Muito arrumadinho! Quando ia ter o show, eu alugava os barzinhos que ficavam dentro, as pessoas reservavam, pagavam e ficava o fim de semana por lá: sexta, sábado e domingo até uma hora da tarde. Era um movimento muito forte e muito sadio.

Fui muito feliz com meus salões aqui em São Paulo! Por ter muitos amigos na cidade, não tive problemas de preconceito. Ninguém nunca me tratou mal, nem nada. Tinha aquelas brincadeiras que falavam que os nordestinos vieram pra cá de pau-de-arara, mas comigo nunca aconteceu, embora eu tenha vindo de pau-de-arara. Gosto muito de São Paulo, sempre gostei do povo dessa cidade, e talvez por isso que eu me dei bem aqui. Nunca tive preconceito com nada, não. O pessoal sempre me tratou bem. Sempre! Eu cresci praticamente aqui em São Paulo!

Em São Paulo eu tive os meus cinco filhos: o Flávio, Dr. Flávio, que é advogado também, e é o mais velho dos meus filhos, quando ele nasceu, eu estava com mais ou menos 28 anos de idade; depois veio a Márcia, Dra. Márcia; em seguida o Carlos; a Sônia, que mora em Campos do Jordão; e por último, a caçula Silva.

Dois seguiram na área do direito: o Flávio e a Márcia. Já a Sônia, que a é casada com um rapaz de Campos do Jordão, é formada em publicidade e propaganda; a Silvia é pedagoga; e o Carlos é comerciante. Nenhum deles seguiu a produção de bailes. Mas a Márcia chegou a trabalhar comigo no Patativa de Brasília. Inclusive, ela que organizava a parte de bilheteria, que tratava do pagamento dos artistas.

Essa ideia do Patativa em Brasília foi o seguinte: eu estava fazendo o programa na Rádio Atual, em uma tarde, aí chegou um rapaz... Eu conhecia ele, pois ele frequentava sempre os meus salões, né? Ele falou:

– Zé, eu queria falar com você...

Falei para ele:

– Deixe eu terminar o programa, aí a gente conversa...

Terminou o programa fomos até uma sala e ele me mostrou um projeto:

– Olha, está tudo aprovado aqui, e eu gostaria de convidar você para fazermos juntos o Patativa em Brasília.

Eu falei que precisava visitar o lugar antes de responder.

Era em Taguatinga, ali em frente da Universidade de Brasília. Marcamos um dia para fazer a visita no local. Para a minha surpresa, gostei muito, achei o aluguel barato, eram 20.000 metros, 6 mil de aluguel, achei ótimo e muito barato. Então montamos o Patativa de Brasília. Na inauguração contratamos a dupla Zezé de Camargo e Luciano. Compareceram por volta de 10.000 pessoas. Foi um sucesso!

Naquela época eu estava querendo me mudar para Brasília, mas não me mudei. O Patativa era uma sociedade, nós éramos em duas pessoas, mas adiante entrou mais uma, ficamos em três. O primeiro sócio que entrou botou uma pessoa para dentro, mas era uma pessoa muito encenqueira, muito confusa, cheia de problemas. Comecei a sentir que não ia dar certo, foi então que peguei a minha parte e vendi para ele. Por este motivo que sai de lá. Ao mesmo tempo, sabia que seria um negócio bom e gostei muito de Taguatinga, mas a sociedade a três não estava sendo legal.

Lá em Taguatinga o negócio era tão grande que eu tinha até um trio elétrico que andava pelas ruas da cidade fazendo a propaganda dos eventos que iriam acontecer no Patativa. Agora esse trio está em Água Branca, Alagoas, minha cidade. Eu vendi para um vereador que mora lá.

Atualmente não estou mais trabalhando com nada, estou só de boa... Me aposentei! Vivendo a vida. Quer dizer, agora com a quarentena estou em casa, tem cinco meses que não boto o pé na rua... Só fico em casa. É difícil, né? Mas se aparecesse alguma coisa para eu administrar, eu toparia. Ainda estou com saúde, graças a Deus! Estou firme! E não gosto muito de ficar parado, não. Mas fazer o quê, né? A gente vai levando assim mesmo... Espero que essa onda de pandemia passe logo, se Deus quiser!

Sou muito feliz por ter contribuído para a formação cultural da nossa cidade. Conheci muita gente: Jair Rodrigues, Roberto

Carlos, Luiz Gonzaga, o rei do baião, Trio Nortista, que ajudei a montar, Martinho da Vila, Tim Maia, que era uma promessa para a música brasileira, Waldick Soriano, Moacir Franco, e muitos outros...

* * *

Faça o download gratuito de todos
os títulos da Editora Pontocom em
WWW.EDITORAPONTOCOM.COM.BR



“É impossível não reconhecer a maestria com que Diego Corrêa de Araújo nos conduz nesta dança literária. Mais que um livro sobre forró, trata-se de um convite ao reencontro com as raízes profundas e os ritmos pulsantes que definem o espírito brasileiro. A leitura deste livro, além de elucidativa, é quase uma celebração: uma chamada para que todos os leitores se juntem a essa ‘família forrozeira’ e ajudem a contar – e a dançar – essa história que é de todos nós. Diego nos convida a descobrir uma nova forma de brasilidade, e quem lê suas páginas se torna cúmplice desse pacto.”

(do Prefácio de José Carlos Sebe Bom Meihy)

Este projeto foi realizado com apoio da 4ª EDIÇÃO DO
FOMENTO AO FORRÓ - Secretaria Municipal de Cultura

Produção



Realização

